

O highlander escuro

Karen Marie Moning

Highlander 5



O tempo é a moeda de sua vida.
É a única moeda que tem,
e só você pode determinar como será gasta
Tome cuidado, não deixe que outras pessoas a gastem por ti.

Carl SANDBURG

Primeiro Prólogo

Em um lugar difícil de conceber para a humanidade, uma espécie de homem —o divertia fazer-se conhecer entre os mortais com o nome do Adam Black— se aproximou de um estrado coberto por um toldo de seda e se ajoelhou ante sua rainha.

—Minha rainha, o Pacto foi quebrado.

Aoibheal, rainha dos Tuatha do Danaan, guardou silêncio por muito tempo. Quando finalmente se voltou para seu consorte, sua voz gotejava gelo.

—Convoca à Câmara de vereadores.

Segundo Prólogo

Milhares de anos antes do nascimento de Cristo, estabeleceu-se na Irlanda uma raça chamada Tuatha do Danaan que, com o passado do tempo, fez-se conhecida como a Raça Verdadeira, ou Raça das Fadas.

Uma civilização avançada de um mundo longínquo, os Tuatha do Danaan educaram a alguns dos humanos mais prometedores que acharam nos ensinamentos Druidas. Por um tempo, homens e fadas compartilharam a Terra em paz, mas fatalmente, uma amarga separação nasceu entre eles, e os Tuatha do Danaan decidiram mudar-se para outros sítios. A lenda afirma que se dirigiram “sob as colinas” em “montículos de fadas” ou “túmulos”. A verdade é que nunca deixaram nosso mundo, mas mantêm seu corte fantástica em lugares difíceis de encontrar para a humanidade.

depois de que os Tuatha do Danaan partissem, os Druidas humanos guerrearam entre si, separando-se em distintas ordens. Treze deles recorreram às artes escuras e —graças ao que os Tuatha do Danaan lhes tinham ensinado— quase destruíram a Terra.

Os Tuatha do Danaan emergiram de seus lugares secretos e detiveram os Druidas Escuros antes de que conseguissem danificar a Terra além de toda reparação. Despojaram aos Druidas de seu poder, dispersando-os para os rincões mais longínquos da Terra. Castigaram aos Treze que se tornou Escuros lançando-os a um lugar entre dimensões, encarcerando suas almas imortais em uma prisão eterna.

Os Tuatha do Danaan escolheram então uma ascendência nobre, a dos Keltar, para usar o conhecimento sagrado e reconstruir e nutrir a terra. Juntos, negociaram o Pacto: o tratado que controlava a convivência entre suas raças. Os Keltar fizeram muitos votos de compromisso com os Tuatha do Danaan; acima de tudo, que nunca usariam o poder das pedras estáticas —que outorgavam ao homem que conhecesse as fórmulas sagradas a habilidade de mover-se através do espaço e o tempo— para lucros pessoais ou fins políticos. Os Tuatha do Danaan prometeram muitas coisas em troca, acima de tudo, que nunca apagariam a alma de um mortal. Ambas as raças, durante muito tempo, acataram os compromissos feitos esse dia.

Durante os seguintes milênios, os MacKeltar peregrinaram para Escócia e se estabeleceram nas Highlands, no território agora chamado Inverness. Embora a maior parte de sua história antiga, do tempo de sua colaboração com os Tuatha do Danaan, perdeu-se mais tarde nas névoas de seu passado distante e passou ao esquecimento, e embora após não houvesse precedentes de que um Keltar achasse a um Tuatha do Danaan, nunca se desviaram do rumo de seu propósito jurado.

Comprometidos para servir para o bem da humanidade, nenhum MacKeltar rompeu jamais seu juramento sagrado. Nas poucas ocasiões que deveram abrir uma porteira a outros tempos dentro do círculo de pedras, foi pela mais nobre das razões: para proteger à Terra de um grande perigo. Uma lenda antiga sustenta que se um MacKeltar romper seu juramento e usa as pedras para viajar através do tempo com propósitos pessoais, as inumeráveis almas dos Druidas mais Escuros, apanhados entre dimensões, reclamarão-o e o transformarão no Druida mais Escuro e espantosamente capitalista que o gênero humano alguma vez tenha conhecido.

A finais do século XV, nasceram os irmãos gêmeos Drustan e Dageus MacKeltar. Como seus antepassados antes que eles, protegeram a antiga tradição, nutriram a terra e guardaram o cobiçado secreto das pedras estáticas.

Homens honoráveis, sem corrupção, Dageus e Drustan honraram fielmente seus votos.

Até uma fatídica noite, em um momento de pena cegadora, em que Dageus MacKeltar violou o Pacto sagrado.

Quando seu irmão Drustan resultou morto por causa de um incêndio, dentro da torre onde dormia seu sonho de quinhentos anos, Dageus entrou no círculo de pedras e retornou no tempo para impedir a morte do Drustan. Teve êxito, mas entre dimensões, foi feito pelas almas dos Druidas malignos, quem não há sentido os sabores, ou meio doido, ou feito o amor, nem dançado ou competido pelo poder por quase quatro mil anos.

Agora, Dageus MacKeltar é um homem com uma boa consciência e Treze más. Embora possa manter-se forte durante algum tempo, seu prazo se faz mais e mais curto.

O Druida mais Escuro atualmente reside na rua 70 do leste de Manhattan, e é ali onde nossa história começa.

Capítulo 1

O dia presente.

Dageus MacKeltar caminhava como um homem e falava como um homem, mas na cama, era um animal selvagem.

A advogada criminalista Katherine Ou'Malley chamava as coisas por seu nome, e esse homem era Sexo a secas, com uma S maiúscula. Agora que se deitou com ele, estava arruinada para outros homens.

Não era justo que ele se visse dessa maneira, com seu corpo esculpido, a pele vertida como veludo de ouro sobre seus rasgos acedados e cinzelados, e seu sedoso cabelo negro. Ou o sorriso tão preguiçoso, completamente arrogante que oferecia o paraíso a uma mulher. E o entregava. Cem por cento de satisfação garantida.

Não eram inclusive os exóticos olhos dourados bordeados por grossas pestanas negras sob suas sobrancelhas enviesadas.

Era o que o fazia.

Ele era sexo como nunca tinha tido em sua vida, e Katherine tinha mantido relações sexuais durante dezessete anos. Tinha pensado que o tinha visto tudo. Mas quando Dageus MacKeltar a tocava, estremecia-se até o mais profundo de seu ser. Esquivo, cada movimento lisamente controlado, quando ele se despojava de sua roupa, tirava-se cada onça dessa disciplina rígida e se convertia em um bárbaro selvagem. Follaba com a intensidade do último propósito de um homem na sala de espera da morte, a ponto de ser executado ao amanhecer.

Somente pensar nele fazia que lugares sob seu ventre se esticassem. Fazia que sua pele se sentisse dilatada, muito tirante sobre seus ossos. Fazia que sua respiração se moldasse curta e afiada.

Nesse momento, de pé na hall fora da puertaventana esmaltada de seu delicioso penthouse em Manhattan com vista a Central Park, que lhe adequava como uma segunda pele, rigorosamente elegante, branco, negro, cromo e duro, sentiu-se intensamente viva, cada nervo de seu corpo eletrizado. Inspirando profundamente, deu volta o trinco e empurrou a porta para abri-la.

Não estava nunca fechada. Como se ele não temesse estar a uns quarenta e três insignificantes pisos por cima do brilho e os fios cortantes da cidade. Como se tivesse visto quão pior Nova Iorque tinha para oferecer e o encontrasse tudo ligeiramente divertido. Como se a cidade pudesse ser grande e má, mas ele fora maior e pior.

Entrou, inspirando o perfume substancial das rosas e a madeira de sândalo. A música clássica se derramava através do luxuoso quarto, o Réquiem do Mozart, mas ela sabia que mais tarde ele poderia tocar ao Nine Inch Nails com a mesma facilidade que estirar seu corpo nu contra a parede de janelas com vista para o Conservatório Water, investindo-a até que gritasse sua liberação às luzes brilhantes da cidade debaixo.

Sessenta cobijados pés quadrados da Quinta Avenida no East Side, e ela não tinha idéia de que fazia ele para ganhá-la vida. A maior parte do tempo, não estava segura de querer sabê-lo.

Empurrou as portas para as fechar atrás dela e deixou que as suculentas dobras de seu casaco de couro se derramassem até o piso, revelando suas altas coxas coroadas com ligas de encaixe negro, fazendo jogo com as calcinhas, e um breve sustento que levantava e ensinava seu seios cheios à perfeição. Viu momentaneamente seu reflexo nas janelas obscurecidas e sorriu. Aos trinta e três, Katherine Ou'Malley se via bem. E deveria fazê-lo, pensou, arqueando uma sobrancelha, com tanto exercício como fazia na cama dele. Ou no piso. Ou atravessada no sofá de couro. Ou em seu Jacuzzi de mármore negro.

Uma quebra de onda de luxúria a fez sentir enjoada, e respirou profundamente para desacelerar os batimentos do coração de seu coração. sentia-se insaciável. Uma vez ou duas, tinha brincado com o pensamento escandaloso de que ele não poderia ser humano. Que talvez fora algum mítico deus sexual, possivelmente Priapus cativado pelos habitantes necessitados da cidade que nunca dormia. Ou alguma criatura de uma tradição esquecida por muito tempo, um Sidhe que tivesse a habilidade de aumentar o prazer dos mortais a extremos que de outra maneira jamais poderiam saborear.

—Katie, garota—. A voz masculina flutuou para baixo do duplex de quinze quartos, escuro e rico, seu acento escocês lhe fazendo pensar em fumaça de turfa, pedras antigas e uísque antigo.

Só Dageus MacKeltar poderia sair-se com a sua chamando o Katherine Ou'Malley “Katie, garota”.

Enquanto ele descendia a escada curva e entrava na sala de estar de trinta pés com seus céus rasos abovedados, chaminé de mármore e vista panorâmica do parque, ela ficou imóvel, bebendo sua imagem.

Ele levava postas calças de linho negros, e ela sabia que não haveria nada debaixo, exceto o corpo melhor masculino que alguma vez tinha visto. Seu olhar flutuou brandamente sobre seus ombros largos, para baixo por seu assumo duro e seus abdominais marcados, atrasando-se nas cordas gêmeas de músculo que se separavam a parte inferior de seu estômago e se enterrava em suas calças, tentando a seus olhos para continuar.

—O suficientemente bom para me comer?—. Seus olhos dourados brilharam intensamente enquanto percorriam seu corpo—. Vêem—. Ele estendeu sua mão—. Moça, tira-me o fôlego. Seus desejos são minhas ordens esta noite. Só tem que me dizer isso

Seu cabelo comprido cor meia-noite, tão negro que parecia azul escuro, igual à sombra de sua barba, na incandescência âmbar das luzes diferidas se derramava de um ombro musculoso até sua cintura, e ela inalou em uma respiração rápida.

Conhecia o tato desses cabelos varrendo seu seios nus, roçando seus mamilos, caindo mais baixo, através de suas coxas,

enquanto ele a fazia alcançar o clímax depois de elevá-la às alturas.

—Como se precisasse dizer algo. Você sabe o que quero antes de que o eu faça mesma—. Ela ouviu o fio em sua voz, soube que ele a ouvia também. Punha-a nervosa quão bem a entendia: antes de que ela soubesse o que desejava, ele o dava.

Isso o fazia perigosamente aditivo.

Ele sorriu, mas realmente esse sorriso não alcançou seus olhos. Katherine não estava segura de que alguma vez o tivesse visto alcançar seus olhos. Nunca se alteravam: somente observavam e esperavam. Como os olhos dourados de um tigre, o dele eram vigilantes mas longínquos, divertidos mas distantes. Olhos famintos. Olhos de depredador. mais de uma vez, ela tinha querido perguntar o que viam esses olhos de tigre. O que meditavam, que diabos pareciam esperar, mas no gozo de seu corpo duro contra o dela, esquecia-o uma e outra vez, até que estava de retorno no trabalho e era muito tarde para perguntar.

Tinha estado deitando-se com ele por dois meses, e não sabia mais a respeito dele agora que o dia que o tinha conhecido no Starbucks, frente a Ou'Leary, Banks e Ou'Malley, onde era sócia, obrigado em parte para seu pai, o Ou'Malley da assinatura, e em parte para sua própria falta de compaixão. Um olhar aos seis pés e quatro polegadas de homem misteriosamente sedutor sobre o bordo de sua taça de seu café au lait, e ela tinha sabido que tinha que o ter. Poderia ter tido algo que ver com a forma em que ele tinha fechado os olhos ante ela enquanto perezosamente tinha gasto a nata batida de seu moka, fazendo-a imaginar essa língua erótica fazendo coisas muito mais íntimas. Poderia ter tido algo que ver com o puro e ardente calor sexual que ele emitia, mas sabia que tinha muito que ver com o perigo que emanava dele. Alguns dias, perguntava-se se o defenderia como a um de seus controvertidos clientes nos meses ou anos vindouros.

Esse mesmo dia se conheceram e tinham rodado através de seu tapete berberisca branca, da chaminé até as janelas, lutando silenciosamente pela posição dominante, até que não lhe tinha importado como tomasse ele, sempre que o fizesse.

Com uma reputação de língua afiada como folha de barbear e uma mente para respaldá-la, ela nunca, nenhuma só vez, havia a tornado contra ele. Não tinha idéia de como mantinha seu luxuoso estilo de vida, como tinha obtido suas coleções obscenamente faces de arte e armas antigas. Não sabia onde tinha nascido, ou inclusive quando era seu aniversário.

No trabalho, mentalmente preparava seu interrogatório, mas indevidamente as perguntas minuciosas se entupiam em sua língua no momento que o via. Ela, a desumana interrogadora da sala de tribunal, estava coibida ao falar em seu dormitório. Em ocasiões, relacionavam-se em formas imensamente mais aprazíveis. O homem era um verdadeiro professor do erótico.

—No limbo, moça? Ou simplesmente decidindo como me quer?— ronronou ele.

Katherine se umedeceu os lábios. Como o queria?

Ela o queria fora de seu sistema, sem manter-se esperando a seguinte vez que se deitasse com ele: o sexo não podia ser tão enloquecedor. O homem era muito perigoso para envolver-se emocionalmente com ele. Justamente no dia anterior, demorou-se no Mass, rezando para superar seu vício por favor, Meu deus, logo. Sim, ele esquentava seu sangue, mas havia algo nele que esfriava sua alma.

Mas enquanto isso, estava desesperadamente fascinada enquanto imaginava exatamente como o teria. Sendo uma mulher forte, sentia-se excitada pela força de um homem autoritário. Cairia essa noite tombada desgarbadamente sobre seu sofá de couro. Ele enterraria os punhos em seu cabelo comprido, investindo-a desde atrás. Morderia sua nuca quando ela chegasse.

Inspirou agudamente, deu um passo adiante, e ele já estava junto a ela, arrastando-a para o tapete grossa. Os lábios firmes, sensuais, com um indício de crueldade, fecharam-se sobre os dela enquanto a beijava, os olhos dourados estreitando-se.

Havia algo a respeito dele que bordeaba o terror, pensou ela enquanto o homem imobilizava suas mãos contra o piso e se levantava sobre ela, muito formoso, muito cheio de segredos escuros para que, suspeitava, alguma mulher pudesse conhecê-lo, e que fazia o sexo tão mais delicioso, com esse bordo fino de perigo.

Foi seu último pensamento coerente por um comprido, comprido tempo.

Dageus MacKeltar apoiou as Palmas contra a parede de janelas e ficou com o olhar fixo na noite, seu corpo separado de uma queda de quarenta e três pisos por um simples cristal de vidro. O zumbido suave da televisão se escutava quase perdido no chapinho da chuva contra as janelas. Uns poucos pés a sua direita, a tela de sessenta polegadas refletia dentro do vidro brilhante ao David Boreanaz, interpretando ao Angel, o torturado vampiro com uma alma. Dageus observou o tempo suficiente para ver que era um episódio repetido, logo deixou seu olhar flutuar brandamente de retorno de noite.

O vampiro sempre encontrava ao menos uma resolução parcial, e Dageus tinha começado a temer que para ele não haveria nenhuma. Nunca.

Além disso, seu problema era algo mais complicado que o do Angel. O problema do Angel era ter uma alma. O problema do Dageus era ter uma legião delas.

Passando uma mão através de seu cabelo, estudou a cidade debaixo. Manhattan: apenas umas vinte e dois milhas quadradas, habitada por quase duas milhões de pessoas. E estava a metrópole mesma, com sete milhões de pessoas apertadas dentro de trezentas milhas quadradas.

Era uma cidade de proporções grotescas para um Highlander do século dezesseis, uma imensidão puramente inconcebível. Quando tinha chegado pela primeira vez à cidade de Nova Iorque, tinha passeado ao redor do Empire State Building por horas. Cento e dois pisos, dez milhões de tijolos, o interior de trinta e sete milhões de pés cúbicos, mil duzentos e cinquenta pés de alto, golpeado por relâmpagos em um médio de quinhentas vezes ao ano.

por que o homem construía tais monstruosidades?, perguntou-se. Por pura loucura, respondeu-se o Highlander.

E era um bom lugar para chamar lar.

A cidade de Nova Iorque tinha cativado a escuridão dentro dele. Fazia sua guarida no coração que pulsava nela.

Um homem sem clã, emparelha, nômade, tirou-se ao homem do século dezesseis como um tartán muito puído pelo uso e

tinha exercido seu intelecto formidável de Druida para assimilar o século vinte e um: a linguagem nova, os costumes, a tecnologia incrível. Entretanto, havia ainda muitas coisas que não entendia: certas palavras e expressões o deixavam completamente perplexo, e a maioria das vezes, pensava em latim, gaélico ou grego e traduzia precipitadamente as palavras para as adaptar com uma notável exatidão.

Sendo um homem que possuía o conhecimento esotérico para abrir uma ponte através do tempo, tinha esperado cinco séculos para encontrar ao mundo convertido em um lugar vastamente diferente. Sua compreensão da tradição Druida, a geometria sagrada, a cosmologia e as leis naturais do que o século vinte e um chamava física, tinham simplificado as maravilhas do mundo novo que ele devia compreender.

E não era porque freqüentemente não atuasse como um estúpido. O fazia. Voar em um avião o havia conmovido enormemente. A engenharia e a construção fabulosa das pontes de Manhattan o tinham mantido absorto durante dias.

A gente, o abundante caudal de pessoas, desconcertavam-no. Suspeitava que sempre o fariam. Havia uma parte do Highlander do século dezesseis que nunca poderia trocar. Essa parte sempre sentia saudades os espaços totalmente abertos de céu estrelado, léguas e léguas de colinas ondulantes, campos intermináveis de urzes e as moças escocesas alegres e bonitas.

aventurou-se a América porque tinha esperado que peregrinando longe de sua amada Escócia, dos lugares cheios de poder como as pedras estáticas, poderia diminuir a posse do mal antigo dentro dele.

E os tinha afetado: embora só tinha desacelerado sua descida à escuridão, não os tinha extinto. Dia a dia, ele continuava trocando... se sentia mais frio, menos conectado, menos encadeado à emoção humana. Mais deus desligado, menos homem.

Mas quando fazia o amor... och, então estava vivo. Então sentia. Só então, não ia à deriva em um mar sem fundo, escuro e violento, sem sequer uma parte insignificante de madeira ao que aferrar-se. Fazer o amor com uma mulher afastava a escuridão, restabelecia sua humanidade essencial. Alguma vez um homem de apetites imensos, agora era insaciável.

Não sou inteiramente escuro ainda, grunhiu provocadoramente aos demônios enroscados dentro dele. Os que aguardavam seu momento com silenciosa certeza, sua maré escura corroendo-o tão firme e indiscutivelmente como o oceano trocava a forma de uma borda rochosa. Ele entendia seus métodos: o mal verdadeiro não assaltava agressivamente: permanecia timidamente quieto e silencioso... e sedutor.

E estava ali cada dia a elevada prova do que ganhavam, nas coisas pequenas das que não se dava conta que estava fazendo até depois de que parecessem; coisas aparentemente inofensivas, como acender o fogo em sua chaminé com um movimento de sua mão e um murmurado gorjeio, ou abrir uma porta ou uma persiana com um sussurro manso, ou o convocar impacientemente um de seus meios de transporte favoritos, um táxi, só com um olhar.

Eram coisas pequenas, inclusive corriqueiros, mas ele sabia que coisas como essas estavam longe de ser inofensivas. Sabia que cada vez que usava magia, voltava-se um pouco mais escuro, perdia outro pouco de si mesmo.

Cada dia era uma batalha para obter três coisas: usar só a cota de magia absolutamente necessária apesar da tentação em contínuo aumento; ter sexo dura, rápida e freqüentemente; e continuar colecionando e registrando os tomos onde poderia fazer a resposta a sua pergunta mais absorvente: existia uma forma de desfazer-se dos Escuros?

Em caso de que não... bem, em caso de que não...

Passou uma mão através de seu cabelo e suspirou profundamente. Seus olhos se estreitaram, observando as luzes oscilantes mais à frente do parque, enquanto atrás de si, no sofá, a moça dormida sonhava o sonho dos completamente exaustos. Na manhã, os círculos escuros arruinariam os olhos delicados sob seus olhos, gravando seus rasgos de fragilidade sedutora. Seus jogos de cama sempre cobravam seu preço em uma mulher.

Duas noites atrás, Katie tinha molhado seus lábios, e OH, tão casualmente, havia dito que ele parecia estar aguardando algo.

Ele tinha sorrido e a tinha rodado em cima de seu estômago. Tinha beijado seu doce, quente e desejável corpo de pés a cabeça. Tinha miserável sua língua sobre cada polegada, logo a havia feito, cavalcando sobre ela, e quando tinha acabado, ela tinha gritado de prazer.

E ela, ou tinha esquecido sua pergunta, ou tinha trocado de opinião a respeito de fazê-la. Katie Ou'Malley não era tola. Sabia que havia muito mais dele do que realmente queria conhecer. Queria-o pelo sexo, nada mais. O qual era estupendo, porque ele era incapaz de dar nada mais.

Espero a meu irmão, moça, não lhe havia dito. Espero o dia em que Drustan se canse de minha negativa de retornar a Escócia. O dia que sua esposa não esteja tão grávida que ele tema deixar seu lado. O dia em que finalmente admita o que já sabe em seu coração, e que entretanto tão desesperadamente finge não escutar em minhas mentiras: que sou escuro como o céu da noite, mas com umas poucas piscadas de luz que ainda brotam dentro de mim.

Och, sim, estava esperando o dia que seu irmão gêmeo cruzasse o oceano e viesse por ele.

Ver o animal em que se converteu.

E se ele permitia que esse dia chegasse, sabia que um deles morreria.

Capítulo 2

Algumas semanas mais tarde

Ao outro lado do oceano, não em Escócia a não ser na Inglaterra, uma terra onde Drustan MacKeltar uma vez erroneamente tinha afirmado que os Druidas escassamente possuíam o suficiente conhecimento para tramar um simples feitiço

de sonho, uma conversa baixa e urgente tinha lugar.

—estabeleceste contato?

—Não me atrevo, Simon. A transformação não está completa ainda.

—Mas aconteceram muitos meses desde que os Draghar tomaram!

—Ele é um Keltar. Embora não pode ganhar, ainda resiste. É o poder o que o corromperá, e ele se rehúsa a usá-lo.

Um silêncio comprido. Então Simon disse:

—esperamos milhares de anos sua volta, como nos foi prometido na Profecia. Estou cansado de aguardar. Força-o. lhe dê uma razão para necessitar o poder, não perderemos a batalha esta vez.

Um rápido assentimento de cabeça.

—Encarregarei-me disso.

—Sei sutil, Giles. Não o alerte ainda de nossa existência. Quando o tempo seja o adequado, eu o farei. E se algo sai mau... bem, você sabe o que fazer.

Outra inclinação de cabeça rápida, um sorriso de antecipação, uma revoadada de tecido e seu companheiro se foi, deixando-o solo no círculo de pedras sob um vermelho amanhecer inglês.

O homem que tinha repartido a ordem, Simon Barton-Drew, professor da seita Druida dos Draghar, recostado contra uma pedra musgosa, distraidamente acariciava a tatuagem da serpente alada em seu pescoço, seu olhar fixo derramando-se sobre os antigos monólitos. Um homem alto, magro com cabelo avermelhado salpicado de cãs, uma face lupina e estreita e descontentes olhos cinzas que não deixavam escapar nada, tinha sido honrado com que o momento propício tivesse chegado sob seu governo. Tinha estado esperando trinta e dois anos esse momento, do nascimento de seu primeiro filho, que tinha coincidido com o dia em que tinha sido iniciado no santuário interior da seita. Havia alguns como os Keltar, que tinham servido aos Tuatha do Danaan, e alguns como ele mesmo, que serviam aos Draghar. A seita Druida dos Draghar tinha mantido a fé por milhares de anos, deixando a Profecia em herança de uma geração a seguinte: a promessa da volta de suas líderes antigos, a promessa de que eles os conduziriam para a glória. A promessa de que lhes retornariam todo o poder que os Tuatha do Danaan lhes tinham roubado fazia tanto tempo.

Ele sorriu. O que apropriado que um dos valiosos Keltar dos próprios Tuatha do Danaan contivera em seu interior o poder dos Draghar antigos, a liga dos Treze Druidas mais capitalistas que alguma vez tinham existido. Que poético que aqueles protegidos dos Tuatha do Danaan finalmente fossem quem os destruiria.

E reivindicariam o lugar por direito dos Druidas no mundo. Não como tinham permitido que o mundo acreditasse que tinham sido, parvos que recolham a infame árvore de muérdago para abraçar-se e beijar-se baixo ele.

Mas sim como governantes do gênero humano.

—Tem que estar brincando— espetou Chloe Zanders, apartando seu comprido cabelo encaracolado da face com ambas as mãos—. Quer que leve o terceiro Livro do Manannan (e sim, sei que é só uma reprodução de uma porção do original, mas ainda assim é invaluable), a um homem no East Sede que provavelmente comerá pipocas de milho enquanto o manuseia? Porque não é como se realmente vá ficar a lê-lo. As partes que não estão em latim estão em gaélico antigo—. Com os punhos em sua cintura, olhou encolerizadamente a seu chefe, um dos vários procuradores da coleção medieval instalada em Los Claustros e The Met—. Para que o necessita? Disse-o?

—Não lhe perguntei— respondeu Tom, encolhendo-se de ombros.

—OH, isso é genial. Não perguntou— Chloe meneou sua cabeça incrédulamente. Embora a cópia em que seus dedos jaziam delicadamente nesse momento não estava iluminada, e tinha apenas uns cinco séculos de antigüidade —quase mil anos menos que os textos originais que residiam no Museu Nacional da Irlanda—, eram uma sagrada parte de história, e exigiam extrema reverência e respeito. Não devia ser levado pela cidade, e crédulo às mãos de um desconhecido.

—Quanto doou?— perguntou irritada. Sabia que um suborno de algum tipo devia ter trocado de mãos. A gente não “revisava” coisas de Los Claustros mais do que podia passear-se até o Trinity College e pedir emprestado o Livro do Kells.

—Um skean dhu do século quinze adornado com jóias e uma invaluable espada de Damasco— disse Tom, sorrindo beatificamente—. A espada de Damasco data das Cruzadas. Ambos foram autenticados.

Uma sobranceira delicada se levantou. A reverência apagou de repente o tom de ofensa.

—Wow. Realmente? Um skean dhu! —. Os dedos da moça se encrespavam de antecipação—. Os tem já?

Antiguidades: amava a todas e cada uma delas, das singulares conta de um rosário com as cenas inteiras da Paixão esculpidas nela, até as Tapeçarias de Unicórnios e a esplêndida coleção de espadas medievais.

Mas especialmente amava todas as coisas escocesas, que lhe recordavam ao avô que a tinha criado. Quando seus pais tinham morrido em um acidente automobilístico, Evan MacGregor tinha entrado em cena e se levou a devastada menina de quatro anos de idade a um novo lar em Kansas. Orgulhoso de sua herança, dotado com um volátil temperamento escocês, ele a tinha nutrido com seu amor para todas as coisas celtas. Era o sonho do Chloe ir um dia ao Glengarry, ver o povo no qual ele tinha nascido, visitar a igreja na qual se casou com sua avó, andar ao longo dos páramos alagados de urzes sob uma lua chapeada. Tinha seu passaporte preparado, em espera desse selo precioso; simplesmente tinha que economizar suficiente dinheiro.

Poderia-lhe levar outro ano ou dois, especialmente agora com o custo de vida em Nova Iorque, mas conseguiria chegar. E não podia esperar. Desde menina, tinha sido arrulhada na hora de dormir, em noites incontáveis, pelo acento suave de seu avô enquanto tecia contos fantásticos de sua terra natal. Quando tinha morrido cinco anos atrás, tinha estado desolada. Algumas vezes, só na noite em Los Claustros, encontrava-se a si mesmo lhe falando em voz alta, sabendo que embora ele teria odiado a

vida de cidade mais ainda que ela mesma, tivesse amado a carreira que tinha eleito: conservar as antiguidades e os velhos costumes.

Seus olhos se estreitaram enquanto a risada do Tom fazia pedaços seu sonho. Ele ria ahogadamente pela transição veloz do tom de insulto para a admiração em sua voz. A jovem se conteve e empastelou uma aparência carrancuda em sua face outra vez. Não era muito duro fazê-lo: um desconhecido ia tocar um texto invaluable. Sem supervisão. Quem sabia o que poderia ocorrer?

—Sim, já os tenho, Chloe. E não pedi sua opinião de meus métodos. Seu trabalho é trabalhar com os registros.

—Tom, tenho um Master em Civilizações Antigas e falo tantos idiomas como você. Sempre há dito que minha opinião conta. Faz-o ou não?

—É obvio que conta, Chloe— disse Tom, ficando sério velozmente. tirou-se os óculos e começou a polir com uma gravata que luzia sua acumulação usual de manchas de café e miolos de doação de geléia—. Mas se não tivesse estado de acordo, ele ia doar as espadas ao Royal Museum de Escócia. Sabe quão inflexível é a competição pelas antiguidades de qualidade. Entende a política. O homem está bem economicamente, é generoso, e tem uma coleção magnífica. Poderíamos persuadi-lo para nos deixar alguma sorte de herança a sua morte. Se quiser alguns dias com um texto de quinhentos anos de idade, um dos menos apreciados no que a isso se refere, vai ter o.

—Se chegar a manchar com pipocas de milho as páginas, vou matar o.

—Precisamente por isso te pedi que trabalhasse para mim, Chloe; amas essas velhas coisas tanto como eu. Adquiri dois tesouros mais hoje, assim sei uma boa garota e entrega o texto.

Chloe bufou. Tom a conhecia muito bem. Tinha sido seu professor de história medieval na Universidade de Kansas antes de que tivesse obtido esse posto como procurador. Um ano atrás, tinha-a procurado em Kansas, onde ela tinha estado trabalhando em uma deprimente desculpa de museu, e lhe tinha devotado um emprego. Embora tinha sido difícil deixar a casa em que tinha crescido, cheia de tantas lembranças, não tinha podido rechaçar a oportunidade de trabalhar em Los Claustros, sem importar o impressionante choque cultural que tinha sofrido. Nova Iorque era fria, brilhante, faminta e mundana, e em meio de sua sofisticação impenetrável, a rural garota de Kansas se havia sentido desesperadamente torpe.

—O que, supõe-se que simplesmente caminharei por ali com esta coisa colocada sob meu braço? Com o Fantasma Gaulish espreitando ali fora?—. Ultimamente tinha havido uma erupção de roubos de escritos celtas provenientes de coleções privadas. Os meios noticiosos tinham apelidado ao ladrão o Fantasma Gaulish, porque roubava só artigos celtas e não deixava pistas, aparecendo e desaparecendo como um fantasma.

—Faz que Amelia o empacote para ti. Meu carro espera em frente. Bill tem o nome do homem e sua direção; conduzirá-te ali e rodeará a maçã enquanto sobe um momento. E não acosse ao homem quando o entregar— adicionou ele.

Chloe rodou seus olhos e suspirou, mas recolheu o texto com delicadeza. Quando estava quase fora da porta, Thomas disse:

—Quando retornar te mostrarei as espadas, Chloe.

Seu tom era amigável mas divertido, e demonstrava que a conhecia muito bem. Sabia que ela se apressaria a retornar para as ver. Sabia que ela passaria por cima seus enganosos métodos de aquisição uma vez mais.

—Um suborno. Um vergonhoso suborno— resmungou ela—. E não me fará passar no que fez—. Mas já ansiava as tocar, percorrer com um dedo o metal frio, sonhar com as épocas remotas e os lugares antigos.

Criada com os valores do meio oeste, idealista até a medula, Chloe Zanders tinha uma debilidade, e Tom a conhecia. Ponha algo antigo em suas mãos e se converte em argila. E se era antigo e escocês? Jesus, estava despejada.

Alguns dias, Dageus se sentia tão velho como o mal dentro dele.

Enquanto fazia gestos a um táxi para que o levasse para Os Claustros para recolher a cópia de um dos últimos tomos que precisava examinar em Nova Iorque, não advertiu as olhadas fascinadas das mulheres que caminhavam na calçada que se voltavam para vê-lo passar. Não se deu conta de que, inclusive em uma metrópole que bulia de diversidade, ele sobressaía. Não era nada que ele dissesse ou fizesse; na aparência não era a não ser outro homem rico, pecadoramente bonito. Era simplesmente a essência do homem, a forma em que se movia. Cada gesto que exsudava poder, algo escuro e... proibido. Era sexual de um modo que provocava que as mulheres tecessem fantasias profundamente reprimidas para contar a seus terapeutas, e as feministas, do mesmo modo, encolhessem-se de medo para as ouvir.

Mas ele não se precavia de nada disso. Seus pensamentos eram fora do comum, ainda refletindo sobre as tolices escritas no Livro do Leinster.

Och, o que não daria pela biblioteca de sua p.

Em lugar disso, tinha obtido sistematicamente quão escritos ainda existiam, esgotando suas possibilidades antes de continuar correndo mais riscos. Riscos tais como pisar nas ilhas de sua antepassados outra vez, algo que rapidamente começava a parecer inevitável.

Pensando nos riscos, fez uma nota mental de devolver alguns dos volúmenes que havia feito emprestados de coleções privadas quando os subornos não o tinham obtido. Não havia razão para os ter em seu poder muito mais tempo.

Olhou para cima o relógio por cima do banco. Doze e quarenta e cinco. O procurador de Los Claustros lhe tinha assegurado que lhe entregariam o texto a primeira hora da manhã, mas ainda não tinha chegado e Dageus se aborrecia de esperar.

Necessitava informação, informação precisa a respeito dos antigos benfeitores dos Keltar, os Tuatha do Danaan, esses “deuses e não deuses”, como o Livro do Cow Dun os chamava. Tinha sido quem originalmente tinha encarcerado aos

Druidas Escuros entre dimensões, portanto, deduzia, haveria uma forma de reencarcerá-los.

Era imperativo que descobrisse essa forma.

Enquanto se deslizava dentro do táxi, um trabalho tortuoso para um homem de seu tamanho, sua atenção foi atraída por uma moça que saía de um carro na sarjeta, frente a eles.

Ela era diferente, e foi essa diferença a que atraiu seu olhar. Não tinha nada do brilho da cidade e era mais preciosa por isso. Refrescantemente despenteada, encantadoramente livre dos artifícios com os quais as mulheres modernas realçavam suas faces, ela era uma visão.

—Um momento— grunhiu ao condutor, observando-a avidamente.

Cada um de seus sentidos se intensificou dolorosamente. Suas mãos se converteram em punhos à medida que o desejo, nunca satisfeito, alagava-o.

Em alguma parte de sua ascendência, a moça tinha sangue escocês. Estava ali, nas ondas frisadas de cabelo cor cobre e loiro que emolduravam uma face delicada, com uma mandíbula surpreendentemente firme. Estava ali, na cor pêssego e nata da cutis e nos enormes olhos cor verde mar que ainda olhavam o mundo com admiração, advertiu ele com um sorriso fracamente zombador. Estava ali, em um fogo que fervia lentamente, apenas sob a superfície, de sua pele perfeita. Pequêna, deliciosamente arredondada onde contava, com uma cintura fina e pernas bem proporcionadas rodeadas por uma saia ajustada, a moça era o sonho de um Highlander banido.

Ele molhou seus lábios e ficou olhando, fazendo um ruído intenso em sua garganta que era mais animal que humano.

Quando ela se inclinou através da janela aberta do carro para lhe dizer algo ao condutor, a parte traseira de sua saia subiu umas poucas polegadas. Ele inspirou agudamente, visualizando-se a si mesmo detrás dela. Seu corpo inteiro se voltou tenso de luxúria.

Cristo, ela é adorável. Suas curvas exuberantes poderiam fazer reviver a um morto.

Ela se inclinou para frente um pouco mais, mostrando mais dessa curva doce da parte traseira de suas coxas.

A boca do Dageus ficou ferozmente seca.

Não é para mim, advertiu-se a si mesmo, apertando os dentes e movendo-se para reduzir a pressão em seu membro repentina e dolorosamente duro. Só levava a moças experimentadas a sua cama. Moças maiores em mente e corpo. Não emprestando, como o fazia ela, a inocência. A sonhos brilhantes e um belo futuro.

Frite e mundanas, com paladares e corações cínicos, eram da classe que um homem podia tombar e afastar-se com uma quinquilharias ao amanhecer.

Ela era do tipo que um homem conservava.

—Vamos— murmurou ao condutor, arrancando à força seu olhar fixo dela.

Chloe golpeou ligeiramente seu pé com impaciência, apoiando-se contra a parede ao lado do escritório de recepção. O maldito homem não estava ali. Tinha estado esperando durante quinze minutos que se dignasse a aparecer. Uns poucos momentos antes, havia dito finalmente ao Bill que seguisse sem ela, que tomaria um táxi de volta aos Claustros e o carregaria à conta do Departamento.

Tamborilou impacientemente no mostrador. Simplesmente queria entregar seu pacote e ir-se. Quanto mais logo se desembaraçasse dele, mais logo poderia esquecer sua parte nesse sórdido assunto.

Lhe ocorreu que a menos que pudesse encontrar uma alternativa, provavelmente terminaria desperdiçando o dia inteiro. Um homem que vivia na rua East seria um homem acostumado a que outros esperassem a que lhe conviesse vê-los.

Passeando o olhar ao redor, contemplou uma possível alternativa. Fazendo uma respiração profunda e alisando seu traje, remeteu o pacote sob seu braço e caminhou a grandes passos, energicamente, através do elegante vestíbulo para o escritório de Segurança. Dois homens musculosos atrás dele que luziam uniformes brancos e negros a observaram enquanto ela se aproximava.

Quando tinha chegado a Nova Iorque pela primeira vez no ano anterior, tinha sabido instantaneamente que nunca estaria na mesma liga que mulheres da cidade. Polidas e elegantes, eram como Mercedes, BMWs e Jaguares, e Chloe Zanders era um... Jipe, ou talvez um Toyota Highlander em um bom dia. Sua bolsa nunca fazia jogo com seus sapatos, embora se considerava afortunada se seus sapatos faziam jogo entre si. Apesar de tudo, acreditava em trabalhar com o que alguém tinha, assim fazia o melhor que podia para colocar um pouco de encanto feminino em sua forma de caminhar, rezando que não se rompesse um tornozelo no processo.

—Tenho uma entrega para o senhor MacKeltar— anunciou, curvando seus lábios no que esperava fora um sorriso coquete, tratando de suavizá-lo-lo suficiente para que lhe permitissem deixar a maldita coisa em algum lugar um pouco mais seguro. De maneira nenhuma o daria ao adolescente talher de grãos atrás do escritório de recepção. Nem a esses brutos musculosos.

Duas olhadas lascivas a varreram de pés a cabeça.

—Estou com certeza que sim, carinho— pronunciou o homem loiro com lentidão. Dirigiu-lhe outro olhar minucioso—. Você não é seu tipo usual, entretanto.

—O senhor MacKeltar recebe montões de entregas— sorriu seu companheiro de cabelo escuro burlonamente.

OH, genial. Simplesmente genial. O homem é um mulherengo. Pipocas de milho e só Deus sabe que mais nas páginas. Grr.

Mas supôs que deveria estar agradecida, disse-se a si mesmo uns poucos minutos mais tarde, enquanto subia no elevador até o piso quarenta e três. Tinham-na deixado aproximar-se do piso do penthouse sem acompanhamento, o qual era

assombroso em uma luxuosa propriedade do East Side.

Deixa-o em sua hall; é o suficientemente seguro, havia dito o loiro, embora seu olhar, ofensivamente pegajoso, claramente lhe havia dito que acreditava que o pacote real era ela, e que não planejava vê-la outra vez por alguns dias, ao menos.

Se Chloe tivesse sabido que tão certo era que realmente ele não a veria outra vez durante dias, nunca se tivesse subido a esse elevador.

Mais tarde, também refletiria que se só a porta não tivesse estado sem chave, ela teria estado bem. Mas quando chegou à hall do senhor MacKeltar, que transbordava com frescas flores exóticas e estava provida com cadeiras elegantes e tapetes magníficos, em tudo o que tinha podido pensar era que a Segurança poderia deixar entrar em alguma garota bonita e tola, tal como o tinham feito com ela, e a hipotética garota bonita poderia arrancar uma página do invaluable texto para envolver sua borracha de mascar, ou um pouco igualmente sacrílego.

Então, suspirando, alisou seu cabelo e provou uma das contraportas.

deslizou-se silenciosamente ao abrir-se... céus, eram essas dobradiças chapeadas em ouro? Divisou seu reflexo boquiaberto em um deles. Algumas pessoas tinham mais dinheiro que sentido comum. Simplesmente uma dessas estúpidas dobradiças pagaria a renda de seu diminuto apartamento por meses.

Negando com a cabeça, entrou e se esclareceu voz.

—Olá?— chamou, enquanto lhe ocorria que poderia estar sem chave porque ele tinha deixado a uma de suas mulheres, aparentemente inumeráveis, ali.

—Olá, olá!— chamou de novo.

Silêncio.

E luxo. Como nunca tinha visto.

Percorreu com o olhar seu entorno, e inclusive então poderia ter seguido bem se não tivesse divisado o glorioso claymore escocês pendendo por cima da chaminé na sala de estar. aproximou-se dela como uma traça à chama.

—OH, você, coisa primorosa, preciosa, esplêndida e pequena... você...— gaguejou, apressando-se a aproximar-se, prometendo-se a si mesmo que ia colocar o texto na mesa para café de mármore, jogar uma rápida olhada, e partir.

Vinte minutos mais tarde, estava em meio de uma exploração cabal da casa do homem, seu coração martelando com nervosismo, mas muito cativado para deter-se.

—Como se atreve a permitir que sua porta esteja aberta enquanto não está?— queixou-se, olhando ceñudamente um magnífico sabre medieval casualmente sustentado contra a parede em uma esquina. Amadurecido para ser depenado. Embora Chloe estava orgulhosa de seus princípios morais, sofreu um desejo chocante de remetê-lo sob seu braço e sair a toda pressa.

O lugar estava cheio de antiguidades, todas celtas, para o caso! Armas escocesas do século quinze, se não errava em seus cálculos —e raramente o fazia—, adornavam uma parede da biblioteca. Um regalia escocês sem preço: sporran, insígnia, e broches em perfeito estado, estava colocado junto a uma pilha de moedas antigas sobre um escritório.

Ela o tocou, examinou-o, e meneou incrédulamente a cabeça.

Embora previamente havia sentido pouco menos que aversão para o homem, sentia-se mais próxima a ele por momentos, desvergonzadamente seduzida por seu gosto excelente.

E sentindo mais curiosidade a respeito dele com cada novo descobrimento.

Nada de fotos, advertiu, passeando o olhar ao redor dos quartos. Nenhuma. Gostaria de saber como seria o tipo.

Dageus MacKeltar. Que nome.

Não tenho nada contra Zanders, o avô freqüentemente havia dito, é um bom nome, mas é tão fácil apaixonar-se por um escocês como de um inglês, moça. Uma pausa pesada. Um harumph. Logo, inevitável como a saída do sol: Muito mais fácil, realmente.

Sorriu, recordando como a tinha animado interminavelmente a que ela se conseguisse um “sobrenome”.

Seu sorriso se congelou enquanto entrava no dormitório.

Seu desejo de saber como era ele escalou ao território da obsessão.

Seu dormitório, seu pecaminoso e decadente dormitório, tinha uma enorme cama esculpida à mão, rodeada de cortinas e coberta com sedas e veludos, com uma chaminé exquisitamente lajeada, um Jacuzzi de mármore negro no qual poderia sentar-se sorvendo champanha, contemplando o anoitecer sobre Manhattan através de uma parede de janelas. Dúzias de Candelas rodeavam a tina. Dois copos jaziam descuidadamente derrubados sobre o tapete berberisca.

Seu perfume permanecia no quarto, perfume de homem, especiarias e virilidade.

Seu coração trovejou enquanto a enormidade do que estava fazendo a golpeava. Estava bisbilhotando no penthouse de um homem muito rico, e nesse momento estava de pé no dormitório do homem, pelo bem do céu! Na muito mesmo guarida onde ele seduzia a suas mulheres.

E pelo aspecto geral das coisas, sentia uma marcada sedução pelas belas artes.

O tapete de lã virgem, o veludo negro que punha cortinas a cama monstruosa, os lençóis de seda sob uma suntuosa colcha de veludo cor pérola, espelhos adornados meticulosamente e dignos de um museu, emoldurados em prata e obsidiana.

Apesar das campainhas de advertência em sua cabeça, não podia obrigar-se a sair. Fascinada, abriu um armário, arrastando seus dedos sobre a roupa feita a medida, inspirando o perfume sutil, inegavelmente sexual do homem. Sapatos italianos deliciosos e botas revestiam o piso.

Começou a conjurar uma imagem de fantasia dele.

Era alto (ela não ia ter bebês pequenos!) e de aparência agradável, com um bom corpo, entretanto não muito excepcional, e um rouco acento.

Seria inteligente, falaria vários idiomas, (assim poderia ronronar palavras gaélicas de amor em sua orelha), mas não muito gentil, e inclusive um pouco rude: esqueceria-se de barbear-se, coisas como essa. Seria um pouco introvertido e doce. Gostaria das mulheres pequenas e curvilíneas, cujos narizes estavam dentro dos livros tanto tempo que se esqueciam de depilá-las sobancelhas e pentear-se e ficar maquiagem. Mulheres cujos sapatos não sempre faziam jogo.

Como se existissem. A voz da razão grosseiramente fez estalar sua borbulha de fantasia. O tipo escada abaixo disse que você não foi seu tipo usual. Agora sal daqui, Zanders.

E inclusive então não teria sido muito tarde, ainda poderia ter escapado se não se moveu mais perto dessa cama pecaminosa, tivesse cuidadoso às escondidas curiosamente e não sem um poquito de fascinação os sedosos lenços atados ao redor dos postes da cama, do tamanho de pequenos troncos de árvore.

A Chloe que tinha crescido comendo folhinhas de milho em Kansas se scandalizou. Nunca-em-toda a vida-um-homem-ia-a... repentinamente, Chloe se sentiu respirar levemente, por não dizer mais.

Temblorosamente evitando essa visão, e retrocedendo sobre umas pernas cambaleantes, quase não viu a esquina do livro aparecendo de debaixo de sua cama.

Mas Chloe nunca deixava passar um livro. E menos um antigo, para o caso.

Momentos mais tarde, com a saia retorcida ao redor de seus quadris, seu pacote abandonado em uma cadeira, a jaqueta do traje lançada ao piso, ela tinha escavado em sua reserva escondida: sete volúmenes medievais.

Todos o que tinha sido recentemente denunciado como roubado por diversos colecionadores.

Bom Deus, estava na guarida do demoníaco Fantasma Gaulish! E não era estranho que tivesse tantas antiguidades: roubava algo que quisesse.

Sobre suas mãos e joelhos, farejando sob sua cama por mais provas de seus delitos atroz, a opinião do Chloe Zanders sobre o homem tinha dado uma curva cerradíssima para o pior.

—Promíscuo, desprezível ladrão— resmungou em voz baixa—. Incrível.

Cautelosamente, com o polegar e a ponta de dedo indicador, arrastou um tanga de encaixe negro de debaixo da cama. Ewww... Um envoltório de camisinha. Outro envoltório de camisinha. Outro envoltório de camisinha. Jesus! Quantas pessoas vivem aqui?

Magnum, o envoltório anunciava com ar satisfeito, para o homem Extragrande.

Chloe piscou.

—Ainda não o tentei debaixo da cama, moça— um profundo acento escocês ronronou detrás dela—, mas se o prefere assim... e se o resto de ti é a metade de precioso como o que estou vendo... poderia ser persuadido para te agradecer.

O coração do Chloe deixou de palpar.

congelou-se, seu cérebro vacilando no dilema de brigar ou fugir-se. Com cinco pés e três polegadas de estatura, brigar não era a opção mais alentadora. Infelizmente, seu cérebro não tinha processado o fato de que estava ainda sob a cama quando descarregou a quebra de onda de adrenalina necessária para escapar, assim só conseguiu golpeá-la parte traseira da cabeça contra o sólido armação de madeira.

Enjoada, vendo as estrelas, começou a ter soluço, um pouco muito mortificante que sempre lhe ocorria quando ficava nervosa, como se simplesmente estar nervoso não fora o suficientemente mau.

Mas não tinha que sair de debaixo da cama para saber que estava colocada até o pescoço em uma confusão, muito, muito grande.

Capítulo 3

Uma mão firme a sujeitou pelo tornozelo, e Chloe deixou escapar um pequeno grito.

Tentou lançar um enorme grito, mas o desconsiderado soluço o afogou deixando-a com a boca aberta. Cruelmente, ele a devorou de debaixo de sua cama.

Com frenesi, a moça agarrou sua saia com ambas as mãos, tratando de conservá-la em seu lugar em vez de ter apinhada ao redor de sua cintura enquanto se deslizava inexoravelmente para trás. Quão último queria era que seu traseiro nu aparecesse primeiro. A linha de suas calcinhas se via baixo essa saia em particular (o qual era uma razão pela que não a levava freqüentemente, unida ao feito de que tinha ganho um pouco de peso e ficava ajustada), assim que se pôs as médias sem calcinhas. Não era algo que fizesse com freqüência, mas justamente tinha tido que fazê-lo esse dia!

Quando esteve completamente à vista desde debaixo da cama, ele deixou cair seu tornozelo. Chloe manteve a barriga sobre o toalha de mesa, soluçando e tratando desesperadamente de recorrer a seu engenho para livrar-se dessa humilhante situação.

O homem estava atrás dela: podia senti-lo lhe cravando os olhos. Em silêncio.

Em um silêncio terrível, horrível, desconcertante.

Tragando um soluço, incapaz de reunir o valor suficiente para olhar detrás de si, disse com brilhante ligeireza, em sua voz sem fôlego:

—Je NE parle ps anglais. Parlez-vous francais?—. Logo com um elevado acento francês (fingir ser parvo em latim lhe parecia um pouco inverossímil)—: Serviço de habitações— soluço—. Limpou o dormitório de você, oui?— soluço.

Nada. Ainda silêncio detrás dela.

ia ter que olhá-lo.

Levantando-se cautelosamente sobre suas mãos e joelhos, alisou sua saia, empurrou-se com as mãos até ficar sentada, e logo as enfiou para levantar-se sobre umas pernas muito trementes. Ainda muito perturbada para confrontar ao homem, enfocou a atenção em um prato e um copo vazios em cima de uma mesa junto à cama e, decidida a convencer o de que era a garota do serviço de habitações, assinalou-os com o dedo, piando:

—Esó está sució. Vous aimez que o lavei, oui?

Solução.

E esse silêncio pesado e lhe gravitem. E um rangido... O que estava fazendo ele?

Dando um profundo suspiro, voltou-se lentamente. E tudo o sangue lhe desapareceu do rosto. Advertiu duas coisas imediatamente, uma absolutamente irrelevante, a outra terrivelmente significativa: que era o homem mais impressionantemente formoso que tinha visto em sua vida, e que sustentava a bolsa da moça em uma mão, enquanto tirava a bateria de seu telefone celular com a outra.

Deixou cair a bateria ao chão e a esmagou sob sua bota.

—S-Serviço de há-habitações?— chiou ela, mas ao recordar que devia falar com acento francês outra vez, muito nervosa para fazer mais que balbuciar, em meio de soluços, começou a repetir a conversação elementar sobre o clima que tinha aprendido em um francês de principiante, mas certamente ele não saberia isso.

—Realmente, não está chovendo, moça— disse ele secamente em inglês, mas com um pronunciado acento escocês—. Entretanto, devo reconhecer que este é um dos poucos momentos que não o esteve fazendo da semana passada.

O coração do Chloe caiu em picado até os dedos dos pés. OH, maldito fora, deveria ter feito um intento em grego!

—Chloe Zanders— disse ele, lhe arrojando sua licença de conduzir. A jovem estava muito atordoada para capturá-la; ricocheteou contra ela e caiu ao piso.

Carajo. Merde. Condenado inferno.

—Dos Claustros. Vi seu chefe faz um quarto de hora, e disse que me aguardava aqui. Nunca teria adivinhado que queria dizer em minha cama—. Olhos perigosos. Fascinantes olhos. entrelaçaram-se com os dela, e a garota não pôde apartar o olhar.

—Sob a cama— balbuciou Chloe, abandonando seu empolado acento francês—. Estava sob a cama, não nela.

A boca sensual do homem se curvou em um indício de sorriso. Mas a leve diversão não tocou seus olhos.

OH, Meu deus, pensou ela, ficando com o olhar fixo e os olhos muito abertos. Sua vida estava provavelmente em perigo e quão único podia fazer era ficar olhando. O homem era formoso. Impossivelmente belo. Espantosamente belo. Nunca tinha visto um homem como ele antes. Era como se cada uma de suas fantasias mais escuras tivesse cobrado vida. O sangue escocês estava gravado em todos seus rasgos cinzelados.

Vestido com calças negras, botas negras, suéter pescador de cor nata e um casaco suave de couro, tinha um cabelo negro e sedoso como a meia-noite sujeito na nuca, afastado de uma face grosseiramente masculina. Os lábios firmes, sensuais, o inferior muito mais cheio que o superior, nariz orgulhoso, aristocrática, sobrancelhas escuras, enviesadas, e uma estrutura óssea pela que um modelo mataria. Uma perfeita sombra de barba obscurecia sua mandíbula irrepreensivelmente esculpida.

Seis pés quatro polegadas, ao menos, adivinhou ela. Poderosamente construído. A graça de um animal. Os olhos dourados e exóticos de um tigre.

A jovem repentinamente se sentiu como um montão de carne fresca.

—Parece que temos um pequeno problema, moça— disse ele com uma sedosa ameaça, dando um passo para ela.

Seus soluços desapareceram instantaneamente. O terror puro podia fazer isso. Melhor que uma colherada de açúcar ou uma bolsa de papel.

—Não tenho idéia do que está falando— mentiu ela mais que um sacamuelas—. Simplesmente devi entregar o texto, e o sinto muito, mas me distraí por todos seus tesouros tão preciosos, e sinceramente me desculpo por invadir sua casa, mas Tom me aguarda de volta, e por certo Bill me espera escada abaixo, e não vejo nenhum problema—. Ela o contemplou com os olhos muito abertos e se concentrou em ver-se suave, estúpida e feminina—. Que problema?— Modesto bato as asas de pestanas—. Não há nenhum problema.

Ele não disse nada, somente deixou seu olhar descender para os textos roubados esparramados ao redor dos pés da moça, em meio de tangas e envoltórios de camisinhas.

Ela baixou o olhar também.

—Pois bem, sim, certamente tem uma ativa vida amorosa— ela murmurou inexpressivamente—. Mas não terei isso contra ti—. Mulherengo!

O olhar que lhe dirigiu fez que o cabelo fino em sua nuca se arrepiasse. Seu olhar se deslizou significativamente para os tomos outra vez.

—OH! Você quer dizer os livros. Assim que você gosta dos livros— disse ela com ligeireza—. Não é algo grave— se encolheu de ombros.

De novo ele não disse nada, somente sustentou seu olhar fixo, dourado e intensa. Deus, o homem era impressionante! A fazia sentir como... como Rene Russo no caso Thomas Crown, lista para atirar-se sobre o ladrão. Escapular-se para terras exóticas. Passear-se com o busto nu em uma terraço com vista ao mar. Viver além da lei. Acariciar suas antiguidades quando não estava acariciando-o a ele.

—Och, garota— disse ele, negando com a cabeça—. Não sou tolo, assim não me insulte com mentiras. É óbvio com verte que sabe precisamente o que são. E de onde vieram— adicionou com suavidade.

A suavidade nele era perigosa. Ela soube instintivamente. Suavidade nesse homem significava que estava a ponto de fazer algo que realmente, realmente, não ia gostar de lhe.

E ele o fez.

Apertando-a com seu poderoso corpo, ele a retrocedeu para a cama e lhe deu um empurrão ligeiro que a tombou sobre o colchão.

Com a graça de um tigre, seguiu-a abaixo, imobilizando-a sobre a colcha baixo ele.

—Juro-lhe isso— ela balbuciou precipitadamente—, não direi isto a uma alma. Não me importa. Está bem por mim se os tiver. Tenho poucas vontades de ir à polícia ou algo dessas. Inclusive eu não gosto da polícia. A polícia e eu nunca nos levamos bem. Fizeram-me uma multa uma vez por ir a quarenta e oito em uma zona de quarenta e cinco; como poderiam me gostar de então? Não tem um pinga de importância para mim se roubar a metade da coleção medieval do Met... digo, realmente, têm seis mil peças, então quem ia advertir umas quantas perdas? Sou uma excelente guardadora de segredos— virtualmente chiou—. Eu definitivamente... certamente, cruzo meu coração e espero por... er, não respirarei a palavra mais pequenita. Silêncio. Muni é a palavra. E você pode tomar isso por um...

Os lábios masculinos se levaram consigo o resto de suas palavras junto com sua respiração.

OH, Sim. Rene Russo aqui.

Esses lábios sensuais se fecharam sobre os seus, acariciando agilmente, saboreando. Mas não tomando.

E por um momento absolutamente demente, ela quis que tomasse. Que lhe esmagasse a boca em um beijo duro, esfomeado, hiriente e a ajudasse a encontrar esse vermelho botão quente do amor que nunca, nem uma vez, havia sentido sequer um golpe morno. Que o homem enchesse sua mente de mulher com fantasias que teria jurado não tinha. Seus lábios traiçoeiros se abriram baixo os dele. Temor, disse-se a si mesmo; era simplesmente que o medo podia traduzir-se velozmente em excitação. Tinha sabido de pessoas que ao encarar a morte segura, repentinamente sentiam uma descarga de energia sexual que não podiam evitar.

Tão estrambótica e intensamente excitada, nem sequer viu que ele atava um lenço ao redor de sua boneca até que o apertou rapidamente, e foi muito tarde e ela estava atada a sua cama... sua pecaminosa e decadente cama. Movendo-se com urgência e graça desumana, habilmente atou a outra boneca feminina ao poste contrário.

Ela abriu sua boca para gritar, mas ele a apanhou com uma mão poderosa. Jazendo em cima dela, com o olhar fixo em seus olhos, ele disse fica, cuidadosamente, enunciando cada palavra:

—Se gritas, verei-me forçado a te amordaçar. Prefiro não fazê-lo, moça. Além disso, ninguém pode te escutar aqui de qualquer maneira. Esta é sua eleição. Qual será?—. Ele elevou sua mão infinitesimalmente, o suficiente apenas para que pudesse ouvi-la responder.

—N-ão me ela machuque murmurou.

—Não tenho intenção de te machucar, moça.

Mas o está fazendo, esteve a ponto dizer, logo se deu conta, com um rubor, que essa coisa dura cravando-se em seu quadril não era uma pistola, a não ser uma magnum de outro tipo.

Ele deveu ter visto algo em seus olhos, porque se levantou ligeiramente.

O que queria dizer, concluiu ela com enorme alívio, que não ia violar a. Um violador se teria desviado umas poucas polegadas à direita, não teria levantado seus quadris.

—Temo que vou ter que te manter aqui por um tempo, moça. Mas não sofrerá machuco em minhas mãos. Ponha atenção entretanto: um grito, um ruído forte, e te amordaçarei.

Não havia misericórdia em seu olhar. Ela sabia o que ele queria dizer: podia estar só maça, ou atada e amordaçada.

A jovem negou com a cabeça, logo assentiu, muito aturdida para saber se se supunha que devia dizer sim ou não.

—Não gritarei— prometeu ela rigidamente. Ninguém pode te escutar aqui de qualquer maneira. Deus, isso devia ser verdade. No nível do penthouse, as paredes eram grossas, não havia ninguém acima, e se deixava em paz à elite a menos que demandassem algo. Provavelmente poderia desgañitar-se gritando, e ninguém acudiria.

—Boa garota— disse ele, levantando a cabeça do Chloe com uma palma e escorregando um travesseiro gordinho baixo ela

Logo, em um movimento veloz, gracioso, ele se levantou da cama e saiu do dormitório, fechando a porta detrás de si, deixando-a sozinha, atada por lenços de seda à pecaminosa cama do Fantasma Gaulish.

Ela era do tipo que um homem conservava.

Dageus amaldiçoou brandamente em cinco idiomas, recordando seu pensamento de mais cedo, passando a palma da mão sobre suas calças. Não ajudou. Certamente, acentuava o problema: sua ereção estava feliz por qualquer atenção.

Olhando com cenho, foi ante a parede de janelas, contemplando a cidade sem olhá-la realmente.

Tinha dirigido todo mal. Tinha-a assustado. Mas não tinha podido lhe oferecer palavras tranquilizadoras, pois tinha tido que apartar-se rapidamente, para evitar lhe dar o que seu sangue tinha estado uivando por fazer. Embora se disse a si mesmo que tinha pressionado seus lábios contra os dela unicamente para distraí-la enquanto a amarrava, tinha-a beijado porque o tinha necessitado, porque, simplesmente, não tinha sido capaz de evitá-lo. Tinha sido um sabor breve, doce, sem língua, pois sabia que se cruzava essa barreira, teria se perdido. Jazer em cima dela tinha sido pura agonia, sentindo o sussurro da escuridão desenroscar-se dentro dele, sabendo que empurrar dentro dela faria retroceder as sombras. Sentindo-se frio e faminto, fazendo ao mesmo tempo um intento desesperado para ser humano e amável.

Tinha ido aos Claustros, contente de quão firmemente se desfeito de todos os pensamentos sobre a moça escocesa. Ali, tinha descoberto que o pacote estava rumo a seu apartamento, enquanto que ele tinha ido buscá-lo. O procurador, muito adulator e efusivo, tinha-lhe assegurado que Chloe Zanders o estaria esperando, pois alguém chamado Bill já tinha retornado,

havendo-a deixado em sua direção.

Mas a moça não tinha estado abaixo e na mesa de Segurança, piscando os olhos o olho e sorrindo abertamente, haviam-lhe dito que sua “entrega” o aguardava no piso superior.

Ao não encontrar a mulher do museu na hall, tinha percorrido com o olhar o quarto, e então tinha ouvido ruídos acima.

Tinha subido velozmente as escadas e entrado em seu dormitório, só para descobrir o mais precioso par de pernas que alguma vez tinha visto, aparecendo debaixo de sua cama. Coxas suculentas que quis morder, tornozelos magros, bonitos e pequenos pés com talões altos e delicados.

Umas belas pernas femininas. A cama.

Essas duas coisas, a curta distância, uniram-se para desviar tudo o sangue de seu cérebro.

As pernas se viram alarmantemente familiares e se assegurou a si mesmo que estava imaginando coisas.

Logo a tinha extraído à força por um tornozelo e tinha confirmado a identidade da moça atribuída a essas pernas divinas, e seu sangue, que tinha cozido a fogo lento até então, rompeu a ferver a toda marcha.

Com o olhar fixo em seu traseiro bem proporcionado enquanto ela tinha jazido imóvel sobre seu estômago, lhe provocando um exército de fantasias, tinha-lhe levado vários momentos dar-se conta de que ela repousava em meio de seus livros “emprestados”.

Quão último precisava era aos oficiais da lei do século vinte e um lhe seguindo a pista. Tinha muito que fazer, e muito pouco tempo para fazê-lo. Não podia permitir-se complicações.

Não estava preparado para deixar Manhattan ainda. Havia dois textos finais que precisava verificar.

Pelo Amergin, se quase tinha terminado! Uns poucos dias no máximo. Não necessitava isso! por que agora?

Inspirou profundamente, exalou lentamente. Repetiu-o várias vezes.

Não tinha tido alternativa, assegurou-se a si mesmo. Tinha sido sensato ao apanhá-la imediatamente. Pelos seguintes poucos dias, até que terminasse sua tarefa, ia simplesmente a ter que mantê-la cativa.

Apesar de que podia usar magia, criar um feitiço de cor para fazê-la esquecer o que tinha visto, não estava disposto a arriscar-se. Não só eram os feitiços de cor costure delicadas e freqüentemente daninhas, tomando mais memória que a pretendida ao princípio, mas sim usaria magia só se não houvesse forma humana para dirigir a situação. Sabia qual era o custo em cada oportunidade. Os feitiços minúsculos para obter os textos que precisava eram outra coisa.

Não. Nada de magia. A moça teria que suportar um breve tempo de cômoda cautividade enquanto ele acabava de traduzir os tomos definitivos, logo se iria, e a liberaria em algum sítio junto ao caminho.

Junto ao caminho para onde?, demandou sua consciência. Aceita finalmente que vais ter que retornar?

Suspirou. Os passados poucos meses tinham confirmado o que tinha suspeitado desde o começo: havia só dois lugares onde poderia encontrar a informação que necessitava: nos museus da Irlanda e Escócia, ou na biblioteca MacKeltar.

E a biblioteca MacKeltar era de longe a melhor opção.

Tinha-o estado evitando a toda costa, posto que estava carregada de perigos inumeráveis e variados. Não só a terra de seus antepassados fazia que sua escuridão interior se fortalecesse, mas também temia confrontar a seu irmão gêmeo. Admitir que tinha mentido. Admitir o que era.

depois de discutir cruelmente com sua p, Silvan, e sabendo que a cólera e a decepção em seus olhos tinha sido o suficientemente má, Dageus não estava seguro de estar preparado alguma vez para confrontar a seu irmão gêmeo, o irmão que nunca tinha quebrado um juramento em sua vida.

Do entardecer em que tinha quebrado seu voto e se tornou escuro, Dageus não tinha levado as cores de seu clã, embora uma gasta parte de seu plaid Keltar estava enrugado sob seu travesseiro. Algumas tardes, depois de que se assegurou de que quem quer fora a mulher de volta estivesse em um táxi (embora se deitava com muitas, não compartilhava sua cama com nenhuma), apertava sua mão ao redor do pedaço de tecido, fechava os olhos e fingia que estava nas Terras Altas outra vez. Um simples homem, nada mais.

Tudo o que queria era encontrar a maneira de arrumar o problema, para desfazer-se dos escuros por si mesmo. Então recuperaria sua honra. Então, orgulhosamente, poderia confrontar a seu irmão e reclamar sua herança.

Se esperas muito tempo, advertiu essa voz fastidiosa, poderia não te importar reclamá-la. Inclusive poderia não entender o que significa.

Afastou com força esses desagradáveis pensamentos, e eles flutuaram brandamente, com intensidade alarmante, diretamente de retorno à moça atada a sua cama. Atada vulnerável e impotentemente a sua cama.

Pensamento perigoso, esse. Parecia que todos os que sempre tinha eram pensamentos perigosos.

Passando uma mão através de seu cabelo, forçou-se a centrar sua atenção no texto que ela tinha deixado na mesita de café, recusando-se a insistir no fato desconcertante de que uma parte dele tinha dado um olhar à moça tão perto de sua cama e havia dito simplesmente: Minha.

Como se do momento em que a tinha visto, que ele a reclamasse tivesse sido tão inevitável como o amanhecer.

Várias horas mais tarde, as emoções voláteis do Chloe tinham percorrido o espectro completo. Estava muito exausta para ter medo, descendo em picada do regozijo efusivo, por um momento, por ter insultado a seu seqüestrador, e depois completamente enojada consigo mesma por sua impetuosa curiosidade.

É curiosa como uma gatita, mas um gato tem nove vistas, Chloe, o avô estava acostumado a dizer. Você tem somente uma. Tome cuidado com o que faz.

Pode dizê-lo outra vez, pensou, escutando atentamente para comprovar se podia ouvir o ladrão circulando ali fora. Seu

penthouse tinha um desses sistemas de música que podia ouvir-se em cada quarto e, depois de uma inicial explosão dolorosamente forte de uma canção opressiva que soou sospeitosamente como essa canção do Nine Inch Nails que tinha sido censurada do ire uns poucos anos atrás, o tipo tinha posto música clássica. Tinha sido obsequiada com uma mescla de concertos de violino nas passadas poucas horas.

Se o que tentava era tranquilizá-la, não o tinha obtido.

Não ajudou que lhe picasse o nariz e a única forma em que podia arranhar-se era enterrar sua face nos travesseiros e sacudir a cabeça.

perguntou-se quanto tempo poderia passar antes de que Bill e Tom comessem a perguntar-se onde se colocou. Certamente iriam procurar a, verdade?

Não.

Embora ambos expressariam: “mas Chloe nunca se desvia de sua rotina”, nem questionariam nem acusariam ao Dageus MacKeltar. depois de tudo, quem em seu são julgamento acreditaria que o homem era algo mais que um rico colecionador de arte? Se perguntava, seu capturador simplesmente diria: “Não, ela deixou isto e se foi, e não tenho idéia de aonde”. E Tom lhe acreditaria, e ninguém o pressionaria, porque os homens como Dageus MacKeltar não eram da classe que alguém questionava ou pressionava gratuitamente. Ninguém jamais imaginaria como um seqüestrador e um ladrão. Ela era quão única sabia que as coisas não eram assim, e só porque tinha permanecido idiotamente enfatuada com seus artefatos e tinha ido bisbilhotando até seu dormitório.

Não, embora Tom poderia enviar ao Bill a dar uma volta por ali essa tarde, ou mais provavelmente a manhã seguinte, para perguntar a que horas se partiu Chloe, isso seria tudo. Em um ou dois dias, imaginava que Tom realmente começaria a preocupar-se, chamá-la casa, passar de visita, inclusive poderia reportar a como desaparecida à polícia, mas havia montões de desaparecimentos sem explicar em Nova Iorque todo o tempo.

Um grande, grande confusão, certamente.

Com um suspiro, soprou uma lhe façam cócegas fio de cabelo de sua face e se arranhou novamente o nariz no travesseiro. Ele cheirava bem, o descarado, malvado e lascivo. Promíscuo, valentão, amoral, cleptomaniaco, o mais vil do vil, violador de textos inocentes.

—Ladrão— resmungou com um pequeno cenho.

Inspirou, logo se conteve. Não ia admirar seu perfume. Não ia apreciar nenhuma condenada coisa dele.

Suspirando, deslizou-se serpenteando no alto da cama até apoiar-se, um pouco mais reta, contra o cabecero.

Estava atada à cama de um homem estranho. Um criminoso a quem de boa vontade daria uma patada.

—Chloe Zanders, tiveste toda aula de problemas— se queixou, provando os laços sedosos pela centésima vez—. Mas este é o pior—. Não muito apertado, mas inquebrável. O homem sabia como atar nós.

por que não a tinha machucado?, perguntou-se. E simplesmente que demônios tinha intenção de fazer com ela? Os fatos eram bastante simples e grandemente horrendos; ela tinha conseguido entrar na guarida de um ladrão perito, ardiloso, e de primeira classe. Não uma trombadinha ou um ladrão de bancos, a não ser um professor de ladrões que forçava a entrada em lugares impossíveis e roubava tesouros fabulosos.

Estas não eram coisas de escassa importância.

Não havia milhares de dólares dependendo de seu silêncio, a não ser milhões.

Tremeu. Esse pensamento deprimente poderia enviar a diretamente à histeria, ou pelo menos, a uma rajada potencialmente terminal de soluços.

Desesperada-se por uma distração, retorceu-se tão perto do bordo da cama como os laços lhe permitiram, e olhou com atenção para baixo, nos textos roubados.

Suspirou ansiosamente, desejando tocá-los. Entretanto, sem ser os originais (qualquer original que valesse a pena estava indubitavelmente resguardado no Royal Irish Academy ou no Trinity College Library), eram deliciosas cópias medievais tardias. Um deles tinha cansado aberto, revelando uma preciosa página com letras maiúsculas irlandesas, as letras gloriosamente embelezadas com o intrincado trabalho de nós entrelaçados pelos quais os celtas eram célebres.

Havia uma cópia do Lebor Laignech (o Livro do Leinster), o Leborna Huidre (o Livro da Vaca Parda), o Lebor Gabala Erenn (o Livro das Invasões), e vários textos menores do Ciclo Mitológico.

Fascinante. Todos falavam dos antigos dias das fadas, ou da Irlanda, cheios de contos sobre os Partholonianos, os Nemedianos, o Fir Bolg, os Tuatha do Danaan, e os Milesios. Ricos em lenda e magia, e continuamente debatidos pelos estudiosos.

por que os queria ele? Estava vendendo-os para financiar seu fabuloso estilo de vida? Chloe sabia que havia colecionadores privados aos que não lhes importava um nada de onde se obtinham os artigos, sempre que puderam possuí-los. Sempre havia um mercado para os artefatos roubados.

Mas, sentiu saudades, tinha só artefatos celtas. E sabia com segurança que a maior parte das coleções que tinham sido assaltadas tinham em seu haver muitos artigos mais valiosos de muitas culturas diferentes. Objetos que não se levou.

O qual queria dizer, por alguma razão, que era altamente seletivo e não estava motivado somente pelo valor do artigo.

Negou com a cabeça, confundida. Não tinha sentido. Que classe de ladrão não se sentia motivado pelo valor dos artigos? Que classe de ladrão roubava um texto menos cotizado e deixava dúzias de artigos mais valiosos sãs e salvos uma vez que se havia feito o trabalho de transpassar a segurança? E como tinha conseguido vulnerar a segurança? As coleções que tinha roubado tinham alguns dos sistemas alarmes anti-roubo mais sofisticados do mundo, o que requeria puro gênio para penetrá-los.

A porta repentinamente se abriu, e ela saltou precipitadamente longe do bordo da cama, assumindo sua expressão mais inocente.

—Tem fome, moça?— disse ele com seu profundo acento, pronunciando a “r” de forma gutural, percorrendo-a com o olhar desde da porta a meias aberta.

—Q-o que?—. Chloe piscou. Não só o homem covarde não a mataria, mas também ia alimentar a?

—Tem fome? Preparava comida para mim mesmo e me ocorreu que possivelmente tivesse fome também.

Chloe refletiu por um momento. Tinha fome? Estava completamente esfomeada. ia ter que usar o quarto de banho logo. O nariz lhe picava e sua saia tinha ficado apinhada para cima outra vez.

E em meio de tudo, sim, tinha fome.

—Uh huh— disse com cautela.

Só depois de que partisse lhe ocorreu que talvez assim era como ia despachar a: envenenando-a!

Capítulo 4

Salmão esquentado, stovies e escinco a cullen. Uma salada de frutos secos e arândanos. Um prato de queijos escoceses, torta doce com manteiga e geléia. Veio espumoso em taças Baccarat.

Morte por deliciosa cozinha escocesa e cristal fino?

—Pensei que traria um sanduíche de manteiga de amendoim ou alguma coisa assim— disse Chloe cuidadosamente.

Dageus colocou o prato final na cama e a olhou. Seu corpo inteiro se esticou. Cristo, ela era uma fantasia feita realidade em sua cama, recostada contra o cabecero, suas bonecas atadas aos postes. Era todas curvas suaves, sua saia montando acima de suas coxas doces, tentando-o com vislumbres proibidos, um suéter ajustado abraçando seu seios cheios e redondos, o cabelo desgrenhado em torno de sua face, seus olhos dilatados e tempestuosos. Não tinha dúvida de que era virgem. Sua resposta a seu curto beijo havia dito isso e muito mais. Nunca tinha tido a uma moça como ela em sua cama. Nem sequer em seu próprio século, onde até as moças de bom berço tinham dado aos irmãos Keltar um amplo espaço de manobra. Os rumores a respeito “desses bruxos pagãos” tinham sido muito abundantes nas Highlands. Entretanto, as mulheres experimentadas, as mulheres casadas e as criadas, tinham procurado ansiosamente suas camas, mas evadido laços mais permanentes.

sentem-se atraídas por perigo, mas não pensam viver com ele, havia-lhe dito Drustan uma vez, com um sorriso amargo. Gostam de acariciar a sedosa pele da besta, sentir seu poder e sua ferocidade, mas sem dúvida alguma, irmão, nunca, nunca, confiarão na besta perto de seus meninos.

Pois bem, era muito tarde. Ela estava com a besta gostasse ou não.

Se só se ficou na rua, teria estado a salvo dele. A teria deixado em paz.

Faria o mais honorável e a teria apagado de sua mente. E se por acaso a tivesse encontrado outra vez, friamente teria dado meia volta e caminhado em outra direção.

Mas era muito tarde para atuar com honra. Ela não se ficou na rua como uma boa moça. Estava ali em sua cama. E ele era um homem, e não um muito honorável para o caso.

E quando a deixará em liberdade?, vaiaram os farrapos de sua honra.

Deixarei-a tão deleitada que não o lamentará. Algum outro parvo lhe balbuciem a machucaria. Excitarei-a em formas que nunca esquecerá. Darei-lhe fantasias que esquentarão seus sonhos pelo resto de sua vida.

E esse era o fim dessa discussão, no que a ele concernia. Necessitava-a. A escuridão interior se fazia mais e mais selvagem sem uma mulher. Já não tinha a possibilidade de entreter ao Katie, ou outras mulheres, em sua casa. Mas a sedução, não a conquista, era o prato forte na mesa nessa oportunidade. Cedeu-lhe essa noite, possivelmente a manhã, mas dentro de pouco tempo seria a conquista.

—Então, hum, vais desatar me?

Com esforço, ele arrancou o olhar de sua saia retorcida. Tinha apertado seus joelhos de todos os modos.

Moça sábia, pensou sombriamente, mas isso não será necessário à larga.

Ela disse friamente:

—Não pode me seqüestrar assim nada mais.

—Mas posso.

—Há pessoas que me buscarão.

—Mas não aqui. Ninguém me interrogará, sabe.

Quando ele se moveu com cuidado na cama para confrontá-la, ela se esmagou contra o cabecero.

—Não sofrerá nenhum machuco em minhas mãos, moça. Dou-te minha palavra.

A jovem abriu a boca e logo a fechou, como se tivesse trocado de opinião. Logo pareceu trocar seu propósito uma vez mais, encolheu-se de ombros, e disse:

—Como posso te acreditar? Estou sentada em meio de todas estas coisas furtadas e me ataste. Não posso evitar me preocupar a respeito de suas intenções para comigo. Então, o que fará?—. Quando ele não respondeu imediatamente, ela adicionou com calor—: Se for me matar, advirto-te que te assustarei até o fim de seus desprezíveis dias. Farei de sua vida um inferno. Farei que a legendaria banshee pareça comedida e agradável em comparação. Você... você... visigodo bárbaro— estalou.

—Och, e o que tem que seu sangue escocês, moça?— disse ele com um sorriso débil—. Acaba de me dar uma delicada

amostra de seu temperamento. Embora “visigodo” seja um pouco inverossímil, já que logo que faço algo tão épico como saquear Roma.

Ela o olhou com o cenho franzido.

—Montões de livros se perderam também nessa época.

—Os trato com cuidado. E não precisa preocupar-se, moça. Não te farei mal. Não farei nada que não deseje que faça. Pode que tenha pedido emprestados alguns tomos, mas essa é a extensão de meus delitos. Irei logo. Quando o fizer, liberarei-te.

Chloe contemplou sua face fixamente, pensando que realmente não lhe tinha gostado dessa parte de “não farei nada que não queira que faça”. O que tinha querido dizer com isso? Imóvel, seu olhar fixo permanecia equânime. Não podia supor por que ele se tomara a moléstia de mentir.

—Quase poderia acreditar que o diz sinceramente— disse finalmente ela.

—Faço-o, moça.

—Hmph— resmungou sem comprometer-se. Uma pausa, e depois—: Então, por que o faz?— perguntou, assinalando com sua cabeça em direção aos textos roubados.

—Tem importância?

— Pois bem, pode que não, mas em certo modo a tem. Sabe?, conheço essas coleções que roubou. Havia muitas antiguidades mais valiosas nelas.

—Procuro certa informação. Simplesmente os pedi emprestado. Serão devolvidos quando for.

—E a lua é feita de queijo— disse ela secamente.

—Farei-o, embora não cria em mim.

—E as outras coisas que roubaste?

—O que outras coisas?

— Todas essas coisas celtas. As facas e as espadas e os distintivos e as moedas e...

—Todo isso é meu por direito de nascimento.

O propinó um olhar cético.

—De verdade.

Chloe bufou.

—Este é o Regalia Keltar. Eu sou um Keltar.

Seu olhar se voltou especulativo.

—Está dizendo que as únicas coisas que realmente roubaste são os textos?

—Emprestado. E sim.

—Não sei o que pensar— disse ela, negando com a cabeça.

—O que dizem suas vísceras... não, essa não é a palavra correta... o que dizem seus instintos?

Ela o olhou fixamente, tão intensamente que pareceu brocá-lo. Ele se perguntou se uma moça alguma vez o tinha cuidadoso tão penetrantemente antes, como tratando de indagar as profundidades de sua alma, até o mais escuro de seu coração. Como o julgaria essa inocente? Condenaria-o como ele se condenou a si mesmo?

depois de alguns momentos, ela se encolheu de ombros e o instante se perdeu, quase inadvertido.

—Que classe de informação está procurando?

—Esta é uma larga história, moça— se evadiu, com um sorriso zombador.

—Se me deixa ir, realmente não lhe direi nada a ninguém. Prefiro permanecer viva que me afundar em remorsos morais. Essa sempre foi uma coisa muito fácil para mim.

—Uma coisa muito fácil?— repetiu ele lentamente—. Uma decisão simples?

—Decisão simples?

Chloe piscou.

—Sim—. O olhou fixamente. A julgar por uma certa quantidade de palavras que ele usava e a forma em que ocasionalmente fazia uma pausa, como se refletisse sobre um término ou frase, lhe ocorreu que possivelmente o inglês não fora sua língua materna. Ele tinha entendido o francês. Com curiosidade, examinando-o, perguntou-lhe em latim se o gaélico era sua língua materna.

Ele respondeu em grego que o era.

Jesus, o ladrão não era só esplêndido, era também poliglota! Começava a sentir-se traiçoeiramente como Rene Russo outra vez.

—Realmente os estas coisas, não é assim?— disse com dúvida—. por que?

—Disse-lhe isso, moça, procuro algo.

—Pois bem, se me disser o que, talvez possa te ajudar—. No instante que as palavras deixaram sua boca, sentiu-se horrorizada—. Não quis dizer isso— se retratou precipitadamente—. Não me ofereci a ser cúmplice de um criminoso.

—É uma moça curiosa, não é certo? Suspeito que freqüentemente tira o melhor de ti—. Ele gesticulou para a comida—. Isto se esfria. O que você gostaria de comer?

—Algo que coma primeiro— disse ela instantaneamente.

Um olhar de incredulidade cruzou sua face.

—Pensa que te envenenaria?— disse ele indignado.

Quando o disse, soou como se fora um pensamento patentemente ridículo e perfeitamente paranóico.

—Pois bem— disse ela à defensiva—, como posso sabê-lo?

O propinó um olhar admoestadora. Logo, sustentando seu olhar, tomou um bocado cheio de cada prato.

—Possivelmente só possa matar em grandes dose— rebateu a jovem.

Hasteando uma sobranceira, ele tomou dois bocados mais.

—Minhas mãos estão atadas. Não posso comer.

Ele sorriu então, um sorriso sexy que a fez tremer.

—Och, mas pode fazê-lo, moça— ronronou ele, atravessando com um garfo uma fatia branda de salmão e levantando-o para seus lábios.

—Está brincando— disse ela rotundamente, mantendo os lábios fortemente fechados. OH, não, ele não ia danificar a, simplesmente ia torturar a, tentando-a, fingindo que lhe resultava atrativa, e observando ao Chloe Zanders converter-se em um idiota lhe balbuciem ao ser alimentada pela mão do homem mais incrivelmente magnífico desse lado do Atlântico. De maneira nenhuma. Não ia fazer o.

—Abre a boca— a insistiu ele.

Ela disse tercamente:

—Não tenho fome.

—É muito teimosa.

—Não o sou.

—Agradecerá-me isso na manhã— disse ele, com um sorriso débil jogando bordo de seus lábios sensuais.

Chloe entrecerró seus olhos.

—por que está fazendo isto?

—Uma vez, faz muito tempo, em Escócia, um homem selecionava o mais fino de seu prato e alimentava a sua mulher—. Seu brilhante olhar dourado se uniu a dela—. Só depois de que tivesse satisfeito os desejos de sua mulher por completo, ele poderia saciar os seus.

Whuh. Esse comentário foi diretamente a seu ventre, enchendo o de mariposas. Prosseguiu direto a umas poucas outras partes também, parte nas que era preferível não pensar. Não só era um mulherengo, era um sedutor. Rigidamente, ela apertou os dentes.

—Não estamos na antiga Escócia, não sou sua mulher, e além disso apostaria que ela não estaria atada.

Ele sorriu e ela compreendeu por fim o que era o que a incomodava de seu sorriso: embora ele tinha sorrido várias vezes, sua diversão nunca parecia alcançar seus olhos. Como se o homem nunca realmente baixasse o guarda, sem relaxar-se nunca por completo. Conservava alguma parte de si mesmo apartada, guardada sob chave. Ladrão, seqüestrador e sedutor de mulheres: o que outros secretos escondia detrás desses olhos frios?

—por que te opõe para mim? Pensa que te poderia assassinar com meu garfo?— disse com pouca seriedade.

—Eu...

Salmão em sua boca. Ladrão trapaceiro. E estava bom. Cozinhava à perfeição. Ela trágou apressadamente.

—Isso não foi justo.

—Mas estava bom?

Ela o olhou furiosamente, em um silêncio decidido.

—A vida não é sempre justa, moça, mas isso não significa que apesar de tudo não possa ser doce.

Desconcertada por sua profunda reflexão, Chloe decidiu que seria mais sábio simplesmente render-se. Só Deus sabia o que ele poderia fazer se ela se negasse, e além disso, tinha fome. Suspeitava que poderia brigar com ele até que lhe pusesse a face azul, e não chegariam a nenhuma parte. O homem ia alimentar a e isso era tudo.

E francamente, quando ele estava sentado ali na cama, tão pecadoramente esplêndido e brincalhão e fingindo flertar... era um pouco difícil de resistir, embora ela sabia que era simplesmente alguma classe de jogo para ele. Quando tivesse setenta anos (assumindo que sobrevivesse ilesa), sentando-se em sua cadeira de balanço com seus netos crescidos em torno dela, poderia refletir na lembrança da noite estranha em que o irresistível Fantasma Gaulish a tinha alimentado a bocados de pratos escoceses e sorvos de vinho fino em seu penthouse em Manhattan.

O ligeiro roce de perigo no ar, a sensualidade incrível do homem, o valente de sua situação se combinava para fazê-la sentir-se um pouco imprudente.

Não sabia que pudesse ser assim.

sentia-se... bom... mas bem intrépida.

Horas mais tarde, Chloe jazia às escuras, observando o fogo crepitar e faiscar, sua mente correndo a toda velocidade a respeito dos acontecimentos do dia, sem alcançar nenhuma conclusão satisfatória.

Tinha sido, por muito, o dia mais estranho de sua vida.

Se alguém lhe houvesse dito essa manhã, quando se tinha metido em seus pantys e seu traje, como se desenvolveria essa quarta-feira ordinária, frio e úmido pela garoa de março, teria se rido tomando-o como puros disparates.

Se alguém lhe houvesse dito que terminaria o dia amarrada a uma cama suntuosa em um penthouse luxuoso sob a custódia do Fantasma Gaulish, observando o fogo consumir-se até as brasas, bem alimentada e sonolenta, teria escoltado a essa pessoa ao distrito psiquiátrico mais próximo.

Estava assustada. OH, a quem tratava de enganar? Embora estivesse envergonhada de admiti-lo, estava tão fascinada como assustada.

A vida havia feito um giro decididamente amalucado e ela não estava tão alterada como suspeitava que provavelmente

deveria estar. Era um pouco difícil obrigar-se a gente mesmo a sentir um ataque satisfatório de temor por sua vida, quando o seqüestrador era um homem tão intrigante e sedutor. Um homem que cozinhava uma comida escocesa completa para seu prisioneira, acendia fogo para ela, e tocava música clássica. Um homem inteligente, bem educado.

Um homem pecadoramente sexy.

Quando não só a gente não tinha sido prejudicado, mas também tinha sido muito tentadoramente beijado.

E embora não tinha idéia do que o amanhã traria, estava curiosa por inteirar-se. O que poderia estar procurando ele? Era possível que somente fora o que havia dito, um homem rico que necessitava certa informação por alguma razão, que ao não poder obter de maneira legítima os textos que precisava os roubava, com a intenção de devolvê-los?

—Claro. Tome por estúpida—. Chloe pôs seus olhos em branco.

Apesar de tudo, se o pensava bem, arruinando suas idéias de etiquetá-lo pulcramente como um ladrão, estava o fato de que ele tinha doado valiosos artefatos autenticados em troca do terceiro Livro do Manannan.

por que faria o Fantasma Gaulish algo assim? O fato simplesmente não tinha sentido para o perfil de um mercenário de sangue-frio. Estalava de curiosidade. Por muito tempo tinha suspeitado que essa mesma curiosidade um dia poderia ser sua perdição e, certamente, tinha-a feito aterrissar em um bom apuro.

depois do jantar, ele a tinha desatado e a tinha escoltado ao quarto de banho contíguo à suíte principal (guiando-a um pouco muito perto para sua comodidade, fazendo-a dolorosamente consciente das duzentas libras de vantagem de sólido músculo varonil atrás dela). Uns poucos minutos e um golpe mais tarde, lhe tinha informado que tinha colocado uma camisa e uma calça fora da porta (ele os tinha chamado treads).

Ela tinha passado trinta minutos no quarto de banho fechado, primeiro bisbilhotando por um ducto de calefação que tivesse o tamanho conveniente para que entrasse uma pessoa, do mesmo tipo que freqüentemente se via no cinema mas nunca se encontrava na vida real, logo deliberando sobre se escrever uma mensagem do S.O.S. com lápis de lábios na janela poderia obter algo. Além de que ele o encontrasse e se irritasse. Finalmente não havia feito nenhuma decisão. Não ainda, de qualquer maneira. Não havia nenhuma necessidade de alertar o de suas intenções de escapar à primeira oportunidade.

Não se havia sentido o suficientemente valente para arriscar-se a despir-se e dar uma ducha, inclusive com a porta fechada, assim que se lavou um poquito, logo se havia demaquillado, escovado os dentes com a escova de dentes de seu anfitrião, porque não havia maneira de que se deitasse sem fazê-lo. havia-se sentido estranha usando-o. Nunca tinha usado a escova de dentes de um homem antes. Mas depois de tudo, tinha racionalizado, tinham comido do mesmo garfo. E quase tinha tido sua língua em sua boca. Honestamente, lhe teria gostado de ter sua língua em sua boca, sempre que tivesse a segurança de que terminaria ali. (Não ia converter se no seguinte par de calcinhas sob sua cama, nem que tivesse tido algumas que deixar.)

afogou-se nas roupas que lhe tinha deixado, mas ao menos quando a tinha reatado à cama, não tinha tido que preocupar-se de que sua saia subisse. A corda na cintura das calças era quão único a tinha salvado de cair rodado ao redor de dez vezes, com a camisa até os joelhos. Não ter postas as calcinhas era um pouco desconcertante.

Ele a tinha agasalhado sob a colcha. Tinha provado os laços. Tinha-os prolongado ligeiramente para que ela pudesse dormir com mais comodidade.

Logo se tinha levantado o bordo da cama um momento, contemplando-a com uma expressão insondável em seus exóticos olhos dourados. Crispada, ela tinha quebrado o contato visual primeiro e tinha começado a rodar na medida em que foi capaz sobre seu flanco, afastando-se dele.

Jesus, pensou, com as pálpebras pesadas e sonolentos. Cheirava como ele. Seu aroma a rodeava.

Começou a ficar dormida. caía de sonho. Não podia acreditá-lo: em condições tão atroz e cheias de tensão, caía de sonho.

Pois bem, disse-se a si mesmo, necessitava seu sonho para que seu engenho se achasse afiado a amanhã seguinte. Amanhã escaparia.

Ele não tinha tratado de beijá-la outra vez, foi seu pensamento final, ligeiramente triste, e completamente ridículo antes de que flutuasse brandamente para o sonho.

Várias horas mais tarde, muito alterado para dormir, Dageus estava na sala de estar, escutando a chuva tamborilando contra as janelas e tratando de concentrasse no Midhe Codex, uma coleção de, em sua maior parte, mitos absurdos e profecias vagas (“uma desordem maciça de miscelâneas medievais” um renomado estudioso o tinha chamado, e Dageus começava a estar de acordo), quando o telefone soou. Ele o percorreu com o olhar prevenidamente, mas não se levantou para responder.

Uma pausa larga, um pip, logo:

—Dageus, sou Drustan.

Silêncio.

—Sabe como ódio falar com as máquinas. Dageus?

Um comprido silêncio, um suspiro pesado.

Dageus converteu em punhos suas mãos, as desempunhó, logo deu massagem a suas têmporas com os talões de sua Palmas.

—Gwen está no hospital...

A cabeça do Dageus se ergueu em direção à secretária eletrônica, médio se levantou, mas se deteve.

— Teve contrações prematuras.

A preocupação na voz de seu irmão gêmeo esfaqueou o coração do Dageus. Gwen estava grávida de seis meses e meio e

esperava gêmeos. Conteve o fôlego, escutando. Não se tinha sacrificado tanto para reunir a seu irmão e sua esposa no século vinte e um, só para que algo ocorresse ao Gwen agora.

—Mas agora se encontra bem.

Dageus respirou de alívio e se afundou de novo no sofá.

—Os doutores disseram que algumas vezes ocorre no último trimestre, e sempre que ela não tenha mais contrações, considerarão lhe dar o alta na manhã.

Um momento cheio de silêncio, exceto o som débil da respiração de seu irmão.

—...Och, irmão, volta para casa—. Pausa. Brandamente—: Por favor.

Clique.

Capítulo 5

Dageus se sentia perigosamente perto de perder o controle.

—Isso quer dizer ‘ponte’, não ‘passadiço contíguo’— estava dizendo ela, olhando com atenção sobre seu ombro e assinalando o que ele recentemente tinha rabiscado nas notas que estava tomando. Uma parte do cabelo da moça caía sobre seu ombro e se derramava no assumo masculino. Era tudo o que ele podia fazer para não escorregar sua mão nela e devorar seus lábios para os dele.

Nunca deveria havê-la desatado esse amanhecer. Mas ela não podia escapar dele, e bordeaba o barbárico mantê-la maça à cama. Além disso, o mero pensamento dela atada à cama obcecava a parte mais escura de sua mente. Apesar de tudo, não era melhor a ter movendo-se erráticamente, examinando-o tudo, perseguindo-o com comentários e perguntas incessantes.

Cada vez que a olhava, um grunhido silencioso se levantava em sua garganta, a fome logo que reprimida, a necessidade de tocá-la e saboreá-la e...

—Não olhe sobre meu ombro, moça—. Seu perfume estava enchendo suas fossas nasais, incitando um torpor luxurioso. Perfume de mulher sensual e inocência. Cristo, não suspeitava que ele era perigoso? Possivelmente não abertamente, mas sim na forma em que um camundongo olhava a um gato e se mantinha sabiamente nas esquinas mais escuras de um quarto? Aparentemente não, pois ela falava até pelos cotovelos.

—Sou curiosa— disse malhumoradamente—. E o está traduzindo incorretamente. Isso diz, ‘Quando o homem das montanhas, a grande altura onde as águias amarelas se remontam, toma o... er pequeno, caminho ou viagem... na ponte que brincadeira a morte’... que curioso, a ponte que brincadeira a morte?... ‘os Draghar voltarão’. Quem som os Draghar? Nunca escutei a respeito deles. O que é isso? O Midhe Codex? Nunca escutei a respeito disso tampouco. Posso vê-lo? Onde o obteve?

Dageus negou com a cabeça. Ela era incontenible.

—Sente-se moça, ou te atarei outra vez.

Ela o olhou com fúria.

—Só trato de ser de ajuda...

—E por que? Sou um ladrão, recorda? Um visigodo bárbaro, como disse.

Ela franziu o cenho.

—Está no correto. Não sei o que me acontece—. Uma pausa larga. Depois, lhe lançou um olhar abrasadoramente cética—. É que simplesmente pensei que se realmente pensa devolvê-los, quanto mais logo acabasse com eles, mais logo o faria. Assim que te ajudaria por uma boa causa—. Assentiu com a cabeça impertinentemente, parecendo excessivamente contente com sua racionalização.

Ele bufou e lhe indicou que se sentasse. Era evidente que a moça estava obcecada com as antiguidades e era tão curiosa como comprido era o dia. Seus dedos, de fato, encrespavam-se distraidamente cada vez que olhava o Codex, como se ansiasse tocá-lo.

Gostaria de vê-la desejando tocá-lo a ele dessa maneira. As mulheres mais sofisticadas quase o empurravam à cama, mas nunca tinha seduzido a uma virgem antes. Pressentiu que ela resistiria ao pensamento ao mesmo tempo o divertiu e o estimulou.

De mau humor, ela se deixou cair pesadamente no sofá frente a ele, cruzou seus braços e lhe cravou os olhos através das pilhas de textos e cadernos de apontamentos na mesita de café de mármore entre eles. Os lábios exuberantes franzidos, um pé sapateando.

Um pé pequeno, nu e delicado, com unhas rosadas como o madrepérola, e os tornozelos magros aparecendo desde suas calças de correr enrolados. Vestida com uma de suas camisas de linho, as mangas levantadas até os cotovelos, que desde seus ombros se deixava cair sobre seu corpo delicado, seu cabelo desordenado ao redor sua face, era uma visão. O sol inconstante de março tinha decidido brilhar no momento, possivelmente, pensou ele, simplesmente para poder derramar-se na parede de janelas atrás dela, e beijar suas frisadas tranças acobreadas.

Tranças que lhe gostaria de sentir derramando-se sobre suas próprias coxas. Enquanto esses lábios rosados exuberantes...

—Come seu café da manhã— grunhiu, voltando para texto.

Ela entrecerrou seus olhos.

—Já o fiz. vou perder o emprego, sabe?

—O que?

—Meu trabalho. Me vão despedir se não me apresento ao trabalho. E então como viverei? Quero dizer, assumindo realmente que diz a sério isso a respeito de deixar ir.

Lhe dirigiu outro olhar furioso e altivo, logo jogou um olhar para a porta por doceava vez, e ele soube que estava perguntando-se se poderia fazê-lo antes de que ele a detivera. Isso não o preocupava. Inclusive se conseguisse atravessar a porta, nunca chegaria ao elevador a tempo. Sabia também que mais cedo tinha estado parada detrás dele, seu olhar flutuando entre um abajur pesado e o dorso de seu crânio. Mas não tinha tratado de lhe atirar um golpe com essa arma, moça sábia.

Possivelmente tinha visto sua tensa posição, possivelmente tinha decidido que seu crânio era muito duro.

Inspirou profundamente e soltou o ar com lentidão. Se não a tirava do quarto logo, ia saltar a mesa entre eles, imobilizá-la no sofá, e sair-se com a sua. E embora estava absolutamente disposto a fazê-lo, precisava terminar o Midhe primeiro Codex. A disciplina era uma parte crucial para controlar a maldade em seu interior. A primeira parte do dia era para trabalhar, a noite para a sedução, as horas da madrugada para mais trabalho. Tinha estado vivendo desse modo por muitas luas.

Era imperativo que conservasse as coisas pulcramente divididas em seções, pois com muita facilidade poderia perder-se se se permitia ceder a qualquer necessidade ou um desejo momentâneo. Só manter rigidamente suas rotinas, sem nunca desviar-se, provava-lhe que tinha seguras as rédeas.

Os Draghar, refletiu. Essa era a terceira menção deles que tinha encontrado. A fraseologia peculiar parecia referir-se a suas próprias ações. O homem das montanhas... a ponte que brincadeira a morte. Mas os quais ou o que eram os Draghar? Eram possivelmente algum bando dos legendários Tuatha do Danaan? Retornariam de seus míticos lugares ocultos para persegui-lo agora que tinha quebrado seu voto e tinha violado O Pacto?

Quanto mais profundo escavava nos tomos aos que nem ele nem Drustan previamente tinham dedicado um só pensamento, mais entendia que seu clã tinha esquecido, inclusive abandonado, muita de sua história antiga. A biblioteca Keltar era vasta, e em seus trinta e três anos logo que tinha estudado uma parte dela. Havia textos que os Keltar não haviam meio doido em muito tempo, durante centúrias ou possivelmente milênios. Havia também muitas tradições que um homem devia absorver em uma só vida, e verdadeiramente, não tinham tido necessidade de fazê-lo. Durante eones, feito-se descuidados e negligentes, olhando só para o futuro. Supôs que era a forma que os homens tinham de renunciar ao passado: viver no agora, a menos que repentinamente o passado se voltasse crucial. Se não tivessem esquecido tantas coisas, nunca teria entrado no círculo de pedras, assegurando-se a si mesmo que não havia nada mau espreitando-o ali por usar as pedras por motivos pessoais. Nunca haveria se medeio convencido a si mesmo de que os Tuatha do Danaan, uma raça incerta da que lhe tinham falado em términos ainda mais incertos, era só um mito, um conto de fadas tecida para dissuadir a um Keltar de fazer mau uso de seu poder. Nem tampouco tinha acreditado que estava abusando de seus poderes. Não tinha pensado em suas ações como “usá-los por motivos pessoais”. Bom, não de tudo, mas, não era o amor o major e mais nobre propósito de todos?

Ela tagarelava outra vez. O que teria que lhe fazer para que lhe desse um momento de paz?

Um sorriso depredador curvou seus lábios.

Ele olhou para cima. Levantou seus olhos do texto e a olhou, deixando deliberadamente que o que pensava lhe fazer —ou seja, tudo— se mostrasse em seu rosto e resplandecesse em seu olhar.

Ela aspirou um fôlego suave.

Com a cabeça inclinada para baixo, ele a olhou desde debaixo de suas sobrancelhas. Era a classe de olhar que um guerreiro poderia atirar a outro em um desafio, ou a classe de olhar que um homem dava a uma mulher que tinha a intenção, a fundo, de arrasar. Lentamente, com sensualidade preguiçosa, ele se umedeceu o lábio inferior. Deixou cair seu olhar da dela, para seus lábios e de volta outra vez.

Os olhos da moça se ampliaram, impossivelmente redondos, e tragou.

Ele apanhou seu próprio lábio inferior com seus dentes e lentamente o soltou, logo sorriu. Não era um sorriso destinado a reconfortar. Era um sorriso que prometia fantasias escuras. Quisesse-as ela ou não.

—Estarei no estudo— ela disse fracamente, saltando energicamente do sofá e virtualmente correndo do quarto.

Só depois de que ela tivesse saído ele fez esse ruído. Um grunhido comprido e desço de antecipação.

O coração do Chloe martelava furiosamente e não via uma maldita coisa enquanto fingia olhar fixamente os títulos dos livros nas prateleiras em seu estudo.

Céus, esse olhar! Deus Bendito!

Tinha estado ali sentado, frente a ela, luzindo impressionantemente esplêndido de negro de pés a cabeça, seu magnífico cabelo de meia-noite atirado para trás de sua face divina, essencialmente ignorando-a, mas logo tinha levantado seus olhos mas não sua cabeça do texto e lhe tinha dirigido um olhar que era a quintaessência do ardor sexual.

Ninguém jamais tinha cuidadoso ao Chloe Zanders dessa maneira. Como se ela fora algum tipo de sobremesa suculenta e ele acabasse de sair de um jejum de uma semana a pão e água.

E seu lábio... Deus, quando tinha apanhado e solto esse lábio inferior perversamente cheio com seus dentes, fazia que uma garota simplesmente queria tomar um bocado também. Por horas.

Acredito que o homem poderia planejar me seduzir, pensou com dúvida. Sim, sabia que era um mulherengo, e sim, a noite passada tinha parecido paquerar, mas não o havia feito a sério. Ela não era exatamente a classe de mulher que os homens como ele brigavam por conseguir. Chloe era bastante realista a respeito de seu aspecto geral; não era alta, de pernas largas, e certamente não era material para uma modelo, isso seguro.

Inclusive os tipos de Segurança haviam dito que ela não era seu tipo.

Mas esse olhar...

—Só o fez para te obrigar a sair, Zanders— resmungou para si mesmo—. E funcionou. Covarde galinha medrosa.

Esteve a ponto de entrar em correria de volta e lhe gritar por sua fanfarronada; na verdade, moveu-se para a porta e estava a ponto de sair, quando ele fez um som.

Um som que a fez tremer e fechar a porta outra vez.

E fechar com chave.

Um som animal e faminto.

Apoiando-se contra a porta, Chloe fez inalações lentas e profundas.

Havia algo mau em sua cabeça. tratava-se de um pouco relacionado sendo a refém de um criminoso, talvez fantasiando a respeito de beijos. Era uma coisa inteiramente distinta ser seduzida por ele. O homem vil era ao mesmo tempo um ladrão e um seqüestrador, e não devia esquecer isso.

Tinha que escapar antes de que fora muito tarde. antes de que inventasse razões, não somente para ser cúmplice de um criminoso, a não ser para lhe oferecer sua virgindade em bandeja de prata.

Quando Chloe avançou a rastros ao estudo meia hora mais tarde, o arrogante tipo realmente a deixou atravessar a porta antes de que se tomasse a moléstia de mover-se. Logo se levantou lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo, e lançou um olhar de decepção e admoestação cortês.

Como se ela estivesse fazendo algo mau.

Com rebeldia, Chloe blandiu a pequena espada que tinha roubado da coleção da parede, tendo decidido que era a mais adequada para seu tamanho, dezoito polegadas de aço afiado.

—Disse-te que não lhe direi nada a ninguém e não o farei. Mas não posso ficar aqui.

—Baixa a cuchilla, moça.

Chloe retorceu o trinco.

No momento preciso em que começou a abrir, ele se equilibrou sobre ela, e quando a porta não se abriu, a jovem ficou estupefata, pois não tinha estado fechada com chave ao princípio. Freneticamente, voltou-se para lutar, mas a palma do homem golpeou a porta por cima de sua cabeça e ele a apertou contra seu corpo. Instintivamente, ela levantou a espada e ele se esticou, enquanto a ponta se detinha finalmente sobre seu coração.

Cravaram os olhos o um no outro por um comprido momento. Fracamente, ela se precaveu de que o fôlego do Dageus era tão superficial como o seu.

—Faz-o, moça— ele disse serenamente.

—O que?

—me mate. Sou um ladrão. A evidência está aqui. Precisaré chamar à polícia, mas demonstrará que sou (ou fui) o Fantasma Gaulish, que te tive seqüestrada. Ninguém te culpará por me matar para escapar. Isso é o que qualquer moça honesta faria.

Ela ficou com a boca aberta. Matá-lo? Não gostou de ouvi-lo falar de si mesmo em passado. Fez brotar um nó frio e horrível em seu estômago.

—Faz-o— insistiu ele.

—Não quero te matar. Somente quero ir.

—Porque te tratei muito mal?

—Porque me tem seqüestrada!

—E tem que ser horrível, não é verdade?— burlou-se ele ligeiramente.

—Simplesmente dá um passo atrás— vaiou a moça. Quando ele deliberadamente pressionou seu corpo para frente contra a ponta da espada e ela sentiu sua pele tocar a cuchilla, ficou sem fôlego. Os lábios masculinos se curvaram em um sorriso frio.

E ela soube que se retirasse a folha afiada, brilharia vermelha com seu sangue. O nó horrível se uniu à náusea.

—me mate ou ponha no chão a espada— disse ele com intensidade mortífera—. Essas são suas opções. Suas únicas opções.

Chloe explorou seus olhos, esses olhos dourados e brilhantes. Pareceram redemoinhar com as sombras, trocando de cor, perdendo sua intensidade de âmbar derretido para o cobre fundido, mas isso não era possível. O momento era tenso de perigo, e ela teve o repentino e estranho sentimento de que algo... distinto... estava no penthouse com eles. Algo antigo e muito, muito frio.

Ou era simplesmente o frio desses olhos? sacudiu-se a si mesmo, dispersando seus pensamentos absurdos.

Ele estava sério. Dizia-lhe que devia matá-lo para sair dali.

E ela não poderia fazê-lo.

Não era inclusive nem remotamente possível. Não queria ao Dageus MacKeltar morto. Jamais o quereria morto. Inclusive se isso significasse que ele estivesse solto ali fora, um uva sem semente e um ladrão, belo como um anjo cansado, violando leis e roubando antiguidades.

Quando ela deixou cair a espada, a mão masculina se moveu em um borrão de movimento veloz como o raio. A jovem gritou, deixando cair a espada enquanto o brilho de prata de uma cuchilla formava um arco para sua face.

afundou-se na porta ao lado de sua orelha.

—Olhe isso, moça— ordenou ele.

—Q-o que?

—A adaga. Este é um skean dhu do século quatorze.

Ela girou a cabeça cautelosamente e olhou fixamente a cuchilla se sobressaindo da porta, logo dirigiu o olhar de volta a ele. Estava emparedada absolutamente por seis pés de músculo e homem, as Palmas masculinas a cada lado de sua cabeça. E uma faca perto de sua orelha. Ele o tinha tido em alguma parte de seu corpo todo o tempo. Poderia havê-lo usado contra ela em qualquer momento. Mas não o tinha feito.

—Você gosta de suas antiguidades, verdade, moça?

Ela assentiu com a cabeça.

—Toma-o.

Chloe piscou.

Ele deixou cair suas mãos repentinamente e deu um passo atrás.

—Vamos, adiante, toma-o.

Olhando-o com cautela, Chloe tirou a cuchilla da porta com um pequeno grunhido. Requereu ambas as mãos liberá-lo.

—OH— suspirou. O punho, tachonada com esmeraldas e rubis, era deliciosa. A folha mais fina que tinha visto em toda sua vida deve valer uma fortuna! Está em ótimas condições. Não há nem sequer o entalhe mais diminuto na folha! Tomaria algo por isso.

Ou, temia-se, poderia fazê-lo ela.

—Isto é meu. No punho pode ver a montanha Keltar. Agora é teu. Para quando te partir. Se por acaso perde seu emprego.

Ele deu meia volta e retornou com passo impetuoso ao sofá.

Quando se sentou e reatou seu trabalho no texto, Chloe permaneceu em um silêncio atordado, seu olhar flutuando desde ele ao skean dhu e de volta outra vez. Várias vezes abriu sua boca para falar, logo a fechou.

Suas ações simplesmente tinham demonstrado, mais persuasivamente que qualquer palavra, o que queria dizer a respeito de que não a machucaria. Que palavras tinha usado a noite anterior? Não farei nada que não deseje que faça.

Não encontrou isso tão reconfortante como tivesse querido, especialmente tendo em conta seus próprios desejos, algo menos que puros.

Ele simplesmente tinha posto um antigo artefato celta em suas mãos e lhe havia dito que era para ela.

Seus dedos se encrespavam posesivamente ao redor do punho da adaga. Deveria objetar energicamente. Ou ao menos, protestar simbolicamente. E ia fazer o, em qualquer momento a partir desse instante.

Esperou. Em qualquer momento a partir desse instante.

Suspirando de maneira lúgubre, admitiu que algumas costure simplesmente não eram humanamente possíveis —inclusive até o Martha Stewart possivelmente não dobrava os lençóis adequadamente algumas vezes.

OH, avô, por que não me disse alguma vez que os escoceses eram tão fascinantes? Ele simplesmente sabe como chegar para mim.

Quase acreditou ouvir a risada suave do Evan MacGregor, como se lhe tivesse respondido de alguma parte além das estrelas, Você não estaria satisfeita com menos, Chloe. Tem sua própria cota de sangue selvagem também.

De verdade? Era por isso que, ultimamente, tinha estado despertando na metade da noite, cheia de energia que desesperadamente precisava liberar? E por isso que, apesar do bem que desempenhava seu trabalho (sabia que ia ser ascendida logo), tinha estado ficando progressivamente mais inquieta? Desde fazia meses, uma voz pequena mas insistente dentro de si tinha estado queixando ‘É isto tudo o que há em meu vida?’

O Fantasma Gaulish lhe oferecia um suborno, uma retribuição de certo tipo. Ser uma “boa moça” e sair com um prêmio. Seu artefato celta cento por cento próprio.

Em troca de seu silêncio e sua cooperação.

Chloe mantinha uma crise ética.

Felizmente, foi breve.

encurvou-se para recolher a espada esquecida e retorná-la ao estudo.

—Poderia usar algumas roupas que ficassem melhor— se queixou enquanto passava detrás dele.

Se não lhe tivesse dado as costas, teria visto o sorriso que curvou os lábios varonis, e teria tremido de pés a cabeça.

—Dageus, carinho, você estranho, necessito-te. Estou-me morrendo sem ti—. Pausa—. me Chame. É Katherine.

A secretária eletrônica fez clique.

Um momento mais tarde Dageus apareceu. Seus olhares colidiram enquanto ele reduzia o volume na secretária eletrônica.

—Dageus, carinho— imitou Chloe, sentindo-se inexplicavelmente colérica. Ali tinha estado, repassando delicadamente as páginas do Midhe Codex e sentindo-se estranhamente contente enquanto ele estralava domesticamente na cozinha, cozinhando para ela, quando Katherine tinha interrompido.

Lhe dirigiu um sorriso absolutamente devastador e se encolheu de ombros.

—Sou um homem, moça—. Logo voltou para a cozinha, deixando ao Chloe resmungando. por que importava isso a ela, não tinha nem idéia. Mas a irritava.

—Nasceu em Escócia?— perguntou Chloe mais tarde, empurrando para trás seu prato com um suspiro. Outro jantar fabuloso: bife Aberdeen Angus com cogumelos em molho de vinho, jovens batatas vermelhas com sementes de cebola, salada e pão lubrificado com manteiga e mel. E veio, embora ele sorvia Macallan, a singular e fino malte escocês.

—Sim. As Highlands. Perto do Inverness. E você?

—Indianápolis. Mas meus pais morreram quando tinha quatro anos de idade, assim é que fui viver a Kansas com meu avô.

—Isso deveu ter sido difícil.

Tinha sido horrendo. recusaram-se deixá-la ver os corpos de seus pais, o qual, embora o compreendia agora, nesse momento não o tinha feito. Tinha pensado que alguém os tinha roubado e não os devolveria. Não tinha acreditado que eles simplesmente não poderiam estar mais. Mas eventualmente tinha sanado. Soube que esse sucesso a tinha marcado de uma maneira que as pessoas com pais nunca entenderiam, mas tinha tido sorte. Tinha tido a alguém que a tinha resgatado, e Chloe acreditava que um sempre devia contar suas bênçãos.

—De onde herdou o sangue escocês, moça?

—Meu avô. Evan MacGregor. Tem família?

Uma sombra escura se moveu rapidamente através de seus olhos, um brilho breve de angústia, mas se foi tão rapidamente que não estava segura de não havê-lo imaginado.

—Minha mãe e minha p estão mortos. Tenho um irmano—. Ele se levantou abruptamente, recolhendo pratos e levando-lhe à cozinha, deixando-a para ponderar o que acreditava ter vislumbrado. Estava decidida a persegui-lo, mas quando ele retornou, distraiu-a lhe colocando um copo de brilhante licor vermelho como o sangue em uma mão e um charuto puro no outro.

Chloe piscou.

—O que é isto?

—O charuto mais fino que o dinheiro pode comprar e um copo de oporto igualmente muito fino.

—E simplesmente o que pensa que vou fazer com isso?

—Desfrutar—. Lhe dirigiu um sorriso encantador.

Chloe olhou o charuto com curiosidade, começando a rodá-lo entre seus dedos. Nunca tinha fumado. Nada. Nem tinha querido. Mas se alguma vez um momento era o apropriado para provar inovações, era ali e agora, com um homem que certamente não se sentaria a julgá-la, não importava o que ela pudesse fazer. sentia-se estranhamente liberada, compreendeu, perto de um homem como ele.

—Não se preocupe, não precisa inspirar. trata-se de mesclar a combinação sutil do oporto e a fumaça acre em sua língua. Faz um intento. Se você não gostar, ao menos saberá a próxima vez que alguém te ofereça um.

Lhe mostrou como, preparando o charuto puro, insistindo-a para aspirar baforadas ao acendê-lo.

—Sinto que estou fazendo algo mal— tossiu Chloe.

Och, ela não tinha idéia de quão mal estava fazendo, pensou ele. Era uma tolice que aceitasse fumar um charuto e beber oporto. Às moças gostava de paquerar com o perigo, com coisas que nunca tinham provado antes, não importava quão boas parecessem. Frequentemente porque eram tão boas. E um sabor diminuto do proibido, frequentemente transladava a fome por outra fruta. Tenha fome, pequena Chloe, desejou silenciosamente. Saciarei qualquer desejo que tenha. Quase podia saborear sua inocência em sua língua. Certamente, faria-o muito em breve.

—estiveste fazendo algo mal do momento que me conheceu, moça— ronronou, refiriéndose a si mesmo, mas quando ela o olhou de esguelha, provocou-a—: bisbilhotando em meu dormitório.

—Só bisbilhotei em seu dormitório porque havia antiguidades roubadas ali dentro.

—E por que estava em meu dormitório em primeiro lugar?— perguntou ele sedosamente.

Ela se ruborizou.

—Porque estava, né... porque traje, hmmm...— balbuciou ela.

—E devo confessar, estive me perguntando simplesmente o que estava fazendo pouco mais ou menos em minha cama para encontrar esses livros. deveste estar quase sobre ela. Sentia curiosidade a respeito de mim? A respeito de minha cama? Possivelmente a respeito de mim sobre ela?

Seu rubor se fez mais fundo.

—Simplesmente aparecia meus narizes, okay? Mas se tinha tido alguma idéia do que ia encontrar, não o teria feito.

Ele sorriu, um sorriso incitadora e lenta, e Chloe conteve o fôlego.

—Toma um sorvo de oporto e deixa-o jazer em sua língua um momento.

Chloe bebeu um sorvo.

—Agora o charuto.

Ela ofegou ligeiramente. Doce e humoso, uma combinação fascinante. Outro sorvo, outra baforada. Riu. sentia-se parva jogando baforadas ao gordo charuto. sentia-se quente e viva. Volteou sua cabeça para lhe dizer o que pensava, mas ele se deixou cair a seu lado no sofá e ela se encontrou com seus lábios.

Beijou sonoramente essa boca decadente, enche, pecaminosa, e ao minuto que estabeleceram contato, Chloe se acendeu. O calor a atravessou de pés a cabeça; uma classe de calor selvagem que nunca havia sentido antes. Um calor que instintivamente entendeu que poderia queimá-la mais à frente do reconhecimento. Ele não tinha fumado seu charuto, e tinha sabor a malte; logo sua língua quente escorregou dentro de sua boca e seu mundo inteiro ficou do reverso. Ela logo que percebeu quando ele habilmente deslizou o puro e o copo de suas mãos, depositando-os em outro sítio. Poderia-os ter deixado cair ao piso no que a ela concernia.

—Chloe, pequena. Preciso te saborear. te abra mais. me dê mais.

Ele enterrou suas mãos em seu cabelo, beijando-a, e repentinamente foi completamente insignificante que roubasse antiguidades, que a tivesse seqüestrado, que vivesse à margem da lei. Só lhe importava que sua língua estivesse em sua boca, e como a fazia sentir. O mundo deixou de existir além disso.

Os beijos lentos, profundos, as dentadas eróticas com seus dentes, sua boca deslizando-se, escorregando-se e rodando

sobre a dela. Ele apanhou seu lábio inferior e atirou perezosamente, retornou a apanhá-lo outra vez, logo inclinou sua boca firmemente sobre a dela, saqueando. Mordiscou, chupou, consumiu. O homem não a beijou simplesmente, fez-lhe o amor à boca da mulher, fez-a sentir-se ardente e torcida e dolorida. Fez-a emitir uns ruídos curiosos e te sentir tremente em todas partes. Fez-a ter a impressão de que poderia...

Estou-me morrendo sem ti. me chame. É Katherine.

...perder-se completamente e apaixonar-se por ele como as incontáveis mulheres que indubitavelmente o tinham feito. Como uma mulher a que não tinha retornado a chamada. E a diferença do que tinha ouvido no ronrono sofisticado da voz do Katherine, Chloe não possuía a suficiente sofisticação, as defesas necessárias. Se fosse o suficientemente parva para permitir-lhe o homem a usaria e a descartaria. E não haveria ninguém a quem culpar exceto a si mesmo. Não era como se não soubesse, de entrada, que classe de homem era. Definitivamente o tipo das ame e as deixe'. E como sentiria ela, sabendo tinha sido simplesmente outro entalhe em sua cama? Usada.

—A-alto— ofegou.

Ele não o fez. Suas mãos caíram de seu cabelo para seu seios, movendo-se posesivamente sobre eles, acariciando e massageando. Seus polegares navegaram sobre seus mamilos, e estes se endureceram instantaneamente. Ela sentiu como se se afogasse. O homem era muito abrumadoramente masculino e sexual, e Chloe sabia que devia detê-lo, porque em uns quantos momentos mais, não poderia recordar por que deveria fazê-lo.

—Por favor— soluçou—. Alto!

Ele manteve de refém seu lábio inferior por um momento comprido e erótico, e logo, com um grunhido derrotado, rompeu o beijo. Apoiou sua frente contra a dela, sua respiração superficial e rápida. Quando se tinha posto tão frio o quarto?, perguntou-se ela fracamente. Devia haver uma janela aberta em alguma parte, deixando entrar uma brisa geada. Tremeu. Sua pele se sentia quente, ruborizada de paixão, mas o fino pêlo de seu corpo se arrepiou em carne de galinha.

—Não te machucarei— disse ele, sua voz baixa e urgente.

Talvez não fisicamente, pensou ela, mas há outras classes de dor. Em vinte e quatro horas se havia encaprichado desesperadamente de um ladrão, fascinada por um desconhecido que exsudava segredos criminais e... e um pouco proibido.

Negou com a cabeça, esforçando-se em apartar-se dele. Aceitar um suborno era uma coisa, perder-se a si mesmo era outra. E não tinha nenhuma dúvida de que poderia perder-se por um homem assim. Simplesmente não estavam na mesma liga.

Suas mãos retornaram até seu cabelo e ele a sujeitou com força, baixando a cabeça, e por um momento ela pensou que se recusaria a deixá-la ir. Logo ele levantou o pescoço e a olhou, seu olhar escuro e intenso.

—Desejo-te, moça.

—Nem sequer me conhece— replicou ela temblorosamente. Suspeitou que quando Dageus MacKeltar dizia a uma mulher que a desejava com uma voz assim, ele não ouviria freqüentemente muitos 'não', por não dizer nunca.

—Desejei-te do momento que te vi na rua.

—Na rua?— Ele a tinha visto na rua? Quando? Onde? O pensamento que ele a tivesse notado antes de que se conhecessem em seu dormitório a fez sentir-se ofegante.

—Você chegava quando eu me partia. Estava no táxi detrás de ti. Vi-te e eu...— ele se interrompeu abruptamente.

—O que?

Ele sorriu cruelmente e riscou com a gema de seu polegar seu lábio inferior, ainda inchado e úmido por seus beijos.

—E me disse que uma moça como você não era para mim.

—por que?

O desejo em seus olhos cedeu, substituído por uma expressão tão remota e vazia que ela a sentiu como uma bofetada. Tinha-a deixado fora. Completamente. Podia senti-lo, e não gostava nenhuma pinga. sentiu-se... despojada.

Ele se levantou abruptamente.

—Vêem, moça, vamos acomodar te para dormir— sorriu burlonamente, outra desses sorrisos que não alcançavam seus olhos—. Sozinha, se insistir.

—Mas, por que? por que pensaria isso?—. Era terrivelmente importante para ela ouvir sua resposta.

Ele não respondeu. Simplesmente a escoltou ao quarto de banho, ofereceu suas toalhas para uma ducha se o desejava —o qual ela estava definitivamente muito incômoda para fazer— e ela se recusou, mas se lavou e se escovou os dentes outra vez; logo lhe indicou a cama para que pudesse atá-la.

—Deve fazer isto?— protestou ela enquanto ele atava o primeiro lenço.

—Não se estivesse dormindo contigo— foi sua fria resposta.

Ela ofereceu a segunda boneca.

—Sei que está intacta, se isso for o que se preocupa.

—E ambos sabemos que você não— resmungou ela, irritada. Senhor-Múltiplos-Magnums-Sob-A-Cama. Como sabia que era virgem? Estava gravado em sua frente? Tinham sido seus beijos tão torpes?

—Isto não foi a não ser prática para te demonstrar que poderia te agradar.

Ela tremeu. Caramba, caramba.

—Se não me atar, prometo que não tratarei de escapar.

—Sim, faria-o.

—Dou-te minha palavra.

Com um golpecito gracioso de sua mão, ele lançou um dos travesseiros da cama.

Chloe não teve que olhar para baixo para saber o que ele acabava de revelar: o skean dhu que tinha enrolado antes em um

suave pedaço de plaid que tinha encontrado, e logo tinha remetido sob o travesseiro para poder cortar suas ligaduras mais adiante.

—Estava guardando-o para mantê-lo seguro. Não sabia onde mais pô-lo— disse, agitando as pestanas.

—Nenhuma promessa ou inclusive o desejo atam a uma mulher. Só as cordas a atam—. Ele recolheu rapidamente a cuchilla e a manta escocesa, cruzou o quarto e os meteu em uma gaveta.

Ela entrecerró os olhos.

—Quem te ensinou isso? As mulheres? Soa-me como que talvez escolhe as equivocadas. Quais são seus critérios? Tem algum critério?

Lhe disparou um olhar escuro.

—Sim. Que me possuirão.

Piscando, ela o deixou atá-la. O homem poderia possuir a qualquer mulher que quisesse.

Houve um momento muito perigoso quando lhe sujeitou a segunda boneca. Uma pausa bastante embaraçosa onde simplesmente cravaram os olhos o um no outro. Ela o desejava, ansiava-o, e a intensidade desse sentimento a aterrorizava. Logo que conhecia homem, e o que sabia dele era algo exceto reconfortante.

Enquanto ele fechava a porta disse sobre seu ombro:

—Porque é uma boa moça—. Um suspiro pesado—. E eu não sou um bom homem.

Tomou um momento entender a respeito do que falava. Logo se precaveu que finalmente lhe tinha respondido a pergunta de por que ela não era para ele.

Capítulo 6

Não sou um bom homem.

Essa era a única advertência real que ela alguma vez teria dele em sua doce e inevitável queda.

Dageus sorveu seu uísque e cravou os olhos na mulher. Esse beijo, aquele mero sorvo de um beijo, ainda jazia em sua língua, doce como o mel, e nenhuma quantidade de uísque poderia apagá-lo. Logo que tinha começado a saboreá-la quando ela o tinha detido.

E deter-se tinha estado malditamente perto de matá-lo. Com sua língua na boca da jovem, suas mãos em seu cabelo, por um momento breve, ele se tinha cheio de fúria gead, pura e negra, algo que se recusava a ser negado. Os Antigos se avivaram, lhe exigindo que saciasse sua fome. Força-a, uma voz escura tinha ronronado. Pode fazer que te deseje.

Tinha empreendido uma terrível batalha contra eles, por isso se tinha afastado com cuidado. Essa negrume não era ele. Não podia ser ele. Não o permitiria. Com muita facilidade poderia consumi-lo.

Sabia que não deveria estar no dormitório nesses momentos. Não estava no melhor dos ânimos por muitas razões, a mínima delas, que tinha usado magia mais cedo, primeiro em uma visita breve aos de Segurança antes de que ela despertasse, para lhes fazer recordar que eles tinham visto o Chloe Zanders sair a noite anterior, e mais tarde, quando ela tinha tratado de escapar, em uma ação reflexiva, sem pensá-lo. O ferrolho interior não tinha estado com chave para variar, e ela o tinha aberto, mas ele o tinha entupido com uma palavra murmurada antes de que ela pudesse abrir.

Logo, pressionado contra ela, com as armas entre eles e um poquito de sangue em sua pele e a escuridão levantando-se, ele tinha deixado claro o custo de seu escapamento: sua própria vida, apostando que ela se tornaria atrás velozmente.

Uma parte perversa dele a desafiou a acabar sua desonra com o extremo de sua própria espada.

Qualquer fora o resultado, ele teria mais paz.

Ela tinha baixado sua arma e se ficou. Não tinha compreendido o importante significado dessa ação. Quando um Druida oferecia sua arma predileta, seu Selvar, quão única ele levava sobre sua pele, a uma mulher, oferecia seu amparo. Sua tutela. para sempre.

E ela o havia feito.

Chloe estava dormindo sobre suas costas, na única forma que poderia fazê-lo, com suas bonecas atadas, embora ele tinha deixado considerável espaço nos laços. Seu preciosos seios se levantavam e caíam com os fôlegos suaves e lentos do sonho profundo.

Deveria deixá-la ir.

Mas sabia que não ia fazer o. Desejava ao Chloe Zanders em formas que nunca tinha desejado a uma moça antes. Ela o fazia sentir-se como um moço, querendo impressioná-la com suas proezas masculinas, protegê-la, saciar cada um de seus desejos, ser o foco de seu coração claro e radiante, tão cheio de inocência. Como se ela em certa forma pudesse fazê-lo limpo outra vez.

Ela era curiosidade e admiração; ele era cinismo e desespero. Ela estalava de sonhos; ele estava esculpido por fora e oco por dentro. Seu coração era jovem e verdadeiro; o dele estava sorvete de desilusão, logo que palpitando o suficiente para mantê-lo vivo.

Ela era tudo o que tinha sonhado uma vez, fazia muito tempo. A classe de moça por quem teria devotado os votos vinculantes druidas, oferecendo sua vida para sempre. Era inteligente —falava quatro idiomas dos que ele conhecia—, tenaz, decidida, lógica em uma forma tortuosa, real, crédula. Protetora dos antigos costumes, como era evidente cada vez que o observava dar volta uma página. Tinha-lhe dado duas vezes um papel tissue com o que fazê-lo quando ele se esqueceu, para que não marcasse com o suor de sua pele as preciosas páginas.

E podia sentir nela a uma mulher que queria escapar. Uma mulher que tinha vivido uma vida pacífica, uma vida respeitável, mas estava sedenta de mais. Podia sentir, com os instintos infalíveis de um depredador sexual, que Chloe era luxuriosa no mais profundo de seu ser. Que ao homem a quem escolhesse tomar-se liberdades, seriam-lhe concedidas incondicionalmente. Sexualmente agressivo, dominante até os ossos, ele reconhecia nela a sua companheira de cama perfeita.

Ele era um homem que não podia oferecer promessas nem segurança. Um homem com uma escuridão terrível crescendo dentro dele. E tudo o que ele poderia pensar era...

... quando tomasse, despojando a roupa de seu corpo, deixando ao descoberto cada polegada a sua fome imensa.

estirava-se em cima dela, os antebraços sobre a cama a cada lado de sua cabeça, imobilizando seu cabelo comprido sob seu peso. Ele a beijava...

Ele a beijava e ela se afogava no calor e sensualidade do homem. Suas mãos atadas aos postes da cama, seu corpo nu, jazia em sua cama, ardendo porque ele tomasse.

Ele não beijava simplesmente: reclamava uma propriedade. Tomava sua boca com urgência, como se sua vida dependesse disso. Lambia e mordida e saboreava, sugando seu lábio inferior, apanhando-o com seus dentes. Suas mãos estavam sobre seus seios e sua pele doía de necessidade onde ele a tocava. Beijou-a larga e profundamente, devagar, e depois a beijou duro, castigador e rápido...

... como se fora porcelana, delicada porcelana a China, logo a castigava com beijos duros por ser tão perfeita, por ser tudo o que ele não merecia. Pela admiração que ela ainda tinha, a admiração que recordava haver sentido alguma vez também.

Sendo um homem, sabia o que ela necessitava. Assim beijava cada polegada de sua pele sedosa, arrastando sua língua sobre os picos de seus mamilos. Raspando-os com sua mandíbula sem barbear, até que florescessem duros e apertados para ele, seus dentes mordendo-os; logo, moveria esses beijos ao doce calor feminino entre suas pernas, onde saborearia esse broto tenso de dor. Os golpes largos e lentos de sua língua... algumas vezes delicados dentadas... Logo golpes mais fortes, mais e mais rápido até que ela se contorsionara baixo ele.

Mas ainda assim, ela não estaria o suficientemente selvagem para ele.

Assim deslizaria seu dedo dentro dela. Encontraria esse lugar, um de vários especiais, que voltava louca a uma mulher. Sentiria-a fechar-se hermética e convulsivamente ao redor dele, faminta. Logo se retiraria e a saborearia com a língua outra vez. Lambendo. Lambendo... Afogando-se em seu sabor doce.

Logo dois dedos. Logo sua língua. Até que ela...

—Por favor!— soluçou Chloe, arqueando-se para trás, acima e acima, implorando seu contato.

Dageus surgiu ameaçadoramente por cima dela, seu duro corpo dourado por luz do fogo, um brilho de suor refulgindo em sua pele.

—O que quer, Chloe?— desafiou-a com seu olhar brilhante, desafiando-a a desejá-lo, desafiando-a a dizer essas coisas que nunca havia dito em voz alta. As fantasias secretas que abrigava em seu coração de mulher. As fantasias que ela sabia ele estaria igualmente desejoso de cumprir a cabalidad; todas e cada uma.

—Por favor!— gritou, sem saber como expressá-lo com palavras—. Tudo!

As janelas de seu nariz se dilataram e ele inspirou agudamente, e ela repentinamente se perguntou se havia dito algo muito mais perigoso do que pensava.

—Tudo?— ronronou—. Tudo o que desejo? Tudo o que sonhei em te fazer? Quer dizer me dar de presente sua inocência sem condições?

Um batimento do coração passou, logo dois...

... dissesse que o necessitava. Estava disposto a renunciar a tudo. Trocaria seus anos de prática —todos esses anos nos que tinha feito o amor ardorosamente com um coração frio a mulheres que não tinham querido nada dele exceto seu corpo— pelas curvas exuberantes do Chloe, o dorso de seus joelhos, o interior de suas coxas, percorrendo-os em todas formas com sua língua. Desataria-a, fazendo-a rodar sobre seu estômago. Estiraria suas mãos por cima de sua cabeça, as apanhando em uma das suas, mordendo sua nuca. Arrastaria sua língua por sua coluna vertebral, prodigalizando atenção a seu lugar favorito, o arco magro e delicado onde as costas de uma mulher encontrava seu traseiro, e logo beijaria cada polegada de suas doces nádegas.

Ajoelhando-se por cima dela, ultrapassando-a, aproximaria-se de suas curvas suaves com seu pênis duro. Sentiria-a corcovear para cima e para trás para encontrá-lo...

—Dageus!— gritou Chloe. Ele estava detrás dela, ardente e sedoso e duro contra seu traseiro, e ela se sentia tão vazia por dentro que doía.

—O que, moça?

—me faça o amor— ofegou.

—por que?—. Ele se desperezou completamente em cima dela, pele a pele, da cabeça aos pés, sua Palmas contra o dorso de suas mãos, as pressionando contra a cama, deixando-a sentir seu peso completo, lhe fazendo difícil respirar. Ele empurrou suas coxas para apartá-los com seu joelho. Impulsionou seus quadris, empurrando contra ela, mas não dentro dela. Tentando-a deliberadamente.

—Desejo-te.

—Desejar não é suficiente. Deve sentir que não pode respirar se não estar dentro de ti. Necessita-me? Não importa o custo? Embora te adverti que não sou um bom homem?

—Sim! meu deus, sim!

—Diga-o.

—Necessito-te!

—Dava meu nome.

—Dageus!

Chloe se ergueu, acordada, com uma violenta sacudida, suando e respirando duro, e tão intensamente estimulada que lhe doía todo o corpo.

—Q-o que...— mas se interrompeu, recordando o sonho. OH, Meu deus, pensou, consternada. Negando com a cabeça, repentinamente se precaveu de que não estava sozinha.

Ele estava no quarto com ela.

Sentado a menos de um metro, em uma cadeira ao lado da cama, observava-a com esses brilhantes olhos de tigre.

Seus olhares colidiram.

E ela teve o pressentimento mais horrível, de que ele em certa forma sabia, sabia o que tinha estado sonhando. Em seu olhar ao vermelho vivo havia uma satisfação estranha.

Um rubor quente a percorreu de pés a cabeça. Baixou o olhar freneticamente. A Deus obrigado, estava ainda completamente vestida. Tinha sido somente um sonho.

Ele certamente não poderia sabê-lo.

Chloe subiu os cobertores até o queixo. O ar do quarto era positivamente frio.

—Soava inquieta— ronronou ele, sua voz tão escura como o quarto em sombras—. Devi comprovar que tudo estivesse bem e pensei em me sentar perto até que te acalmasse.

—Estou tranqüila agora— mentiu abertamente a moça. Seu coração martelava e girou para não deixar traslucir nada com seus olhos.

Jogou-lhe uma olhada rápida. O homem era formoso. Sentado, médio dourado pela luz do moribundo fogo. Um lado de sua face dourada, o outro em sombras. Ela quase ofegou. mordeu-se o lábio para tranqüilizar-se.

—Então deveria ir ?

—Deveria ir, sim.

—Não... necessita... nada, pequena Chloe?

—Simplesmente que me deixe partir —disse a jovem rigidamente.

Nunca, pensou Dageus, fechando a porta com firmeza.

Quando ela tinha despertado, tinha ficado aturdido ao precaver-se de que em certa forma seus pensamentos, a sedução dolorosamente intensa que tinha estado imaginando, tinha avançado a rastros nos sonhos da moça.

O poder. Havia poder dentro dele e não devia arriscar-se a esquecê-lo. Em certa esse forma poder a tinha feito compartilhar sua fantasia.

Algo perigoso.

Aparentemente, tinha usado magia outra vez, sem inclusive dar-se conta.

Um músculo saltou em sua mandíbula. O que demonstrava malditamente claro que se esfumava o limite de onde nasciam os Antigos e ele morria.

Tinha ainda um trabalho que fazer essa noite, recordou-se, sacudindo-se agudamente, resistindo a escuridão que se desperezava e flexionava dentro de si. A escuridão que tinha tentado convencer o de que era um deus, e que tudo o que desejava era merecido.

Calçando com firmeza suas botas e vestindo seu casaco, dirigiu um último olhar em direção ao dormitório antes de sair do penthouse. Ela estava bem maça, nunca saberia que ele se partiu. Faria-o apenas por umas poucas horas.

antes de sair, subiu o termostato. Fazia frio no penthouse.

Capítulo 7

Teve que voltar a usar magia, o feth confiada, o feitiço druida que o fazia invisível aos olhos humanos, e quando retornou ao penthouse, estava muito tenso para dormir. Não tinha sabido que semelhante feitiço existia antes de que os Escuros o tivessem reclamado essa noite desafortunada. Agora a sabedoria deles era também a sua, e embora tratava de fingir que estava alheio à extensão completa do poder dentro de si, algumas vezes, quando estava fazendo algo, repentinamente pensava em um feitiço para facilitá-lo, como se o tivesse sabido toda a vida.

Alguns dos feitiços que ele agora “simplesmente sabia” eram horríficos. Os Antigos dentro dele tinham sido juizes, jurado e executores em muitos casos.

Se fazia cada vez mais perigoso, estava-se fazendo cada vez mais desapaixonado. Encarapitado ao bordo do abismo, o abismo o olhava a sua vez com olhos ferozes e avermelhados.

Necessitava o corpo de uma mulher, o toque tenro de uma mulher. O desejo de uma mulher para fazê-lo sentir-se como um homem e não uma besta.

Poderia acudir ao Katherine; não importava a hora. Lhe daria a bem-vinda com os braços abertos e ele poderia perder-se nela, separar-se de um empurrão seus tornozelos por cima de sua cabeça, e impulsionar-se dentro dela até que se sentisse humano outra vez.

Mas não desejava ao Katherine. Desejava à mulher escada acima, em sua cama.

Com muita facilidade poderia ver-se subindo os degraus de três em três, despindo-se à medida que o fazia, despereçando em cima de seu corpo indefeso, pacote, tentando-a até que ela se convertesse em um animal cheio de necessidade, até que lhe rogasse que tomasse. Sabia que poderia fazer que o desejasse. Och, possivelmente ela não estaria disposta ao princípio, mas ele conhecia formas de tocar que poderiam voltar louca a uma mulher.

Sua respiração era entrecortada. dirigia-se às escadas, atirando de seu suéter sobre sua cabeça quando se deteve.

Descansa profundamente. te concentre, Keltar.

Se fosse a ela agora, machucaria-a. sentia-se muito selvagem, muito faminto. Apertando os dentes, devorou bruscamente o suéter de volta a seu lugar e deu meia volta, ficando com o olhar perdida fora da janela por um tempo.

Duas vezes mais se conteve de dirigir-se para cima das escadas. Duas vezes mais se esforçou em conter-se. deixou-se cair ao piso e fez lagartixas até que seu corpo gotejava de suor. Logo uma crise, e mais flexione. Recitou pedaços de história, contou atrás em latim, depois em grego, logo nas linguagens mais escuras e difíceis.

Eventualmente, recuperou a compostura. Ou tanto controle como ia alcançar sem sexo.

Ela ia dar uma ducha esse dia, decidiu, repentinamente irritado por sua falta de fé nele, embora tivesse que encerrá-la no quarto de banho todo o dia. Como se ele pudesse assaltá-la quando estivesse na ducha!

Acabava de demonstrar que tinha domínio. Verdadeiramente, estava em completo controle no que a ela concernia. Se ela tivesse alguma idéia de contra o que lutava, quão difícil tinha sido afastar-se, e o que ele tinha vencido, daria-se uma maldita ducha.

Ja. Se soubesse, ao melhor, jogaria-se de meu terraço quarenta e três pisos simplesmente para escapar mim, pensou, levantando-se e sustentando uma das portas da terraço ligeiramente entreabertas.

ficou com o olhar fixo sobre a cidade quieta, com toda a quietude que Manhattan alguma vez teria, ainda lhe zumbam, inclusive às quatro da manhã. Nos dias inconstantes de março, o clima tinha estado flutuando, elevando-se e baixando suas temperaturas até quinze graus em umas poucas horas. Agora estava temperado outra vez, mas a chuva ligeira bem poderia converter-se em neve no meio da amanhã. A primavera tentava ganhar no inverno e perdia, refletindo sua própria e desolado paisagem interior.

Lançando um suspiro borrascoso, sentou-se para inundar-se no Terceiro Livro do Manannan. Esse era o tomo final, e logo se iria. Não na manhã, mas sim ao dia seguinte. Fazia tudo o que podia ali. Duvidava que o que procurava estivesse no tiro de qualquer maneira. Uma vez tinha havido cinco Livros do Manannan, mas só três existiam agora. Já tinha lido os primeiros dois; ocuparam-se das lendas dos deuses da Irlanda antes da chegada da Tuatha do Danaan. O terceiro volume continuava as histórias dos deuses, e seus encontros com a primeira onda de colonizadores invadindo a Irlanda.

Julgando a lentidão com a que a linha cronológica avançava, Dageus suspeitava que a chegada da raça de criaturas em que estava interessado não apareceria a não ser até o quinto volume. Que já não existia, exceto possivelmente em um lugar: a biblioteca Keltar.

Tanto se gostava como se não, ia ter que retornar a casa e enfrentar-se a seu irmão para poder registrar a coleção Keltar. Tinha desperdiçado muitos meses tratando de encontrar uma solução a seu modo, e o tempo se acabava. Se esperava muito mas bem, não se atrevia a esperar.

E o que tem que a moça?, sua honra provocou.

Estava muito cansado para incomodar-se em mentir.

É minha.

Ele poria empenho em seduzi-la com seus próprios primeiro desejos, fazê-lo mais fácil para ela, mas se resistia, de uma ou outra maneira, ia-se com ele.

Chloe permaneceu sob o jorro quente de sete travesseiros da ducha —três a cada lado, a gente acima— suspirando de prazer. Tinha estado sentindo-se como o menino do póster para as pessoas sem lar. A porta estava fechada com chave e a cadeira que Dageus lhe tinha levado para sustentar o trinco estava no lugar atribuído.

depois de sonhar com ele e despertar em metade da noite para encontrá-lo observando-a com, virtualmente, o mesmo olhar que tinha tido em seu sonho, logo que tinha podido lhe sustentar o olhar quando a tinha desatado essa manhã. Simplesmente pensar no sonho a fazia sentir-se excitada e tremente.

Não sou um bom homem, havia-lhe dito ele. E estava no correto. Não o era. Era um homem que vivia de acordo a suas próprias regras. Roubava propriedade privada embora insistia que eram “empréstimos” e, de uma maneira estranha, dava de presente artigos mais valiosos. Mantinha-a cativa embora cozinhava refeições deliciosas e, francamente, ela tinha estado de acordo em cooperar em troca de um suborno. Criminoso no pior dos casos, no melhor dos casos existia nos márgenes da sociedade civilizada.

Não obstante, desde que tinha aceito seu suborno, supunha que ela mesma estava nesses mesmos márgenes também.

Apesar de tudo, meditou, um homem verdadeiramente mau não se tomaria a moléstia de lhe advertir a uma mulher que não era um bom homem. Um homem verdadeiramente mau não deixaria de beijar a uma mulher quando lhe dissesse que se

detivera.

Que enigma era, e tão estranhamente anacrônico! Embora seu penthouse era moderno, sua conduta era claramente do velho mundo. Sua linguagem também era moderna, mas ele cometia o deslize, às vezes, de cair em uma formalidade incomum, curiosa, cheia de velhos coloquialismos gaélicos. Havia algo mais a respeito dele que ela percebia. Podia-o sentir dançando ao bordo de sua compreensão, mas não importava quanto se esforçasse, não podia decifrá-lo. E havia definitivamente algo a respeito de seus olhos...

Podia não ser tão mundana como as mulheres de Nova Iorque, mas não era completamente ingênua; podia sentir o perigo nele que uma mulher teria que estar morta para não sentir. Gotejava dele tão generosamente como a testosterona se trazumaba de seus poros. Mesmo assim, ele o moderava com disciplina e controle. Tinha-a a sua completa mercê, e não se aproveitou disso.

Negou com a cabeça. Talvez, pensou, as mulheres se apaixonavam tão facilmente dele, que era a perseguição o que desfrutava mais.

Pois bem, pensou, encrespando-se, ele poderia persegui-la tudo o que quisesse. Ela poderia estar nos márgenes da lei, mas isso não queria dizer que simplesmente ia levantar se e cair na cama com ele, por mais que ela em segredo pudesse desejar ser iniciada no clube exótico, erótico, misterioso do Dageus MacKeltar. A palavra sobressalente ali era “clube”, com montões de membros.

Com isso resolvido, encheu de shampoo seu cabelo duas vezes e se manteve de pé debaixo os pulsantes jorros de água até que se sentiu chlar de poda (nunca tinha estado sem tomar uma ducha durante dois dias seguidos antes). E logo um pouco mais. Esses masajeadores travesseiros da ducha eram para morrer.

Envolvendo-se em uma toalha luxuosa, deslocou a cadeira e abriu a porta.

Quando a abriu, ficou com a boca aberta. A metade seu armário estava amontoado pulcramente na cama. Piscou. Sip, ali estava, em pilhas ordenadas. Calcinhas (uh-hmm, e essas lhe ajustavam o traseiro), sustentos, vestidos, suéteres, calças jeans, uma pequena camisola de encaixe, meias três-quartos, botas e sapatos estavam empilhados em pilhas segundo a vestimenta, notou, atordoada. Ele não havia simplesmente agarrado uma pilha de roupa, mas sim tinha posto os objetos em combinação como se a tivesse visualizado com elas postas.

Inclusive lhe tinha levado uma certa quantidade de seus livros, notou, olhando por cima da cama.

Três novelas românticas, o homem vil. Novelas românticas escocesas. O que tinha feito? Escavado através de todas suas coisas enquanto estava ali? Bem no topo estava O Toque do Highlander, uma de suas novelas favoritas a respeito de um Highlander imortal.

Bufou. O homem era incorrigível. Levava-lhe coisas sensuais e sexualmente atraentes para ler, como se necessitasse qualquer ajuda para ter pensamentos úmidos e quentes sobre ele!

Podia ouvi-lo escada abaixo, falando quedamente por telefone. Podia cheirar o perfume do café recém feito.

E embora sabia que deveria estar ofendida porque ele tivesse forçado a entrada em seu apartamento e tivesse registrado suas gavetas, tinha sido cuidadoso em suas eleições, e ela estava estranhamente encantada.

Mas o homem apenas lhe falou em todo o dia. Estava em um estado de ânimo conclusivamente ameaçador, controlado e remoto. Perfeitamente educado, perfeitamente disciplinado, completamente reservado. Seus olhos eram... estranhos outra vez, e se perguntou se talvez cobravam matizes diversos dependendo da iluminação, já que a cor avelã algumas vezes se voltava de azul esverdeado a esverdeado castanho. Não âmbar, a não ser a sombra desafilada do cobre pouco antes de que enegrecesse.

Tinha estado sentada sobre o móvel da cozinha e o tinha observado preparar arenques para o café da manhã, tatties, torradas e papa de aveia com nata e arândanos, comendo-lhe com os olhos enquanto lhe dava as costas. Pela primeira vez notou seu cabelo. Tinha sabido que era largo, mas não se precaveu de sua longitude porque ele o tinha pacote para trás. Mas agora que estava detrás dele, podia ver que o tinha dobrado várias vezes antes de amarrá-lo com uma tira de couro.

Decidiu que devia cair até sua cintura quando estava solto. O pensamento de seu cabelo negro e liso varrendo suas costas musculosa e nua a voltou louca.

perguntou-se se alguma vez o levava solto. Parecia em sintonia com seu caráter: era comprido e selvagem, mas meticulosamente controlado a menos que ele decidisse liberá-lo.

Tratou de iniciar uma conversação corriqueira, mas ele não se elevou à altura de nenhuma ceva que lançou. Pescando, fazendo um intento de pôr em funcionamento seu cérebro, não obteve nada exceto grunhidos e murmúrios incoerentes.

sentaram-se juntos em silêncio durante horas essa tarde, com o Chloe delicadamente voltando as páginas do Midhe Codex com lenços de papel, e roubando olhadas ao Dageus enquanto ele trabalhava com o Livro do Manannan, rabiscando notas enquanto traduzia.

Às cinco, ela se levantou e acendeu o canal das notícias, perguntando-se se poderia haver alguma pequena menção de seu desaparecimento. Como se fora a acontecer, pensou sardonicamente. Uma garotinha perdida na bichada Grande Maçã? Tanto a polícia como os locutores tinham melhores costure que fazer.

Ele a olhou então, um indício de auto-suficiência jogando na comissura de seus lábios.

Ela arqueou uma sobrancelha inquisitiva, mas o homem não disse nada. Chloe escutou distraidamente enquanto lia, mas repentinamente sua atenção foi atraída para a tela.

—O Fantasma Gaulish golpeou outra vez ontem à noite, ou assim crie a polícia. Perplexidade poderia ser a melhor maneira de descrever o estado de ânimo dos polis de Nova Iorque. Em um momento ainda a determinar, cedo esta manhã, todas as antiguidades previamente furtadas pelo Fantasma Gaulish foram deixadas na recepção da estação de polícia. Uma vez mais, ninguém viu nada, o que faz uma maravilha que nossa polícia...

Disse algo mais, mas Chloe não o ouviu. Olhou o texto que sujeitava em suas mãos nesse momento, logo a ele.

—Esse livro o intercambiei, recorda, moça?

—Realmente o fez— murmurou, negando com a cabeça—. Quando foi a meu apartamento por minhas coisas, devolveu tudo. Não posso acreditá-lo.

—Disse-te que simplesmente os tinha pedido emprestados.

Ela cravou os olhos nele, completamente desconcertada. Tinha-o feito. Havia-os devolvido! Um pensamento repentino lhe ocorreu. Um ao que não lhe tinha emprestado muita atenção até então.

—Isso quer dizer que irá logo, verdade?

Ele assentiu com a cabeça, com uma expressão insondável.

—OH.

Fingiu uma fascinação apressada com suas cutículas para ocultar a decepção que a alagou.

Por isso se perdeu a curva fria e satisfeita dos lábios masculinos, um pingo muito fera para ser chamada sorriso.

Fora do penthouse do Dageus MacKeltar, em uma calçada cheia de gente que se apressava a escapar da cidade ao final de uma larga semana trabalhista, um homem se abriu aconchego trabalhosamente através da multidão e se uniu a um segundo homem.

fizeram-se discretamente a um lado, vagando em cercanias de um posto de periódicos. Entretanto, vestidos com trajes caros e escuros, com o cabelo curto e rasgos difíceis de descrever, ambos se destacavam por umas tatuagens incomuns em seus pescoços. A parte superior de uma serpente alada se arqueava por cima das gravatas e pescoços engomados.

—Ele está lá encima. Com uma mulher— disse Giles brandamente. Acabava de descer das habitações alugadas no edifício da maçã oposta, onde tinha estado observando através de binoculares.

—O plano?— inquiriu seu companheiro, Trevor, meigamente.

—Esperaremos até que ele saia; com sorte, deixará-a ali. Nossas ordens são obrigá-lo a começar a transformação. Forçá-lo a depender da magia para sobreviver. Simon quer apanhá-lo ao outro lado do mar.

—Como?

—Converteremo-lo em um fugitivo, um açoitado. A mulher faz as coisas mais simples do que tinha esperado. Entrarei sigilosamente, encarregarei-me dela, alertarei à polícia, anonimamente é obvio, e farei seu penthouse o cenário de um assassinato horripilante. Porei a todos os policiais da cidade atrás dele, e se verá forçado a usar seus poderes para escapar. Simon acredita que não permitirá que o prendam. Embora se isso acontecesse, também poderia funcionar a nosso favor. Não tenho dúvida que um tempo em uma prisão federal aceleraria a transformação.

Trevor assentiu com a cabeça.

—E eu?

—Esperará aqui. É muito arriscado que os dois subamos. Ele não sabe que existimos ainda. Se algo sair mau, chama o Simon imediatamente.

Trevor assentiu outra vez, e se separaram para retornar a seus postos e esperar. Eram homens pacientes. Tinham estado esperando esse momento toda sua vida. Eram os afortunados, nascido-los na hora da fructificação da Profecia.

Através de um homem, veriam os Draghar viver outra vez.

Um mensageiro de uma agência de viagens chegou pouco antes de que um pequeno grupo de pessoas entregasse o jantar do Jean Georges.

Chloe não podia imaginar o que algo como isso custava —não acreditava que Jean Georges entregasse a domicílio—, mas suspeitava que quando se tinha tanto dinheiro como Dageus MacKeltar, virtualmente se podia comprar algo.

Enquanto comiam ante o fogo na sala de estar, ele continuou trabalhando no livro que inicialmente a tinha feito meter-se nesse problema.

O sobre da agência de viagens jazia sem abrir sobre a mesa entre eles, como um brilhante aviso, irritando-a. Mais cedo, enquanto ele tinha estado na cozinha, não tinha sido o suficientemente descarada para abrir o sobre, mas em lugar disso tinha bisbilhotado em suas notas para comprovar o que podia ler. Parecia que ele estava traduzindo e copiando cada referência dos Tuatha do Danaan, a raça que supostamente tinha chegado em uma das muitas ondas de invasões irlandesas. Havia umas quantas perguntas garrapatosas a respeito da identidade dos Draghar, e numerosas notas a respeito dos Druidas. Entre sua especialidade em civilizações antigas e os contos de seu avô, Chloe estava bem versada na maior parte dela. Com exceção dos misteriosos Draghar, não havia nada a respeito do que não tivesse lido antes.

Apesar de tudo, uma certa quantidade de suas notas estavam escritas em linguagens que ela não podia traduzir. Ou inclusive identificar, e isso a fez experimentar uma espécie de sentimento nauseabundo. Sabia muito a respeito das línguas antigas, do sumério até o presente, e usualmente podia apontar, ao menos, área e era aproximada. Mas muito do que ele tinha escrito —em uns elegantes minúsculos itálicos dignos de qualquer escrito iluminado— desafiava sua compreensão.

Que demônios estava procurando? Ele certamente parecia um homem com uma missão, trabalhando em sua tarefa com intensa concentração.

Com cada novo pingo de informação que recolhia a respeito dele, sentia-se mais intrigada. Não só era forte, magnífico e rico, mas sim era indiscutivelmente brilhante. Nunca tinha conhecido a alguém como ele antes.

—por que não me diz isso, simplesmente?— perguntou de repente, gesticulando para o livro.

Ele levantou o olhar e ela sentiu seu intenso calor instantaneamente. Durante todo o dia, quando não tinha estado

ignorando-a completamente, nas poucas ocasiões em que a tinha cuidadoso, tinha havido tal luxúria patente em seu olhar que tinha evaporado cada pinga de sentido comum que possuía.

A pura força de seu desejo sem disfarces era mais atraente que qualquer afrodisíaco. Não era estranho que tantas mulheres caíssem presa de seu encanto! Tinha uma forma de fazer sentir a uma mulher, com um simples olhar, que era a criatura mais desejável do mundo. Como podia uma mulher cravar o olhar em um rosto que mostrasse semelhante luxúria, e não sentir luxúria em resposta?

Ele ia se partir logo.

E não lhe podia ter deixado mais claro que queria dormir com ela.

Esses dois pensamentos em uma conjunção veloz eram patentemente um perigo.

—Bem?— pressionou, irritada. Irritada consigo mesma por ser tão débil e suscetível a ele. Irritada com ele por ser tão atrativo. E o tipo, nem mais nem menos, não tinha tido melhor ideia que ir e retornar esses textos, confundindo seus sentimentos já malditamente confusos a respeito dele—. O que?

Ele arqueou uma sobrancelha escura, seu olhar varrendo-a em uma forma que a fez sentir como se uma repentina e quente brisa a tivesse acariciado.

—O que ocorreria se te dissesse, moça, que procuro a forma de desfazer um malefício antigo e mortífero?

Ela sorriu com mofa. Não podia falar a sério. Os malefícios não eram reais. Não mais reais que os Tuatha do Danaan. Mas bem, retificou-se, nunca tinha chegado a uma conclusão firme a respeito dos Tuatha do Danaan ou qualquer das “mitológicas” raças que se diziam ter habitado uma vez a Irlanda. Os estudiosos tinham dúzias de discussões contra sua suposta existência.

Ainda assim... o avô tinha acreditado.

Sendo professor de mitologia, lhe tinha ensinado que cada mito ou lenda continha um pouco de realidade e verdade, não importava quão deformado se tornou depois de séculos de repetição oral por bardos que tinham adaptado suas recitações aos interesses exclusivos de sua audiência, ou pelos escribas que tinham atendido os dictâmenes de seus benfeitores. O conteúdo original de inumeráveis escritos tinha sido corrompido por traduções de má qualidade e adaptações desenhadas para refletir o clima político e religioso do momento. Qualquer que dedicasse tempo a um estudo da história eventualmente se dava conta de que os historiadores tinham conseguido recolher só um molho de areia do deserto vasto, que não figurava no mapa do passado, e era impossível descrever o Sahara a partir de uns quantos simples grãos.

—Você crie nestas coisas?— perguntou ela, ondeando uma mão para a confusão de textos, curiosa por conhecer sua posição com respeito à história. Tão preparado como era, estava segura de que seria interessante.

—Muito.

Ela entrecerrou seus olhos.

—Crie que os Tuatha do Danaan realmente existiram?

Seu sorriso foi amarga.

—Och, sim, moça. Houve um tempo em que não o fazia, mas o faço agora.

Chloe franziu o cenho. Ele tinha divulgado resignado, como um homem que tivesse recebido uma prova incontrovertível.

—O que te fez acreditar?

Ele se encolheu de ombros e não respondeu.

—Pois bem, então, que classe de malefício?— pressionou ela. Essas eram coisas fascinantes, da classe que a tinham influenciado para escolher sua carreira. Era como falar com seu avô outra vez, debatendo possibilidades, abrindo a mente às novas.

Ele apartou a vista, com o olhar fixo no fogo.

—Aw, vamos! Irá logo, que dano há em que me diga isso? A quem o diria?

—O que ocorreria se te dissesse que sou eu o amaldiçoado?

Ela percorreu com o olhar sua casa opulenta.

—Diria-te que a um grande número de pessoas gostaria de ser amaldiçoada como você.

—Nunca acreditaria a verdade—. Lhe dirigiu outra desses sorrisos burlonas que não alcançavam seus olhos. Ela se deu conta de que daria muito por vê-lo sorrir, realmente sorrir e fazê-lo com vontades.

—me prove.

Tomou mais tempo responder esta vez, e quando o fez, seu olhar se encheu de diversão cínica.

—O que ocorreria se dissesse, moça, que sou um Druida de um tempo muito antigo?

Chloe lhe dirigiu um olhar exasperado.

—Se não me quiser dizer isso tudo o que tem que fazer é esclarecê-lo. Mas não trate de me calar com tolices.

Com um sorriso apertado, ele assentiu uma vez, como se se tivesse convencido de algo.

—E se te dissesse que quando me beija, moça, não me sinto amaldiçoado? Que possivelmente seus beijos poderiam me salvar. Faria-o?

Chloe conteve o fôlego. Era uma coisa tão parva para dizer, quase tão parvo como sua piada a respeito de ser um Druida... mas tão desesperadamente romântico. Que seus beijos poderiam salvar a um homem!

—Acredito que não—. O olhar do Dageus descendeu de retorno ao texto, e seu calor tinha sido tão intenso que se sentiu congelada por sua ausência.

Franziu o cenho. Sentindo-se como a maior covarde do mundo, sentindo-se estranhamente desafiante, olhou encolerizadamente o sobre infernal da agência de viagens.

—Quando irá?— perguntou irritada.

—Amanhã de noite— disse ele, sem olhá-la.

Chloe ofegou. Tão logo? Amanhã seu grande aventura teria terminado? Apesar de que no dia anterior tinha tratado de escapar dele, sentiu-se estranhamente desinflada.

A liberdade não parecia tão doce quando significava não voltar a vê-lo nunca. Ela sabia muito bem o que ocorreria: ele desapareceria de sua vida e ela retornaria a seu trabalho em Los Claustros (Tom nunca a despediria por perder alguns dias de trabalho para os que pensaria alguma desculpa), e cada vez que olhasse um artefato medieval pensaria nele. A altas horas da noite, quando despertasse cheia dessa inquietação terrível, sentaria-se na escuridão, abraçando seu skean dhu, fazendo-a pior pergunta de todas: o que poderia ter sido? Nunca mais jantaria e beberia em um penthouse de luxo na Quinta Avenida. Nunca mais a olharia dessa maneira. Sua vida reataria sua usual cadência idiotizante. Quanto tempo passaria antes de que esquecesse que uma vez se havia sentido intrépida? Sentindo-se tão breve e intensamente viva?

—Retornará a Manhattan?— perguntou com uma voz pequena.

—Não.

—Alguma vez?

—Nunca.

Um suspiro suave escapou dela. Brincou com um fio frisado de seu cabelo, girando-a em espiral ao redor de um dedo.

—Que classe de malefício?

—Trataria de me ajudar se estivesse maldito?—. Ele olhou para cima outra vez e ela sentiu uma tensão nele que não podia compreender. Como se sua resposta fora em certa forma crítica.

—Sim, provavelmente o faria— admitiu. E era certo. Embora não aprovava os métodos do Dageus MacKeltar, embora havia muito a respeito dele que não entendia, se estava sofrendo ela não poderia negar-se.

—Apesar do que te tenho feito?

Ela se encolheu de ombros.

—Não me machucaste exatamente—. E lhe tinha dado um skean dhu. Realmente lhe deixaria conservá-lo?

Estava a ponto de perguntar-lhe quando, com um movimento veloz de sua boneca, o homem lhe lançou o sobre da agência de viagens.

—Então vêm comigo.

Chloe apanhou o sobre por um extremo, com seu coração saltando um batimento do coração.

—Q-o que?—. Piscou, pensando que teria devido ouvir mau.

Ele assentiu.

—Abre-o.

Franzindo o cenho, Chloe abriu o sobre. Olhou os documentos de identificação dudosamente. Tickets para Escócia, para o Dageus MacKeltar... e Chloe Zanders! Simplesmente a visão de seu nome impresso no bilhete lhe fez dar calafrios. Para partir para dia seguinte de noite às sete em ponto do aeroporto JFK. Uma escala curta em Londres, e de ali para o Inverness. Em menos de quarenta e oito horas ela poderia estar em Escócia!

Se se atrevia.

Abriu e fechou sua boca várias vezes. Finalmente, suspirou com incredulidade:

—OH, o que é você? O diabo mesmo, que vem a me tentar?

—Faço-o, moça? Você tato?

Só em todos os níveis, pensou ela, mas se recusou a lhe dar a satisfação de ouvir isso.

—Não posso simplesmente me levantar e viajar a Escócia com um... um...— interrompeu-se, balbuciando.

—Ladrão?— ofereceu ele perezosamente.

Ela bufou.

—Okay, assim devolveu essas coisas. Que mais dá? Nem sequer te conheço!

—Tem o desejo de fazê-lo? Irei amanhã. Isto é agora ou nunca, moça—. Ele esperou, observando-a—. Algumas oportunidades chegam somente uma vez, Chloe, e logo se vão.

Chloe cravou os olhos nele em silêncio, sentindo-se completamente dividida. Uma parte sua resolutamente cravava seus talões no chão, contando com os dedos umas mil razões pelas que não poderia fazer uma coisa tão amalucada e impulsiva. Outra parte... uma parte que ao mesmo tempo a horrorizava e a intrigava... dava saltos, gritando: “Dava sim!”. Teve o desejo repentino e estranho de levantar-se e ir olhar se no espelho, para ver se se via tão alterada por fora como se sentia por dentro.

atreveria-se a fazer algo tão patentemente atrevido? Tomar uma oportunidade assim? Pôr tudo a um lado e comprovar até onde chegava?

Por outra parte, atreveria-se a retornar a sua vida da forma que era? Retornar a viver em seu diminuto quarto e seu eficiente quarto de banho do tamanho de uma caixa de fósforos, fazer seu caminho solitário para trabalhar cada dia, conseguindo estar em paz só jogando com antiguidades que alguma vez seriam delas?

Ela tinha saboreado mais, e —maldito fora esse homem—, agora queria mais.

O que era o pior que poderia ocorrer? Se ele tivesse alguma intenção de danificá-la fisicamente, poderia havê-lo feito fazia muito tempo. A única ameaça real que representava era uma que ela controlava: se lhe permitisse ou não seduzi-la. Se se arriscava a apaixonar-se por um homem que era, sem lugar a dúvidas, um inveterado lobo solitário e um mau menino; um homem que não pedia desculpas e não oferecia mentiras de consolo.

Se não se apaixonava por ele, se fosse uma garota lista e conservava a sensatez, quão pior poderia ocorrer era que ele pudesse deixá-la abandonada em Escócia. E isso não lhe resultou tão completamente desagradável.

Se o fizesse, estava confiada em que, com sua experiência de juventude na universidade, poderia obter um posto em uma cantina em algum sítio. Poderia ficar por um tempo, ver a terra natal de seu avô, com sua viagem paga. Sobreviveria. Faria mais que sobreviver. Finalmente poderia viver.

O que tinha ela ali? Seu trabalho em Los Claustros. Nenhuma vida social da qual poder falar. Nenhuma família. Tinha estado sozinha durante anos, do momento em que o avô tinha morrido. De fato, mais só do que gostaria de admitir. Uma moça perdida e desarraigada, por isso, suspeitava, sua determinação de visitar o povo de seu avô, tinha muito que ver com a esperança de poder encontrar algumas raízes ali.

Lhe apresentava uma excelente oportunidade, associada com a promessa de uma aventura que nunca esqueceria, junto a um homem que, já sabia, nunca poderia esquecer.

OH, Meu deus, Zanders, pensou, incrédula, está tratando de te convencer a ti mesma disto!

E o que tivesse passado se ele se partiu ao dia seguinte e não te tivesse pedido que fosse com ele?, pressionou uma diminuta voz interior. O que tivesse ocorrido se ele te tivesse deixado em claro que partia, e alguma vez o veria outra vez? O que faria nesta última noite com ele?

Chloe inspirou agudamente, horrorizada consigo mesma.

Baixo essas condições hipotéticas —hipoteticamente, claro—, poderia haver feito um risco incrível com um homem como ele, e poderia lhe haver permitido levá-la a sua cama. Aprender o que ele tivesse que lhe ensinar, permitindo-se ansiosamente converter-se no foco de toda essa promessa ao vermelho vivo de conhecimento sensual em seus olhos exóticos.

Visto desse modo, ir a Escócia com ele não parecia realmente tão louco.

Ele a tinha estado observando fixamente, e quando ela levantou seu olhar de assombrados olhos, levantou-se abruptamente do sofá e se moveu para o lugar onde estava a jovem. Impacientemente, apartou a um lado a mesa de café e se deslizou até ajoelhar-se a seus pés, envolvendo suas mãos ao redor das pantorrilhas femininas. Ela sentiu o calor de suas fortes mãos através das calças jeans. Seu simples contato a fez tremer.

—Vêem comigo, moça—. Sua voz era baixa e urgente—. Pensa em seu sangue escocês. Não deseja pisar na terra de seus antepassados? Não sente o desejo de ver os campos de urze e os páramos? As montanhas e os lagos? Não sou um homem que faça promessas freqüentemente, mas posso te prometer isto— ele calou súbitamente, rendo brandamente como se se tratasse de alguma piada privada—: que posso te mostrar uma Escócia que nenhum outro homem jamais poderia te mostrar.

—Mas meu trabalho...

—Ao inferno com seu trabalho. Falas os antigos dialetos. Dois podem traduzir mais rápido que um. Pagarei-te por me ajudar.

—Seriamente? Quanto?— resmungou Chloe, logo se ruborizou, horrorizada pelo rapidamente que tinha perguntado.

Ele riu outra vez. E ela soube que ele sabia precisamente que a tinha em suas mãos.

—Seleciona uma peça —qualquer peça— de minha coleção.

Seus dedos se encrespavam codiciosamente. Ele era o mesmo diabo; tinha que sê-lo! Conhecia seu preço.

Sua voz descendeu a um ronrono íntimo.

—Logo escolhe dois mais. Por um mês de seu tempo.

Lhe caiu a mandíbula. Três antiguidades e uma viagem a Escócia, por um mês de seu tempo? Estava brincando! Poderia vender qualquer dos artefatos a sua volta a Manhattan (fez uma nota mental para escolher um de que pudesse suportar desprender-se), voltar para a escola, obter seu doutorado... e trabalhar em qualquer condenado museu que quisesse!! Poderia permitir-se tirar férias fabulosas, ver o mundo. Ela —Chloe Zanders— poderia levar uma vida glamorosa e excitante!

E tudo o que o diabo sempre quer em troca, ronronou cáusticamente uma pequena voz dentro de si, é uma alma.

Ela a ignorou.

—Mais o skean dhu?— esclareceu precipitadamente.

—Sim.

—por que Inverness?— perguntou sem fôlego.

Uma sombra se moveu rapidamente através de seu formoso rosto masculino.

—É onde vivem meu irmão, Drustan, e sua esposa— vacilou um momento, logo adicionou—; ele também coleciona textos.

E se ela tinha vacilado antes, isso o rematou. Seu irmão e sua esposa; veriam-se freqüentemente com sua família. Que tão perigoso poderia ser um homem se a levava junto a sua família? Não seria como se fossem estar sozinhos e juntos todo o tempo. Estariam com sua família. Se fosse lista, poderia proteger-se de sua sedução. E passar um mês com ele! Chegar a conhecê-lo, compreender que fazia palpar a um homem semelhante. Quem sabia o que poderia ocorrer em um mês? E o príncipe se apaixonou pela camponesa... martelou seu coração.

—Dava que sim, moça. Quer fazê-lo, vejo-o em seus olhos. Escolhe suas peças. Deixaremos-las em sua casa antes de partir.

—Nunca estariam seguras em meu apartamento!—. Inclusive ela percebia que fraco era seu protesto.

—Então em uma dessas caixas... Uma dessas...— ele piscou.

—As caixas de segurança de um banco, quer dizer?

—Sim, isso, moça.

—E terei a chave?— contra-atacou de súbito.

Ele assentiu, com a luz da vitória brilhando intensamente em seu olhar depredador. Em um filme, o demônio tinha sempre esse olhar antes de dizer: Assina aqui.

—por que está fazendo isto?— sussurrou ela.

—Disse-lhe isso. Desejo-te.

Ela tremeu outra vez.

—por que?

Ele se encolheu de ombros.

—Possivelmente seja a alquimia da alma. Não sei. Não me importa.

—Não me deitarei contigo, MacKeltar— disse a jovem repentinamente. Não queria que esperasse isso, precisava deixá-lo em claro muito cuidadosamente. Se, em algum momento, ela se decidia, seria algo pelo que estaria disposta a arriscar-se, um pouco completamente distinto. Mas ele precisava saber que não era parte de seu convênio. Coisas assim não podiam ser compradas—. Suas antiguidades compram só minha companhia como tradutora. Não sexo. Isso não é parte de nosso trato.

—Não desejo que seja parte de nosso trato.

—Crie que pode me seduzir— o acusou.

Ele apanhou seu próprio lábio inferior com seus dentes, soltou-o lentamente, e sorriu. Foi algo tão óbvio esse gesto, pensou Chloe irritada, deliberadamente desenhado para que enfocasse sua atenção em seus lábios... Sabia perfeitamente, mas isso não impedia que funcionasse cada maldita vez que ele o fazia. De fazê-la autoconsciente de estar umedecendo seus próprios lábios. Diabos e duplamente diabos, pensou; o homem era bom.

Já está seduzida, pequena Chloe, pensou Dageus, observando-a, mas aceitá-lo, é uma simples questão de tempo agora. Ela o desejava: não se tratava de uma paixão unilateral. A que os unia era uma atração perigosa que desafiava a lógica ou a razão. Ela estava tão impotentemente fascinada por ele como ele o estava por ela. Cada qual sabia que deveria afastar do outro: ele, porque não tinha direito a corrompê-la; ela, porque em algum nível subconsciente suspeitava que algo estava mal com ele. Mas nem o um nem o outro podiam resistir à atração. O Diabo e o Anjo: ele, seduzido por sua luminosidade; ela, tentada por sua escuridão. Cada um atraído por aquilo do que carecia.

—Pois bem, não terá êxito— ela disse rigidamente, irritada por sua arrogância masculina.

—Confio em que perdoará a um homem por tentá-lo, moça. Um beijo para selá-lo?

—Disse-o a sério— espetou ela—. Não vou ser simplesmente outra de suas mulheres.

—Não vejo nenhuma outra mulher aqui, moça— ele disse serenamente—. Você sim?

Chloe pôs seus olhos em branco.

—Pedi a alguma outra que acompanhe a Escócia?

—Pinjente de acordo, está bem? Simplesmente me assegurava de que entenda as condições.

—Och, entendo as condições— disse ele com uma voz perigosamente suave.

Ela estendeu sua mão.

—Então choca-a.

Quando ele a levantou, em troca, para seus lábios e a beijou, Chloe se sentiu repentinamente insensata.

O momento se sentiu... bom... certamente transcendental. Como se acabasse de tomar uma decisão que trocava sua vida para sempre, em formas que inclusive não podia começar a imaginar sequer. Os gregos tinham uma palavra para tal momento. Chamavam-no Kairos, o momento do destino.

Enjoada de excitação, levantou-se e, com olho perito e nenhuma misericórdia pela carteira do diabo, começou a selecionar seus tesouros.

Capítulo 8

O homem nunca tinha tratado de seduzi-la realmente, decidiu Chloe a seguinte manhã quando corria a toda pressa baixando os degraus e chocava repentinamente contra ele enquanto saía do quarto de banho do primeiro piso, ao pé das escadas.

Uma sedução era isso: vê-lo nu exceto por uma toalha.

De altura imponente, duzentas libras de brilhante pele dourada sobre músculo sólido, e uma condenadamente pequena toalha em torno de seus quadris, o torso esculpido, ondeadas abdominais, um pequeno corte danificando seu assumo musculoso, lembrança de sua escaramuça do dia anterior, uma esteira sedosa e escura de pêlo desaparecendo sob o tecido branco e suave da toalha...

E molhado. Com diminutas gotas de água brilhando tenuemente em sua pele, e o grosso cabelo negro jogado para trás para apartar o de sua face, caindo em um matagal molhado até sua cintura.

E ela sabia que se dizia uma só palavra, ele cobriria com esse corpo incrível seu próprio corpo inteiro e...

Chloe lançou um pequeno de bufo, como se lhe tivessem extraído o ar de repente.

—Bom dia— pôde dizer.

—Madainn mhath, moça—. Ele ronronou sua resposta em gaélico, sustentando-a pelos cotovelos—. Confio em que dormiu bem sem as ataduras?

Ele poderia não havê-la maço, mas tinha dormido fora de sua porta. Tinha-o ouvido aí fora, movendo-se de um lado a outro.

—Sim— respondeu um pouco jadeantemente. O homem era simplesmente muito formoso para a tranquilidade de espírito de qualquer mulher.

Ele ficou com o olhar fixo nela um comprido momento.

—Temos muito que fazer antes de partir —disse, soltando seus braços—. Sairei apenas me vista.

Rodeou-a e subiu as escadas. A moça se voltou, aturdida, observando-o com os olhos muito abertos. Nem sequer tinha tratado de beijá-la, pensou, irritada com ele porque não o tivesse feito, e irritada consigo mesma por estar irritada. Córcholis, o homem a enchia de uma dualidade impossível. Estava resolvida a não ser seduzida, mas desfrutava de sua sedução. A fazia sentir completamente feminina e viva.

Céu santo, pensou, observando-o. Com cada degrau que ele ascendia, os músculos de suas pernas se flexionavam. Pantorrilhas perfeitas, coxas duras como a rocha. Traseiro apertado. Uma cintura esbelta, alargando-se até seus ombros musculosos. Com seus músculos trabalhados, via-se capitalista em uma forma magra e faminta. O tempo parecia desaparecer como em um sonho enquanto o observava.

—OH!—. Ela ficou sem fôlego repentinamente, rígida pela comoção.

O tipo realmente tinha feito isso?

Deus santo! Como obteria alguma vez apagar essa visão dele de sua mente?

No alto das escadas o maldito homem tinha deixado cair sua toalha, enquanto subia esse último degrau, com as pernas ligeiramente divididas... Lhe dando um breve vislumbre de... OH!

Ainda estava tratando de respirar, sem ter muito êxito, quando ouviu uma risada suave, rouca e muito presumida.

Mulherengo desavergonhado!

Dageus partiu do apartamento quando Chloe entrou na ducha. A alternativa era sair ou unir-se a ela, e a jovem não estava ainda em condições de permitir o que ele necessitava. Era mais sábio não imaginar-se entrando na ducha atrás dela, tomando seu corpo escorregadio e molhado entre seus braços e colocando suas mãos nesses seios nus e esplêndidos. Levaria-a a Escócia em pouco tempo, e ali, em sua amada terra, reclamaria-a completamente.

Ela o teria deixado beijá-la, tinha-o visto na dilatação de seus olhos, na exuberância dessa boca suave como uma pétala.

Mas havia muito que fazer antes de partir, e um amante perito sabia que havia momentos em que aumentar a antecipação de uma mulher era muito mais sedutor que satisfazê-la. Então, com um provocador distanciamento, resistiu-se aos beijos que poderia ter reclamado e lhe tinha mostrado, em troca, o que se estava negando a si mesmo, o que poderia ter se somente dissesse uma palavra. Todo ele, seu desejo insaciável, sua necessidade, sua energia, sua determinação para lhe dar agradar como nenhum outro homem poderia fazê-lo. Ser o escravo de cada um de seus sensuais desejos. Sabia que ela tinha visto a pesadez de seu testículo em meio de suas pernas e a cabeça grossa de seu membro debaixo deles enquanto tinha subido o último degrau.

Era melhor que ela se familiarizasse com seu corpo após, com lentidão.

Sorriu, enquanto o táxi se parava em seco no meio do tráfico, recordando seu suave, pequeno e horrorizado ofego. O conhecimento de que nunca tinha sido tocada por outro homem o inflamava. Tragou, com a boca seca de antecipação.

Lhe tinha dado uma lista de coisas que necessitava, e lhe havia dito que seu passaporte estava em seu joalheiro. Lhe havia dito que sim: tinha prometido ir com ele. Não lhe tinha gostado do pensamento de ter que obrigá-la.

Poderia não havê-la seduzido para entrar em sua cama, mas tinha conseguido seduzi-la para entrar em sua vida em outras incontáveis forma, cada maneira, cada situação, um nó, invisível e sedoso, que a amarrava a ele à medida que a introduzia mais profundamente em seu mundo.

Estava obcecado com ela, como nunca o tinha estado com nenhuma outra mulher. Queria lhe contar mais de sua própria história. Tinha estado provando as águas a noite anterior, sondando-a, tratando de determinar quanto poderia chegar a compreender. Nunca tinha considerado lhe contar a uma mulher algo sobre si mesmo, particularmente não a uma com a que não se deitou, mas a possibilidade de que uma mulher como Chloe soubesse o que ele era e escolhesse ser sua mulher de todos os modos, fazia que seu sangue se sentisse como fogo em suas veias. Uma parte dele queria gritar sua própria realidade, forçando-a a aceitá-lo, sem oferecer desculpas. Uma parte mais sábia, o homem que tinha sido, tinha-o prevenido contra semelhante crueldade.

Lentamente. Precisava utilizar cautela e cuidado extremo se esperava obter seu objetivo.

Tarde a noite anterior, ao observá-la titubear sobre quais artefatos escolher, precaveu-se com claridade surpreendente, de que não era somente seu corpo o que queria em sua cama: queria-o tudo dela, devotado sem reservas. Queria-a perto tanto como queria ser livre do mal dentro de si, como se os dois estivessem em certa forma entrelaçados. E o animal interior sentiu sua debilidade aniquiladora: Chloe era uma moça que poderia ser apanhada pelo homem que conquistasse seu coração, para ganhá-lo e conservá-lo durante toda a vida. Sua estratégia já não era uma simples sedução: ele lutava pelo coração da moça, sua mesma alma.

Uma mulher como ela te confiaria seu coração? , burlou-se sua honra. perdeste o julgamento como também suas almas?

—Haud you wheesht— grunhiu brandamente.

O condutor do táxi lhe jogou um olhar no espelho retrovisor.

—Né? O que?

—Não lhe falava com você.

E se de algum jeito consegue conquistá-la, o que fará com ela? , continuou sua honra. Lhe prometer um futuro?

—Não trate de me roubar o presente— grunhiu Dageus—. É tudo o que possuo—. E desde que ela tinha chegado a sua vida, o presente albergava mais interesse para ele do que o tinha feito em um comprido tempo. Era um homem que tinha conseguido sobreviver da noite que se tornou escuro, só fazendo-o hora por hora.

Encolhendo-se de ombros para taxista, que agora o observava com ansiedade patente, revolveu seu bolso, fazendo uma dobro comprovação para estar seguro de que a lista e as chaves do Chloe estavam ali.

As chaves não estavam. Recordando, precaveu-se de que as tinha deixado no móvel da cozinha.

Embora ninguém era mais perito no invasão de moradia que ele, o fazia só quando era necessário. E nunca a plena luz do dia.

Olhou o lento tráfico impacientemente. Para quando o condutor do táxi pudesse tirar os desse matagal, ao melhor, poderia retornar ao penthouse mais rápido a pé.

Empurrou o montante da tarifa através da ranhura e saiu à chuva.

Chloe se depilou as pernas com uma das folhas de barbear do Dageus (ignorando insistentemente a pequena voz descarada que oferecia voluntariamente a opinião totalmente não solicitada de que uma garota não precisava depilar-se quando fazia tão frio fora, a menos que planejasse tirá-los calças por alguma razão), logo saiu da ducha e se melou em loção.

dirigiu-se ao dormitório, ficou as calcinhas e o sustento, e logo empacotou algumas costure na mala que havia lhe trazido enquanto a loção era absorvida por sua pele.

Ia a Escócia.

Não podia acreditar de que modo tinha trocado sua vida em só uns poucos dias. Quanto tinha trocado ela. Em quatro dias, para ser exatos. Quatro dias atrás, tinha entrado no penthouse, e hoje se alistava para voar através do oceano com ele, sem ter idéia do que poderia acontecer.

Negou com a cabeça, perguntando-se se tinha perdido o julgamento completamente. recusou-se a considerar cuidadosamente esse pensamento. Quando pensava nisso, tudo parecia equivocado.

Mas se sentia correto.

partiria, e isso era tudo. Não estava disposta a deixá-lo sair de sua vida essa tarde e para sempre. sentia-se atraída para ele tão irresistivelmente como pelas antiguidades. A lógica não tinha nenhuma maldita coisa que fazer a respeito.

Sua mente se concentrou nos detalhes de último momento e decidiu que tinha que avisar ao Tom. Ele estaria, provavelmente, doente de preocupação e se não escutava nada dela por um mês, teria ao departamento de polícia inteiro procurando seu rastro. Mas não queria falar com ele por telefone, porque lhe faria muitas perguntas, e as respostas não eram completamente convincentes, inclusive para ela.

O correio eletrônico! Isso era. Poderia-lhe enviar uma pequena nota através do computador do estudo.

Procurou com o olhar seu relógio. Dageus deveria estar ausente pelo menos uma hora mais. ficou rapidamente suas calças jeans, meteu-se uma camiseta pela cabeça, e se apressou a baixar as escadas, desejando tirar-se essa obrigação de em cima de imediato.

O que diria? Que desculpa podia lhe dar?

Conheci fantasma Gaulish e não é exatamente um criminoso. Realmente, é o homem mais sexy, mais intrigante, mais preparado que alguma vez conheci e vai levar me a Escócia; paga-me com artefatos antigos por ajudá-lo a traduzir textos porque pensa que está, em certa forma, maldito.

Sim. Correto. Isso vindo da mulher que interminavelmente tinha recriminado ao Tom por ter uma ética menos branca que um lírio. Mas inclusive se lhe dissesse a verdade, não acreditaria vindo de sua parte. Ela não acreditaria.

Entrou no estudo e se distraiu brevemente com as antiguidades pulverizadas ao redor. Nunca se acostumaria ao modo casual de tratar relíquias sem preço. Recolhendo rapidamente um molho de moedas, procurou desordenadamente nelas. Dois tinham cavalos gravadas. Depositando as demais sobre o escritório, estudou as duas moedas com curiosidade. Os antigos celtas continentais gravavam cavalos em suas moedas. Os cavalos tinham sido criaturas valiosas, que representavam a riqueza e a liberdade, merecendo sua própria deusa, Epona, que tinha sido comemorada em mais estatua e inscrições superviventes que qualquer outra deusa.

—Nah— disse, bufando—. Não há forma de que sejam tão antigas—. Estavam em uma condição tão ótima que pareciam ter sido cunhadas só uns quantos anos atrás.

Mas também, meditou, todas suas propriedades o pareciam. viam-se novas, isso era. Impossivelmente novas. Tão novas que tinha contemplado a possibilidade de que pudessem ser falsificações brilhantes. Muito poucos artefatos sobreviviam o passo dos séculos em uma condição tão impecável. Sem a maneira adequada de autenticá-los, tinha que confiar em seu próprio julgamento. E seu julgamento dizia —impossível, embora certo— que seus artefatos eram genuínos.

Uma imagem repentina se desenhou em sua mente: Dageus, vestido com um tartán escocês e a regalia completa, sua juba selvagem, umas tranças de guerra em suas têmporas, balançando o claymore que pendia por cima da chaminé. O homem evocava a imagem do guerreiro celta, como se tivesse sido transplantado no tempo.

—É uma sonhadora, Zanders— se arreganhava a si mesmo. Negando com a cabeça para dispersar seus pensamentos caprichosos, devolveu as moedas a seu montão, e voltou sua atenção à tarefa entre mãos. Acendeu o computador, e sapateou com o pé com impaciência, esperando que se carregasse. Enquanto zumbia e zumbia, saiu do living room e olhou a secretária eletrônica, girando em espiral um cacho de cabelo molhado ao redor de um dedo. O telefone tinha timbrado muitas vezes desde que ele tinha baixado o volume.

Ela o olhou fixamente. Havia nove mensagens.

Sua mão gravitou sobre o botão de play por vários instantes, indecisa. Não se orgulhava de sua propensão a bisbilhotar, mas por muito mau que fora seu pecado, não estava cinzelado em pedra com os Dez Mandamentos. depois de tudo, uma garota tinha direito a armar-se a si mesmo com todo o conhecimento que pudesse obter, verdade?

Seria ingênuo e tolo não fazê-lo

Seu dedo baixou pouco a pouco para o botão play. Vacilou, e avançou lentamente outra vez. Justo quando estava a ponto de pressioná-lo, o telefone timbrou ruidosamente, sobressaltando-a e fazendo-a lançar um pequeno chiado. Com o coração martelando, dirigiu-se rapidamente de volta ao estudo sentindo-se estranhamente apanhada e culpado.

Logo, com um bufido exasperado, retornou correndo e elevou o volume

Katherine outra vez. Com sua voz ardente e lhe ronronem. Ugh.

Com o cenho franzido, Chloe baixou o volume de novo, decidindo que tinha ouvido suficiente. Não necessitava mais avisos de que ela era uma de tantas.

Uns poucos minutos mais tarde, acessava a Internet, introduzia a contra-senha de sua conta do Yahoo! e datilograva velozmente:

Tom, minha tia Irene (que Deus a perdoasse, não tinha nenhuma tia Irene) foi levada repentinamente ao hospital e tubo que ir imediatamente a Kansas. Lamento muito não me haver comunicado contigo antes, mas ela está em condição crítica e estive ficando no hospital. Não estou segura de quando retornarei. Pode ser em algumas semanas ou mais tempo. Tratarei de te chamar logo. Chloe.

Que elegantemente mentia, pensou com curiosidade. Estava fumando charutos, aceitando subornos e mentindo. O que lhe tinha ocorrido?

Dageus MacKeltar, isso era o que lhe tinha ocorrido.

Releu várias vezes o e-mail antes de teclar o botão de enviar. Ainda estava cravando os olhos na notificação —sua mensagem foi enviado—, sentindo-se um pouco aturdida pelo que acabava de fazer, que parecia ser um passo absolutamente definitivo, quando ouviu a porta abrir-se e fechar-se.

Ele já estava de volta!

Teclou o botão de apagado, rezando para que também desconectasse Internet. Embora não tinha nada do que sentir-se culpado, preferia evitar uma disputa potencial. Especialmente depois de quase escutar suas mensagens. Deus, ele poderia ter entrado e a teria apanhado fazendo-o! Que humilhante teria sido!

Aspirando profundamente, empastelou uma expressão inocente em sua face.

—O que está fazendo de volta já?— gritou enquanto saía do estudo.

Logo ficou sem fôlego, alarmada, e se parou em seco perto do portal da cozinha.

Um homem, embelezado com um traje escuro, estava de pé na sala de estar, examinando rapidamente os livros na mesa de café. De altura comum, constituição alta e magra, com o cabelo castanho curto, estava bem vestido e tinha um ar culto.

Aparentemente, ela não era a única que se passeava a vontade no penthouse que Dageus nunca fechava com chave. Realmente deveria começar a fazê-lo, pensou ela. O que tivesse ocorrido se ainda tivesse estado na ducha, ou tivesse baixado as escadas só com uma toalha para encontrar a um desconhecido ali? teria se pego um susto dos mil demônios.

O homem se deu volta para ouvir seu ofego.

—Lamento havê-la sobressaltado, senhora— se desculpou ele amavelmente—. Se encontra Dageus MacKeltar?

Acento britânico, notou a jovem. E uma tatuagem curiosa no pescoço. Não parecia realmente adequado para ele. Não parecia do tipo que se fazem tatuagens.

—Não o ouvi golpear a porta— respondeu Chloe. Não acreditava que o tivesse feito. Talvez os amigos do Dageus não o faziam—. É amigo dele?

—Sim. Sou Giles Jones— disse o homem—. Está ele aqui?

—Não no momento, mas estarei encantada de lhe dizer que você passou de visita—. Ela o olhou fixamente, sua curiosidade nunca inativa. Ali estava um dos amigos do Dageus. O que poderia lhe contar dele?—. É um amigo íntimo?— perguntou.

—Sim—. Ele sorriu—. E quem pode ser você? Não posso acreditar que não me tenha mencionado a uma mulher tão formosa.

—Chloe Zanders.

—Ah, ele tem um gosto delicioso— disse Giles brandamente.

Ela se ruborizou.

—Obrigado.

—Onde foi Dageus? Retornará logo? Posso esperá-lo?

—Provavelmente demorará uma hora mais ou menos. Posso lhe dar uma mensagem de sua parte?

—Uma hora?— repetiu ele—. Está segura? Possivelmente poderia esperá-lo; ele poderia estar de volta mais logo—. A olhou inquisitivamente.

Chloe negou com a cabeça.

—Temo-me que não, senhor Jones. foi conseguir algumas costure para mim; partiremos com destino a Escócia mais tarde e...

Ela deixou de falar à medida que a conduta do homem trocava abruptamente.

foi-se o sorriso encantador. Tinha desaparecido o olhar apreciativo, substituída por uma expressão fria e calculadora. E —seu cérebro pareceu resistir a tramitar esse fato— repentinamente, assustadoramente, havia uma faca em sua mão.

Ela negou com a cabeça com força, incapaz de compreender o giro valente dos acontecimentos.

Com um sorriso ameaçador, ele se moveu para ela.

Ainda tratando de obter uma espécie de escura compreensão da situação, ela disse estupidamente.

—Você não é seu amigo—. OH, córcholis, acaso não tem uma faca, Zanders? , repreendeu-se silenciosamente. Consegue um escudo. Encontra uma maldita arma. Retrocedeu lentamente para a cozinha, assustada de fazer um movimento repentino.

—Ainda não— foi a estranha resposta do homem enquanto ele se aproximava de passos lentos.

—O que quer? Se for dinheiro, ele tem muito dinheiro. Toneladas de dinheiro. E o dará com tudo gosto. E há antiguidades— balbuciou. Estava na reta final. Certamente haveria uma faca descansando sobre o móvel em alguma parte—. Valem uma fortuna. Ajudarei-o às empacotar. Há montões de coisas aqui que pode tomar. Não interferirei em seu caminho para nada. Prometo-o, simplesmente...

—Não é dinheiro o que procuro.

OH, Deus Santo. Uma dúzia de cenários horríveis, cada um pior que o anterior, relampejou através de sua mente. Ele a tinha enganado para que admitisse por própria vontade que estava sozinha durante uma hora, fingindo conhecer o Dageus. Que ingênua tinha sido! Pode tirar a garota de Kansas, mas não pode tirar Kansas da garota, pensou, a histeria borbulhando em seu interior.

—OH, olhe isso! equivoquei o tempo! Ele deve estar por chegar de um momento a outro.

Um latido bem definido de risada.

—Bom intento.

Quando ele se equilibrou para apanhá-la, ela retrocedeu, com a adrenalina alagando-a. Freneticamente, com mãos torpes pelo medo, aferrou coisas do móvel e as jogou para ele. A cafeteira termal ricocheteou de lado contra seu ombro, arrojando café em todas direções; a tábua de picar carne o golpeou diretamente no assomo. Derrubando-o tudo detrás de si, agarrou uma taça Baccarat depois de outra da pia e as jogou em sua cabeça. Ele se agachou rapidamente e as esquivou, e copo detrás copo estalou contra a parede detrás dele, caindo como chuva de vidro no piso.

Ele vaiou de fúria e seguiu avançando.

Abrindo a boca para respirar, perigosamente perto de hiperventilar, Chloe procurou provas mais arsenal. Uma panela, um coador, algumas chaves, um cronômetro, uma frigideira, frascos de especiarias, mais copos. Necessitava uma condenada arma! Em meio desse maldito museu, certamente poderia pôr suas mãos em um jodido faca! Mas seus pés nus continuavam escorregando-se no café enquanto tratava de evitar ao mesmo tempo a seu assaltante e os vidros quebrados.

Assustada de apartar a vista dele, mediu uma gaveta detrás de si e o manuseou freneticamente: toalhas.

A seguinte gaveta: bolsas de lixo e envoltórios Reynolds. Atirou-lhe ambas as gavetas.

Com os vidros rangendo sob seus sapatos, ele avançou, encurralando-a contra o móvel.

Uma garrafa de vinho. Enche. Obrigado, Meu deus. Manteve-a detrás de suas costas e ficou imóvel.

Ele fez exatamente o que ela tinha esperado. equilibrou-se sobre ela silenciosamente, e a jovem estreitou a garrafa em sua cabeça com todas suas forças, empapando-os a ambos com vinho e lascas de vidro.

Ele a agarrou pela cintura enquanto caía, arrastando-a consigo. Ela não era rival para a força do homem enquanto ele lutava contra ela, tendida sobre suas costas, baixo ele.

Chloe divisou um brilho de prata perigosamente perto de sua face. ficou frouxa por um momento, só o suficiente para surpreendê-lo, logo se retorceu e levantou o joelho contra sua virilha e lhe cravou os polegares nos olhos, murmurando um agradecimento silencioso ao Jon Stanton em Kansas, que lhe tinha ensinado os dez truques sujos quando tinham saído na escola secundária.

—Ai, maldita cadela!— Quando ele se agitou violentamente de maneira reflete, Chloe o golpeou com os punhos, tentando desesperadamente sair de debaixo dele.

A mão do homem se fechou em seu tornozelo. Ela agarrou um pedaço de vidro, sem emprestar atenção a seus numerosos cortes e se voltou contra ele, vaiando e cuspidando como um gato.

E quando esfaqueou com o vidro a mão que sujeitava seu tornozelo, um triunfo agudo a encheu. Podia estar no piso, ensanguentada e chorando, mas não ia morrer sem uma maldita briga.

Dageus entrou na hall, perguntando-se se Chloe ainda poderia estar na ducha. Imaginou uma breve visão dela, gloriosamente nua e molhada com tudo esse cabelo precioso caindo sobre suas costas. Com a mão no trinco da porta, sorriu, e logo se sobressaltou quando ouviu um choque, seguido por uma maldição.

Empurrando a porta para abri-la, ficou com a boca aberta, a incredulidade e a comoção paralisando-o por um precioso momento.

Chloe, jorrando um líquido vermelho que sua mente se negou a aceitar que pudesse ser sangue, estava parada na sala de estar, olhando para a cozinha, lhe dando as costas, agarrando firmemente o claymore de cima da chaminé com ambas as mãos, chorando e soluçando violentamente.

Um homem saiu da cozinha, seu olhar assassino fixo no Chloe, com uma faca na mão.

Nenhum dos dois tinha notado ainda sua presença.

—Chloe, pequena, retrocede— vaiou Dageus. Instintivamente, usou a Voz de Poder, enlaçando a ordem com um feitiço de compulsão druida, se por acaso ela estava muito assustada para mover-se por sua própria vontade.

O homem se sobressaltou e o viu então, sua face registrando comoção e... algo mais, algo que Dageus realmente não pôde definir. Uma expressão que tinha pouco sentido para ele. Reconhecimento? Temor? O olhar do intruso passou da porta detrás o Dageus, até as portas abertas que conduziam a terraço molhada pela chuva.

Grunhindo, Dageus começou a avançar, como um felino à espreita. Não tinha necessidade de apressar-se, já que o homem

não tinha nenhum lugar aonde ir. Chloe tinha respondido a sua ordem e tinha retrocedido para a chaminé, onde estava parada agarrando firmemente o claymore, branca como um fantasma.

Estava ainda de pé. Esse era um bom sinal. Certamente todas as manchas vermelhas não poderiam ser de sangue.

—Está bem, moça?—. Dageus manteve o olhar fixo no intruso. O poder se agitava dentro dele. O poder antigo, o poder que não era o seu, o poder que era pouco confiável e estava sedento de sangue, incitando-o a destruir ao homem usando malefícios arcaicos, proibidos. Para fazê-lo morrer uma morte lenta e horrífica por atrever-se a tocar a sua mulher.

Convertendo em punhos suas mãos, Dageus lutou por fechar sua mente a esse poder. Ele era um homem, não um mal antigo. O suficientemente homem para dirigir isso por si mesmo. Sabia, embora não entendia como, que usar o poder escuro dentro de si para matar selaria sua condenação.

Solução.

—Estraguem, acredito que sim—. Mais soluções.

—Filho de puta. Machucou a minha mulher— grunhiu Dageus, avançando inexoravelmente, encurralando ao homem para a terraço, quarenta e três pisos por cima da rua.

O intruso olhou por cima de seu ombro a baixa parede de pedra que rodeava a terraço, como medindo a distância, logo olhou ao Dageus outra vez.

O que fez depois foi tão estranho e inesperado que Dageus não pôde reagir a tempo para detê-lo.

Com os olhos resplandecendo de zelo fanático, o homem inclinou de modo respeitoso sua cabeça.

—Pode que sirva aos Draghar com minha morte, como falhei com minha vida.

Dageus ainda tratava de processar o fato de que ele havia dito “os Draghar” quando o homem girou, encarapitou-se em cima da parede, e deu um salto de cisne de quarenta e três pisos para um nada.

Capítulo 9

—O que é essa coisa?— perguntou Chloe, sobressaltando-se.

—te acalme, moça. É só um bálsamo que acelerará a cicatrização—. Dageus o pulverizou sobre seus inumeráveis cortes, murmurando feitiços cicatrizantes em uma língua antiga que ela não conhecia. Um idioma tanto tempo morto que os estudiosos de seu século não tinham nome para ele. O vermelho pegajoso de sua roupa tinha sido vinho e não sangue. Ela tinha resultado notavelmente ilesa, considerando-o tudo, com cortes em suas mãos e pés, uns poucos arranhões em seus braços, mas nenhuma lesão lhe debilitem.

—Isso se sente melhor— exclamou.

Ele a percorreu com o olhar, obrigando-se a olhar seus olhos, não as curvas exuberantes e deliciosas apenas ocultas por seu delicado sustento de encaixe e suas calcinhas. depois de que o homem tivesse saltado, Dageus tinha despido ao Chloe mais rudamente do que tinha pretendido, frenético por constatar a extensão de suas feridas. Agora ela estava sentada a seu lado no sofá, de face a ele, seus pés pequenitos em seu regaço enquanto ele os atendia.

—Aqui, moça—. Ele tomou uma manta de cachemira desde atrás do sofá e a envolveu ao redor de seus ombros, acomodando-a para que a cobrisse do pescoço aos tornozelos. Ela piscou lentamente, como se logo que começasse a dar-se conta de sua estado de quase nudez, e ele soube que sua mente estava ainda intumescida pela dura experiência.

Forçou sua atenção de volta a seus pés. Os feitiços cicatrizantes o empurravam sempre mais perto dos limites de seu controle. excedeu-se no uso da magia nos passados poucos dias. Necessitava um comprido período de tempo sem feitiços para recuperar-se.

E ela também.

O maior período de tempo que tinha passado sem uma mulher, desde dia em que se tornou escuro, era uma semana. Ao final da qual, tinha subido sobre a parede da terraço também, agarrando firmemente uma garrafa de uísque e dançando um reel escocês sobre as pedras escorregadias em meio de uma tempestade de chuva geada, deixando que o destino escolhesse de que lado cairia primeiro.

—Mentiu-me— disse ela, apartando seu cabelo, ainda úmido da ducha, de sua face com uma mão enfaixada—. Ele disse era seu amigo e lhe disse que não retornaria por uma hora—. Seus olhos se fizeram enormes—. por que retornou?

—Esqueci a chave, moça.

—OH, Meu deus— murmurou ela, parecendo aterrorizada uma vez mais—. O que tivesse passado se não o tivesse feito?

—Mas o fiz. Está a salvo agora—. Nunca permitirei que perigo te toque de novo.

—Não o conhecia, verdade? Digo, ele simplesmente disse isso para inteirar-se de quanto tempo te tinha ido, correto?

—Não, moça, nunca tinha visto esse homem antes—. Isso ao menos era certo—. É como diz, ele mentiu para saber quando retornaria, quanto tempo estaria sozinha. Pôde ter obtido meu nome de qualquer sítio. Dos pôsteres do correio, da guia Telefônica—. Ele não figurava na lista de nenhum desses lugares. Mas ela não precisava sabê-lo.

—por que o deixaria subir a Segurança?

Dageus se encolheu de ombros.

—Estou seguro de que não o fizeram. Há formas de evadir a Segurança— murmurou, observando o dano produzido durante a briga. Precisava pôr em ordem a cozinha antes de que a polícia indevidamente chegasse para interrogar aos ocupantes de seu lado do edifício. Felizmente, havia vinte e oito terraços debaixo da sua, do piso quatorze, e a polícia, sabia, já que os mais ricos eram melhor considerados em qualquer século, deixaria o nível do penthouse para o último.

Sua mente correu a velocidade sobre os detalhes: erradicar todo signo de briga, recolher para empacotar os dois últimos tomos, fazer uma escala em casa do Chloe para procurar seu passaporte, levar suas antiguidades ao banco, ir ao aeroporto. alegrou-se de que partissem esse mesmo dia. Tinha-a metido sem razão em algo que nem sequer ele compreendia, e só ele podia protegê-la.

E o faria. Ela era a guardiana de seu Selvar. A vida do Dageus era agora seu escudo.

Pode que sirva aos Draghar... havia dito o homem.

Tinha pouco sentido para ele. havia-se sentido tão sobressaltado para ouvir essas palavras nos lábios do homem que o tinha ficado olhando sem reagir. Estava furioso consigo mesmo porque, se se tivesse movido ou falado mais rápido, poderia ter forçado umas quantas respostas do homem. Aparentemente, alguém sabia mais a respeito de seu problema do que ele mesmo o fazia. Como? Quem possivelmente poderia saber no que se converteu? Nem sequer Drustan sabia com toda segurança! Quais no maldito inferno eram os Draghar? E de que maneira o homem tinha estado servindo-os?

Se fossem, como tinha considerado o princípio, uma parte dos Tuatha do Danaan, e se certamente tinham decidido capturá-lo, por que machucar a uma mulher inocente? E se eram uma raça supostamente imortal, por que enviar a um mortal para cumprir com suas ordens? Não havia dúvida de que o homem tinha sido mortal. Dageus o tinha visto. Tinha aterrissado em um carro, ou melhor dizendo, fundiu-se com o carro.

Enquanto tinha limpo as feridas do Chloe, tinha-a interrogado a fundo sobre o intruso, em parte para mantê-la falando para que não entrasse em shock. O homem se identificou como Giles Jones, embora Dageus não se enganava com que esse fora seu nome real. O homem o tinha reconhecido de algum jeito. Poderia não ter conhecido ao Giles Jones, mas Giles Jones o tinha reconhecido a ele. Quanto tempo tinha estado vigiando-o esse homem, espiando-o, em espera de um momento para atacar?

Um medo repentino por seu irmão e Gwen o atendeu. Se ele estava sendo vigiado, Drustan também? Que classe de malefício tinha feito cair sobre si mesmo e seu clã?

Negou com a cabeça, fazendo-se desordenadamente dúzias de perguntas para as quais não tinha nenhuma resposta. Pensar não servia para nada. Era necessário atuar agora. Precisava pôr em ordem as coisas, tirar o Chloe do país, e logo poderia concentrar-se em descobrir quem eram os Draghar.

Acabou com o último corte e a olhou à face. Ela o observava em silêncio, seus olhos enormes, embora a cor lentamente retornava a sua face.

—me perdoe, moça. Deveria ter estado aqui para lhe proteger— se desculpou gravemente—. Isto nunca ocorrerá outra vez.

—Não foi sua culpa—. Ela dirigiu um pequeno sorriso tremente—. Não pode te responsabilizar por todos os criminosos da cidade. É óbvio que esse homem não estava em seu são julgamento. Quero dizer... meu Deus, ele saltou. Se suicidó—. Ela negou com a cabeça, ainda incapaz de compreendê-lo—. Disse algo antes de saltar? Deu-me a impressão de que o fez.

A jovem tinha estado muito longe para ouvi-lo.

—uma espécie de gíria sem sentido. Estou seguro de que tem razão a respeito disso. Ao melhor ele estava louco ou...— Dageus se encolheu de ombros.

—Drogado— disse ela, assentindo com a cabeça—. Seus olhos eram estranhos, como se fosse algum tipo de fanático. Realmente pensei que ia matar me—. Uma pausa, logo disse:— Contra-ataquei. Não me derrubei.

via-se o mesmo tempo horrorizada e orgulhosa desse fato, e bem que deveria está-lo, pensou ele. Que difícil devia ter sido para ela, tão diminuta como era, enfrentar-se a um homem muitíssimo maior, que além disso tinha estado esgrimindo uma arma com a intenção de matá-la. Uma coisa era tentá-lo contra um homem de seu tamanho e textura, sem mencionar seu treinamento na batalha, mas ela? A moça tinha valor.

—Fez-o bem, Chloe. É uma mulher extraordinária—. Dageus remeteu um cacho vagabundo e úmido detrás de sua orelha. Começava a perder a luta para evitar que seu olhar avidamente perambulasse sobre seu corpo, sabendo que ela estava quase nua sob a suave manta. Um peculiar calor gelado alagava suas veias, escuro e exigente. Uma necessidade a que não lhe importava que ela estivesse traumatizada, uma necessidade que se empenhava em convencer o de que o sexo a faria sentir-se melhor.

Os farrapos de sua honra não estiveram de acordo. Mas eram só farrapos, e ele precisava apartar a de si. Rápido.

—Estão melhor seus pés?

Ela os deslizou de seu regaço até o piso, logo se levantou, provando-os.

Ele dirigiu o olhar fora da janela precipitadamente, convertendo em punhos suas mãos para evitar abraçá-la. Sabia que se a tocasse agora, deixaria-a cair, abriria-a e se empurraria dentro dela. Seus padrões de pensamento começavam a alterar-se, da forma que o faziam quando tinha passado muito tempo. faziam-se primitivos, animais.

—Sim— disse ela, soando surpreendida—. O que seja esse bálsamo, é assombroso.

—por que não volta acima e termina de empacotar suas coisas?—. Sua voz soou densa e gutural, inclusive para seus próprios ouvidos. levantou-se velozmente e se moveu para a cozinha.

—Mas, o que há a respeito da polícia? Não deveríamos chamar à polícia?

Ele fez uma pausa, mas manteve suas costas para ela.

—Já estão ali fora, moça—. Vete, desejou silenciosa, desesperadamente.

—Mas não deveríamos falar com eles?

—Encarregarei-me de tudo, Chloe—. Ele usou um ligeiro toque de compulsão essa vez, lhe indicando que se esquecesse da polícia, usando uma quantidade suficiente de magia para aliviar sua mente, para ajudá-la a confiar em que ele dirigiria as

coisas, para não lhe dar o que pensar mais tarde a respeito de por que não tinha sido interrogada. Até então, no que à polícia concernia, o homem não tinha cansado de seu terraço, mas ela não precisava sabê-lo.

Ele acabava de entrar na cozinha quando ela o seguiu e pôs a mão em cima de seu ombro.

—Dageus?

Ele se esticou e fechou os olhos. Não se deu a volta. Cristo, moça, por favor. Não quero te violar.

—Hey, date a volta— disse ela, soando brandamente irritada.

Com os dentes apertados, ele se voltou.

—Embora não o fez a propósito, agradeço-te que esquecesse as chaves— disse, logo tomou sua face com suas mãos pequenitas, ficou em pontas de pé e o fez inclinar para baixo para plantar um beijo suave em seus lábios—. Provavelmente salvou minha vida.

Ele podia sentir seus músculos saltando em sua mandíbula. Saltando em seu corpo inteiro. Teve que afrouxar os dentes para conseguir dizer roncamente:

—Provavelmente?

—Estava dando uma boa briga— apontou ela—. E tinha chegado ao claymore.

Um sorriso macilento mas descarada, logo, felizmente, ela se moveu para as escadas.

Ao pé delas, ela olhou para trás.

—Sei que provavelmente não te importa, porque nos partimos, mas deveria dizer ao gerente do edifício que este penthouse tem alguns problemas sérios de calefação. Poderia subir a temperatura um poquito?— esfregou-se os braços através da colcha e, sem esperar uma resposta, apressou-se a subir as escadas.

Cinco minutos mais tarde, ele ainda permanecia apoiado contra a parede, estremecendo-se pela batalha que quase tinha perdido quando ela tão inocentemente havia meio doido seus lábios com os seus. Tinha-o beijado como se ele fora honorável, controlado. Seguro.

Como se não fora o homem que tinha estado a ponto de tomar sua virgindade pela força. Como se não fora escuro e perigoso. Em uma ocasião, tinha acudido ao Katherine quando tinha passado por uma condição tão má. Tinha visto o medo misturado com a excitação nos olhos da mulher quando a havia feito bruscamente, sem dizer uma palavra, na cozinha onde a tinha encontrado. Tinha sabido que ela tinha sentido nele a escuridão. Tinha sabido que a tinha aceso.

Mas Chloe não. Ela o tinha beijado delicadamente. Besta e tudo.

Trevor observou ao Dageus MacKeltar e seu acompanhante de longe enquanto saíam do edifício sobre a Quinta Avenida. A polícia tinha estado atrasando-se por todo o lugar durante horas, tirando o corpo do Giles e interrogando às testemunhas, mas perto da meia tarde se partiram, deixando dois detetives grisalhos e resmungões detrás de si.

Não sentiu pena pelo Giles; sua morte tinha sido veloz, e a morte não era algo que temessem, já que, como a seita dos Druidas, os Draghar acreditavam na transmigração da alma. Giles viveria outra vez em algum outro corpo, em algum outro momento.

Como os Draghar viveriam outra vez no corpo do escocês, uma vez que houvessem feito posse completa dele.

Trevor estava impressionado por que o homem as tivesse enganado até então para esquivar a transformação. Tão capitalista como eram os Draghar, Dageus MacKeltar devia ser desacostumbradamente poderoso por direito próprio.

Mas Trevor não tinha dúvida de que a Profecia chegaria a cumprir-se como tinha sido prometido. Ninguém podia conter tal poder e não usá-lo. Dia a dia, penetraria nele até que já não soubesse que se estava transformando. Simplesmente precisavam provocá-lo, incitá-lo e encurralá-lo. O uso da magia escura para propósitos escuros o faria descender rapidamente a um abismo do que não havia escapatória.

Então, os Draghar caminhariam sobre a Terra outra vez. Então, todo o poder, todo o conhecimento que os Tuatha do Danaan lhes tinham roubado fazia milhares de anos seria recuperado. Os Draghar lhes ensinariam a Voz de Poder que provocava a morte com uma só palavra, e as formas secretas de mover-se através do tempo. Quando seus números fossem muitos e fortes, caçariam aos Tuatha do Danaan e tomariam o que deveria ter sido seu fazia muito tempo. Isso que os Tuatha do Danaan sempre tinham negado aos Draghar: o segredo da imortalidade. A vida eterna, sem necessidade de nenhum arriscado renascimento.

Seriam deuses.

Trevor estudou à mulher fixamente. Era diminuta, e ele se perguntou como tinha terminado Giles passando sobre essa terraço. Teve sido a propósito? Tinha-o arrojado Dageus MacKeltar? Certamente a pequena moça não o tinha feito. Não valia muito. Logo que superava os cinco pés.

O escocês era muito alto junto a ela. Os Draghar tinham recebido um recipiente poderoso, sua figura forte, como a de um guerreiro. Os homens responderiam bem a sua autoridade inata. Ao mesmo tempo que Trevor pensava isso, notou como a multidão se dividia para ele, apartando-se instintivamente fora de seu caminho, e que o Keltar caminhava a grandes passos, como se soubesse que o fariam. Não havia nenhuma vacilação no homem, nenhuma absolutamente. Inclusive desde sua distância segura, pôde sentir o poder que emanava dele.

Quando o escocês percorreu com o olhar à mulher, os olhos do Trevor se estreitaram.

Havia posesividade em seu olhar. Amparo na forma de defendê-la com seu corpo do roce dos transeuntes, seu olhar atento, constantemente esquadrinhando seus arredores. Ao Simon não gostaria.

antes de que Trevor tivesse encontrado seu chamado à Ordem, tinha defendido a presidiários, muito exitosamente, e a

regra cardeal de tal negócio se aplicava ali: aísle o sujeito, a presa cai mais rápido a sós.

Ele caminhou atrás deles, a uma distância segura.

Fizeram uma pausa fora de um banco e Trevor se deslizou mais perto, deixou cair umas poucas moedas e se inclinou para as recolher rapidamente, escutando, para ver se podia alcançar para ouvir alguma conversação.

E finalmente ouviu o que necessitava; planejavam voar a Escócia em algum momento dessa tarde.

mesclou-se de volta em um grupo pequeno de pedestres e tirou um telefone celular. Seria um assunto simples que um de seus irmãos peritos em computadores encontrasse desde que aeroporto e quando, e registrá-lo no voo também.

Falando velozmente, informou ao Simon.

E as instruções do Simon foram precisamente as que esperava.

Horas mais tarde, Trevor se deslizava em um assento uma dúzia de filas detrás deles. Teria preferido sentar-se mais perto, mas o voo não estava completo, e o preocupava que o escocês pudesse detectá-lo.

Tinha-os seguido em segredo toda a tarde e nem sequer uma vez tinha tido a oportunidade de atacar. As facas eram as armas preferidas de sua seita, cada derramamento de sangue um ritual em e por si mesmo, mas tinha tido que abandonar suas armas antes de abordar. Sua gravata teria emprestado um bom serviço para estrangulá-la, se só tivesse podido ter um momento com ela a sós.

Desejava saber o que tinha acontecido no penthouse. Algo tinha posto em guarda ao Dageus MacKeltar para outro ataque. Supôs que estando Giles apanhado, faria-o parecer um roubo, ou o trabalho de um sociópata, algo que se ajustasse melhor ao momento. Mas era evidente que o escocês antecipava outro intento. Não tinha deixado o lado da mulher nem um momento. Quando duas vezes ela tinha ido ao quarto de banho no aeroporto, ele a tinha seguido de perto até ali, tinha esperado no portal, e a tinha escoltado de volta. Quando muita gente para sua comodidade se sentou perto deles na área de espera, ele a tinha insistido a dar um passeio.

O condenado homem era um escudo andante.

Trevor se massageou o pescoço, suspirando.

Voltariam a planejar as coisas em Escócia, procuraria-se armas, e eventualmente a defesa do homem diminuiria. Embora fora só por uns poucos momentos. Uns poucos momentos era tudo o que ele necessitaria.

Capítulo 10

O voo do aeroporto JFK a Londres estava só médio cheio, com as luzes obscurecidas para a comodidade dos viajantes noturnos e os assentos tão cômodos (tinham uma fila toda para eles e tinham levantado os apoyabrazos), que Chloe ficou dormida pouco depois da decolagem.

Agora, movendo-se somnolientamente, manteve os olhos fechados, refletindo sobre os acontecimentos do dia. Tinha passado com velocidade incrível, do ataque, até empacotar, ir a sua casa a procurar seu passaporte, obter uma caixa de segurança no banco para suas antiguidades (suas antiguidades!), passando por um apressado almoço retrasado/cena temprana, e finalmente a viagem ao aeroporto.

Não sentia saudades que se ficou dormida. Não tinha dormido muito a noite anterior, nervosa e excitada pela decisão que havia feito de acompanhar ao Dageus a Escócia. Além disso, o dia tinha sido ocupado, e a comoção do ataque, de por si, quase tinha esgotado sua energia. Ainda não podia acreditar o que tinha ocorrido; parecia irreal, como se o tivesse observado na TV ou lhe tivesse ocorrido a alguém mais. Tinha estado vivendo em Nova Iorque, em um dos distritos mais perigosos por quase um ano, e nada mau lhe tinha ocorrido jamais. Nunca tinha sido golpeada, nunca tinha sido acossada no metro: de fato, não tinha encontrado nenhuma adversidade, assim supôs que talvez lhe tinha chegado o turno. A menos que, claro, a polícia determinasse alguma outra coisa.

Esse pensamento não permaneceu muito tempo e abruptamente desapareceu de sua mente.

Embora lhe incomodava que seu assaltante se houvesse suicidado (e se isso não demonstrava quão louco tinha estado, não sabia o que poderia fazê-lo), sabia que ele tinha tido a intenção de feri-la gravemente, se não de matá-la. O pragmatismo endureceu suas emoções. O fato simples era que estava agradecida de ter sobrevivido. Causar pena pelo homem que tinha estado tão louco que a tinha atacado e logo tinha dado um salto da terraço, mas contente de estar viva de todos os modos. Era surpreendente como sentir a vida de um em perigo o reduzia tudo aos temas mais importantes.

Se Dageus não houvesse tornado —o pensamento a fez estremecer-se— teria lutado a morte. Estava descobrindo toda classe de níveis de sua própria personalidade que não tinha sabido que existiam. Sempre lhe tinha preocupado que se alguém a atacasse, somente se encolhesse, ou se congelasse com impotência. Sempre se tinha perguntado se era no fundo uma covarde.

A Deus obrigado não o era. E graças a Deus, Dageus tinha esquecido a chave.

Tinha sido tão ingênua. Giles-Jones, como não. Que advertência oportuna deveria ter sido. Mas não lhe tinha brindado um segundo pensamento porque o homem tinha parecido e havia agido tão malditamente normal ao princípio. Não obstante, tinha lido em alguma parte que a maioria dos assassinos em série se pareciam com o vizinho do lado.

Quando Dageus tinha entrado, o homem tinha tido um olhar do mais estranha em sua face. Realmente não podia reter o pensamento o suficiente como para...

Mentalmente se encolheu de ombros e apartou com força suas sombrias especulações. Tinha sido horrível; nunca tinha estado tão assustada em sua vida, mas tinha terminado, e olharia para diante, não para trás. Deter-se nisso a faria sentir-se aterrorizada uma vez mais. Algo monstruoso lhe tinha ocorrido justo antes de que tivesse deixado Nova Iorque, mas não

permitiria que marcasse o tempo que tinha passado nessa cidade, nem que produzira um efeito deprimente em seu futuro. Ele estava morto; não lhe concederia ao homem o êxito de fazê-la sentir-se aterrada. Em vinte e quatro anos, tinha sido vítima de um ataque uma só vez. Poderia viver com essas probabilidades. Estava vivendo com elas, assim não permitiria que a assustassem no futuro. Fariam-na mais cuidadosa? Absolutamente. Temerosa? Nem pensar.

Estava caminho a Escócia, com um homem que a fazia sentir mais viva do que jamais se havia sentido. E estava decidida a gozar até o último minuto disso.

perguntou-se o que teria pensado o avô sobre o Dageus.

Chloe Zanders... Chloe MacKeltar.

Zanders, arreganhou-se a si mesmo instantaneamente, deixa de pensar nessas coisas! Não ia a romantizarlo todo. O tinha prometido a si mesmo mais cedo, ao estar sentada no aeroporto com ele, esperando que seu vô saísse. Ele tinha estado tão atento, guiando-a ao banho, lhe levando um sanduíche, sem deixar nunca seu lado, mas com esse aprumo eterno, essa reserva revoltante, essa contenção premente. Não era estranho que as mulheres se encapricharan tão profundamente dele; essa reserva desafiava a uma mulher, a fazia querer ser quem penetrasse no Dageus MacKeltar. Mas Chloe não ia cometer esse engano. Até onde podia ver, era a mulher do momento, nada mais. Estava decidida a atuar inteligentemente, ver a viagem como uma aventura, tomar as coisas literalmente e não ler mais nelas do que havia.

Apesar de tudo, ao avô lhe tivesse gostado de... Seus pensamentos retornaram outra vez para meditar levemente sobre essa mesma manhã, mas em uma parte menos perturbadora. depois de que o homem tivesse saltado, Dageus a tinha despedido rápida e freneticamente, o olhar de seu rosto o suficientemente intensa para silenciar qualquer protesto. A fúria logo que contida emanava dele, fazendo-a pensar que a seu assaltante poderia ter sido concedida uma morte menos dolorosa saltando. Suas mãos sempre firmes tinham estado tremendo quando tinha começado a cuidá-la. Nunca tinha visto alguém tão cheio de fúria comportar-se tão amavelmente. Tinha enxuto com uma esponja o vinho que a manchava, limpo e enfaixado suas feridas, todo o tempo ignorando resolutamente sua nudez.

Parecia que quanto mais profundas eram suas emoções, mais rigidamente ele se controlava. Essa era uma hipótese que estava ansiosa por examinar com mais profundidade. Mas por que a fúria?, perguntou-se. Porque alguém se atreveu a entrar pela força a sua propriedade? Porque tinha sujado sua casa? Uma mulher inclinada a romantizar as coisas poderia ter lido alguma emoção para essa atitude para com ela, mas Chloe não ia ser tão tola.

Com um suspiro suave, abriu seus olhos lentamente para encontrá-lo cravando diretamente os olhos nela. Ele não falou, simplesmente a olhou. Nas sombras, sua face cinzelada era impressionante, grosseiramente masculina.

E seus olhos...

perdeu-se neles por um comprido momento, perguntando-se como poderia ter pensado alguma vez que eram os olhos dourados de um tigre. Eram da cor do uísque escuro. E estavam cheios de alguma classe de emoção. Ela ficou olhando-o. Algo como... Desespero?

Profundamente, sob o aprumo e a mofa, oculto sob a sedução implacável, era possível que Dageus MacKeltar estivesse sofrendo?

Não as mais nas coisas do que há, recordou-se a si mesmo. O que conta sua face é que o homem parece querer te beijar, não te dar seus bebês, Zanders.

meu deus, mas entretanto, ele faria uns bebês formosos, ronronou uma parte primitiva e feminina em seu interior. Essa parte dela que ainda albergava o rastro biológico das mulheres das cavernas, e se inclinava infalivelmente para o guerreiro mais capaz e protetor.

Com os olhos brilhando intensamente, ele inclinou sua cabeça escura para a dela. OH, ele definitivamente queria beijá-la. Soube que deveria rechaçá-lo, chamando-se parva em cada idioma que conhecia, mas isso não ajudou. As luzes estavam quase apagadas, a maioria dos passageiros estavam dormindo, a atmosfera era acolhedora e íntima, e ela queria ser beijada. Que dano haveria em um pequeno beijo? Além disso, estavam em um avião, pelo bem do céu, que tão longe poderia chegar?

Se tivesse sabido a resposta adiantado, teria saído correndo através do corredor e teria selado sua boca com cinta adesiva. De amianto. Várias voltas. Talvez pegaria juntas suas coxas com a mesma cinta além disso.

No momento em que seus lábios tocaram os dela, uma tormenta quente a açoitou de cima abaixo, e sentiu o relâmpago de calor. Ele esfregou seus lábios sensuais sobre os seus, tomando-os devagar, fazendo-a sentir-se necessitada e imprudente.

Lentidão não era o que ela queria. permitiu-se um beijo e, Por Deus, tinha a intenção de obtê-lo. Um real, com todos os adornos. Lábios e línguas e dentes e montões de suspiros suaves. Com um pequeno som de impaciência, tocou com sua língua a dele. Sua resposta foi instantânea e eletrizante, transformando sua tormenta interior em uma tempestade de calor e desejo. Com um grunhido baixo e intenso, ele enterrou as mãos em seu cabelo, e atirou bruscamente sua cabeça para trás contra o assento, sua língua penetrando profundamente. Ela não podia respirar.

O beijo que lhe deu significava sedução, significava quero sua alma, e estava funcionando. Era dominante como o homem mesmo, faminto, exigente. Cativava a Chloe secreta que sentia uma fome igual de profunda que a sua. Ele era uma sombra escura e sedutora rodeando-a, e ela se afogava nele. No picante aroma do homem vestido de couro, no úmido e liso bato as asas de sua língua, nas mãos firmes enterradas em seu cabelo. E ela não se atrevia a fazer esse som que tremia em seu interior. Era insuportavelmente erótico ver-se forçada a receber um beijo assim absolutamente silencioso.

Sua língua ardente empurrou e se retirou em uma evidente representação do sexo, e ela se sentiu molhar-se desesperadamente só por seu beijo. O homem fazia que uma mulher como ela se sentisse como se estivesse sendo devorada, jantada, sorvida pelos deliciosos lametões.

Quando ele se deteve e riscou com a gema de seu polegar seus lábios inchados, ofegou brandamente, com o olhar fixo,

incapaz de dizer uma só palavra. Ele contemplou sua face, eroticamente agradado do que viu em seus olhos frágeis, na prova de que sua mente sentia o efeito entumecedor que tinham seus beijos. Com uma risada baixa e satisfeita, ele pressionou seu polegar contra seus dentes inferiores e forçou sua boca a abrir-se mais, sujeito sua face com as mãos, tomando-a em um profundo beijo com a boca aberta, de língua, lhe roubando o fôlego dos pulmões, logo devolvendo-o. Lhe fazendo o amor a sua boca, lhe deixando saber como lhe faria o amor em toda classe de outros lugares.

Quando ela choramingava contra seus lábios, ele se tornou para trás, seu olhar ardendo a fogo lento. Levantando suas pernas cobertas pelos jeans, ele as devorou sobre as suas, situando a de tal maneira que ficasse apoiada contra a janela, lhe dando um melhor acesso.

—Se desejas que me detenha, moça, diga-o agora. Não lhe perguntarei isso outra vez.

Alguma outra mulher negou com a cabeça, porque Chloe sabia que ela não tinha sido. E certamente foi alguma outra mulher quem escorregou sua mão da nuca masculina, sob sua suave jaqueta de couro negro e entre seus cabelos. E foi definitivamente alguma outra mulher quem as deslizou avidamente para baixo de seu assumo muito duro.

Ele as apanhou em uma das suas e as apartou a um lado.

—Não me toque, moça. Não agora.

Ele fez calar seus protestos empurrando um de seus dedos entre seus lábios. Tocou sua língua, logo riscou seu contorno. Lentamente, arrastou esse dedo úmido para baixo, por seu pescoço, com o passar do bordo de seu suéter de pescoço em V, detendo-se no vale entre seu seios. Ela o observou, fascinada. Ele era tão incrivelmente belo, ali nas sombras, seus lábios sensuais entreabertos, seus olhos aguçados de desejo. Seu fôlego era quente contra o caminho úmido que tinha deixado, tentando seus terminais nervosos a surgir fogosamente à vida.

Quando seu olhar escuro se concentrou em seu seios, seus mamilos se endureceram em picos duros e sentiu os seios inchados e pesados. Deus, o homem era lhe intoxique! Inclusive seu olhar era potente, fazendo arder sua pele, fazendo-a sentir frenética por mais. O simples pensamento de sua boca quente, molhada e ávida em seus mamilos a fez sentir-se fraco de desejo.

Com um olhar tão repleto de promessa sexual que lhe tirou o fôlego, ele devorou a manta que descansava na cintura feminina, para subi-la até seu pescoço. Logo deslizou suas mãos sob a manta, e a cabeça do Chloe se deixou cair fracamente contra a janela, com os olhos fechados.

Deveria detê-lo. E o faria. Logo. Realmente logo.

—Abre seus olhos, pequena. Quero verte me observar quando te toco—. Era uma ordem suave, mas uma ordem não obstante.

Suas pálpebras se elevaram indolentemente. Ela sentiu como se ele estivesse desvanecendo sua vontade com seu contato, deixando-a frouxa e completamente vulnerável a suas demandas.

Ele escorregou as mãos sob seu suéter, impacientemente desenganchou seu sustento e despiu seu seios, cavando-os na palma de suas mãos com urgência. OH, sim, pensou ela. Isso era o que tinha estado desejando do momento em que o tinha visto. Estar nua com ele, sentir suas mãos ardentes e grandes percorrendo sua pele nua. estava-se transformando em um atoleiro de calor suave e feminino nas mãos de um professor, e não podia reunir a suficiente vontade para que lhe importasse. Ele cavou seu seios, amassando e deixando-os cair pesadamente, devorando seus mamilos entre seus dedos. Com seu fôlego quente contra sua pele, ele dirigiu a ponta de sua língua para seu pescoço, logo deslizou sua boca sobre seu queixo, até seus lábios, tomando-a em um beijo contundente, e os dedos fechados em seus mamilos, apertando com ligeireza. Continuou a surriada implacável contra seus sentidos até que ela impotentemente arqueou seus quadris as separando do assento.

Repentinamente ele interrompeu o beijo e se apartou, seus olhos fechados, sua mandíbula apertadamente tensa. Um suspiro vaiou de entre seus dentes apertados. A visão dele lutando pelo autocontrol, a prova do efeito que ela tinha sobre ele, enviou uma emoção primitiva e erótica através do corpo feminino. A visão dele tão excitado que sentia dor era mais que incitante. Teve o mesmo efeito em seu desejo por ele que jogar gasolina às chamas.

Deveria detê-lo. Estava indefesa para detê-lo.

Logo ele abriu seus olhos, seus olhares se encontraram e Chloe compreendeu que ele sabia exatamente como se sentia: perdida, pendendo ao bordo, dolorida pela necessidade terrível. Ele inclinou sua boca sobre a dela, sugando sua língua profundamente dentro de sua própria boca.

Um diminuto espasmo começou a tremer dentro dela, e com ele, chegou-lhe a escura lembrança de onde estava: em um avião, com quase cem pessoas ao redor!

Deus santo, o que ocorreria se chegasse ao clímax?

Deus santo, o que ocorreria se gritava quando chegasse?

—D-detenha— ofegou contra seus lábios.

—Muito tarde, pequena.

Ele a cavou intimamente entre suas pernas, através suas calças jeans, pressionando o duro talão de sua palma contra a V entre suas coxas, e ela quase gritou ante o prazer delicioso de sentir seu contato ali, onde estava tão vazia e lhe doía tão desesperadamente. Com a respiração ofegante, ele moveu sua mão em um ritmo perfeito, encontrando expertamente seus clitorís através do tecido de suas calças jeans, usando as costuras para criar uma fricção perfeita contra ele. OH, o homem sabia como tocar a uma mulher!

—Deixe ir, moça. dêem-me isso agora.

Seu grunhido rouco empurrou ao Chloe impotentemente pelo bordo.

O ruído que poderia ter escapado dela então, que ele deteve esmagando sua boca duramente contra a sua, a teria feito

envergonhar por toda a eternidade. Poderia ter despertado ao maldito avião inteiro. Imaginou que poderia ter causado inclusive uma turbulência.

Com seus gritos amortecidos, Chloe explorou. Sem possibilidade de defesa, sem recato, perdida, uma das grandes mãos masculinas em seu seios, a outra entre suas pernas, ela teve a completa fusão de um reator nuclear, estremecendo-se contra ele, mantendo suas pernas apertadas ao redor de sua mão.

Ele tomou seus gritos com sua língua profundamente enterrada em sua boca, silenciando-a, exceto por uma diminuta choramingação.

O prazer era devastador, bordeó a cúspide e converteu seu interior em mil pedaços trêmulos. Seu corpo inteiro se estremeceu e bem poderia ter feito o ruído que temia, e ter gritado.

Mas ele tomou todos esses sons, sua língua ardente devorando-a, empurrando profundo, lhe roubando o fôlego. Ele sabia exatamente como tocá-la para continuar o prazer, sua mão implacável entre suas pernas sem deter-se nem um segundo e, à medida que seu primeiro orgasmo começava a desvanecer-se em uma espécie de palpitar, converteu-se em um segundo que a retornou diretamente à explosão de seus sentidos.

Ele a beijou enquanto os tremores secundários a estremeciam, com beijos exigentes ao princípio, até fazê-los mais suaves e lentos à medida que seus pequenos tremores diminuía. Ela se pegou a ele, incapaz de mover-se. E embora acabava de experimentar um dobro orgasmo simplesmente esplêndido, sentia-se dolorida, ardente e molhada. Tinha sido saciada, mas não saciada por completo, e se sentia totalmente excitada, irrevocavelmente excitada. OH, Meu deus, o que tenho feito? Ele é aditivo! ficaram por um comprido momento frente contra frente, respirando de maneira desigual. Logo, com uma carícia firme, ele retirou sua mão.

ficou imóvel uns poucos momentos, logo ela ouviu uma afiada inspiração e um gemido dolorido quando ele baixou a mão a seu próprio regaço e se acomodou dentro de suas calças.

Ela apertou suas mãos e fechou os olhos, fazendo um intento para não pensar nessa parte dele que se acabava de tocar. Essa parte que tinha visto momentaneamente quando tinha deixado cair sua toalha, simplesmente o suficiente para alimentar sua curiosidade insaciável.

Não era estranho que Katherine houvesse dito que se estava morrendo sem ele.

Não havia maneira de que pudesse deixar que algo assim ocorresse de novo. Se o deixasse lhe dar inclusive um beijo mais esse dia, terminaria em sua cama. Ele era muito sexy; ela já estava muito enfatuada com ele, e uma vez em sua cama, suas defesas se derrubariam estrepitosamente e estaria perdida.

por que simplesmente não lança seu coração pela janela do avião, Zanders?, burlou-se uma pequena voz interior. Teria quase as mesmas probabilidades de obter uma aterrissagem segura.

Dageus MacKeltar era mais homem do que podia dirigir. Ela logo que pertencia a uma pequena liga, agarrando firmemente uma luva de beisebol infestado de ratos, de segunda mão, tratando de jogar à bola com os profissionais. Facilmente uma bola bem bateada a faria cair sobre seu traseiro. E o jogo seguia adiante sem ela.

Nenhum dos dois disse uma palavra, só sentados nas sombras escuras do avião, tratando de retomar o controle.

Chloe temeu repentinamente que ela nunca pudesse retomá-lo estando perto dele.

Ela dormitava outra vez, e Dageus lia o terceiro Livro do Manannan.

Ou tratava de fazê-lo.

concentrava-se tanto como poderia esperar-se de qualquer homem em uma intensa agonia sexual.

Nada absolutamente.

Continuava vendo a face ruborizada do Chloe: seus lábios inchados por seus beijos, a pele ao redor de sua boca irritada pelo arranhão da sombra de sua barba, seus olhos sonolentos e eróticos de desejo enquanto alcançava seu clímax de mulher e se estremecia contra ele. Duas vezes. Obstinada a ele como se o tivesse necessitado. Ele tinha sujeito seu seios pesados em suas mãos, havia-a meio doido entre suas coxas...

Tinha-a necessitado tão desesperadamente que quase tinha arrojado um feitiço druida para nublar a mente dos passageiros, e empurrá-la por completo até onde pudessem chegar. Tinha contemplado levá-la ao quarto de banho com ele, mas só sua virgindade o tinha detido. Não derramaria o sangue virgem do Chloe como um bárbaro, em uma habitação de duas por quatro com paredes de cartão.

Ela teria ido mais à frente se a tivesse pressionado. Poderia-o ter deixado colocar a mão dentro de suas calças, mas se tivesse chegado até ali não teria podido deter-se. Assim tinha deixado sua mão fora das calças dela e se conformou liberando ao menos a um dos dois.

Nunca havia sentido tanta luxúria antes. Apesar de que deitar-se com uma mulher o afastava do bordo, estava acostumado a sentir-se depois estranhamente incompleto. Tocar ao Chloe o fez pensar que poderia encontrar uma satisfação imprevista que nunca antes tinha obtido.

Enquanto isso, estava duro como uma pedra e muito dolorido.

Apesar de tudo, refletiu, supunha que era um intercâmbio justo, já que embora estava em uma agonia de necessidade sexual, sua intimidade tinha adoçado a fúria em seu interior. Embora mais cedo, no penthouse, tinha temido o que pudesse fazer, seus beijos lhe tinham dado uma medida de controle. Pouco, mas o suficiente para trabalhar com isso.

No passado, sempre tinha necessitado completar o ato sexual para ganhar um momento de alívio da escuridão, mas não com o Chloe. Simplesmente beijando-a, tocando-a, lhe dando agradar, tinha-o acalmado, tinha esclarecido sua mente um pouco. Não pretendia entender o como ou o por que disso. Simplesmente tinha funcionado.

Aceitaria isso, que Chloe o ataria de algum jeito, mas em troca conservaria alguma medida de sua prudência. Com o dom de seus beijos pisaria em terreno escocês.

Och, a mulher tinha algo que necessitava. Seus instintos tinham sido acertados quando haviam dito “minha”.

E isso pôs-se a andar um trem inteiramente novo de pensamentos possessivos. Pensamentos com os que não podia fazer nada nesse momento, assim acalmou sua respiração com exalações profundas e forçando seus pensamentos a concentrar-se em temas mais prementes.

O que estava por chegar precisava de todo seu engenho e vontade. Uma vez que estivesse em Escócia, sabia que as mudanças se acelerariam outra vez. Mudanças que não tinha encontrado a maneira de deter. E para fazê-lo, tinha que enfrentar a seu irmão.

—Drustan, sou eu, Dageus, e sinto te haver mentido, mas sou escuro e preciso usar a biblioteca.

Sim, isso estaria bem.

—Drustan, falhei-te. Rompi meu juramento e deveria me matar.

Não, não isso, ainda não.

—Och, irmão, me ajude.

Faria-o?

—Com mil demônios, deveria havê-lo deixado morrer!— tinha gritado sua p quando, no século dezesseis, Dageus tinha reunido a coragem para lhe confiar o que tinha feito.

—Como? Como podia fazê-lo?— tinha respondido Dageus a gritos.

—te salvá-lo condenou! Agora perdi a meus dois filhos, um pelo futuro, outro pelas artes negras!

—Ainda não— tinha protestado Dageus.

Mas o olhar nos olhos de sua p... lhe havia dito sem palavras que não havia esperança. Dageus, horrorizado, tinha escapado através das pedras, decidido a encontrar a maneira de salvar-se.

E agora tinha completado o círculo, retornando a pedir ajuda a seu clã. Odiava-o. Nunca tinha solicitado ajuda, nem sequer uma vez em sua vida. Esse não era seu estilo.

Suspirando profundamente, aceitou o escocês que tinha pedido à aeromoça, e o bebeu de um só gole. À medida que o calor do uísque estalava dentro dele, o nó em seu assumo primeiro se intensificou, depois amainou. O que podia dizer? Como começar? Com o Gwen, possivelmente? Ela poderia exercer seus milagres femininos com seu irmão. Deus sabia que ela mesma tinha sido um milagre para o Drustan.

Considerou cuidadosamente diversas formas de aproximar-se dele, mas eram mais do que podia suportar pensar, assim devolveu sua atenção ao texto, necessitando algo tangível para trabalhar.

Uma hora mais tarde, pouco antes de aterrissar, fez uma pausa, com uma mão suspensa em cima de seu caderno de apontamentos. Finalmente tinha encontrado algo importante. A única menção que tinha encontrado a respeito da guerra desafortunada que tinha ocorrido depois de que os Tuatha do Danaan se partiram. Nada mais que um parágrafo breve, falava de Treze Druidas proscritos (a mesma quantidade que estava em seu interior!) e de algum castigo atroz que tinham sofrido. Embora não continuava mais à frente, baixo esse parágrafo havia uma notação que se referia ao quinto Livro do Manannan, como tinha suspeitado.

E se a memória não lhe falhava, o quinto volume estava na biblioteca Keltar.

Chloe murmurou brandamente em seu sonho, atraindo seu olhar outra vez. Lhe recordando que alguém tinha tratado de matá-la devido a ele.

Percorreu com o olhar sua mão enfaixada e um feroz sentido de amparo o alagou. Não permitiria que nada a danificasse outra vez.

Necessitava respostas, e as necessitava rápido.

Capítulo 11

Pela segunda vez em outros tantos dias, Chloe teve a experiência estranha e imensamente irritante de caminhar por uma rua abarrotada com o Dageus MacKeltar. A primeira vez tinha sido em Manhattan no dia anterior, e o mesmo estava ocorrendo ali.

Os homens se separavam de seu caminho.

Não porque ele fora mal educado ou irrompesse rudamente na calçada. Ao contrário, movia-se com a graça lustrosa de um tigre. Com passos firmes, possivelmente um pouco agressivo. E os homens instintivamente se apartavam, saindo de seu caminho para lhe dar ampla disponibilidade de espaço.

As mulheres eram um assunto diferente. Eram a parte irritante. Tinha reagido na mesma forma em Nova Iorque, mas no dia anterior não a tinha incomodado muito. faziam-se a um lado, mas apenas, como se fossem incapazes de resistir roçar-se contra ele, suas cabeças girando em sua direção dois, três vezes. Uma mulher desvergonzadamente tinha apertado seu seios contra seu braço ao passar. Em várias ocasiões, Chloe dirigiu olhadas indignadas sobre seu ombro, só para apanhar a várias delas olhando sem dissimulação o traseiro masculino. Poderia ser pequena, mas maldita seja, não era invisível, caminhando a seu lado, com o braço dele ao redor dela, sua mão descansando sobre seu ombro!

Ele não parecia notar todas essas cabeças voltando-se descaradamente para vê-lo, e parecia inconsciente de seu efeito nas mulheres. Provavelmente estava tão acostumado a isso que já não lhe importava.

Ela desejava tal inconsciência, porque ver tantas mulheres olhá-lo de acima a abaixo avidamente a punha de mau humor. Lançou mais que umas quantas olhadas zangadas atrás deles.

A intensa intimidade no avião tinha avivado perigosamente uns sentimentos possessivos em seu interior.

Confronta-o, Zanders, não é a classe de garota que pode intimar fisicamente com um homem sem te envolver emocionalmente. Simplesmente não é feita dessa maneira.

Não me diga, pensou sombriamente. Tinha sentimentos territoriais. Sentimentos que não podia permitir-se, pois ele não havia, certamente, evidenciado qualquer sentimento territorial a respeito dela. Felizmente, à medida que observava às mulheres cravar os olhos nele, a irritação diminuía abruptamente as emoções mais agradáveis. Saboreou a cólera, preferiéndola às emoções incertas. A cólera era refrescantemente tangível.

No momento que tinham descido do avião no Inverness, ele se havia posto frio outra vez, preocupado e sério ao recolher sua bagagem e caminhar energicamente para a agência de automóveis de aluguel. Ela tinha tido que repetir três vezes que se detivera no Inverness para tomar um café que necessitava desesperadamente depois de viajar por quinze horas. Não estava disposta a conhecer sua família em meio de uma crise de abstinência de cafeína.

depois de perder tão completamente o controle de si mesmo no avião, o desapareço do Dageus lhe doeu. Ele a tinha beijado até o êxtase, tinha-lhe dado seu primeiro clímax, e logo se apartou em cada forma possível. Deveria havê-lo sabido, pensou. O que esperava, Zanders? Uma declaração de intimidade simplesmente porque o deixou te tocar?

Maldita seja, tinha melhor critério que isso. As duas coisas não foram necessariamente da mão no que aos homens concernia.

Quando entraram no Gilly's Coffee House, permaneceu de pé junto a ele no mostrador enquanto fazia o pedido, olhando às escondidas seu perfil. perguntou-se o que estaria pensando, o que teria trocado seu humor tão completamente. O homem era um grifo de água quente e fria ao mesmo tempo. É uma boa comparação, pensou, embora ele me banhe com água fervendo ou me congele; de qualquer forma doerá.

Pois bem, ela não ia fazer o primeiro movimento. Se ele queria passar-se todo o dia reservado e profissional, ela poderia fazê-lo também. depois de tudo, ele não havia dito “Vêm comigo a Escócia e nos conheçamos melhor”. Havia dito, “Vêm comigo a Escócia a me ajudar a traduzir textos. OH, e tratarei de te seduzir também”.

Quantas vezes o tinha chamado Katherine? Todas essas nove mensagens tinham sido dela? Esse pensamento a sacudiu de retorno à realidade: odiaria ser essa classe de mulher, desejando com veemência a um homem que não podia ter.

cruzou-se de braços. Cravou diretamente os olhos no menu atrás do mostrador.

—Sempre te desejo, pequena Chloe— murmurou ele repentinamente, em voz baixa, só para seus ouvidos—. Não há nenhum momento em que não o faça.

Chloe o olhou com o cenho franzido. O que era ele, um adivinho de pensamentos? Condenado fora! Arqueando uma sobrancelha, ela inclinou sua cabeça para trás, estreitou seus olhos e lhe dirigiu um olhar geadá.

—Quem disse que pensava nada sequer remotamente parecido a isso? Pensa que não tenho nada melhor que fazer que pensar em ti?

—Não, claro que não. Simplesmente pensei em te assegurar que embora minha mente pode parecer distante, se desejas minhas cuidados, não tem mais que dizê-lo.

—Estou bem. Somente quero um pouco de café.

—Possivelmente preferiria acontecer esta noite comigo em uma estalagem, antes que ir diretamente a casa de meu irmão— sugeriu ele com um sorriso sedutor.

O cenho do Chloe se fez mais fundo.

—Uma noite não é o bastante?— brincou Dageus, embora seus olhos permaneceram impassíveis—. Moça ambiciosa, desejava uma semana?

—É um arrogante, MacKeltar— resmungou ela—. Embora as mulheres ali fora parecem acreditar que sim— agitou uma mão para a rua—, ódio te dar a notícia de que o mundo não gira ao redor de ti.

As janelas de nariz do Dageus se dilataram e ele inspirou agudamente enquanto reconhecia essa emoção. Ciúmes. Tinha estado observando quão olhadas outras mulheres lhe dirigiam (sim, tinha-as notado, de uma maneira periférica) e isso a irritava. Que seu desejo por ele fora o suficientemente intenso para fazê-la sentir ciúmes, fez-o sentir a ele grosseiramente possessivo. Sua sedução estava funcionando. estava-se afeiçoando com ele. Abruptamente, pô-la frente a ele no mostrador, e envolveu ambos os braços ao redor de sua cintura. Abraçou-a enquanto completavam sua ordem, faminto por sentir seu corpo pequeno contra o seu. Ela permaneceu rígida ao princípio, mas lentamente a tensão abandonou a pequena e exuberantemente curvilínea figura.

Quando ela se inclinou para frente para levar seu café com leite e seus pão-doces, ele se pressionou contra ela desde atrás, deliberadamente roçando sua dura excitação contra seu traseiro, para deixá-la saber exatamente quanto pensava sempre nela.

Ele sorriu quando ela quase deixou cair seu café.

—Tivesse-te comprado outro— disse com indiferença, quando ela o olhou por cima de seu ombro, ruborizando-se furiosamente enquanto franzia o cenho. Ao melhor, compraria-lhe o restaurante inteiro se indicasse o desejo mais leve por ele.

—É incorrigível— vaiou—. Para sua informação, o que aconteceu no avião não vai ocorrer de novo— advertiu, antes de voltar-se e partir majestosamente para o automóvel de aluguel.

Os olhos masculinos arderam em uma perigosa labareda. A moça acreditava que podia compartilhar essa intimidade com

ele e logo voltar atrás?

Och, não, Dageus MacKeltar nunca voltava para trás. Ela saberia rapidamente.

À medida que se aproximavam de seu destino, Dageus ficava progressivamente mais introspectivo. depois de uma larga deliberação, tinha decidido que o melhor era simplesmente aparecer na soleira do Drustan sem anunciar-se, que Gwen abrisse a porta, e logo esperar o melhor.

Olhou ao Chloe, admitindo que não teria feito essa viagem se tivesse ido sozinho. Inclusive com ela a seu lado, tinha considerado dar meia volta uma dúzia de vezes. Se tivesse estado sozinho, o teria tentado primeiro nos museus, adiando-o indefinidamente, dizendo-se todo tipo de mentiras quando a simples verdade era que não queria confrontar ao Drustan. Mas em certa forma, com ela a seu lado, não parecia já tão impossível.

A anterior irritação da moça parecia ter desaparecido, ou, tão pequena como era, simplesmente não havia suficiente espaço em seu interior para conter ao mesmo tempo a irritação e sua exacerbada curiosidade. Sorvia seu café, com o olhar fixo fora do guichê, apontando e fazendo intermináveis perguntas. O que era essa ruína? Quando começava o verão? Quando florescia o urze? Realmente havia ali martas selvagens, e poderia ver alguma? Podiam ser domesticadas? Mordiam? Podiam ir aos museus enquanto estavam ali? Quão perto estavam do Glengarry? Quanto faltava?

Ele tinha estado respondendo distraidamente, mas ela estava tão apaixonada da paisagem que não tinha parecido notar sua indiferença. Não tinha dúvidas de que ela se apaixonaria por seu país. Seu entusiasmo o fez recordar um tempo quando ele, também, tinha cuidado do mundo com admiração, o que parecia toda uma vida atrás.

Afastou seu olhar dela, e seus pensamentos retornaram à próxima confrontação.

Não tinha visto o Drustan em... vá... quatro anos, um mês e doze dias. Da noite em que Drustan tinha sido colocado em um sonho encantado, para dormir por cinco séculos. Tinham passado esse dia final juntos, tratando de reunir toda uma vida nele.

Os irmãos gêmeos e os melhores amigos desde seu primeiro fôlego, com uns meros três minutos de diferença, haviam-se dito adeus essa noite. para sempre. Drustan se tinha ido dormir na torre, a torre pela que Dageus tinha que passar uma dúzia de vezes ao dia. Ao princípio, tinha saudado seu irmão com um sardônico “bom dia” cada amanhecer, mas isso se converteu rapidamente em algo muito doloroso.

antes de que Drustan entrasse na torre, tinham trabalhado juntos diligentemente em planos para um castelo novo que seria a casa do Drustan e Gwen no futuro. depois de que Drustan começasse a dormir, Dageus se tinha metido totalmente a fiscalizar sua construção, dirigindo centenas de trabalhadores, assegurando-se de que tudo era perfeito, trabalhando junto aos homens.

E quanto mais se envolvia com a construção do edifício, tinha percebido uma tolice em contínuo aumento, uma inquietação dentro dele.

O castelo tinha começado a consumi-lo. Era impossível para um homem trabalhar diariamente por três largos anos e não perder uma parte de si mesmo não meramente no ato de criar, a não ser na criação mesma. Os quartos vazios, esperando, eram a promessa de família e amor. A promessa de um futuro que nunca tinha podido conceber para si mesmo.

Quando Drustan tinha morrido, tinha permanecido fora das paredes por incalculáveis horas, cravando os olhos na silhueta escura e silenciosa do castelo do Drustan recortada pelo crepúsculo.

Tinha imaginado ao Gwen no futuro, esperando, sem que Drustan chegasse. Viveria sozinha. Nell lhe havia dito que estava grávida, embora nem sequer a mesma Gwen se deu conta ainda, o que queria dizer que criaria a seu bebê sozinha.

Imaginou que as velas nunca titilariam ao outro lado dessas janelas. Nenhum menino andaria brandamente de cima abaixo por essas escadas.

Todos os lugares vazios dentro dele finalmente se encheram, não com coisas boas, a não ser com angústia, fúria e desafio. Tinha levantado seu punho aos céus, enfureceu-se e amaldiçoado. Tinha questionado tudo o que tinha sido educado para acreditar.

E para o amanhecer brumoso, sob a luz avermelhada, tinha sabido somente uma coisa: que o castelo que ele tinha construído seria cheio por seu irmão e sua família.

Qualquer outra alternativa era simplesmente inaceitável. E se as lendas fossem certas, se o custo fora sua própria oportunidade na vida, tinha estimado que valia a pena. Pouco tinha que perder.

—Ouça, está bem?— perguntou Chloe.

Dageus arrancou, precavendo-se que devia haver-se detido no sinal de alto por vários minutos. Sacudiu a cabeça, dispersando as lembranças sombrias.

—Sim—. Fez uma pausa, pesando suas seguintes palavras—. Moça, não vi ao Drustan durante algum tempo.

Não tinha idéia de como reagiria Drustan. perguntou-se se saberia, simplesmente olhando-o, que era escuro. O laço entre eles, ao ser gêmeos, era forte.

—Sim, usei as pedras, mas as lendas estavam equivocadas. Não havia nenhuma força escura nelas. Estou bem. Mas este século é uma maravilha e estive explorando-o um pouco. Irei a casa logo.

Essa era a mentira que tinha estado lhe dizendo a seu irmão desde dia que tinha cometido o engano de chamá-lo, incapaz de resistir para ouvir a voz do Drustan, para assegurar-se a si mesmo que estava vivo e são no século vinte e um.

—Dageus, pode me dizer algo— havia dito Drustan.

—Não há nada para contar. Era todo um mito.

Mentira sobre mentira.

Logo tinham começado as chamadas regulares do Drustan para lhe perguntar quando iria a casa. Tinha deixado de levantar o telefone fazia meses.

—Então, esta é uma reunião?

—Algo assim—. Se Drustan o rechaçasse, levaria-se ao Chloe aos museus. Encontraria outra forma. Estava honestamente seguro de que seu irmão não o atacaria. Se não tivesse voltado para casa, se tivesse feito que Drustan saísse a lhe dar caça, bem poderia ter ocorrido. Mas esperava que Drustan entendesse sua volta pelo que era: uma petição de ajuda.

Ela o olhou fixamente. Podia sentir seu olhar, embora manteve seu perfil a ela.

—Você e seu irmão sofreram um distanciamento?— disse fico.

—Algo assim—. Ele soltou o freio e reatou sua viagem, lhe dirigindo um olhar frio para que abandonasse o tema.

Uns poucos momentos mais tarde, ela deslizou sua pequena mão na dele.

Ele se esticou, sobressaltado pelo gesto. Estava acostumado a que as mulheres tocassem muitas partes de seu corpo, nenhuma delas sua mão. Olhou-a, mas ela permaneceu com o olhar fixo à frente. Mas sua mão continuou dentro da sua.

Ele fechou seus dedos ao redor dos dela antes de que pudesse tirar-lhe Sua diminuta mão quase foi tragada pela dele. Significava mais para o Dageus que os beijos. Mais inclusive que os jogos de cama. Quando as mulheres o buscavam para o sexo, era para seu mútuo prazer.

Mas a mão pequena do Chloe tinha sido dada sem pedir nada em troca.

Adam Black observou o automóvel serpentear nas estradas que levavam às montanhas Keltar. Embora sua rainha fazia muito tempo tinha arrojado um decreto proibindo que qualquer Tuatha do Danaan se aproximasse de menos de mil léguas de um Keltar, Adam tinha decidido que desde que O Pacto tinha sido violado do lado Keltar, os velhos decretos não eram aplicáveis.

Sabia por que ela tinha aprovado o decreto. Para que os Keltar, tendo comprometido suas vidas e suas gerações futuras para defender O Pacto, fossem livres de qualquer interferência dos Tuatha do Danaan, porque sua rainha tinha sabido, inclusive então, que havia muitos entre sua raça aos que não lhes tinha gostado Do Pacto. Quem não tinha querido deixar o reino dos mortais, tinham lutado por conquistar à raça humana e poderiam ter tratado de incitar a um Keltar a rompê-lo.

Assim desde dia em que O Pacto tinha sido selado, nenhum Keltar tinha visto sequer de longe a um de seus antigos benfeitores.

Adam suspeitava que esse poderia ter sido um engano. Já que, embora os Keltar tinham completo fielmente seus deveres, depois de quatro mil anos tinham esquecido seu propósito. Inclusive nem sequer acreditavam nos Tuatha do Danaan, nem recordavam os detalhes da batalha desafortunada que os tinha posto em seu caminho. Sua história antiga se transformou em uma espécie de vagos mitos para eles.

Embora no Yule, Beltane, Samhain, e Lughnassadh os Keltar ainda realizavam os ritos que conservavam as paredes sólidas entre seus mundos, já não recordavam quais eram os propósitos desses ritos. Possivelmente uma geração tinha descuidado a herança total da tradição oral para a seguinte, possivelmente algum ancião tinha morrido antes de que tivesse podido dar a conhecer todos os segredos, possivelmente os textos antigos não tinham sido fielmente duplicados antes de que o tempo os tivesse desintegrado, quem podia sabê-lo? Quão único Adam sabia era que os mortais pareciam esquecer sempre sua própria história. Esses dias que eram tão sagrados para O Pacto agora se viam como pouco mais que dias festivos.

Bufou, observando o carro borderar a cúspide da colina. Os humanos inclusive não podiam ordenar sua própria história religiosa, embora tinham acontecido uns escassos dois milênios. Não era de sentir saudades que a história que os unia a sua raça se tornou tão escura pela passagem do tempo.

—Então— pensou, observando desde seu sítio em um alto penhasco—, o Druida mais escuro voltou para casa, levando consigo todo o mal ressuscitado dos Draghar. Fascinante.

perguntou-se o que faria sua rainha se soubesse, mas não tinha planos de dizer-lhe

depois de tudo, em opinião do Adam, era culpa da rainha que tivessem estado ali para ser ressuscitados, em primeiro lugar. Inclusive nesse momento ela estava refugiada com sua câmara de vereadores, onde deliberavam para determinar o destino do mortal.

Pouco mais de quatro mil anos atrás, sua gente se retirou a lugares escondidos para que os mortais e os Fae não se destruíssem mutuamente. Pouco tempo depois, os Draghar, com suas artes negras, quase tinham destruído ambos os mundos.

Sua rainha nunca permitiria que isso ocorresse.

Suspirou. O tempo do mortal se acabava.

Capítulo 12

Gwen MacKeltar, antes preeminente teórica em Física e agora algema e mulher grávida, suspirou ensoñadoramente, reclinando-se na banheira contra o assumo duro de seu marido. Estava entre suas coxas musculosas, com seus fortes braços ao redor dela, encharcando-se em borbulhante água quente e delirantemente feliz.

Pobre homem, pensou, sorrindo. Em seu segundo trimestre de embarço, quase lhe tinha dado murros se ele tivesse tratado de tocá-la. Agora, no terceiro, tinha tendência a lhe dar murros se ele não a tocava. Com a frequência e a exatidão que ela queria. Seus hormônios estavam todas aplicadas a uma só coisa e as malditas simplesmente não funcionavam de acordo a nenhuma equação que tivesse podido computar.

Mas Drustan parecia havê-la perdoado pelos últimos meses, depois das sessões maratônicas que tinham estado tendo. E não só não parecia lhe importar que ela estivesse desesperadamente gorda, mas também felizmente se aplicou a encontrar formas novas e incomuns de fazer o amor que compensava suas mudanças físicas. A banheira era uma das favoritas do Gwen.

Conseqüentemente, ali estava ela, às sete da tarde, com dúzias de velas pulverizadas em torno do quarto de banho, e com os braços fortes de seu marido ao redor dela, quando o timbre da porta repicou escada abaixo.

Drustan deixou cair um beijo em sua nuca.

—Estamos esperando a alguém?— perguntou, convertendo o pequeno beijo em deliciosas mordiditas.

—Mmm. Não que eu saiba.

Farley atenderia a porta.

Farley, chamado realmente Ian Llewelyn McFarley, era seu mordomo, e cada vez que Gwen pensava nele seu coração se abrandava. O homem devia ter oitenta anos de idade, com cãs como espinheiros e um corpo alto e curvado. Mentia a respeito de sua idade, e todo o resto, e ela o adorava.

O que fazia que seu coração se abrandasse realmente era que Drustan também sentia debilidade pelo ancião. Tinha uma paciência interminável e escutava suas histórias pelas noites ante o fogo, enquanto mordomo e laird compartilhavam uma taça.

Ela sabia que, apesar de quão bem seu marido se adaptou a esse século, uma parte dele sempre seria um laird feudal de século dezesseis. Quando se tinham mudado a sua casa nova, em lugar de fazer o que uma pessoa normal do século vinte e um teria feito, e tirado um anúncio no periódico solicitando uma palmilha de empregados ou contatado a uma agência de empregos, Drustan tinha acudido ao Alborath e tinha deixado uma nota na loja de comestíveis local e na barbearia.

Em um prazo de duas horas, Farley tinha comparecido em sua soleira argüindo ter trabalhado em algumas das casas mais finas da Inglaterra (o homem nunca tinha estado fora Escócia), e além disso afirmando que podia organizar ao pessoal inteiro de seu castelo.

Após tinham sido invadidos pelo McFarleys. Havia McFarleys na cozinha, McFarleys nos estábulos, McFarleys fazendo a lavagem e o engomado e tirando o pó. Por isso Gwen tinha podido contar, tinha empregado à família inteira do homem, composto de nove mulheres (e seus maridos) e quatorze netos, e suspeitava que havia alguns mais por chegar.

E embora logo tinha sido evidente que nenhum deles tinha experiência em seus respectivos postos, Drustan os tinha declarado a todos satisfatórios, porque tinha ouvido no povo que os empregos eram difíceis de encontrar. Na época moderna, a economia no Alborath não era boa. O trabalho era difícil de encontrar. E o lorde feudal tinha saído à superfície, fazendo-se responsável pelos McFarleys. Ela adorava esse rasgo de seu marido.

Um seco golpe na porta do quarto de banho a tirou de seus pensamentos.

—Milord?— perguntou Farley cautelosamente. Gwen soltou uma risita e Drustan suspirou. Farley se recusava a usar qualquer outro título, não importava quão persistentemente Drustan o corrigisse.

—Senhor MacKeltar— resmungou Drustan—. por que é tão difícil para ele dizê-lo?

Estava decidido a adotar os modernos costumes do século vinte e um. Infelizmente, Farley estava igual de decidido a preservar as velhas e havia resolvido que como Drustan era o herdeiro do castelo, era um lorde. E ponto.

—Sim?— respondeu Drustan em voz mais alta.

—Sinto incomodá-lo a você e milady, mas há um homem aqui que quer vê-lo, e sei que não é meu assunto, mas acredito que deveria lhe fazer saber que parece um pouco perigoso, embora seja o suficientemente educado. Agora, a moça com ele, och, a meu parecer é uma simpática garota, pequena e correta, mas ele... pois bem, há um ar estranho nele, sabe? Acredito que não é correto de minha parte dizê-lo, sendo que se vê tão parecido a você, e entretanto não de tudo. Ejem.

Farley limpou sua garganta, e Gwen sentiu ao Drustan esticar-se atrás dela. Ela mesma se havia posto rígida também.

—Milord, ele diz que é seu irmão, mas como você nunca mencionou nenhum irmão, a pesar do parecido...

Gwen não ouviu outra palavra porque Drustan se disparou da banheira tão rapidamente que ela se afundou e seus ouvidos se encheram de água. Quando conseguiu sair à superfície, Drustan se tinha ido.

Dageus tinha tido o descuido de não mencionar que seu irmão vivia em um castelo. Jesus, pensou Chloe, negando com a cabeça, deveria havê-lo esperado. De onde se não viria um homem semelhante? Do velho mundo, sem dúvida nenhuma.

Era um castelo elegante, com uma grande muralha de pedra e uma barbacana autêntica, com torrecillas redondas e torre quadradas e provavelmente cem habitações ou mais.

Chloe girou sobre si mesmo, tratando de vê-lo tudo ao mesmo tempo. Não tinha pronunciado uma palavra desde que tinham entrado no atalho sombreado de árvores e tinham começado a aproximar-se. Tinha estado muito atordoada. Estava em Escócia, e foram permanecer em um castelo!

O interior do grande hall era enorme, com corredores disparando-se em todas direções. Uma balaustrada intrincadamente esculpida rodeava o grande hall no segundo piso, e uma elegante escada dobro se levantava desde lados contrários, reunia-se na metade, e descendia em uma série larga de degraus. Um vitral precioso estava encastrado por cima das portas dobre da entrada. As tapeçarias brilhantes adornavam as paredes, e os pisos estavam talheres de tapetes. Havia duas chaminés no grande hall, ambas o suficientemente altas para que uma pessoa ficasse de pé dentro, maior do que seu funcional quarto de banho tinha sido! Seus dedos se encrespavam enquanto se perguntava quantos artefatos poderia examinar.

—Você gosta, moça?— perguntou Dageus, observando-a fixamente.

—É magnífico! É... é...— ela deixou de falar, balbuciando—. OH, obrigado— exclamou—. Tem alguma idéia de quão emocionante é para mim estar em um castelo medieval autêntico? sonhei com este momento.

Ele sorriu fracamente.

—Sim, o castelo é magnífico, verdade?

Não poderia ter divulgado mais orgulhoso se o tivesse construído ele mesmo, pensou Chloe.

—Cresceu aqui?

—Algo assim.

—Poderia me cansar rapidamente de receber essa resposta— disse ela, com olhos entrecerrados—. Não é exatamente doloroso falar comigo. Deveria tentá-lo—. Desde que lhe havia dito que ele e seu irmão tinham tido alguma aula de distanciamento, entendia melhor sua atitude reticente. Mas se ele pensava que isso lhe evitaria responder algumas perguntas, estava equivocado.

—Sempre uma moça curiosa, não é verdade?

—Se esperasse a que me ofereça informação, nunca saberia nada. Falando disso, precisamos falar desta coisa do malefício também. Não posso te ajudar se não saber exatamente o que procuramos.

A cautela titilou através de seus olhos.

—Sim, sei. Depois, moça. por agora, vejamos se sobreviver à fúria de meu her...

Ele calou súbitamente, seu olhar voando para as escadas.

O olhar do Chloe a seguiu, e conteve o fôlego bruscamente. Um homem que se via exatamente como Dageus estava de pé ali, pela metade baixando as escadas, olhando ao Dageus. Ela os olhou aos dois com rapidez, incrédula.

—OH, Meu deus, são gêmeos— disse fracamente. Muito fracamente, porque o homem no alto das escadas trazia posta só uma toalha ao redor de sua cintura.

—Fique ali mesmo!— resfolegou com fúria o homem nas escadas—. Já baixarei assim que me ponha meus trews. Minhas desculpas, moça. Tinha que vê-lo com meus próprios olhos—. Deu a volta e subiu energeticamente as escadas, saltando os degraus de três em três.

Dageus resmungou algo que soou a “se ele deixa cair sua toalha o matarei”, mas Chloe decidiu que o tinha imaginado.

O homem patinou ao deter-se na parte superior e dirigiu um olhar ácido diretamente ao Chloe.

—Não o deixe sair, moça— lhe rugiu.

—Wow— foi tudo o que ela pôde dizer.

A seu lado, sentiu ao Dageus esticar-se. Por um momento, pareceu que o grande hall se fazia notavelmente mais frio.

—As moças freqüentemente hão dito que sou mais arrumado— disse friamente—. E um melhor amante.

Chloe pestanejou ao olhá-lo, perplexa.

—Então não o olhe tão fixamente. É casado, moça.

—Não o olhava fixamente— protestou ela, sabendo perfeitamente que tinha estado olhando-o sem dissimulação—. E se o fiz, é unicamente porque você não me avisou que eram gêmeos.

Lhe dirigiu um sombrio olhar.

—Além disso, ele só levava posta uma toalha— se justificou ela.

—Não me importa se ele não tinha posto em cima nada exceto sua pele. Não é educado olhar fixamente ao marido de outra mulher.

Chloe conteve o fôlego. A expressão do Dageus era furiosa e se via... ciumento. Por ela? Por olhar a seu irmão? Olhou-o fixamente, logo que atrevendo-se a acreditá-lo.

Abruptamente, desviou o olhar outra vez, concentrando-se no alto das escadas, e a dela a seguiu novamente. Percorreu com o olhar ao Drustan e Dageus e de volta outra vez.

E se perguntou como poderia haver-se preocupado Dageus sequer por um momento de que Drustan não lhe desse a bem-vinda a sua casa. A expressão na face de seu irmão tirava o fôlego. O amor resplandecia em seus olhos e, embora não poderia afirmá-lo desde essa distância, via-se como se refulgissem com lágrimas.

—Drustan— disse Dageus com uma fria saudação com a cabeça. Os olhos do Drustan perderam intensidade e sua boca se esticou.

—Drustan?— estalou—. Isso é tudo? Somente Drustan? Não “bom dia, irmão. Estou arrependido de ter sido tão tolo e não retornar a casa”?—. Sua voz aumentava de volume com cada palavra e começou a baixar como uma tromba as escadas.

Deus Santo, inclusive se moviam da mesma forma, maravilhou-se Chloe, como grandes gatos sinuosos, toda força lustrosa e músculos lisamente esculpidos. Entretanto, embora Drustan se pôs uns “trews”, como ele os chamava, não tinha perdido o tempo em ficar uma camisa e seu cabelo estava molhado, jorrando através de seu assumo. Os músculos em seu resplandecente torso ondearam com cada movimento. Teria devido estar na ducha, precaveu-se ela.

—...é assim como me saudará?—. Drustan ainda falava, mas ela tinha perdido parte de sua surriada verbal, aparentemente ensurdecida pela sobrecarga visual—. Vêem aqui e me saúde corretamente— resfolegou de fúria.

Chloe arrancou seu olhar do Drustan e olhou ao Dageus. E ficou estupefata. Embora se via tão remoto e impassível como sempre, seus olhos definitivamente ardiam de emoção. Estava tão quieto como uma das muitas pedras estáticas que tinham passado no caminho, parecendo cada milímetro igual de antigo e obstinado. Se a gente não notava as mãos feitas punho aos flancos. E esses olhos.

OH, havia mais no Dageus MacKeltar do que ele permitia traslucir! E sua hipótese era correta. Quando sentia mais profundamente as emoções era quando exibia a maior reserva.

De maneira que essa era a forma em que o homem demonstrava o amor, precaveu-se. Silenciosamente. Não era um homem expressivo, um homem que ficasse a rir ou chorar ou dançar. Um homem que levava o cabelo comprido até a cintura, mas nunca o deixava solto. Alguma vez o faria?

Arrumado que o faz na cama. Permaneceu completamente aturdida pelo pensamento de todos esses músculos disciplinados perdendo a compostura na cama. Deus Muito santo, simplesmente podia saboreá-lo...

Tremeu, estudando aos dois homens.

Eram gêmeos, mas não eram completamente idênticos. Havia diferenças diminutas. O cabelo do Drustan não era tão largo, apenas mais abaixo de seus ombros, e seus olhos eram chapeados. Mais alto, e provavelmente pesava mais. Drustan estava lotado de músculos, o corpo do Dageus era mais magro, mais fibroso, mas entretanto com os mesmos rasgos belos e cinzelados. Inclusive a mesma sombra de barba escura em mandíbulas proeminentes. Olhou-os com mais atenção. A boca do Dageus era mais... enche e impaciente. A boca de um sedutor nato.

Estava tão absorta que nem sequer notou a aproximação da mulher até que ela falou com meia voz.

—Magníficos, verdade?

Chloe girou, sobressaltada. A mulher que tinha falado era tão baixa como ela, e muito grávida, com o cabelo loiro prateado e uma etérea franja desflecada. Seu cabelo estava retorcido para cima em um nó e ligeiramente úmido, e Chloe ruborizou um pouco, compreendendo que obviamente ambos os donos de casa tinham estado na ducha, e encontrava altamente duvidoso que tivesse sido em duchas separadas. Era bela, acesa com o brilho único de uma mulher grávida que estava completamente entusiasmada pela maternidade iminente, ou... o brilho de uma mulher recém submetida aos especiais talentos sedutores de um MacKeltar na ducha, pensou Chloe com inveja. O mero pensamento de tomar uma ducha com o Dageus fez ao Chloe sentir-se bastante resplandecente ela mesma.

—Muito. Não tinha idéia de que fossem gêmeos. Dageus não me disse isso.

—Drustan não me disse tampouco. Lamentou-o mais tarde, quando beijei ao Dageus porque acreditava que era Drustan. Ao Drustan não importou nada, embora sejam possessivos a respeito de suas mulheres, estou segura de que já sabe. Sou Gwen, a propósito, a esposa do Drustan.

—Olá. É um gosto te conhecer. Sou Chloe Zanders—. Chloe se mordeu o lábio, incerta, e sentiu necessário esclarecer—. Mas não sou seu... er, sua mulher. Conhecemo-nos recentemente e estou aqui para ajudá-lo com as traduções.

Gwen se via extremamente divertida.

—Se você o disser. Como se conheceram?

Se você o disser? O que queria dizer isso? E como responder à pergunta a respeito de como se conheceram? Chloe abriu a boca e a fechou outra vez. Certamente não, “bisbilhotei em seu penthouse e ele amarrou a sua cama. E logo comecei a me converter em uma pessoa que logo que reconheço”.

—Essa é uma longa história— disse cuidadosamente.

—Essas são as de melhor classe, não posso esperar para ouvi-la! Tenho umas quantas de minha própria coleção— Gwen enlaçou seu braço através do do Chloe e a guiou para a escada—. Farley?— chamou por sobre seu ombro ao mordomo grisalho—, Enviaria chá e café ao solar? E alguns sanduíches. Morro de fome.

—Imediatamente, milady—. Com um olhar de adoração ao Gwen, o mordomo se foi correndo.

—por que não vamos conhecer nos enquanto eles ficam ao dia?— perguntou Gwen, voltando para o Chloe—. Não se viram em algum tempo.

Chloe dirigiu outra vez o olhar para o Dageus. Ele e Drustan estavam ainda de pé em metade do enorme hall, falando intensamente. Justo então, como se ele sentisse seu olhar, Dageus o olhou, tenso, e começou a caminhar para ela.

Surpreendida por sua preocupação por ela em um momento certamente difícil para ele, Chloe negou com a cabeça, lhe assegurando silenciosamente que estava bem.

depois de vacilar um momento, ele se voltou para o Drustan.

Chloe sorriu ao Gwen.

—Eu gostaria.

Capítulo 13

Quando as moças partiram apressadamente ao solar, Drustan e Dageus deixaram em suspense sua conversação até chegar à privacidade da biblioteca. Um quarto espaçoso e masculino, com prateleiras para livros de madeira de cerejeira contra as paredes revestidas de painéis, com turcas e cadeiras confortáveis, uma chaminé de mármore rosa escuro e altas janelas salientes, a biblioteca era o santuário do Drustan, ao igual ao solar com vista aos jardins era o do Gwen.

Drustan não podia apartar a vista de seu irmão gêmeo. Quase tinha desistido de esperar que Dageus voltasse para casa. Tinha temido o que pudesse ter que fazer se seu irmão não o fizesse. Mas ele estava ali agora, e o punho apertado que atendia firmemente seu coração desde dia que tinha lido e, em um ataque de fúria, queimado a carta que sua p lhe tinha deixado, finalmente, felizmente, afrouxava-se um pouco.

Dageus se deixou cair em uma cadeira perto da chaminé, estirou suas pernas, e sustentou os pés em um tamborete.

—O que pensa do castelo, Drustan? Parece ter resistido os séculos adequadamente.

Sim, tinha-o feito. O castelo tinha ultrapassado todas as expectativas do Drustan. Se alguma vez um homem tinha recebido a prova do amor de seu irmão, tinha sido no presente de sua casa. Logo Dageus tinha coroado inclusive esse magnífico presente sacrificando-se a si mesmo para assegurar que Drustan sobrevivesse para viver nele. Mas Dageus sempre tinha sido assim: embora não era um homem que expressasse facilmente suas emoções, quando amava, amava até um ponto perigoso. “Essa é ao mesmo tempo sua debilidade e sua máxima força”, tinha comentado Silvan frequentemente, e nunca

tinham sido pronunciadas palavras mais verdadeiras. Tinha o coração selvagem e autêntico de um menino no corpo de um homem cínico, intensamente protegido a menos que escolhesse dá-lo, mas uma vez dado, era dado completamente. Sem pensar em sua própria sobrevivência.

—É ainda mais esplêndido do que tinha suposto quando trabalhamos nos planos— disse Drustan—. Não lhe posso agradecer isso o suficiente, Dageus. Não por isso. Nem por nada mais—. Como se agradecia a um irmão por sacrificar sua própria alma pela felicidade de um? Minha vida pela tua, tinha escolhido seu irmão. As obrigado não eram possíveis.

Dageus se encolheu de ombros.

—Você desenhou os esboços.

Ah, então fingirá que me referia só ao castelo e evadirá assuntos mais profundos, pensou Drustan.

—Você o construiu. Gwen o adora também. E estamos perto de terminar de instalar a eletricidade e a cobertura de chumbo.

Havia tanto do que precisavam falar, e nada disso seria fácil de dizer. depois de vacilar um momento, Drustan decidiu enfrentá-lo diretamente, pois suspeitava que Dageusalaria em círculos ao redor disso.

Dirigindo-se à licoreira, Drustan verteu Macallan em dois copos, e deu um ao Dageus. O singular uísque escocês de trinta e cinco anos de envelhecimento, só o mais fino para a volta de seu irmão.

—Então, que tão mau é?— perguntou diretamente.

Dageus se sobressaltou, uma pequena reação precipitadamente contida, mas que estava ali. Logo tomou a bebida de um gole e lhe deu o copo para uma nova medida. Drustan acessou, esperando.

Seu irmão sorveu mais lentamente o segundo.

—Pior agora que estou de retorno em terra escocesa— disse finalmente.

—Quando trocaram seus olhos?—. Não eram só seus olhos os que tinham trocado; Dageus se movia de modo diferente. Seus gestos mais miúdos eram cuidadosamente executados, como se pudesse conter o que estava em seu interior só pela constante vigilância.

Um músculo diminuto saltou na mandíbula do Dageus.

—Que tão escuros som?

—Já não são da cor do ouro. Uma cor estranha, quase como sua bebida.

—Trocaram quando começa a ficar pior. Quando me excedi no uso da magia.

—Para que está usando a magia?— perguntou Drustan cuidadosamente.

Dageus esvaziou o resto de sua bebida, levantou-se, e ficou de pé ante o fogo.

—Estava-a usando para obter os textos que precisava ver para comprovar se havia alguma forma de desfazer-se deles.

—Como se sente?

Dageus se esfregou a mandíbula, suspirando.

—É como se tivesse uma besta dentro de mim, Drustan. É um poder absoluto e me encontro usando-o inclusive sem pensá-lo. Quando soube?— perguntou, com um sorriso débil e amargo.

Seus olhos eram frios, pensou Drustan. Não sempre tinham sido assim. Uma vez tinham sido de ouro quente, risonhos e cheios de risada fácil.

—Soube-o desde o começo, irmão.

Um silêncio comprido. Então Dageus bufou e negou com a cabeça.

—Deveria me haver deixado morrer, Dageus— disse Drustan brandamente—. Maldito seja por não deixar morrer.

Obrigado por não deixar morrer, adicionou silenciosamente, esmigalhado pela emoção. Era uma mescla terrível de pena, culpabilidade e agradecimento. Desde não ser pelo sacrifício de seu irmão, nunca teria visto sua esposa outra vez. Gwen teria criado a seus bebês no século vinte e um, sozinha. O dia que tinha lido a carta do Silvan, e descoberto o preço que seu gêmeo tinha pago para assegurar seu futuro, quase havia se tornado louco, odiando-o por sacrificar sua própria vida, amando-o por fazê-lo.

—Não— disse Dageus—. Deveria ter velado por ti mais cuidadosamente e ter evitado que ocorresse o incêndio.

—Isso não foi sua culpa...

—Och, sim, foi. Sabe onde estava essa noite? Nas Lowlands, na cama de uma moça cujo nome nem sequer posso recordar— se interrompeu abruptamente—. Como soube? P lhe advertiu isso?

—Sim. Deixou uma carta para nós explicando o que tinha acontecido, notificando que tinha desaparecido. Nosso descendente, Christopher, e sua esposa, Maggie, que conhecerá logo, deram-me isso pouco depois de que tivesse despertado. Não chamou muito depois disso.

—Mas fingiu aceitar minhas mentiras. por que?

Drustan se encolheu de ombros.

—Christopher foi a Manhattan duas vezes e te observou. Não estava fazendo nada que parecesse precisar ser detido.

Suas razões para não ter ido a América a resgatar a seu irmão eram complicadas. Não só estava resistente a abandonar o lado do Gwen enquanto estava grávida, mas também tinha tomado cuidado de não forçar um enfrentamento. depois de falar com ele por telefone, tinha sabido que Dageus era com segurança escuro, mas que se mantinha inteiro em certa forma. Tinha suspeitado que se Dageus fora uma décima parte de quão poderoso Silvan acreditava que era, tratar de obrigar ao Dageus a retornar não teria obtido nada. Se tivesse tido que fazê-lo à força, um deles teria morrido. Agora que Dageus estava ali no quarto com ele, Drustan soube que quem teria morrido teria sido ele. O poder no Dageus era imenso, e se perguntou como tinha resistido tanto tempo.

Cautelosamente, quando Dageus lhe deu as costas e se ocupava em abrir uma garrafa nova de uísque, Drustan o tocou com seus sentidos druidas, curioso por saber mais a respeito daquilo com o que tratavam.

Quase se dobrou sobre si mesmo. O uísque que tinha bebido coalhou em seus intestinos e fez um intento para encontrar seu caminho de volta para cima.

Se replegou instantaneamente, freneticamente, violentamente. Pelo Amergin, como o suportava Dageus? Uma besta monstruosa, geada e selvagem pulsava sob sua pele, reptando através dele, enroscado, mas apenas sob a superfície. Tinha uma fome aguda. Era enorme, retorcido e sufocante. Como podia respirar ele?

Dageus girou, uma sobranceira arqueada, seu olhar geada.

—Nunca faça isso de novo— advertiu brandamente. Sem incomodar-se em perguntar, verteu outra medida de uísque para o Drustan.

Drustan a arrebatou de sua mão e a esvaziou velozmente. Só depois de que calor tivesse estalado em seu assumo, encontrou a confiança para falar. Não tinha mantido seus sentidos abertos o suficiente para explorar a coisa. Com a garganta constrangida pelo uísque e a comoção, disse roncamente:

—Como soube que o estava fazendo? Nem sequer cheguei a...

—Senti-te. Assim também o fizeram eles. Não quererá senti-los você. Deixa-os em paz.

—Sim— disse Drustan com voz áspera. Não tinha necessitado a advertência; não tinha a intenção de abrir seus sentidos ao redor de seu irmão outra vez—. São personalidades diferentes, Dageus?— forçou-se a dizer.

—Não. Não têm um estado de separação, nem voz—. até agora, pensou Dageus sombriamente. Suspeitava que chegaria o dia em que encontrassem uma voz. No momento em que Drustan se aproximou, eles se tinham movido, sentindo o poder, e por um momento tinha tido a suspeita terrível de que o que estava nele poderia esgotar ao Drustan, sugando-o até drená-lo em certa forma.

—Então, não é como se realmente pudesse ouvi-los?

—É... och, como posso explicá-lo?— Dageus permaneceu silencioso um momento, logo disse—: Os sinto dentro de mim, e seu conhecimento é o meu, sua fome é a minha própria. Intensificam meu desejo incluso por coisas simples como a comida e a bebida, por não dizer nada das mulheres. É uma constante tentação usar sua magia e quanto mais a uso, mais frio sinto. Quanto mais frio sinto, mais razoável me parece usá-la, e mais fortes som meus desejos. Suspeito que há uma linha que, se a cruzar, já não serei eu mesmo. Esta coisa dentro se apoderará de mim. Não sei o que me ocorrerá então. Acredito que o que sou eu desaparecerá.

Drustan inspirou agudamente. Podia imaginar a um homem sendo devorado por essa coisa.

—Meus padrões de pensamento se alteram. fazem-se primitivos. Nada tem importância exceto o que quero.

—Mas o controlaste muito tempo—. Como?, maravilhou-se Drustan. Como sobreviveria um homem com algo assim dentro dele?

—Isto é mais difícil aqui. É por isso pelo que me parti em primeiro lugar. O que te disse p que fizesse, Drustan?

—Ele me disse que te salvasse. E o faremos—. Deliberadamente omitiu a última linha da carta de seu pai. E se não poder salvá-lo, então deve matá-lo. Agora sabia por que.

Dageus o explorou com o olhar intensamente, como se não estivesse convencido de que isso fora tudo o que Silvan havia dito. Drustan sabia que estava a ponto de pressioná-lo, assim empreendeu uma ofensiva própria.

—O que tem que a moça que trouxe? Quanto sabe?—. Embora lhe maravilhasse que Dageus ainda pudesse sentir algo com o que estava dentro dele, não se tinha perdido a posesividade no olhar do Dageus, ou a relutância com a qual a tinha deixado aos cuidados do Gwen.

—Chloe me conhece como nada mais que um homem.

—Ela não o sente em ti?—. Moça afortunada, pensou Drustan.

—Sente algo. Observa-me estranhamente às vezes, como se estivesse perplexa.

—E quanto tempo pensa que poderá seguir fingindo?

—Cristo, Drustan, lhe dê a um homem um momento para recuperar fôlego, de acordo?

—Tem a intenção de dizer-lhe

—Como?— perguntou Dageus rotundamente—. ”Och, moça, sou um Druida do século dezesseis e violei um juramento e agora estou poseído pelas almas de uns Druidas malignos de quatro mil anos, e se não encontrar a maneira de me desfazer deles me converterei no açoite da terra e a única coisa que me conserva cordato é fazer o amor”?

—O que?— Drustan piscou—. Do que se trata isso de fazer o amor?

—Faz que a escuridão diminua. Quando começo a me sentir frio e desapegado, por alguma razão, compartilhar a cama com uma garota me faz sentir-se humano outra vez. Nada exceto isso parece funcionar.

—Ah, por isso é que a trouxe.

Dageus lhe dirigiu um olhar escuro.

—Ela resiste.

Drustan se engasgou com um gole de uísque. Dageus necessitava follar para manter a raia essa besta atroz, mas tinha levado a uma mulher que se recusava a compartilhar a cama com ele?

—por que não a seduziste?— exclamou.

—Estou trabalhando nisso— grunhiu Dageus.

Drustan o olhou boquiaberto. Dageus podia seduzir a qualquer mulher. Em caso de que não com gentileza, então com um galanteio rude e selvagem que nunca falhava. Não se tinha perdido a maneira em que a pequena moça tinha cuidadoso a seu

irmão. Não necessitava mais que um firme empurrão. Então por que condenados infernos Dageus não tinha dado esse empurrão? Um pensamento repentino lhe ocorreu.

—Pelo Amergin, ela é a única, verdade?— ofegou.

—Que “única”?— Dageus se dirigiu para uma janela alta, apartou a um lado as cortinas e ficou com o olhar fixo na noite. Abriu a janela e respirou profundamente, codiciosamente, o ar doce e sorvete de seus Highlands.

—No momento que vi o Gwen, uma parte de mim simplesmente disse “meu”. E desde esse momento, embora não o entendi, soube que era algo que sempre devia conservar. Assim é como o Druida em nós reconhece a nossa companheira instantaneamente, aquela com quem poderíamos intercambiar os votos de união. É Chloe?

A cabeça do Dageus se voltou e o olhar indefeso e alarmado em sua face foi suficiente resposta para o Drustan. Seu irmão tinha ouvido a mesma voz. Drustan repentinamente sentiu uma quebra de onda de esperança, apesar do que tinha sentido dentro de seu irmão. Sabia por própria experiência que freqüentemente o amor podia obter milagres quando todo o resto parecia destinado a falhar. Dageus poderia ser escuro, mas por algum milagre, não se tinha perdido ainda.

E quando a gente tratava com o mal, o amor, suspeitava Drustan, podia ser a arma mais potente de todas.

Quando Gwen lhes uniu na biblioteca um curto tempo mais tarde, sem o Chloe, Dageus se esticou. Ainda não havia dito ao Drustan sobre o atentado contra a vida do Chloe, e a respeito dos Draghar, fossem o que fossem.

É a única?, tinha perguntado Drustan.

Och, sim, ela era a única para ele. Agora que Drustan o tinha mencionado, Dageus entendia o que havia sentido a primeira vez, ao pensar: “a classe que um homem conservava”. Não era estranho que se recusou a usar um feitiço de cor nela, e tirar a de no meio. Era incapaz de deixá-la ir. Tampouco era estranho que ele não tivesse estado satisfeito simplesmente tratando de compartilhar a cama com ela.

Nessa, sua hora mais escura, o destino o tinha dotado com sua companheira. A ironia era enriquecedora. Como devia um homem cortejar a uma mulher nessas circunstâncias? Não sabia nada a respeito de cortejar, só conhecia de sedução, de conquista. A ternura do coração, as palavras suaves e as promessas, tinham desaparecido dele muito tempo atrás. Filho menor sem nenhuma consequência nobre, pagão até as botas, tinha cometido muitas de suas loucuras juvenis tratando de tentar a seu próprio irmão às cometer também. Uma vez tinha sugerido timidamente um jogo de quarto de três e não com duas mulheres. Não, sempre com seu próprio gêmeo.

Quatro vezes tinha visto o Drustan tentar obter uma esposa e falhar.

Ele tinha aprendido logo que possuía algo que as mulheres desejavam, por isso tinha aperfeiçoado suas habilidades e se consolou com o pensamento de que enquanto que as mulheres podiam evitar a intimidade com ele, nunca o rechaçavam em suas camas. Sempre era bem-vindo ali. Inclusive quando o marido da mulher em questão estava no quarto contíguo, um fato que só fazia mais fundo seu cinismo nos assim chamados assuntos do coração.

Exceto com o Chloe. Ela era a única mulher que tinha tratado de seduzir e o tinha rechaçado.

Mas que permanecia a seu lado.

Sim, mas, quanto tempo ficará quando descobrir o que é?

Não tinha respostas para isso, só uma determinação implacável de obter tudo o que pudesse dela. E se essa determinação era mais semelhante ao desespero de um homem que se afoga que a um valente, que assim fora. A noite que tinha tentado à morte e dançado na parede escorregadia da terraço por cima da cidade nevada de Manhattan e cansado no lado seguro, feito-se uma promessa a si mesmo: que não se deixaria vencer pelo desespero outra vez. Lutaria contra eles de qualquer forma que pudesse, com qualquer arma que encontrasse, até o amargo fim.

—Onde está ela?— vaiou, levantando-se.

Gwen piscou.

—É maravilhoso verte também, Dageus— disse docemente—. É agradável de sua parte que nos faça uma visita. Só estivemos esperando sempre.

—Onde?

—te relaxe. Está acima tomando uma larga ducha. A pobre garota viajou um dia inteiro e, embora disse que dormiu um pouco no avião, está claramente exausta. Que demônios estiveste lhe fazendo? Adoro-a, a propósito— adicionou Gwen, sorrindo—. É uma pessoa extravagante e sisuda como eu. Agora, posso ter meu abraço?

A tensão do Dageus cedeu lentamente, ajudado pelo conhecimento de que se Chloe estava segura em algum lugar, era dentro dessas paredes.

Ele tinha tramado em pessoa os feitiços de amparo nas pedras angulares quando o castelo se construiu. Sempre que ela permanecesse em seu interior, não sofreria nenhum dano.

Ele rodeou o sofá e abriu seus braços para o Gwen, a mulher que uma vez lhe tinha salvado a vida. A mulher que tinha prometido proteger.

—É bom verte outra vez, moça, e te vê preciosa como sempre—. Inclinou sua cabeça para beijá-la.

—Nada de lábios— advertiu Drustan—. A menos que deseje que eu beije ao Chloe.

Dageus desviou a face velozmente.

—Como estão os pequenitos, moça?— perguntou, com um olhar em sua barriga arredondada. Gwen resplandeceu e tagarelou a respeito de sua última visita ao doutor. Quando finalmente fez uma pausa para recuperar o fôlego, olhou-o fixamente.

—Drustan não te contou ainda nossa idéia?

Dageus negou com a cabeça. Ainda se sentia mal ao compreender que Drustan tinha sabido que era escuro todo esse

tempo. Um tempo difícil em que tivesse podido estar em casa, em que seu irmão lhe tivesse dado a bem-vinda. Que o havia, de fato, estado esperando.

—É meu irmão— disse Drustan quedamente, e Dageus soube que tinha lido seus sentimentos nessa forma estranha que seu gêmeo tinha de fazê-lo—. Nunca te voltaria as costas. Fere-me que pensasse que o faria.

—Pensava arrumá-lo por mim mesmo, Drustan.

—Você molesta pedir ajuda. Sempre foi assim. Tomadas mais parte da carga que a que te corresponde. Não fez bem em te sacrificar por mim...

—Não comece a...

—Não te pedi que...

—Och!, prefere estar morto?

—Basta!— estalou Gwen—. Detenham-se, ambos. Poderíamos nos sentar aqui por horas discutindo a respeito de quem deveria fazer o que ou não deveria havê-lo feito. E o que obteria isso? Nada. Temos um problema. Arrumaremos-lo.

Dageus enganchou uma cadeira com o pé, deu-a volta e se deixou cair nela, estirando as pernas e apoiando seus antebraços no respaldo. Sentia um prazer perverso ao ver seu irmão maior repreendido. Drustan estava bem controlado por seu diminuta e brilhante algema. O laço entre eles era algo precioso.

—pensamos muito nisto— disse Gwen—, e acreditam que poderíamos enviar a alguém de retorno a te advertir, antes de que a torre se incendeie, que vai produzir se o fogo. Possivelmente possa impedir o incêndio, o qual salvaria ao Drustan, e te protegeria de te voltar escuro.

Dageus negou com a cabeça.

—Não, moça. Não funcionaria.

—O que quer dizer? É uma solução brilhante— protestou Drustan.

—Não só não temos a ninguém a quem poderíamos enviar, mas também essa pessoa poderia ficar apanhada no passado para sempre, e não acredito que me trocaria.

—Não, Drustan e eu pensamos nisso— insistiu Gwen—. Se a pessoa fora alguém que tivesse conhecido como resultado de te voltar escuro, então... OH, ouça, córcholis, Chloe! O mesmo que me ocorreu deveria lhe ocorrer a ela, e seria enviada de retorno a seu tempo no momento em que conseguisse trocar seu futuro.

—Chloe não vai a nenhuma parte sem mim. E ela não sabe nada. Você lhe disse algo?—. A tensão retornou outra vez. Tinha estado tão enlevado ao ver seu irmão outra vez, tão aliviado por ser aceito, que tinha esquecido lhe advertir ao Gwen que não dissesse nada ao Chloe de seu problema.

—Não disse nada— se apressou a lhe assegurar Gwen—. Era óbvio que ela sabia pouco, assim mantive a conversação ligeira. Falamos da universidade e do trabalho em sua major parte. Quem mais conhecesse neste século a quem poderíamos enviar?

—Ninguém. Não funcionaria de qualquer maneira. Há coisas que não sabe.

—Como quais?— interrogou Drustan.

—Já não sou o mesmo homem. Suspeito que inclusive quando alguém retornasse ao passado e advertisse ao “eu” dessa época, e o passado “eu” não rompesse seu voto, que no que me converti ainda existiria no aqui e agora.

—Isso é impossível— declarou Gwen, com a convicção firme de um físico que tivesse julgado suas provas ao mesmo tempo válidas e verdadeiras.

—Não o é. Provei algo muito similar. Pouco depois de que rompesse meu juramento, remontei-me a um tempo antes do incêndio, esperando me anular a mim mesmo. Para ver se o passado “eu” podia causar que a escuridão deixasse de existir.

—Da forma em que ocorreram as coisas quando enviei ao Gwen ao passado— disse Drustan observadoramente—. O futuro “eu” deixou de existir porque dois egos idênticos não podiam coexistir ao mesmo tempo e no mesmo lugar.

—Sim. Inclusive consegui me enviar uma nota mesmo através das pedras, assim o passado “eu” saberia que devia te tirar da torre. Mas para que se produza a anulação, deve haver dois egos idênticos.

—O que está dizendo?— demandou Drustan, com as mãos agarrando com força os braços de sua cadeira.

—Quando retornei, não só não fiz que o futuro “eu” deixasse de existir, nenhum dos dois “eu” o fez. Observei-me mesmo através de uma janela por horas antes de escapar outra vez. Ele nunca desapareceu. Poderia ter entrado e me haver apresentado.

—Foi sábio que não o fizesse. Devemos ser sempre cautelosos a respeito das paradoxos que se criam— disse Drustan ansiosamente.

Gwen ficou com a boca aberta.

—Isso não é possível. De acordo com as leis da física, um dos dois teria que ter desaparecido.

—Qualquer pensaria que depois de tudo o que ela experimentou comigo, não se mostraria tão apressada para etiquetar as coisas como possíveis ou impossíveis— disse Drustan secamente.

—Como pôde ser possível?— demandou Gwen.

—Porque já não sou o mesmo homem. Sou o suficientemente diferente agora com estes seres antigos dentro de mim, em algum nível elementar, que meu ego passado não esteve em conflito com quem ou o que me tinha convertido.

—OH, Meu deus— ofegou Gwen—. Assim inclusive se enviássemos a alguém ao passado, e trocasse os sucessos...

—Duvido que teria qualquer efeito em mim. O que sou agora parece existir mais à frente da ordem natural das coisas. Inclusive é possível que possa causar algum efeito negativo que nem sequer podemos imaginar. Há muitas coisas que não entendemos. Temo que criar múltiplos momentos no tempo não tenha bons resultados. Não, minha única esperança é a

tradição antiga.

Drustan e Gwen intercambiaram um olhar inquieto.

—Era uma idéia brilhante— os reconfortou Dageus—. Compreendo por que a consideraram. Mas pensei neste assunto de maneira interminável e minha única esperança é descobrir como foram aprisionados em primeiro lugar, e reencarcerarlos. Por isso vim. Preciso usar a biblioteca Keltar. Preciso examinar os textos antigos que tratam dos Tuatha do Danaan.

Drustan suspirou pesadamente e se passou uma mão através do cabelo.

—O que?—. Os olhos do Dageus se estreitaram.

—É simplesmente que estávamos tão seguros de que nossa idéia funcionaria— disse Gwen miseravelmente.

—E?— pressionou Dageus com cautela.

Drustan se levantou e começou a caminhar com passos largos e lentos.

—Dageus, nós já não temos esses textos— disse em voz baixa.

Dageus se levantou tão velozmente que a cadeira estralou caindo ao piso. Não, não podia ser certo!

—O que? O que há dito? Como podemos não os ter?— resfolegou com fúria.

—Não sabemos. Mas não estão aqui. depois de ler a carta de p, decidi indagar sobre os Tuatha do Danaan para descobrir algo a respeito da raça mítica, com a esperança de encontrar uma forma de expulsá-los. Assim é como Christopher e eu encontramos que nos falta uma grande quantidade de tomos.

—Mas certamente alguns dos volúmenes que preciso estão aqui—. Ele começou a nomear só os que procurava especificamente, mas com cada nome, Drustan negava com a cabeça.

—Isso é inconcebível, Drustan!

—Sim, e parece deliberado. Christopher e eu suspeitamos que alguém intencionalmente os tirou, embora não podemos conceber como poderiam havê-lo feito.

—Necessito esses textos, com mil diabos!— gritou descarregando de um golpe seu punho contra a parede.

Houve um momento de silêncio, logo Drustan disse lentamente:

—Há um lugar, ou melhor dizendo, um tempo onde podem ser encontrados. Um tempo em que ambos sabemos que a biblioteca de nosso clã existia completa.

Dageus sorriu cruelmente. Correto. E simplesmente como ia explicar isso ao Chloe? Ejem, moça, os tomos que necessitava não estão aqui, assim vamos ter que ir retorno no tempo e consegui-los? Soprou. Nada podia ser simples? Parecia que ela aprenderia mais a respeito dele, estivesse preparado para dizer-lhe ou não.

—Poderia ir em seu lugar— ofereceu Drustan—. Simplesmente o suficiente para obter o que necessitamos.

—Então eu vou também— disse Gwen instantaneamente.

—Não!— estalaram Drustan e Dageus ao mesmo tempo.

Gwen os olhou encolerizadamente.

—Não ficarei atrás.

—Nenhum de vocês irá—. Dageus deteve essa discussão antes de que estalassem os foguetes—. Não têm a garantia de que os Tuatha do Danaan não tenham semeado outros perigos na passagem. Qualquer Keltar que abra uma ponte por razões pessoais corre riscos. Nenhum Keltar exceto eu abrirá pontes a outro tempo. Já sou escuro. Além disso, o que alguém leva através das pedras de um lado não sempre aparece no outro. Perdi várias relíquias de família quando passei a última vez.

Gwen assentiu lentamente.

—Isso é certo. Perdi minha mochila. Desapareceu subindo vertiginosamente na espuma quântica a alguma parte. Não podemos nos arriscar a tratar de trazer os livros aqui.

—Pode abrir as pedras com toda segurança? O que te fará o uso da magia?— perguntou Drustan cautelosamente. Para o Gwen, que não tinha estado a par de sua anterior conversação, explicou—: Quando ele usa magia, faz a... er, os Antigos mais fortes.

—Então talvez não deveria ir— se preocupou Gwen.

Dageus exalou de maneira lúgubre. Todas suas esperanças estavam presas com um alfinete nesses textos Keltar, e tinha desperdiçado muito tempo.

—Se o que diz é certo e os tomos não estão aqui, não tenho opção. Por isso respeita à magia, estou mais preocupado a respeito do que p poderia me fazer. Ocuparei-me da escuridão de algum jeito.

—Somos um clã, Dageus— disse Drustan brandamente—. Nossa p nunca te voltaria as costas. E o tempo não poderia ser mais conveniente. O equinócio da primavera está a só uns poucos dias, por isso...

—Isso não é necessário— o interrompeu Dageus—. Posso abrir as pedras qualquer dia, a qualquer hora.

—O que?— exclamaram Drustan e Gwen de uma vez.

—Parece que nossos estimados benfeitores retiveram porções significativas de conhecimento. As pedras podem ser abertas a qualquer hora. Só requer um conjunto diferente de fórmulas.

—E você conhece essas fórmulas?— pressionou Drustan.

—Sim. Porque os que estão dentro de mim o fazem. Seu conhecimento é meu agora.

—por que nos teriam oculto semelhante conhecimento?

—Suspeito que pretendiam que fora um impedimento para que os Keltar abrissem pontes compulsivamente e de maneira imprudente. A algum lhe poderia ocorrer, se seu irmão morrera, por exemplo, passar através das pedras o mesmo dia e desfazê-lo. Mas se alguém se visse forçado a esperar até o seguinte solstício ou equinócio, poderia ter acontecido o pior da dor para então, e decidir não fazê-lo-a voz do Dageus gotejava autodespreço.

—Quanto tempo esperou você?— perguntou Drustan quedamente.

—Três meses, quatro dias e onze horas.

Ninguém disse nada por um tempo depois disso. Finalmente, Gwen se sacudiu, e se levantou.

—Enquanto os dois intercambiavam opiniões a respeito disto, irei preparar um quarto para o Chloe.

—Ela dorme comigo— disse Dageus em um grunhido baixo.

—Ela disse que não estavam dormindo juntos— disse Gwen ecuanimemente.

—Cristo, Gwen, o que fez? Perguntar-lhe

—É obvio que o fiz— respondeu Gwen, como se não pudesse acreditar que ele fizesse uma pergunta tão absurda—. Mas além de admitir isso, não foi exatamente extrovertida. Então, o que é ela para ti?

—Sua companheira— disse Drustan brandamente.

—De verdade?— Gwen resplandeceu—. OH!— aplaudiu as mãos com grande deleite—. Sou tão feliz por ti, Dageus!

Dageus a imobilizou com um olhar sério.

—Och, moça, é tola? Este não é um momento para celebrar. Chloe não sabe o que sou e...

—Não a menospreze, Dageus. Nós as mulheres não são tão frágeis como os homens gostam de acreditar.

—Então ponha em meu quarto— ele disse sem entonação.

—Não— disse Gwen no mesmo tom uniforme.

—Porá-a em meu quarto.

Gwen levantou seu queixo e empunhou as mãos em sua cintura, lhe fazendo baixar os olhos. Por um momento, Dageus recordou ao Chloe blandindo uma de suas espadas contra ele, e se perguntou como podiam mulheres tão pequenas não temer a homens como ele e seu irmão. Porque eram notáveis, por isso.

—Não, não o farei, senhor Grande, Mau e Escuro— disse ela—. Não me assusta. E não nos intimidará para mim, nem a ela, a fazer algo que não queiramos.

—Simplesmente não deveria te ocupar de perguntar às pessoas se estão dormindo juntos— vaiou ele.

—Do que outra forma ia ou seja onde pô-la?

—me perguntando—. Ele a olhou encolerizadamente, mas ela não deu sinais de mover-se, assim recorreu ao Drustan em busca de apoio.

Drustan se encolheu de ombros.

—Minha esposa é a senhora do castelo. Não me olhe .

—Ela está segura aqui, Dageus— disse Gwen quedamente—. Os porei aos duas e um frente ao outro. Ela pode compartilhar seu quarto se escolhe fazê-lo.

Enquanto Gwen escapava da biblioteca, jogou um último olhar por sobre seu ombro aos dois esplêndidos Highlanders. Estava eufórica e profundamente preocupada; eufórica porque Dageus tinha voltado para casa, preocupada com o que faltava por vir. Drustan e ela tinham estado tão seguros de que sua idéia funcionaria, que não tinham pensado mais à frente.

Agora Dageus ia ter que retornar ao passado, abrir uma ponte através do tempo e procurar as velhas tradições. Não queria deixá-lo ir, e sabia que Drustan tampouco. Mas não havia muita eleição. Tinha a intenção de tratar de convencê-lo em esperar alguns dias, mas albergava poucas esperanças de obtê-lo.

Inclusive sem a ajuda dos sentidos druida de seu marido, podia sentir que Dageus era diferente. Havia algo violento nele. Algo logo que contido, a ponto de estalar.

Arqueou uma sobrancelha, pensando que, embora nunca o diria a seu marido, Dageus escuro era inclusive mais sexy do que tinha sido antes. Parecia rude e primitivo, e algo nele fazia que os terminais nervosos de uma mulher se mantiveram de ponta.

Seus pensamentos foram à mulher de acima. Se Chloe tivesse um pouco de sentido comum, meditou, compartilharia sua quarto essa noite, e todas as noites futuras que pudessem ter.

Não somente rechaçava a cama de um varão Keltar, uma coisa difícil de fazer, mas sim era um esbanjamento criminal de tempo para uma mulher, em opinião do Gwen. Drustan era um amante extraordinário, e com todo o calor sexual que Dageus derramava, não tinha dúvida de que ele o seria também.

Fazia muito tempo, em outro século, tinha observado ao Dageus permanecer sentado nos degraus dianteiros do castelo MacKeltar um entardecer, cravando os olhos no céu noturno. Tinha reconhecido sua solidão porque ela tinha estado sozinha também, e se tinha feito a promessa de ajudar a lhe encontrar uma companheira. Parecia que ele a tinha encontrado por si mesmo. Quão mínimo podia fazer era ajudá-lo a conquistá-la. A dívida que tinha com o Dageus MacKeltar era enorme.

Remeteu sua franja detrás de sua orelha, sorrindo fracamente.

Teria que deslizar uns poucos comentários ao Chloe a respeito da perícia e a resistência física dos Keltar. assim como também repartir alguns outros pedacinhos de sabedoria, ganha com esforço, quando o momento fora adequado.

Horas mais tarde, Dageus seguiu ao Drustan escada acima. Tinham falado bastante essa noite e logo amanheceria.

depois de que Gwen se partiu, tinha-lhe contado ao Drustan sobre o atentado à vida do Chloe, e as palavras que seu estranho assaltante havia dito, e logo lhe tinha informado sobre as poucas referências que tinha encontrado a respeito dos Draghar. Infelizmente, Drustan tinha estado tão perplexo como ele. Tinham esgrimido possibilidades, mas Dageus estava condenadamente cansado das possibilidades. Necessitava respostas.

—Quando irá?— disse Drustan enquanto chegavam ao fim do corredor norte e se dispunham a partir para suas respectivas

câmaras.

Dageus olhou ao Drustan, saboreando a visão de seu irmão vivo, acordado e feliz. Embora gostaria de passar mais tempo com o Drustan e Gwen, agora que estava em terra escocesa outra vez, não podia permitir-se mais atrasos. Chloe estava em perigo, e seu tempo se fazia mais e mais curto. Podia senti-lo. Sabia sem dúvidas que outro ataque chegaria, e não sabia se os Draghar, ou quem quer que fossem, poderiam segui-los através do tempo. Se pertenciam aos Tuatha do Danaan, poderiam-nos seguir em qualquer lugar.

—Na manhã.

—Deve ir tão logo?

—Sim. Não sei quanto tempo tenho.

—E a moça?— perguntou Drustan cuidadosamente.

O sorriso do Dageus era geada.

—Ela vai onde eu vou.

—Dageus...

—Não diga mais. Se ela não for, eu não vou.

—Protegeria-a por ti.

—Ela vai onde eu vou.

—E se ela não quer fazê-lo?

—Fará-o.

Capítulo 14

—Este é o momento, pequena Chloe— disse Dageus.

—Q-o que quer dizer?— perguntou Chloe com precaução—. Momento para que?

—Me ocorre que possivelmente não tenho feito claras minhas intenções— disse Dageus com suave ameaça, andando com passo impetuoso para ela.

—Que intenções?—. Embora Chloe queria manter-se firme, seus pés covardes tinham outros planos. Os parvos e traiçoeiros, davam um passo atrás por cada passo que ele dava para frente.

—Minhas intenções a respeito de ti.

—OH, sim, tem-no feito— lhe assegurou Chloe precipitadamente—. Quer me seduzir. Deixaste-o claro como o cristal. um pouco mais claro e precisaria uma classificação X. Não vou ser simplesmente outra de suas mulheres. Não estou feita para isso. Não posso deixar minhas calcinhas sob a cama de um homem para ser varridas com o lixo. Por isso sou ainda virgem, porque significa algo para mim e não vou lançar minha virgindade a seus pés encantadores somente porque é o homem mais esplêndido e fascinante que jamais conheci e acontece que eu gosto de seu sobrenome. Essas não são razões o muitos boas—. Ela afirmou com a cabeça para enfatizar a rajada de palavras, mas logo pareceu horrorizada pelo que tinha admitido.

—O homem mais esplêndido e fascinante que jamais conheceste?— disse ele, seus olhos escuros brilhando intensamente.

—Há montões de homens esplêndidos ao redor. E os textos poeirentos, aborrecidos e antigos são fascinantes também— resmungou ela—. te Afaste de mim. Não vou cair em sua sedução.

—Nem sequer deseja conhecer minhas intenções?— ronronou ele.

—Não. Absolutamente não. Fora—. Suas costas se chocou com a parede e se cambaleou, logo cruzou seus braços sobre o assumo e o olhou com o cenho franzido.

—Não vou afastar me. E lhe vou dizer isso Ele descansou sua Palmas contra a parede a cada lado de sua cabeça, emparedando-a com seu corpo poderoso.

—Estou contendo o fôlego—. Ela fingiu um bocejo delicado e examinou suas cutículas.

—Pequena Chloe, vou conservar te.

—me conservar, e um demônio— estalou ela—. Não estou de acordo em ser “conservada”.

—para sempre— disse ele, com um sorriso geada—. E o estará.

—Argh! Não posso simplesmente não sonhar com esse homem enloquecedor sequer uma noite?— gemeu Chloe, dando-se volta na cama e devorando o travesseiro sobre sua cabeça.

Estava em sua mente incessantemente quando estava acordada. Não acreditava que não fora muito pedir escapar dele em seus sonhos. Inclusive tinha sonhado com ele quando tinha dormitado no avião! E todos os sonhos tinham sido tão intensamente detalhados que tinham parecido quase reais. Em este, tinha podido cheirar a essência especiada do homem, sentir seu fôlego quente abanicando sua face quando lhe tinha informado que ia conservar a.

Como se pudesse!

O que pensava o Dageus de seu sonho?, perguntou-se, irritada. Que uma declaração tão barbárica e completamente implacável a derreteria até os dedos dos pés?

Espera um momento, pensou, voltando para trás mentalmente, tinha sido seu sonho, o que queria dizer que não era o que ele pensava, a não ser aparentemente o que ela pensava inconscientemente.

OH, Zanders, não é tão politicamente correta, pensou deprimida.

Tinha-a derretido. Gostaria de ouvir essas palavras. Uma pequena declaração desse tipo e estariam pega a ele como supergoma.

incorporou-se e arrojou o travesseiro através do quarto com frustração. O Fantasma Gaulish em Nova Iorque tinha sido o suficientemente fascinante, mas o brilho de emoção que tinha visto a noite anterior quando ele se reuniu com seu irmão, tinha-o feito ainda mais perigosamente intrigante.

Uma coisa tinha sido pensar nele como em um mulherengo, um homem incapaz de amar.

Mas já não podia pensar mais isso, porque tinha visto o amor em seus olhos. Um amor que queria conhecer mais de perto. Tinha percebido profundidades nele que se convenceu a si mesmo que não tinha. O que tinha ocorrido entre os dois irmãos para distanciá-los tanto? O que lhe tinha ocorrido ao Dageus MacKeltar para fazer que contivera tão apertadamente suas emoções?

Estava-o fazendo, querer ser a mulher que penetrasse nele. Uma necessidade perigosa, essa.

abraçou-se os joelhos e descansou o queixo sobre elas, refletindo.

Uma significativa parte de culpa por seu sonho, pensou malhumoradamente, poderia ser atribuída ao Gwen. A noite anterior, depois de que Chloe tivesse terminado seu banho, Gwen lhe tinha levado uma bandeja com o jantar a seu quarto. ficou-se enquanto Chloe comia, e a conversação tinha trocado de direção, como era costume quando as mulheres se reuniam, para os homens.

Especificamente para os homens Keltar.

Quão feitos Chloe tinha sabido a respeito do Dageus antes da pequena visita do Gwen: que era irresistivelmente sedutor; que tinha que um corpo fabuloso que tinha visto quando tinha deixado cair sua toalha; que usava camisinhas para “o homem Extragrande”.

E agora, graças ao Gwen MacKeltar, sabia que era um homem de energia e apetites imensos, e tinha sabido acontecer um bom número de horas, durante dias, na cama com uma mulher. OH, Gwen realmente não havia dito essas coisas diretamente, mas tinha feito claro seu ponto deixando cair palavras e frases ao azar enquanto falava.

Dias na cama? Nem sequer podia começar a imaginar como seria isso.

OH, sim que pode, atçou uma pequena voz sarcástica, sonhou com isso umas poucas noites atrás, com um detalhe chocante para ser virgem.

Com o cenho franzido, apartou seus cachos de sua face e balançou suas pernas sobre um lado da cama maciça, antiga e coberta com mantas peludas. Os dedos lhe penduraram um pé por cima do piso e teve que saltar para baixar-se.

Negando com a cabeça, agarrou suas roupas e se dirigiu à ducha. Realmente não a necessitava, havendo-se dado uma a noite anterior, mas essa manhã suspeitava que lhe viria bem dar uma bem fria.

Quando saiu ao corredor uma meia hora mais tarde, parou-se bruscamente, arrepiando-se. havia-se feito uma ducha geadá, forçando-se a pensar nas relíquias que poderia examinar, e o que gostaria de explorar primeiro. Havia-lhe feito quase meia hora inteira tirar o de sua mente, e nesse momento voltava imediatamente para ela.

—O que está fazendo?— perguntou grunhonamente, sentindo a maldita quebra de onda foto instantânea de atração apresentar-se dolorosamente (e de maneira incessante!). Não montaria de um salto sobre ele e ao inferno com as conseqüências? O homem de seus sonhos —literalmente— estava sentado no piso, apoiando-se contra a porta ao outro lado do corredor, frente à sua, suas pernas largas estendidas, seus braços cruzados sobre o assumo. Levava postos umas calças negras e um suéter de lã de pescoço de cisne cor carvão que se estirava sobre seu torso potente, delineando seu físico perfeito. barbeou-se, e a pele de seu rosto se via tersa e suave como o veludo. Os olhos acobreados encontraram os seus.

Ele se levantou, elevando-se sobre ela, sua masculinidade pura fazendo-a sentir-se pequena e feminina.

—Estava-te esperando. bom dia, pequena. Teve sonhos agradáveis?— inquiriu sedosamente.

Chloe manteve uma expressão serena. Ele se via imensamente contente consigo mesmo essa manhã, e sob nenhuma circunstância lhe deixaria saber que tinha tido sequer um só pensamento noturno sobre ele.

—Não posso recordá-lo— disse, piscando inocentemente—. De fato, dormi tão profundamente que não acredito ter sonhado.

—É obvio— murmurou ele. Quando se adiantou, ela quase saltou fora de sua pele, mas ele simplesmente se inclinou detrás dela e fechou a porta de seu dormitório.

Logo a apanhou contra ela.

—Hey!— exclamou a jovem.

—Só pretendia te dar um beijo de bom dia, moça. É um costume escocês.

Ela estirou o pescoço, olhando-o com o cenho franzido, e lhe dirigiu um olhar que dizia “Sim, claro, bom intento”.

—Um pequeno. Nada de língua. Prometo-o— disse ele, curvando seus lábios fracamente.

—Alguma vez cede, verdade?

—Nunca o farei, doçura. Não sabe a estas alturas?

Oooh, isso começava a parecer-se com seu sonho. E a tinha chamado “doçura”, uma pequena palavra carinhosa. Mas manteve a boca bem fechada e negou com a cabeça.

Ele subiu a mão até sua face e riscou ligeiramente com seus dedos a curva de sua bochecha. Um contato suave, nada abertamente sedutor. A mansidão dessa carícia a sobressaltou e a acalmou ao mesmo tempo. Ele moveu sua mão desde sua face até seus cachos suaves, enroscando-os em seus dedos.

—Hei-te dito, pequena Chloe, que é formosa?— disse brandamente.

Ela entrecerró seus olhos. Se pensava que um cumprido tão manido lhe compraria um beijo, estava tristemente equivocado.

—Och, sim, tão adorável como é possível sê-lo— acariciou sua bochecha com o dorso de seus nódulos—. E sem rastro de

artifício. Estava sentado em meu táxi e cravei os olhos em ti, o dia que te vi pela primeira vez. Vi outros homens te olhando e desejei que fossem cegos. Inclinou-te dentro do carro para lhe dizer algo a seu condutor. Levava posta uma jaqueta e uma saia negra com um suéter da cor do urze, e seu cabelo caía sobre seus olhos e lhe jogou isso para atrás. Garoava um pouco, e as médias em suas pernas refulgiam com gotitas de chuva. Mas não emprestou atenção à chuva, entretanto. Por um momento, inclinou a cabeça para trás, de face a ela. Tirou-me o fôlego.

O comentário cáustico que se enroscava na ponta da língua feminina morreu.

Ele a olhou um momento comprido, logo deixou cair suas mãos.

—Vamos, moça— disse, lhe oferecendo sua mão—. vamos procurar o café da manhã, logo eu gostaria de te levar a um sítio.

Chloe se trabalhou em excesso por recuperar a compostura. O homem tinha uma forma de desequilibrá-la como ninguém que tivesse conhecido. Quando já pensava conhecê-lo, ele fazia algo inesperado. De onde tinha vindo isso? Recordava exatamente o que ela tinha tido posto o dia que se conheceram, e tinha estado garoando essa manhã. E ela, brevemente, tinha volteado a face para o céu; sempre lhe tinha gostado da chuva. esclareceu-se voz.

—Então, quando começo a ver os textos?— disse precipitadamente, desviando a conversação a uma área mais segura.

—Logo. Muito em breve.

Vi outros homens te olhando e desejei que fossem cegos. Ela negou com a cabeça, tratando de dissipar essas palavras de sua mente, incapaz de determinar como as avaliar.

—Seu irmão tem antiguidades também?— iniciou com ligeireza.

—Sim. Verá muitas coisas antes de que o dia chegue a seu final.

—Seriamente? Como quais?

Ele sorriu fracamente ao ver sua ânsia e apanhou suas mãos nas dele.

—Sabe como sei quando te entusiasmo algo?

Chloe negou com a cabeça.

—Seus dedos começam a encrespar-se, como se estivesse imaginando tocar aquilo no que está pensando.

Ela se ruborizou. Não tinha sabido que fora tão transparente.

—Och, moça, isto é encantador. Recorda que pinjente que poderia te mostrar uma Escócia que nenhum outro homem poderia?

Ela assentiu.

—Pois bem— disse Dageus com uma nota estranhamente torcida em sua voz—, esta tarde, moça, cumprirei essa promessa.

A alguma distância do castelo no qual Chloe e Dageus tomavam o café da manhã, um homem se apoiou contra o flanco de um automóvel de aluguel difícil de descrever, falando quedamente por telefone.

—Não tive nenhuma oportunidade de aproximar —dizia Trevor ao Simon—. Mas é só uma questão de tempo.

—Você, supõe-se, deveu te haver encarregado dela antes de que deixassem Londres—. A voz do Simon era fraco no telefone celular, mas ainda assim timbrava com implacável autoridade.

—Não pude me aproximar dela. O homem está constantemente em guarda.

—O que te faz pensar que pode chegar a lhe aproximar isso em terra Keltar?

—Ele baixará o guarda eventualmente, embora seja só por uns poucos minutos. Simplesmente me dê uns quantos dias mais.

—É muito arriscado.

—É muito arriscado não fazê-lo. Ele tem uma união emocional com ela. Necessitamos que seus laços desapareçam. Disse-o você mesmo, Simon.

—Quarenta e oito horas. me chame cada seis. Logo te quero fora dali. Não estou disposto a correr o risco de que alguém de nossa Ordem seja feito vivo. Ele não deve saber nada da Profecia.

Com um murmúrio suave de assentimento, Trevor pendurou o telefone.

Capítulo 15

O dia tinha sido ensolarado e surpreendentemente temperado para ser março nas Highlands: mediavam os quinze graus, corria uma pequena brisa, o céu estava salpicado por umas poucas nuvens gordas, amaciadas e brancas.

Tinha sido um dos dias mais estimulantes da vida do Chloe.

Depois do café da manhã, Dageus, Drustan, Gwen e ela tinham conduzido para o norte, seguindo as estradas sinuosas até a parte superior de uma pequena montanha, por cima da cidade colorida e animada do Alborath, onde tinha conhecido aos primos do Dageus, Christopher e Maggie MacKeltar, e seus meninos.

Tinha passado o dia com o Gwen e Maggie, percorrendo o segundo castelo MacKeltar (este muito maior que o do Gwen). Tinha visto relíquias pelas que Tom alegremente teria cometido os maiores delitos para adquirir: textos antigos selados em capas protetoras, armas e armaduras de muitos séculos diferentes para contá-los, pedras de runas disseminadas fortuitamente ao redor dos hortas. Tinha percorrido uma galeria de retratos alinhados no grande vestibulo, uma história grafite de séculos do clã MacKeltar, maravilhada por conhecer essas raízes! Tinha acariciado com a ponta de seus dedos tapeçarias que deveriam

estar em museus, e um mobiliário que deveria estar em um sítio muito mais seguro que o que tinha podido ver nessas terras. Embora tinha perguntado ansiosamente —e bastante veementemente— a respeito de seu sistema alarme anti-roubo (que parecia criminalmente inexistente), não tinha conseguido mais que sorrisos tranquilizadores que a levaram a conclusão de que nenhum dos Keltars se incomodava em jogar chave às coisas.

O castelo mesmo era uma relíquia, meticulosamente conservado e protegido da erosão suave do tempo. Tinha vagado todo o dia em uma espécie de sonho estupefato.

Nesse momento estava de pé sobre os degraus da parte dianteira do castelo, com o Gwen, sob a luz rosada da tarde. O sol descansava sobre o horizonte e as jubas de névoa começavam a levantar-se da terra. Podia ver milhas de distância desde seu sítio nas largas escadas de pedra, depois de uma fonte de muitos degraus brilhantes, sobre o vale onde as luzes do Alborath empurravam para trás as sombras do crepúsculo. Podia imaginar quão gloriosas estariam as Highlands na primavera, ou melhor ainda, cheias de flores ao final do verão. perguntou-se se poderia encontrar alguma forma de estar ali ainda para então. Talvez depois de seu mês com o Dageus, meditou, permaneceria em Escócia indefinidamente.

Seu olhar roçou a grama dianteira até descansar sobre o homem magnífico e escuro que havia tornado seu mundo tão completamente cabeça abaixo em somente uma semana. Estava de pé a alguma distância do castelo, dentro de um círculo de pedras maciças, antigas, falando com o Drustan. Gwen lhe havia dito que os irmãos não se viram em anos, embora não tinha devotado nenhuma explicação para seu distanciamento. Curiosa como usualmente era, para variar, Chloe se tinha resistido a bisbilhotar. Simplesmente não tinha parecido estar bem.

—É tão belo isto— disse, suspirando tristemente. Viver ali, pertencer a semelhante lugar. O entusiasmo revoltoso dos seis meninos do Maggie e Christopher, desde adolescentes a meninos, era diferente a algo que Chloe tivesse experiente. O castelo estava cheio até rebalsar de família e raízes, o ar timbrava com os sons dos meninos jogando e alguma rixa ocasional. Como filha única criada por um avô já ancião, Chloe nunca tinha visto algo como isso antes.

—É-o— esteve de acordo Gwen—. Chamam a essas pedras Ban Drochaid— disse ao Chloe, gesticulando para o círculo—. Quer dizer “a ponte branca”.

—”A ponte branca”— repetiu Chloe—. É um nome estranho para um grupo de pedras.

Gwen se encolheu de ombros, com um sorriso misterioso jogando bordo de seus lábios.

—Há montões de lendas em Escócia a respeito dessas pedras—. Fez uma pausa—. Algumas pessoas dizem que são portais a outros tempos.

—Li uma novela romântica como essa uma vez.

—Os novelas românticas?— exclamou Gwen, agradada.

Os seguintes minutos se encheram com uma comparação apressada de títulos favoritos, laços femininos e recomendações.

—Sabia que eu gostava de— resplandeceu Gwen—. Quando falava mais cedo da história de todas essas antiguidades, temi que pudesse ser do tipo que lê literatura tediosa. Não tenho nada contra as novelas literárias— adicionou precipitadamente—, mas se eu queria me pôr realista e deprimida, escolheria uma briga com meu marido ou olhar a CNN—. Guardou silêncio um momento, sua mão descansando ligeiramente sobre sua barriga arredondada—. Escócia não é como nenhum outro país do mundo, Chloe. Quase pode sentir a magia no ar, verdade?

Chloe ergueu sua cabeça e estudou os megalitos de altura imponente. As pedras eram de milhares de anos de antigüidade e seu propósito, por muito tempo, tinha sido acaloradamente discutido por estudiosos, arqueoastrónomos, antropólogos, e inclusive matemáticos. Eram para o homem moderno um mistério que nunca se pôde desentranhar.

E sim, sentia um ligeiro roce de magia ao redor deles, a sensação de segredos antigos, e repentinamente percebeu o que adequado se via Dageus de pé em meio deles. Como um feiticeiro primitivo, selvagem e sério, um guardião de segredos ocultos e profanos. Pôs seus olhos em branco ante seu desejo absurdo.

—O que está fazendo Dageus, Gwen?— perguntou, entrecerrando os olhos. Gwen se encolheu de ombros mas não respondeu. Parecia como se ele escrevesse algo na face interior de cada pedra. Havia Treze, elevando-se ao redor de uma laje central modelada sobre dois suportes de pedra, e uma laje grande colocada em cima dela com a forma de um dólmen inclinado.

Enquanto Chloe observava, Dageus se dirigiu a seguinte pedra, sua mão movendo-se com enérgica segurança sobre sua face interior. Ele estava escrevendo nela, precaveu-se. Que estranho. Entrecerró seus olhos. Deus, o homem era formoso. trocou-se depois de café da manhã, e as suaves calças jeans descoloridas abraçavam suas coxas potentes e seu traseiro musculoso. Um suéter grosso de lã e botas de excursionismo completavam sua arruda aparência de homem de campo. Seu cabelo caía em uma única trança até sua cintura.

vou conservar te para sempre, o Dageus de seu sonho havia dito. Está mau, Zanders, reconheceu a contra gosto com um pequeno suspiro.

—Sente algo por ele— murmurou Gwen, tirando a de seu ensimismamento.

Chloe empalideceu.

—É tão óbvio?

—Só para alguém que sabe o que procurar. Nunca o vi olhar a uma mulher da forma que ele lhe olhe a ti, Chloe.

—Se ele me olhe de maneira diferente às outras, é unicamente porque a maioria das mulheres caem na cama com ele ao minuto que o conhecem— disse Chloe, soprando um fio frisado de cabelo de sua face—. Sou simplesmente a que escapou—, até agora, foi o pensamento seco que o acompanhou.

—Sim, e isso é tudo o que fazem.

Isso atraiu sua atenção.

—Acaso não é isso tudo o que ele quer?

—Não. Mas a maioria das mulheres nunca conseguem ir além desse corpo e essa face bela, até sua força e sua reserva. Nunca, nunca confiam nele com seus corações.

Chloe moveu para trás seu cabelo comprido, retorcendo-o em um nó frouxo, e se manteve em silêncio, esperando que Gwen pudesse continuar oferecendo voluntariamente informação. Não tinha nenhuma pressa em admitir seu patético romantismo, que só tinha ido piorando durante todo o dia. Um dia no que tinha sido testemunha da relação incrível entre o Gwen e seu marido. Tinha observado, com desejo desavergonhado, a forma em que Drustan tratava a sua esposa. Estavam tão descaradamente apaixonados um do outro...

Como se via tão parecido ao Dageus, as comparações tinham sido inevitáveis. Drustan se tinha aparecido de repente montões de vezes, levando uma chaquetilla ligeira para o Gwen, ou uma taça de chá, ou para averiguar se as costas lhe doía, se necessitava uma massagem, se precisava descansar, se gostaria que chegasse de um salto ao céu e derrubasse o maldito sol.

Fazendo que Chloe tivesse pensamentos ridículos a respeito de seu irmão.

OH, sim, sentia algo por ele. Pequenos sentimentos traidores e enganosos.

—Chloe, Dageus não procura o amor de uma mulher, porque nunca teve nenhuma razão para fazê-lo.

Os olhos do Chloe se ampliaram e negou com a cabeça incrédulamente.

—Isso é impossível, Gwen. Um homem como ele...

—Aterroriza à maioria das mulheres. Assim tomam o que ele oferece, mas encontram a algum outro homem a quem amar. Um homem mais seguro. Um homem com quem elas se sintam mais em controle. Está fazendo o mesmo contigo? Acreditei que foi mais lista que isso.

Chloe se sacudiu com força, perguntando-se como se pôs a conversação tão pessoal assim de rápido.

Mas Gwen não tinha terminado ainda.

—Algumas vezes —e confia em mim, conheço isto por experiência pessoal— uma garota tem que dar um salto de fé. Se não fazer um intento, nunca saberá o que poderia ter sido. É assim como quer viver?

Chloe mediu uma resposta, mas não pôde encontrá-la, porque profundamente essa fastidiosa voz interior que tão persistentemente tinha começado a perguntar recentemente “Isto é tudo o que há?”, assentia sabiamente, de acordo com as palavras do Gwen. Se não arriscar nada, não ganha nada, sempre havia dito o avô. Quando tinha esquecido isso?, perguntou-se Chloe, cravando os olhos nas pedras antigas. Quando tinha dezenove anos e o avô tinha morrido, deixando-a só no mundo?

Enquanto permanecia de pé, sobre a montanha MacKeltar no crepúsculo que caía, Chloe se encontrou repentinamente de retorno em Kansas outra vez, no cemitério silencioso, depois de que todos seus amigos se foram, chorando ao pé de sua tumba. Insegura, ao bordo da idade adulta, sem alguém para ajudá-la a tomar decisões e escolher seu caminho. Tinha sofrido a falsa ilusão reconfortante de que ele viveria para sempre, que não morreria apenas aos setenta e três de um ataque ao coração. foi-se à universidade, sem imaginar nunca que ele não sempre estaria ali, em casa, vagabundeando ao redor de sua horta, esperando-a.

A chamada Telefônica tinha chegado na semana das finais esportivas seu segundo ano de universidade. Simplesmente tinha falado por telefone com ele alguns dias antes. Um dia ele estava ali, ao dia seguinte se foi. Ela inclusive não tinha podido lhe dizer adeus. Igual a seus pais. Não podiam morrer uma morte lenta, por alguma enfermidade, encontrou-se gemendo (sem dor, claro, ela não desejaria uma morte dolorosa a ninguém), e lhe dar uma maldita sensação de fechamento? Tinham que ir-se somente? Um momento sorridentes e vivos, ao seguinte, quietos e silenciosos e perdidos para sempre. Havia tantas coisas que não tinha podido lhe dizer antes de que partisse. Tinha parecido tão frágil em seu ataúde; seu escocês robusto, temperamental, que sempre lhe tinha parecido invencível.

Tinha sido então quando tinha começado a jogar a coisas seguras? Porque se havia sentido como uma tartaruga sem carapaça, frágil e exposta, relutante a amar e perder outra vez? OH, não tinha decidido isso conscientemente, mas tinha voltado para a universidade e se sepultou em uma dobro especialização, logo em um master. Sem sequer pensá-lo, manteve-se a si mesmo muito ocupada para envolver-se.

Piscou. A pena estava ainda em carne viva, como se nunca a tivesse encarado, mas sim só a tivesse empurrado a uma esquina escura, bloqueando-a. Lhe ocorreu que talvez uma pessoa não podia desapegar-se de uma emoção, algo como a pena por exemplo, sem perder contato com todas as demais. Deixando fora a dor, recusando-se a confrontá-lo, tinha perdido oportunidades inumeráveis para amar?

Chloe percorreu com o olhar ao Gwen, escudriñadoramente.

—Sonha como se me estivesse animando.

—Faço-o. Ele vai pedir te algo. O solo feito que vá perguntar lhe diz isso mais que qualquer palavra como se sente ele com respeito a ti.

—O que vai pedir me?

—Saberá o suficientemente logo—. Gwen fez uma pausa e suspirou pesadamente, como se estivesse tendo um acalorado debate interno consigo mesma. Logo disse—: Chloe, Drustan e Dageus provêm de um mundo que é difícil de entender para garotas como nós. Um mundo que embora inicialmente pode parecer impossível, está firmemente encajado na realidade. Somente porque a ciência não pode explicar algo, não o faz menos real. Sou científica e sei do que falo. Vi coisas que desafiam minha compreensão da física. São bons homens. Os melhores. Mantén o coração e a mente abertos, porque te posso dizer uma coisa com segurança: quando estes Keltars amam, amam completamente e para sempre.

—Está-me enlouquecendo— disse Chloe ansiosamente.

—Ainda não começaste a enlouquecer. Uma pergunta, só entre as duas, e não me minta: quê-lo?

Ela cravou os olhos no Gwen em silêncio, por um momento comprido.

—É realmente só entre as duas?

Gwen assentiu.

—Do momento que o conheci— admitiu simplesmente—. E não tem nem um pouco de sentido para mim. Sou muito possessiva com respeito a ele, e não tenho direito a tê-lo. É uma loucura. Nunca hei sentido nada como isto antes. Inclusive não posso raciociná-lo— disse, a frustração sublinhando suas palavras.

O sorriso do Gwen era radiante.

—OH, Chloe, a única vez que a razão falha é quando tratamos de convencer a nossas mentes de algo que nosso coração sabe que não é certo. Deixa de tentá-lo. Escuta com seu coração.

—Eu não gosto disto— grunhiu Drustan ao Dageus.

—Você deu ao Gwen alguma eleição?— discutiu Dageus, enquanto terminava de gravar a segunda e última fórmula na laje central. Necessitava só gravar a definitiva para abrir a ponte através do tempo. Drustan e ele haviam ficado de que deveria retornar a seis meses depois de ter estado ali a última vez, para evitar sua personalidade passada, e com a esperança de que Silvan pudesse ter averiguado algo útil no ínterim—. Chloe é uma moça forte, Drustan. Sujeitou a ponta de minha espada em meu assumo. Brigou contra seu assaltante corajosamente. Escolheu vir a Escócia comigo. Embora algumas vezes vacila, não teme a nada. E é preparada, fala muitas idiomas, conhece os antigos mitos, e ama as antiguidades. Estou a ponto de levá-la até elas. Se não ser por outra coisa, perdoará-me por isso, ao menos— adicionou secamente.

Och, sim, ela o faria. Ele poderia pôr textos em suas mãos que a fariam chorar com a alegria de um verdadeiro bibliófilo e guardião de relíquias. Compartilhavam isso: a profissão que a jovem tinha eleito era conservar as antigas tradições, e não tinha estado satisfeita com somente conservar, mas sim o tinha estudado tudo, tanto como ele o tinha feito em seu papel de Druida Keltar.

—Gwen sabia o que eu era.

—Mas não te acreditou— lhe recordou Dageus—. Ela pensou que estava louco.

—Sim, mas...

—Nenhum mas. Se haud yer wheesht um momento, saberia que tenho a intenção de lhe dar uma eleição.

—Fará-o?

—Não sou tão insensível— foi sua resposta zombadora.

—vais dizer se o

Dageus se encolheu de ombros.

—Pinjente que lhe daria uma eleição.

—O mais honorável seria lhe dizer...

A cabeça do Dageus se ergueu e seus olhos brilharam perigosamente.

—Não tenho tempo para dizer-lhe vaiou—. Não tenho tempo para tentar convencê-la, ou ajudá-la a entender!

O olhar chapeado guerreou com a de cobre.

—Dá-te conta de que uma vez que a leve através da ponte, ela vai ou seja que é um Druida, Dageus? Já não poderá fingir que é simplesmente um homem.

—Já me encarregarei disso. Ela sabe que há algo que não está de tudo bem comigo.

—Mas o que acontecerá se ela...?— Drustan se interrompeu completamente, mas Dageus sabia que tinha estado a ponto de expressar o medo que se viu forçado a confrontar ele mesmo quando se levou ao Gwen.

—O que ocorrerá se ela fugir de mim? Se grita “bruxo pagão” e me odeia?— disse Dageus com um frio Isso sorriso deve me preocupar a mim, não a ti.

—Dageus...

—Drustan, necessito-a. Necessito-a.

Drustan ficou com o olhar fixo no desespero apenas oculto nos olhos de seu irmão, e teve um brilho repentino de compreensão: Dageus caminhava pelo bordo de um abismo, e sabia. Sabia que não tinha direito de levar-se ao Chloe, e que não tinha feito bem ao havê-la levado até ali sequer. Mas se Dageus perdesse as esperanças, se aceitasse isso, que era escuro, se não tivesse a promessa de um futuro, nenhum direito verdadeiro a esperar algo, não teria nada pelo que valesse a pena viver. Não haveria nada pelo qual continuar batalhando outro dia.

E quem ganharia então? A honra? Ou a sedução do poder absoluto?

Cristo, pensou Drustan, com um calafrio filtrando-se através de suas veias, o dia em que seu irmão deixasse de desejar, o dia que deixasse de acreditar que havia esperança, teria que confrontar o fato de que suas únicas eleições eram inclinar-se completamente ao mal... ou...

Drustan não podia obrigar-se a terminar esse pensamento. E no olhar torturado do Dageus, pôde ver que seu gêmeo tinha sabido todo isso desde fazia muito tempo, e tinha brigado da única forma que tinha podido. Se o desejo do Dageus pelo Chloe fora o único obstáculo que se interpunha entre ele e as portas do inferno, Drustan em pessoa encadearia à moça a seu irmão.

Um sorriso amargo curvou os lábios do Dageus, como se soubesse os pensamentos do Drustan.

—Além disso— disse Dageus com ligeira mofa—, pelo menos sei que posso retorná-la. Gwen não tinha essa garantia, mas você a levou igual. Se algo sair mal comigo, prometo devolver ao Chloe, de uma ou outra maneira—. Queria dizer se estivesse morrendo, pois essa era a única forma em que ele a teria deixado ir. Mesmo assim, ela poderia ter que ser arranco de seus dedos enquanto a vida abandonava seu corpo.

—Bem—. Drustan inclinou a cabeça lentamente—. Quando retornará?

—Vêm por nós em três dias a partir de hoje. Isso é o mínimo tempo em que posso me transladar.

observaram-se um a outro em silêncio, com tantas coisas sem dizer entre eles. Logo não houve mais oportunidade, pois Chloe e Gwen lhes uniram no círculo de pedras.

—O que está fazendo?— perguntou Chloe com curiosidade, olhando-os fixamente—. por que está escrevendo sobre essas pedras, Dageus?

Dageus a olhou um momento comprido, bebendo sua imagem codiciosamente.

Och, era formosa, tão inconsciente de sua própria beleza, ali de pé com seus finos trews azuis, suéter e botas de excursionismo, seu cabelo um alvoroço de cachos atados em um nó frouxo que já estava desfazendo-se. Os olhos enormes, largos e cheios de alegria inocente. Sentava-lhe bem Escócia, lhe dando rubor a suas bochechas e um brilho a seus olhos.

Olhos que, possivelmente logo, poderiam olhá-lo com medo e ódio, como as moças em seu próprio século tinham feito sempre, quando ele lhes revelava a extensão de seu poder druida. E se algo assim acontece?, aguilhoou-o sua honra.

Farei o necessário para seduzi-la de novo, pensou, encolhendo-se de ombros, usando cada truque sob a manga que tenho. renderia-se só quando estivesse morto.

Se havia alguém que podia aceitá-lo, era ela. As mulheres modernas eram diferentes às moças de seu tempo. Enquanto que as moças do século dezesseis se apressavam a ver “magias” nas coisas inexplicáveis, as do século vinte e um procuravam explicações científicas, e pensavam nas leis naturais e físicas além de sua compreensão quando não as conheciam. Ele suspeitava que isso se devia ao rápido progresso científico feito no século anterior, explicando coisas antes inexplicáveis e descobrindo um reino completo de mistério.

Chloe era uma moça forte, curiosa, flexível. Embora não era uma física como Gwen, era lista e tinha conhecimentos tanto do Velho Mundo como do novo. Uma vantagem acrescentada era sua curiosidade insaciável, o qual já a tinha guiado a lugares nos que a maioria não se teria aventuroso. Tinha todos os ingredientes corretos para estar capacitada para aceitar o que logo experimentaria.

E ele estaria ali para ajudá-la a entender. Se conhecia o Chloe a metade de bem que pensava, uma vez que ela se recuperasse da comoção, estaria absolutamente enjoada de excitação.

Evitando o olhar inquisitivo do Chloe, ele percorreu com o olhar ao Gwen.

—Que esteja bem, moça— disse. Abraçou-a, logo Drustan, e se apartou.

—O que acontece?— perguntou Chloe—. por que está dizendo adeus ao Gwen e Drustan? Não vamos ficar nos aqui a trabalhar em seus livros?—. Quando Dageus não respondeu, ela olhou ao Gwen, mas Gwen e Drustan se tornaram e saíram do círculo.

Ela voltou a vista de volta ao Dageus.

Ele estendeu sua mão para ela.

—Tenho que ir, pequena Chloe.

—O que? De que demônios está falando?—. Não havia nenhum carro perto. Ir-se como? aonde? Sem ela? Ele não havia dito “Temos que ir”. Sentiu o assumo repentinamente constrangido.

—Virá comigo?

A estreiteza se aliviou um pouco, mas a confusão ainda não.

—Não entendo— balbuciou Chloe—. aonde?

—Não posso te dizer onde. Tenho que lhe mostrar isso

—Essa é a coisa mais ridícula que nunca ouvi— protestou ela.

—Och, não, moça. me dê um pouco mais de tempo e não pensará isso— disse ele com ligeireza. Mas seus olhos não eram ligeiros. Eram intensos e...

Escuta com seu coração, havia-lhe dito Gwen. Chloe respirou profundamente e exalou com lentidão. forçou-se a empurrar suas idéias preconcebidas a um lado, e tentou olhar com seu coração...

...e o viu. Ali em seus olhos. A dor que tinha vislumbrado no avião, mas que se havia dito a si mesmo que realmente não estava ali.

Mas era mais que dor. Era um desespero brutal, incessante.

Ele esperava, com uma firme emano estendida. Ela não tinha idéia do que ia fazer, ou aonde pensava ir. Estava-lhe pedindo que dissesse “sim” sem saber. Pedia-lhe o salto de fé que Gwen lhe tinha advertido. Pela segunda vez em menos de quarenta e oito horas, o homem lhe estava pedindo que deixasse de lado toda cautela e saltasse com ele, confiando em que não a deixaria cair.

Faz-o, disse repentinamente a voz do Evan MacGregor em seu coração. Pode não ter nove vistas, gata Chloe, mas não tema viver quão única tem.

Os calafrios estremeceram sua coluna vertebral, arrepiando o fino pêlo de sua pele. Olhou ao redor, às treze pedras que os rodeavam, com símbolos curiosos que pareciam fórmulas gravadas em sua faces interiores. E mais símbolos na laje central.

Estava a ponto de descobrir para que se utilizavam essas pedras estáticas? O conceito era muito fantástico para retê-lo no cérebro mais de um segundo.

Que demônios acreditava ele que ia ocorrer?

A lógica insistiu em que nada ia ocorrer nessas pedras. Sua curiosidade declarava, muito persuasivamente, que se algo acontecia, teria que ser uma completa parva para perder-lhe

Exalou um tormentoso suspiro. O que era um salto mais, de todos os modos?, pensou com um encolhimento de ombros

mental. Já tinha estado tão completamente descarrilhada do caminho normal de sua vida, que não podia ficar muito nervosa ante o prospecto de outra volta amalucada. E francamente, o passeio nunca tinha sido tão fascinante. Erguendo-se até sua altura completa, quadrando seus ombros e sua determinação, voltou-se para o Dageus e deslizou sua mão na dele. Levantando seu queixo, encontrou seu olhar e disse:

—Muito bem. Vamos, então.

orgulhou-se de si mesmo pelo firme e indiferente que tinha divulgado.

Os olhos masculinos arderam.

—Virá? Sem saber onde te levo?

—Se crie que vim até aqui para depois ficar no caminho, não me conhece muito bem, MacKeltar— disse ela com ligeireza, procurando força na leveza. O momento era simplesmente muito tenso—. Sou a mulher que bisbilhotou sob sua cama, recorda? Sou pulseira de minha curiosidade. Se for a alguma parte, eu o farei também. Não vais liberar te de mim ainda

Deus santo, realmente havia dito isso?

—Isso sonha como se dissesse que tem a intenção de me conservar, moça—. Seus olhos se estreitaram e ele ficou muito quieto.

Chloe conteve o fôlego. Era tão parecido a seu sonho!

Ele sorriu então, um sorriso lento que fez nascer linhas diminutas na comissura de seus olhos, e por um momento, algo dançou nas profundidades acobreadas. Algo pequeno e... livre, e impressionantemente belo.

—Sou teu para o que peça, doçura.

Ela se esqueceu de como respirar por um momento.

Então seus olhos se voltaram frios outra vez e abruptamente, ele se voltou para a laje central e escreveu uma série de símbolos.

—Sujeita minha mão e não a solte.

—Manten a salvo, Chloe— gritou Gwen, enquanto um vento repentino e feroz se elevava através das pedras, dispersando folhas secas em redemoinhos de névoa.

a salvo do que?, perguntou-se Chloe.

E logo não o perguntou outra vez, porque repentinamente as pedras começaram a dar voltas em círculos ao redor dela... mas isso não era possível! E inclusive enquanto discutia consigo mesma sobre o que era e não era possível, perdeu a sensação da terra sob seus pés e estava cabeça abaixo, ou um pouco parecido, e logo perdeu a noção do céu também. A erva e o crepúsculo se formaram redemoinhos juntos, manchados por uma rajada louca de estrelas. O vento se elevou até converter-se em um uivo ensurdecedor, e repentinamente ela foi... diferente em certa forma. Olhou grosseiramente para o Drustan e Gwen, mas se tinham ido, e não podia ver absolutamente nada, nem sequer ao Dageus. Uma gravidade terrível pareceu atirar dela, sugando-a e estirando-a, dobrando-a em formas impossíveis. Pensou ter ouvido um estampido supersônico, e repentinamente houve um brilho de cor branca tão eneguescedor, que perdeu todo sentido da vista e o som.

Já não pôde sentir a mão do Dageus.

Já não podia sentir sua própria mão!

Tratou de abrir sua boca e gritar, mas não tinha boca para abrir. O branco se fez ainda mais intenso e, entretanto, embora não havia nenhuma sensação de movimento, sentiu uma vertigem nauseabunda. Não havia som, mas o silêncio mesmo parecia ter uma substância lhe esmaguem.

Quando estava segura de que não poderia resisti-lo um instante mais, o branco se foi tão abruptamente que a negrume se estrelou contra ela com toda a força de um caminhão Mack.

Logo sentiu seu corpo outra vez, mas não se emocionou por ter o de volta. Sua boca estava seca como um deserto, sua cabeça se sentia torcida e muito grande, e estava completamente segura de que estava a ponto de vomitar.

OH, Zanders, arreganhou-se fracamente, acredito que isto foi um pouco mais que simplesmente outra volta amalucada.

Chloe tropeçou e se derrubou na terra coberta de gelo.

Aqueles que não recordam o passado estão condenados a repeti-lo.

— A PROFETISA EIRU, século VI antes de Cristo

Aqueles que não recordam o passado estão condenados a repeti-lo.

— MIDHE CODEX, século VII da era cristã

Aqueles que não recordam o passado estão condenados a repeti-lo.

— George SANTAYANA, século XX da era cristã.

Capítulo 16

24 de julho de 1522

Havia vozes dentro de sua cabeça. Treze distintas: doze homens e os tons brilhantes e perlinos de uma mulher de voz ardente, falando em uma linguagem que não podia entender.

As vozes eram apenas uns sussurros, um murmúrio sibilante. Não mais que um vento frio murmurando através dos carvalhos, mas como um vento, soprou misteriosamente através dele, despindo o de sua humanidade como uma frágil folha de

outono que já não estivesse ancorada a seu ramo. Era o vento do inverno e da morte, que não aceitava limites e não suportaria julgamentos.

Só sentia fome. A fome de treze almas confinadas por quatro mil anos em um lugar que não era um lugar, em um tempo que não era um tempo. Encerrados por quatro mil anos. Encerrados por cento quarenta e seis milhões de dias, por três trilhões e meio de horas... e se essa não era a eternidade, então o que era?

Encarcerados.

Perdidos em um nada.

Vivos nessa escuridão atroz. Eternamente conscientes. Famintos, sem boca que alimentar. Desejando, sem corpo para aliviar-se. Ardendo, sem dedos para arranhar-se.

Odiando, odiando, odiando.

Uma massa hirviente de poder cru, não satisfeito por milênios.

E como se sentiam eles, assim se sentiu Dageus também, perdido na escuridão.

A tormenta era a natureza em sua máxima expressão de selvageria. Chloe nunca tinha visto algo igual antes. A chuva se mesclava com partes dentadas de granizo que caíam do céu, machucando-a, golpeando sua pele, inclusive através da espessura de sua jaqueta e seu suéter.

—Ai!— gritou Chloe—. Ai!

Uma parte grande de gelo a golpeou na têmpora, outro na parte inferior de suas costas. Amaldiçoando, amassou-se em uma bola para proteger-se sobre a terra coberta de granizo e envolvendo seus braços ao redor de sua cabeça.

O vento se elevou a um tom ensurdecedor, lamentando-se e uivando. Ela gritou, pronunciando o nome do Dageus, mas nem sequer podia ouvir sua própria voz por cima do estrépito. A terra era sacudida e ramos das árvores se chocavam contra o chão. Um relâmpago brilhou intermitentemente e um trovão ressonou, seguindo-o. O vento te ululem bateu seu cabelo até convertê-lo em um enredo empapado. encurvou-se em uma bola sem esperança para resisti-lo, e rezando para que não piorasse.

Então, repentinamente, tão abruptamente como a tormenta feroz se levantou, desvaneceu-se.

Simplesmente se desvaneceu. O granizo se deteve. O dilúvio cessou. O vento morreu. A noite ficou quieta e silenciosa, exceto por um assobio suave.

Durante alguns instantes, Chloe levou mentalmente a conta de seus machucados, recusando-se a mover-se. Mover-se significaria admitir que estava viva. Admitir que estava viva queria dizer que teria que olhar ao redor. E francamente, não estava segura de querer fazê-lo.

Nunca.

Os pensamentos colidiam em sua cabeça, todos eles impossíveis.

Vamos, Zanders, te esforce, disse-lhe a voz da razão corajosamente, para ajudá-la. Te vais sentir absolutamente parva quando olhar para cima e veja o Gwen e Drustan ali de pé. Quando eles digam “Córcholis, não o odeia também quando uma tormenta chega tão rápido? Mas assim acontece nas Highlands”.

Nem ela acreditava. Não estava muito segura de nada no momento, mas estava malditamente convencida de que as tormentas como essa não ocorriam repentinamente, nem nas Highlands ou nem em qualquer outra parte; era mais, não tinha muita esperança que Gwen e Drustan estivessem em algum lugar próximo sequer. Algo tinha ocorrido em meio dessas pedras. Simplesmente o que, não poderia dizê-lo, exceto algo... épico. Algo que cheirava a uma secreta semente de verdade nos mitos antigos.

depois de alguns momentos mais, retirou seus braços e apareceu cautelosamente. A chuva se derramava de seu cabelo, gotejando sobre sua face. Apoiou sua Palmas sobre a terra e repentinamente entendeu a que se devia esse ruído lhe vaiem.

A terra estava quente, como se tivesse recebido o calor solar todo o dia, e as partículas de granizo fumegavam sobre ela. Como podia estar quente a terra?, perguntou-se, desconcertada. Era março, pelo bem de céu, e um clima de quinze graus não esquentava o chão. Ao mesmo tempo que pensava isso, precaveu-se de que o ar era quente, agora que os céus tinham deixado de jogar uma pequena inundação geada. Era úmido e completamente veraniego.

Cautelosamente, levantou-se umas poucas polegadas e percorreu com o olhar seu redor, só para descobrir que estava envolta em uma nuvem. Enquanto se tinha amassado no chão, uma espessa e grossa névoa a tinha rodeado. Estava completamente encerrada dentro dessa brancura. Fez que a situação já estranha se fizesse ainda mais arrepiante.

—D-Dageus?—. Sua voz tremeu um pouco. limpou-se a garganta e fez outro intento.

Se estava ainda no círculo de pedras —e começava a pensar que poderia ser um muito grande SE— já não podia vê-lo. A névoa o consumia tudo. Era como estar cega. Tremeu, sentindo-se horrendamente sozinha. Os passados poucos minutos tinham sido tão valentes que começava a perguntar-se se ela não haveria... bem, não estava segura do que começava a perguntar-se, e melhor não o perguntaria.

Algumas pessoas dizem que são portais

Cavou a névoa em sua mão. A condensação perló sua palma. Eram gotas grossas e densas. Soprou no ar branco frente a ela. Não se moveu.

—H-olá?— gritou, sentindo-se frenética.

Um redemoinho escuro de movimento titilou na brancura. Ali. Não, pensou, trocando de direção, ali. Inexplicavelmente, a temperatura descendeu outra vez e seus dentes começaram a tocar castanholas. O granizo deixou de fumegar na terra.

sentou-se sobre seus joelhos, empapada até os ossos, tremendo e esperando nervosamente, médio aguardando que algo

horrível saltasse sobre ela.

Quando seus nervos desfiados estavam a ponto de estalar, Dageus se deslizou fora da névoa, ou melhor dizendo, em um momento não estava ali e ao seguinte se materializou frente a ela.

—OH, a Deus obrigado— ofegou Chloe, o alívio alagando-a—. Q-o que...— ocorreu, era o que tratava de dizer, mas as palavras morreram em sua garganta enquanto ele se aproximava.

Era Dageus, mas em certa forma... não o era. Enquanto se movia, a névoa se formou redemoinhos ao redor dele como em um horripilante filme de ficção científica. Contra a brancura, ele era uma figura grande, gigantesca e escura. A expressão em seus rasgos cinzelados era tão fria como o gelo no qual ela se ajoelhava.

Ela negou com a cabeça, uma vez, duas vezes, tratando de desfazer-se da ilusão idiota. Piscou várias vezes.

Ele é quase inhumanamente belo, pensou, com o olhar fixo nele. A tormenta tinha liberado seu cabelo da correia e caía até sua cintura em um enredo úmido, batido pelo vento. via-se selvagem e indômito. Animal. Agressivo.

Inclusive se movia com uma força animal, eloqüente e segura.

E tudo o que o diabo quer sempre em troca, disse uma voz pequena como advertência, é uma alma.

OH, por favor, repreendeu-se Chloe severamente. É um homem, nada mais. Um homem grande, formoso, algumas vezes aterrador, mas isso é tudo.

Galhardo como um tigre à espreita, o homem grande, formoso e horripilante se deixou cair na terra ante ela, seus olhos escuros cintilando na noite ainda mais escura. Permaneceram ajoelhados, logo que apartados por umas polegadas. Quando ele falou, suas palavras estavam cuidadosamente articuladas, como se falar fora um esforço imenso. Suas palavras eram escrupulosamente espaçadas, prementes, fragmentadas com pausas intermédias.

—Darei-te... cada... relíquia que possuo... se me beija... e não faz... perguntas.

—Né?— ofegou Chloe.

—Nada de perguntas— vaiou ele, negando com a cabeça violentamente, como tratando de desfazer-se de algo.

A boca do Chloe se fechou de repente.

Estava muito escuro para ver seus olhos claramente, os planos afiados de sua face em sombras. Na penumbra brumosa, seus exóticos olhos acobreados se viam negros como a meia-noite.

Ela o olhou fixamente. Ele estava perfeitamente quieto, imóvel como um tigre antes da estocada aniquiladora. A moça tratou de alcançar suas mãos e as encontrou, convertidas em punhos apertados. É mais reservado quando sente mais profundamente, recordou-se a si mesmo. Fechou suas mãos sobre as dele.

O corpo masculino estava atormentado por estremecimentos repentinos. Ele fechou seus olhos brevemente e quando os reabriu, ela pôde ter jurado que viu... coisas escuras movendo-se atrás deles, e teve essa intuição que tinha tido uma vez antes, em seu penthouse, como se houvesse outra presença com eles, antiga e fria.

Então seus olhos se limpam, revelando tal desolação absoluta que seu assumo se congestionou e ela quase não pôde respirar.

Ele sofria. E ela queria apagar esse sofrimento. Nada mais tinha importância realmente. Nem sequer queria suas estúpidas relíquias em troca; só queria apagar esse olhar horrendo e terrível de seus olhos de qualquer forma que pudesse.

umedeceu-se os lábios e esse foi todo o ânimo que ele pareceu necessitar.

Esmagou-a em seus braços, levantou-a e, em umas quantas pernadas poderosas, jogou-a para trás rudamente contra uma das pedras estáticas.

Ah, então as pedras estão ainda aqui, ela pensou fracamente. Ou eu estou ainda aqui. Ou algo pelo estilo.

Então a boca dele foi quente e faminta sobre a dela e já não lhe pôde ter importado menos onde estava ou não. Poderia haver-se apoiado contra um enorme e sujo urso faminto depois do inverno pelo que lhe importava, porque Dageus a beijava como se sua vida dependesse de seu enredo de línguas e o calor entre eles.

Ele selou sua boca apertadamente sobre a dela, sua língua aveludada procurando, reclamando. Colocou suas mãos à força em seus cachos molhados, envolvendo punhados de cabelo ao redor de seus punhos, sujeitando sua cabeça em suas mãos grandes e poderosas, sua língua ardente mergulhando-se profundamente em sua boca.

Beijava-a como ninguém que tivesse conhecido em sua vida. Havia algo nele, uma crueldade, uma sensualidade carnal que raíava o barbárico, algo que nunca poderia explicar a alguém mais. Uma mulher tinha que ser beijada pelo Dageus MacKeltar para entender completamente quão devastador era. Como podia fazer a uma mulher cair de joelhos.

Por um momento incluso não pôde mover-se. Só podia tomar seu beijo, sem forças para devolvê-lo. sentia-se como se estivesse sendo consumida, e soube que o sexo com ele seria igual de lascivo e plenamente selvagem. Nada de inibições. Tinha estado atada a sua cama com lenços de seda; sabia que classe de homem era. Aturdida, enjoada, amassou-se contra ele, arqueando-se, celebrando a sensação de suas mãos grandes navegando sobre seu corpo, deslizando-se impacientemente sob seu sustento para fechar-se bruscamente sobre seus seios, tentando seus mamilos, a outra cavando seu traseiro e levantando-a contra ele. Febrilmente, ela envolveu suas pernas ao redor de seus quadris poderosos.

sentia-se tão excitada que pulsava, dolorida e vazia. Choramou em sua boca quando ele trocou de posição apenas, calçando-os tão perfeitamente juntos que a cordilheira dura dele se embalou em seu calor flexível. OH, finalmente! depois de negá-lo, de recusar-se inclusive a permitir-se pensar nisso, ele estava ali, apanhado comodamente na V de suas coxas, enorme e ardente. Empurrou-a para trás, contra a pedra, outra vez, movendo-se contra ela, conduzindo-a a um frenesi erótico.

Enredando seus dedos em seu grosso e sedoso cabelo, ela se moveu contra ele, arqueando-se a sua vez cada vez que ele empurrava, encontrando-o. Seus lábios estavam hermeticamente unidos aos dela, sua língua profundamente em sua boca. Ela estava frenética de necessidade. Suas defesas não haviam simplesmente baixado, tinham perdido o equilíbrio, e agora queria

desvergonzadamente, tudo, tudo com o que ele a tinha estado tentando portanto tempo.

Como se tivesse lido seus pensamentos, ele capturou uma das mãos femininas na dele e a guiou entre eles, pressionando sua palma contra a protuberância dura em suas calças jeans, e ela ficou sem fôlego quando se precaveu de quão grande era. Só o tinha visto momentaneamente quando ele tinha deixado cair sua toalha, mas se tinha perguntado a respeito disso desde que tinha encontrado essas camisinhas incriminadores. Não ia ser fácil tomá-lo, pensou, com um escuro tremor erótico. Tudo dele era muito homem, e a regozijou, seduziu-a para admitir finalmente suas fantasias mais privadas. Por sua pura natureza, ele era a resposta a todas elas. Um homem escuro, autoritário, perigoso.

Ela o tocou freneticamente, tratando de moldar seus dedos sobre ele através de suas calças, mas a maldita coisa era muito estreita, estirada por sua turgidez pesada. Emitiu um pequeno gemido de frustração e, grunhindo grosseiramente, ele a trocou de posição, apoiou-a contra as pedras sujeitando-a com um braço, enquanto desabotoava suas calças jeans.

Chloe ofegou, seus olhos enormemente abertos, observando seu formoso rosto escuro, tenso de luxúria enquanto ele se liberava. Ela o queria, necessitava-o, estava além das conseqüências. A intensidade da atração entre eles a obnubilava. Logo ele empurrou sua dureza quente e grossa em sua mão.

Ela não podia fechar sua mão ao redor. O fôlego lhe obstruiu na garganta e deixou cair a cabeça para diante, contra seu assumo. Não havia maneira.

—Pode tomar, moça—. Ele embalou sua mandíbula com sua palma e sustentou sua face para cima para beijos mais urgentes e quentes. Fechou sua mão sobre a mão feminina, movendo-a ao longo de sua ereção grossa. Ela choramingou, desejando que suas próprias calças simplesmente desaparecessem para poder tomá-lo em seu interior.

—Necessita-me, Chloe?— demandou ele.

—Diria que o faz, mas acredito que não é o momento nem o lugar— cortou energicamente uma seca voz através da noite.

Dageus se esticou contra ela com um juramento selvagem.

Chloe fez um som que foi meio surpresa, meio soluço. Não, não, não!, quis gritar. Não posso me deter agora!

Nunca em sua vida tinha querido algo tão desesperadamente. Esperou que quem quer que tivesse falado simplesmente desaparecesse. Não queria retornar à realidade, não queria pensar nas repercussões do que ia fazer. Não queria retornar às perguntas inumeráveis que teria que encarar: a respeito do Dageus, a respeito de seu paradeiro, a respeito de si mesmo.

congelaram-se nesse momento íntimo pelo que pareceu uma miserável eternidade, logo Dageus se estremeceu e com uma mão sob seu traseiro, recostou-a contra a pedra e se separou da mão da jovem. Ela estava tendo dificuldades para soltá-lo por si mesmo, e deram começo a uma batalha curta, silenciosa e absurda que ele ganhou, já que com desinteresse ela concedeu que provavelmente só era justo porque era uma parte do corpo dele. Dageus permaneceu imóvel, inspirando calculadamente, logo a baixou ao chão.

Tomou vários minutos voltar a grampear-se suas calças jeans.

Deixando cair sua cabeça escura para frente, seus lábios no ouvido da jovem, ele disse, com seu acento enrouquecido pelo desejo:

—Aqui já não há retorno, moça. Nem sequer te ocorra me dizer mais tarde que não me terá. Terá-me—. Então abruptamente, envolvendo um braço firme ao redor de sua cintura, voltou-os para ambos para saudar o intruso.

Ainda enjoada e ofegante de desejo, levou-lhe ao Chloe alguns momentos enfocar. Quando o fez, sentiu-se alarmada ao descobrir que a névoa tinha desaparecido tão completamente como a tormenta, desembocando em uma noite banhada em um luminescência perlina por uma lua abundante que pendurava além dos carvalhos poderosos que se elevavam ao redor do círculo de pedras. recusou-se a fazer insistência no fato que pouco antes não tinha havido carvalhos ao redor do círculo de pedras, só um espaço vasto de grama bem talhada. Se pensava nisso muito tempo, poderia começar a sentir-se doente outra vez.

Assim que se concentrou, em lugar disso, no homem alto, envelhecido, com cabelo branco até os ombros, vestido com largas roupas azuis, que estava de pé a uma dúzia de passos de distância, suas costas estreita volta para eles.

—Pode dar a volta agora— lhe ladrou Dageus.

—Estava te concedendo toda a privacidade que podia— o homem resmungou defensivamente, sua postura rígida.

—Se tivesse desejado me conceder privacidade, teria-te dirigido de volta ao castelo, velho.

—Assim poderia desaparecer outra vez?— vaiou o homem a sua vez—. Acredito que não. Perdi-te uma vez. Não o farei de novo.

Com isso, o ancião deu a volta para confrontá-los e os olhos do Chloe se dilataram de assombro. Tinha-o visto em alguma parte antes! Mas onde?

OH, não. Tão rapidamente como lhe ocorreu, negou-o, meneando a cabeça. Mais cedo esse mesmo dia, na galeria de retratos do castelo do Maggie MacKeltar, tinha visto vários retratos dele exibidos em uma divisão onde a metade das pinturas ao redor dele tinham sido removidas, deixando grandes lugares escuros na parede. Essa tinha sido uma das razões pelas que a tinha atraído. Maggie lhe havia dito que outros retratos desse século em particular —o século XVI—, tinham sido tirados e enviados fora para ser restaurados.

A face desse homem tinha permanecido muito tempo em sua mente, porque tinha sido cativada por seu estranho parecido com o Einstein. Com seu cabelo nevado, os substanciosos olhos cor café bordeados por linhas finas, e os sulcos profundos emoldurando sua boca, o homem se parecia alarmantemente ao genial físico teórico, embora com um toque ligeiramente hechiceril. Inclusive Gwen tinha estado de acordo, com um sorriso alegre, quando Chloe fazia uma observação sobre isso.

—Q-quem é É-ele?— gaguejou Chloe dirigindo-se ao Dageus.

Quando Dageus não respondeu, o homem maior se passou ambas as mãos através dos penachos de seu cabelo branco e os

olhou com cenho.

—Sou sua p, minha querida. Silvan. Isso me faz pensar, acredito, que ele não te disse mais do que Drustan disse ao Gwen antes de trazê-la aqui. É assim? Ou disse a ela menos ainda?— disparou- um olhar acusador ao Dageus.

Dageus permanecia quieto como uma pedra ao lado dela. Chloe o contemplou, mas ele não a olhou.

—Disse que seu pai estava morto— disse ela ansiosamente.

—Estou-o— esteve de acordo Silvan—, no século vinte e um. Mas não no século dezesseis, minha querida.

—Né?—. Chloe piscou.

—Mas bem estranho quando um o pondera— concedeu ele com uma expressão pensativa—. Como se fora imortal em minha própria parte do tempo. Dá a um homem pensante calafrios.

—S-século d-dezesseis?—. Ela atirou fortemente da manga do Dageus, em uma súplica que lhe indicava que devia meter-se de um salto e esclarecer coisas. Agora.

Ele não o fez.

—Sim, minha querida— respondeu Silvan.

—Como em... quer dizer que como estou vendo-o-o que significa que está vivo ou estou sonhando ou enlouqueci—, que se não estar sonhando e não perdi o julgamento, devo estar, er... onde não está morto?— perguntou Chloe cautelosamente, assegurando-se de não dizê-lo mais claramente, porque então teria que contemplá-lo como um pensamento válido.

—Uma dedução brilhante, minha querida— disse Silvan com aprovação—. Embora um pouco evasiva. Apesar disso, tem o olhar de uma moça lista.

—OH, não— disse Chloe firmemente, negando com a cabeça—. Isto não está ocorrendo. Não estou no século dezesseis. Isso não é possível—. Contemplou ao Dageus outra vez, mas ele ainda se recusava a olhá-la.

Partes desarticuladas de conversação emergiram através de sua mente: portais no tempo e malefícios antigos e raças míticas.

Chloe cravou os olhos no perfil cinzelado do Dageus, procurando desordenadamente em feitos que repentinamente tinham um significado terrível: ele conhecia mais linguagens que ninguém que tivesse conhecido, idiomas por muito tempo mortos; tinha antiguidades em perfeito estado; investigava livros que giravam em torno da história da antiga Irlanda e Escócia. levantou-se no centro de um círculo de pedras antigas e lhe tinha pedido ir a um sítio com ele sobre o que não podia lhe contar, mas que podia lhe mostrar, como se só vendopudesse acreditá-lo. E nesse círculo de pedras, uma tormenta poderosa se levantou e ela se havia sentido como se estivesse sendo rasgada em partes. Tinha havido uma mudança repentina de clima, a paisagem incluía agora árvores adultas e seculares que não tinham estado ali antes, e havia um ancião afirmando ser do século dezesseis.

E enquanto estavam nesse tema... se qualquer parte de suas condições atuais eram de fato reais, então o que estava fazendo o pai do Dageus no século dezesseis, pelo bem do céu? pegou-se a essa patente e preciosa peça de informação ilógica como a prova de que estava sonhando. A menos que...

O que ocorreria se te dissesse, moça, que sou um druida de tempos antigos?

—O que?— grunhiu ela, olhando-o intensamente, com olhos furiosos—. Devo supostamente acreditar que é do século dezesseis também?

Ele finalmente a olhou, e disse rigidamente:

—Nasci em mil quatrocentos e oitenta e dois, Chloe.

Ela se cambaleou como se ele a tivesse golpeado. Logo começou a rir, e inclusive ela ouviu a nota de histeria em sua voz.

—Bem— disse alegremente—. E sou a Fada dos Dentes.

—Sabe que sentia algo estranho a respeito de mim— ele pressionou cruelmente—. Sei que o fez. Podia-o ver na forma em que me observava algumas vezes.

Deus santo, era certo. Repetidamente. Tinha considerado que ele era estranhamente anacrônico, com uma sensação bizarra de... antiguidade.

—É forte, pequena Chloe. Pode aceitar isto. Sei que pode. Ajudarei-te. Lhe posso explicar isso, e já verá que isto não é... magia, a não ser alguma sorte de física que os homens modernos ainda não podem...

—OH, não— o cortou ela, negando com a cabeça com veemência. Um soluço terminou sua risada abruptamente—. É impossível— insistiu, rechaçando-o tudo com um grandioso movimento—. Todo isto é impossível—. Solução—. Estou sonhando, ou... algo. Não sei o que, mas não vou a —solução— pensar mais nisto. Assim inclusive não tome a moléstia de tratar de convenha...

Ela calou súbitamente, de repente muito aturdida para continuar. O trauma da tormenta, o absurdo da conversação, foram muito. Sentia que seus joelhos poderiam dobrar-se baixo ela. Realmente, pensou com debilidade, havia só um limite que podia esperar-se que uma garota pudesse dirigir, e druidas viajando no tempo simplesmente não eram parte disso. mais dessa risada indefesa borbulhou em seu interior.

Como de uma distância longínqua, ouviu o Silvan dizer bruscamente:

—É bom verte outra vez, moço. Nellie e eu havemos estados muito preocupados com ti. Och, a muchachita vai cair, filho. Poderia sustentá-la agora.

Quando os braços fortes do Dageus se deslizaram ao redor dela, Chloe desprezou as vozes e se abraçou à misericórdia do esquecimento, porque sabia que quando despertasse outra vez, tudo estaria bem. Estaria na cama, no castelo do Gwen e Drustan, depois de ter um desses sonhos estranhamente intensos a respeito do Dageus.

Eu gosto mais dos sonhos sexuais, foi seu mal-humorado pensamento final, à medida que seus joelhos cediam e sua mente

se voltava um espaço vazio.

Adam Black estava dormitando —não dormindo, pois os Tuatha do Danaan não dormiam, mas sim flutuavam brandamente na lembrança e o tempo— quando os nove membros do câmara de vereadores compareceram atrás do estrado de sua rainha.

Ele se incorporou abruptamente.

Um deles falou no ouvido da rainha. Ela inclinou a cabeça e lhes deu permissão para retornar a em qualquer lugar que o elusivo câmara de vereadores tinha seu lar.

Então Aoibheal, reina dos Tuatha do Danaan, levantou suas mãos ao céu e disse:

—O câmara de vereadores falou. Será uma prova por sangue.

Adam se esticou para levantar-se, mas se conteve, e se forçou a afundar-se de novo em seu chaise acolchoado. Esperou, medindo as reações de outros, congregados na ramagem do bosque na ilha de Morar, onde a rainha estava acostumado a ter seu tribunal. Adormecendo-se sob as canopias sedosas, outros se moveram lânguidamente, suas vozes melódicas zumbindo brandamente.

Não ouviu protestos. Tolos, pensou, é uma maravilha que tenhamos sobrevivido tanto tempo. Embora imortais, podiam ser destruídos.

Quando Adam falou, sua voz foi desapaixonada, bordeando o aborrecimento, como era apropriado entre os de sua classe.

—Minha rainha, quero falar, se me permitir isso.

Aoibheal jogou um olhar sua direção. Houve uma tênue luz de avaliação em seu olhar enquanto o contemplava. Ele levava seu aspecto favorito, o de um ferreiro alto, de cabelo escuro, com músculos ondulantes. Um homem formoso, de outro mundo, que estava acostumado a espreitar aos viajantes humanos, particularmente às mulheres. Um ferreiro que os levava a lugares e os fazia costure que mais tarde recordavam como um escuro sonhar de prazer interminável.

—Tem meu ouvido—. Ela inclinou sua cabeça regamente.

E poucas vezes, Adam pensou, também outras partes suas quando ela assim o honrava. Aoibheal tinha um certo carinho por ele, e contava com isso agora. Ele era diferente a qualquer outro de sua raça, em maneiras que os desconcertavam, tanto a ele como a eles. Mas a rainha parecia desfrutar dessas diferenças. De todos seus súditos, Adam suspeitava que ele era o único que ainda conseguia assombrá-la. E a surpresa era néctar dos deuses para aqueles que viviam para sempre, para aqueles que tinham perdido o assombro e o temor fazia uma eternidade. Para aqueles que espiavam os sonhos dos mortais porque não possuíam seus próprios sonhos.

—Minha rainha— disse ele, afundando um joelho ante ela—, sei que o Keltar rompeu seu afidávit. Mas se a gente examinar a esses Keltar, encontra-se com que eles, por milhares de anos, comportaram-se de maneira exemplar.

Reina-a o contemplou um momento bastante friamente, logo encolheu um ombro delicado.

—Então?

—Considera o irmão do homem, minha rainha. Quando Drustan foi encantado por um adivinho e forçado a dormir por cinco séculos, a linha Keltar ficou destruída. Quando foi despertado no século vinte e um por uma mulher, ele cruzou distâncias extraordinárias para retornar a seu tempo e impedir que a catástrofe ocorresse, para que sua linhagem permanecesse intacto, sempre protegendo a tradição.

—Dou-me conta disso. Infelizmente seu irmão não se pareceu mais a ele.

—Acredito que o faz. Dageus rompeu seu afidávit somente para salvar a vida do Drustan.

—Esse é um motivo pessoal. A linhagem não estava ameaçada. Tinham expressamente proibido usar as pedras para proveito pessoal.

—Como poderia considerar-se proveito pessoal?— rebateu Adam—. O que ganhou Dageus ao fazê-lo? Embora salvou a vida do Drustan, Drustan continuou no sonho profundo. Ele não recuperou a seu irmão. Não obteve nada.

—Então mais parvo ele.

—É tão honorável como seu irmão. Não há nada de mau no que fez.

—A questão não é se foi mau, mas sim se rompeu seu juramento, e assim foi. As condições do Pacto estavam claramente definidas.

Adam respirou cuidadosamente.

—Somos quem lhes deu o poder de viajar pelo tempo. Se nós não o tivéssemos feito, a tentação nunca teria existido.

—Ah, agora é nossa culpa?

—Simplesmente digo que ele não usou as pedras para ganhar riqueza ou poder político. Fez-o por amor.

—Sonhas como um humano.

Era o mais infame insulto entre os de sua classe.

Adam guardou sabiamente silêncio. Tinha fundo suas proverbiais asas por sua rainha antes.

—Apesar de por que o fez, Adam, ele agora alberga a nosso antigo inimigo dentro de si.

—Mas ainda não é escuro, minha rainha. passaram muitos meses mortais desde que tomaram. Quantos mortais conhece que poderiam resistir a esses treze Druidas só pela vontade? Conheceu-os bem. Conhece seu poder. Mas o submeteria à prova de sangue que o câmara de vereadores demandou? Mataria a cada pessoa que este homem ama para prová-lo? Se destruir sua linhagem inteira para isto, quem renegociará O Pacto?

—Possivelmente viveremos sem ele— ela disse ligeiramente, mas ele viu um tênue indício de ansiedade em seus olhos preciosos e desumanos.

—Arriscaria a isso? Que nossos mundos colidam? Que coabitem os mortais e os Tuatha do Danaan outra vez? O Keltar violou seu juramento, mas nós ainda não violamos o nosso. No momento que o fazemos, O Pacto será nulo e as paredes entre nossos reinos se desmoronarão. A prova de sangue nos forçará a compartilhar a terra, minha rainha. É isso o que quer?

—Ele está no correto—. O consorte da rainha fez o esforço de dizer—. O câmara de vereadores considerou isso?

Se Adam conhecia câmara de vereadores a metade de bem do que pensava, então o tinham feito, sim. Havia alguns no alto câmara de vereadores que sentiam saudades os velhos costumes, aqueles que prosperavam no caos e as maquinações mesquinhas. Felizmente, não incluíam a sua rainha. Com exceção de seus passatempos caprichosos, ela desdenhava à humanidade e tinha poucas vontades de vê-los caminhando em seu mundo outra vez.

O silêncio cobriu ao tribunal.

Aoibheal dobrou seus dedos magros e descansou seu queixo delicado neles.

—me interesse. Está sugirindo uma alternativa?

—Uma ordem de Druidas em Grã-Bretanha, descendentes daqueles que dispersou milênios atrás, esteve aguardando a volta dos Draghar; abrigam planos de forçar a transformação do Keltar. Se tiverem êxito, então faz o que deseje com ele. Deixa que essa seja sua prova.

—Está apresentando uma súplica formal por sua vida, Amadan?— ronronou Aoibheal, seu olhar iridescente brilhando tenuemente, com intensidade repentina.

Ela havia dito parte de seu nome verdadeiro. Uma advertência sutil. Adam ficou com o olhar fixo na distância por tempo incalculável. Dageus MacKeltar não significava nada para ele. Mas sentia uma fascinação implacável pelos mortais, e certamente, passava a maior parte de seu tempo entre eles de alguma forma, até certo ponto. Sim, sua raça tinha poder, mas os mortais tinham outra aula de poder, um inteiramente imprevisível: o amor. E uma vez, bastante tempo atrás —algo quase não ouvido entre os de sua classe— com uma mulher mortal, ele o havia sentido.

Tinha engendrado um filho médio mortal.

Embora o tinha tentado por muito tempo, não tinha esquecido esses anos breves com a Morganna. Morganna, que tinha recusado sua oferta de imortalidade.

Ele percorreu com o olhar a sua rainha. Ela exigiria um preço em troca se ele apresentava uma súplica formal pela vida de um mortal.

Seria um preço atroz.

Não obstante, pensou, com um encolhimento de ombros de tédio imortal, a eternidade tinha sido muito plácida ultimamente.

—Sim, minha rainha— disse, tornando-se para trás o cabelo e sorrindo com serenidade quando o tribunal ficou sem fôlego coletivamente—. O faço.

O sorriso da rainha foi tão aterradora como bela.

—Mencionarei seu preço quando a prova do Keltar tenha terminado

—E aguardarei sua lei, pedindo este dom: se o Keltar superar à seita dos Draghar, os treze serão reclamados e destruídos.

—Faria um trato comigo?—. Uma nota débil de incredulidade impregnou sua voz.

—Faria um trato pela paz de nossas raças. Enterra-os no esquecimento. Quatro mil anos foram o suficientemente largos.

O que só poderia ser chamado um sorriso afetado, muito humana, cruzou os delicados rasgos da rainha.

—Queriam a imortalidade. Simplesmente as dava—. Ela ergueu sua cabeça—. Faremos uma aposta sobre o resultado?

—Sim, arrumado que ele perderá— disse Adam rapidamente. Ali estava, o que tinha estado esperando. Reina-a era a criatura mais capitalista de sua raça.

E odiava perder. Embora não levantaria uma mão para ajudar ao Dageus, ao menos agora, não levantaria sua mão para danificá-lo.

—OH, você pagará, Amadan. Por isso, pagará muito caro.

Disso não tinha nenhuma dúvida.

Capítulo 17

—Deixa de me olhar fixamente— vaiou Dageus.

—O que?— Silvan se encrespou—. Não tenho permissão de olhar a meu próprio filho?

—Olha-me como se esperasse que me saíssem asas, uma cauda bífida e pezuñas fendidas—. Sem importar que ele se sentisse como se pudesse acontecer. Do momento em que tinha passado através das pedras, do momento em que os treze tinham encontrado suas vozes, tinha sabido que a batalha se deslocou a uma palestra nova e muito mais perigosa. Os Antigos dentro dele tinham sido alimentados pelo poder puro quando tinha aberto a ponte até o final do tempo.

Com um esforço imenso de vontade, fechou-se, esticou-se e projetou a pretensão de que tudo estava bem. Usar magia para encobrir sua escuridão seria um grande engano e sabia, alimentando precisamente aquilo que se empenhava em esconder, mas tinha que fazê-lo. Não se atrevia a deixar que Silvan o observasse no momento. Precisava registrar a biblioteca Keltar e se Silvan o sentia agora, só Deus sabia o que faria. Com segurança, não seria precisamente convidá-lo com uma reverência ao santuário interior da tradição Keltar.

Silvan se via alarmado.

—É a mudança de formas uma de suas artes?— inquiriu, evidenciando uma fascinação absoluta.

Típico do Silvan, pensou Dageus sombriamente, que sua curiosidade transpassasse os limites da cautela. preocupou-se uma ou duas vezes de que Silvan pudesse um dia sentir-se tentado a meter-se à ligeira nas artes negras, nada mais que impulsionado pela curiosidade. Seu pai e Chloe compartilhavam isso, uma necessidade insaciável por saber.

—Não. E ainda está fazendo-o— disse Dageus friamente.

—Simplesmente sinto curiosidade a respeito da extensão de seu poder—. Silvan soprou pelo nariz, assumindo uma expressão humilde. Com uma inteligência tão penetrante em seu olhar, estava muito longe de ser convincente.

—Bem, não o faça. E não escave neles—. Och, sim, os Antigos em seu interior ficavam mais agressivos. Intuindo o poder do Silvan, tratavam de alcançá-lo através dele. Silvan era pasto muito mais substancioso que Drustan; sempre tinha tido uma concentração mais forte que seus filhos.

Seu pai era adicionalmente acostumado na arte do escutar profundamente, arte que Dageus nunca tinha conseguido aperfeiçoar, uma consideração meditativa que despia as mentiras, expondo os ossos nus da verdade. Por isso o desespero que tinha vislumbrado no olhar de sua p a noite que tinha fugido o tinha aterrorizado tanto. Tinha temido que Silvan tivesse visto algo que ele mesmo não podia ver, e não queria sabê-lo.

E era pelo que, nesses momentos, usava toda sua vontade para manter aos Antigos a raia, e a seu pai afastado ao mesmo tempo.

—Sei, moço— disse Silvan, soando repentinamente rendido—. trocaste da última vez que te vi.

Dageus não disse nada. Tinha conseguido evitar diretamente o olhar de seu pai do momento em que Chloe tinha desfalecido, lhe dirigindo só olhadas superficiais. Entre a consciência intensificada dos treze e a tormenta sexual, que permanecia rugiente, quente e não saciada em seu interior, não podia vê-lo os olhos.

Quando tinha levado ao Chloe escada acima para seu próprio dormitório, tinha-a metido na cama e sussurrado um feitiço suave de sonho para que dormisse tranqüila toda a noite, Silvan o tinha seguido e Dageus havia sentido seu olhar avaliativa martelando no dorso de seu crânio.

Logo que tinha podido soltá-la. E embora não olhou a seu pai, tinha estado agradecido por sua presença, por frear os pensamentos escuros que tinha estado tendo a respeito de despertá-la pela metade e...

—me olhe, filho— disse Silvan, sua voz baixa e implacável.

Dageus girou lentamente, atento para não encontrar seu olhar. Respirou lentamente em fôlegos medidos, um após o outro.

Seu pai estava de pé diante da chaminé, suas mãos enterradas nas dobras de sua túnica de cor cobalto. À luz suave de dúzias de velas e globos de azeite, seu cabelo branco era um halo ao redor de sua face enrugada. Dageus conhecia a origem de cada linha. Os sulcos em suas bochechas tinham aparecido pouco depois de que sua mãe tivesse morrido, quando Drustan e ele tinha sido moços de quinze. As rugas largas em sua frente tinham sido marcadas em sua pele por uma constante sublevação de suas sobrelanceiras enquanto considerava cuidadosamente os mistérios do mundo e as estrelas além dele. As linhas que englobavam sua boca eram de sorrir ou franzir o cenho, nunca de chorar. Bastardo estóico, pensou Dageus repentinamente. Ninguém chorava no Castelo Keltar. Ninguém sabia como. Exceto possivelmente a segunda esposa do Silvan e seguinte mãe do Dageus, Nell.

Os olhos café profundo do Silvan, rodeados de linhas que se elevavam para cima nos bordos exteriores, eram de entrecerrar-se na luz baixa enquanto trabalhava diligentemente em sua tarefa. Silvan era um escriba fino, e possuía uma mão envidiavelmente estável, e se tinha dedicado a passar em limpo, com páginas exquisitamente embelezadas, os tomos mais velhos cuja tinta se desvaneceu com o passado do tempo.

Quando tinha sido um moço, Dageus tinha pensado que sua p tinha os olhos mais sábios que ele alguma vez tinha visto, cheios de um conhecimento especial, secreto. precaveu-se de que ainda pensava isso. Sua p nunca tinha sido derrubado de seu pedestal.

Suas vísceras se esticaram. Possivelmente Silvan nunca tinha cansado, mas ele certamente o tinha feito.

—Vamos, p— disse ele asperamente—. me Ruja. me diga como te falhei. me diga como não fui nada exceto uma decepção. me recorde meus juramentos. Arroja me fora se estiver disposto, porque não tenho tempo que perder.

A cabeça do Silvan se sacudiu com força, em uma negação brusca.

—diga-me isso p. me diga como Drustan jamais teria feito algo assim. me diga como...

—Verdadeiramente deseja que te diga que seu irmão é menos homem que você?— interrompeu-o Silvan, sua voz baixa e cuidadosamente medida—. Precisa me ouvir dizer isso?

Dageus deixou de falar, sua boca entreaberta.

—O que?— vaiou—. Meu irmão não é menos hom...

—Você deu sua vida por seu irmão, Dageus. E pede a seu pai que te condene por isso?—. A voz do Silvan se quebrou ao pronunciar as palavras.

Muito para o horror do Dageus, sua p se encolheu. Seus ombros se encurvaram e sua figura magra se sacudiu com força. Repentinamente seus olhos refulgiam de lágrimas.

Och, Cristo. Dageus amaldiçoou silenciosamente, contendo-se duramente. Não se atreveria a chorar. Nenhuma greta. As gretas podiam converter-se em fendas e as fendas em canhões. Canhões nos que um homem podia perder-se.

—Pensei que nunca te veria outra vez—. As palavras do Silvan ecoaram rigorosamente no vestíbulo de pedra.

—P— disse Dageus com muita dificuldade—, me repudie. me brigue. Pelo amor de Cristo, me grite.

—Não posso—. As bochechas enrugadas do Silvan estavam molhadas de lágrimas. Rodeou a mesa e o agarrou, abraçando-o ferozmente, golpeando-o nas costas.

E chorando.

Embora Dageus vivesse para ter cem anos, nunca queria ver seu pai chorar outra vez.

Um pouco de tempo mais tarde, depois de que Nell tivesse aparecido e o assunto inteiramente horrível das lágrimas tinha sido repetido, depois dela tivesse transportado preparando uma comida ligeira e se retirou outra vez a inspecionar a seus irmãos pequenos, a conversação derivou ao propósito sombrio de por que tinha retornado.

Falando em tons enérgicos, abstraídos, Dageus pôs ao Silvan a par de tudo o que tinha acontecido da última vez que se viram. Disse-lhe como tinha ido a América, e tinha procurado os textos, só para admitir finalmente que ia ter que solicitar ajuda ao Drustan. Deu- conta do ataque estranho ao Chloe, e dos Draghar. Disse-lhe que tinham descoberto que os textos a respeito dos Tuatha do Danaan tinham desaparecido, e que parecia intencional.

Silvan olhou o ceñudamente.

—me diga, moço, fez que Drustan revisasse sob a laje?

—Sob a laje da torre? Essa na qual dormitou?

—Sim— disse Silvan—. Embora até a data depositei somente dois textos ali, estive planejando encontrar algo que pudesse ser de ajuda e guardá-lo baixo ela. Em previsão disso, deixei instruções claras de que Drustan devia olhar ali.

Dageus fechou seus olhos e negou com a cabeça. Tinha sido essa viagem desnecessária? Poderia ter evitado tudo? Provavelmente. Em alguns anos mais, era muito provável que Silvan tivesse recolhido cada tomo que ele tinha estado procurando e os guardasse sob a laje. Tinham estado ali, no século vinte e um, todo o tempo.

—Onde estavam as instruções? Na carta que lhe deixou?

—Sim.

—A mesma carta na qual lhe disse o que eu tinha feito?

Silvan assentiu com a cabeça outra vez.

—Disse-o expressamente, ou o fez enigmáticamente, p?—. Conhecendo seu pai, tinha sido certamente algo críptico.

Silvan o olhou com cenho.

—Pinjente “deixei algumas costure para ti sob a laje”— respondeu malhumoradamente—. Quanto mais claro deve ser um homem?

—Muito mais, porque aparentemente Drustan nunca olhou. Minha hipótese é que ele estava tão perturbado pelas notícias que continha sua missiva, que rompeu a carta ou a atirou. Pela forma que o expressou, talvez pensou que tinha deixada lembranças ou uma certa quantidade de bagatelas.

Silvan se via tímido.

—Não tinha pensado nisso.

—Disse que estivesse registrando os tomos. Tem descoberto algo?

Uma expressão cautelosa titilou através dos rasgos de seu pai.

—Sim, estive investigando, mas é um trabalho lento. Os textos mais antigos som os mais difíceis de ler. Não há uniformidade de ortografia, e freqüentemente têm pouco uso do alfabeto.

—Mas, o que há sobre...?

—Suficiente a respeito dos textos por agora— o interrompeu Silvan—. Haverá tempo bastante na manhã. me fale de sua moça, filho. Devo confessar que me surpreendeu ver que havia trazido para uma mujercita contigo.

Os batimentos do coração do Dageus se aliviaram e suas veias se encheram desse calor gelado peculiar. Sua moça. Dela.

—Embora pareceu acontecê-la mal compreendendo seu uso das pedras como uma ponte entre os séculos, senti uma vontade forte e uma mente fogosa. Suspeito que voltará em si sem muita bulha— meditou Silvan.

—Eu também o penso.

—Não lhe há dito o que te passa, verdade?

—Não. E não o você diga. Eu o direi no momento adequado.

“Adequado”... como se alguma vez houvesse um momento assim. O tempo era seu inimigo agora como nunca antes.

Um silêncio caiu então. Um silêncio embaraçoso, lhe gravitem, cheio de perguntas mas muito poucas respostas, alagado de preocupações tácitas.

—Och, filho— disse Silvan finalmente—, estava-me matando não saber o que tinha sido de ti. Estou feliz de que tenha retornado. Encontraremos a maneira. Prometo-o.

Mais tarde, Silvan considerou cuidadosamente essa promessa com arrependimento. Caminhou com passos largos e lentos, resmungou, amaldiçoou.

Só depois de que Dageus se retirou escada acima e as suaves horas do amanhecer tinham cheio seus ossos rendidos com desencanto —pelo Amergin, já tinha sessenta e cinco, muito velho para tais atividades—, admitiu então que devia ter algo que mostrar de seu trabalho. Não tinha sido inteiramente franco com o Dageus.

Tinha estado devorando os textos antigos da noite em que Dageus tinha confessado e tinha escapado. De uma maneira estranha, embora tinha estado condenadamente perto de desbaratar o castelo, não tinha podido encontrar nenhum documento com data anterior ao primeiro século. E sabia que uma vez tinham tido muitos. Estavam catalogados em muitos de seus textos na biblioteca da torre.

Mas não tinha podido encontrar as condenadas coisas, e podia consentir que o castelo fora enorme, mas qualquer pensaria que alguém podia seguir a pista a sua própria biblioteca!

Segundo as lendas, inclusive tinham o Pacto original, selado entre a raça dos homens e as fadas, em algum lugar, só Deus sabia onde. Como podiam eles não sabê-lo?

Porque, respondeu-se sardonicamente, quando passa tanto tempo que um conto se afasta de sua origem, perde muito de sua realidade.

Embora ele tinha relatado a seus filhos as lendas Keltar, privadamente tinha pensado que as histórias dos passados milênios certamente tinham sido embelezadas um pouco, possivelmente uma espécie de mito de criação destinado a explicar as dotes incomuns dos Keltar. Embora tinha obedecido seus juramentos, uma parte de sua mente nunca as tinha acreditado completamente. Seus propósitos diários tinham sido propósito suficiente: os rituais druidas marcando as estações, o cuidado dos aldeões do Balanoch, a educação de seus filhos e seus próprios estudos. Não tinha necessitado acreditar em todo o resto.

A verdade amarga era, que nem sequer ele tinha acreditado realmente que houvesse algum mal antigo no Pacto.

Quanto esquecemos e perdemos, refletiu. Logo que tinha dedicado um pensamento à raça legendária que supostamente tinha colocado aos Keltar em seu destino como clã. Não até que seu filho se foi e tinha quebrado seu juramento, violando assim um suposto Pacto cuja existência se converteu mais em um mito que em realidade.

Pois bem, refletiu sombriamente, agora ao menos sabemos que as lendas antigas são certas.

Pouco consolo.

Não, sua busca não tinha podido desenterrar inclusive um ápice de informação interessante. Certamente, tinha começado a temer que os Keltar tivessem descuidado imperdonavelmente sua tutela da tradição antiga, que o fato de que Dageus tivesse quebrado o juramento fora simplesmente um enguiço mais em uma larga lista de enguiços.

Suspeitava que tinham deixado de acreditar séculos atrás, apartando o manto de um poder que exigia um preço muito alto. Por gerações, os homens Keltar tinham estado ficando progressivamente mais retraídos, cansados de proteger o segredo das pedras, cansados de esconder-se nas colinas e de ser olhados com medo. Cansados de ser tão malditamente diferentes.

À medida que as épocas escuras tinham dado passo às mais luminosas, assim, também, os Keltar pareceram abandonar a carga de seu próprio passado.

Seu filho pensava que tinha falhado, mas Silvan tinha melhor critério. Todos tinham falhado.

Na manhã se sentaria com as escrituras antigas e procuraria novamente. Silvan não tinha coração para lhe dizer a seu filho que quase tinha terminado sua busca, e se houvesse alguma resposta para ser encontrada nelas, tinha sido muito torpe para percebê-la.

Seus olhos se estreitaram, e seus pensamentos voltaram para a muchachita que seu filho se levou com ele. Quando a tormenta o tinha despertado —uma tormenta como poucas que tivesse ouvido antes—, apressou-se a sair, rogando que fora Dageus que retornava.

Tinha levado bastante tempo para que a névoa se esclarecesse, e embora tinha gritado, Dageus não tinha respondido. Quando a névoa se levantou, Silvan tinha entendido por que.

Na estimativa do Silvan, esta era a moça que poderia ser seu melhor esperança. Tanto tempo como seu filho a amasse —e o fazia, embora ele mesmo não estivesse seguro—... bom, o mal não amava. O mal tentava seduzir, possuir e conquistar, mas não tinha sentimentos pelo objeto de seu desejo. Sempre que o amor estivesse vivo no Dageus, tinham um ponto de apoio, por muito pequeno que fora.

Och, a moça e ele foram fazer se muito amigos, decidiu Silvan. Ela ia conhecer o Dageus jovem que uma vez tinha andado ao longo dessas colinas cheias de urzes, nutrindo a terra e cicatrizando às bestezuelas pequenas, o Dageus afável com um coração selvagem. Nellie e ele se encarregariam disso. Os dons do Dageus sempre se inclinaram pelas artes curadoras, e agora ele precisava sanar-se a si mesmo.

Se a moça não amava já a seu filho —não tinha tido suficiente oportunidade para indagá-la—, faria tudo o que estivesse em seu poder para conquistá-la para ele.

Não escave neles, tinha-lhe advertido Dageus friamente, falando do mal antigo dentro dele.

Mas Silvan tinha escavado. Silvan sempre escavava. E apesar das barreiras que seu filho tinha ereto, contendo-os um pouco, tinha-o feito e Silvan estava, simplesmente, horrorizado pelo que crescia dentro do Dageus.

Capítulo 18

—Sei que estou sonhando— anunciou Chloe coloquialmente a manhã seguinte enquanto descidia as escadas até a grande hall. deslizou-se em uma cadeira, unindo-se ao Silvan, Dageus, e uma mulher a quem ainda não conhecia que estavam —né, bom, ela sonhava que estavam— tomando o café da manhã.

Três pares de olhos a contemplaram com espera e, respirada por sua atenção, ela continuou.

—Sei que não acabo de usar o equivalente de um pequeno privada, vamos, em um armário—. Com palha como papel higiênico, nada menos—. E sei que não estou levando um vestido, e que certamente não estou usando...— se olhou com atenção os pés—... umas pequenas sapatilhas postas fitas de cetim—. Endireitando-se em sua cadeira, tomou uma colherada de geléia de um prato—. E sei que esta geléia de morango é simplesmente uma... q-que invenção é esta?—. Seus lábios se enrugaram.

—Conserva de tomate, minha querida— respondeu brandamente o homem que se identificou mais cedo no sonho como Silvan, com um sorriso que tratou de esconder.

Isto não está bem, pensou Chloe. Em um sonho, o sonhador controlava que sabor tinham as coisas. Tinha estado pensando

em doce geléia de morango e tinha obtido um asqueroso legume sem açúcar. Mais prova, pensou lúgubrememente, como se as tivesse necessitado. Percorreu o olhar ao redor da mesa procurando algo de beber.

Dageus deslizou para ela uma grande taça de leite cremoso através da mesa.

Ela bebeu avidamente, olhando-o às escondidas sobre o bordo. Tinha tido sonhos eróticos com ele toda a noite. Sonhos aterradoramente intensos, nos quais ele tomava em cada forma que era possível que um homem tomasse a uma mulher. E ela tinha adorado cada minuto disso, despertou-se sentindo-se toda suave e brincalhona, quase ronronando. O cabelo negro do Dageus estava afastado para trás de sua face esculpida, em uma trança frouxa. Levava posta uma camisa de linho desenlaçada que revelava uma pecaminosa extensão de assumeo dourado e musculoso. Homem grande e belo. Homem sexy e temível.

Chloe não era estúpida. Sabia que não estava sonhando. Uma parte sua o tinha admitido a noite anterior, ou não teria desfalecido. Isso, em uma forma estranha, parecia uma evidência em si mesmo: uma mente sonhadora desfalecendo na “realidade” de seu próprio sonho? Uma mente já inconsciente deslizando-se na inconsciência? Poderia enredar-se nesse pensamento se o considerava cuidadosamente muito tempo.

Ao despertar essa manhã, tinha vagado pelo piso alto, correndo a toda pressa pelos corredores, olhando às escondidas nas câmaras e fora das janelas, ensamblando partes de informação. Havia meio doido, tinha cuidadoso com atenção, tinha sacudido, inclusive tinha quebrado algumas costure menores que tinha estimado substituíveis como parte de sua inspeção.

Todo isso, as texturas e perfumes e sabores, eram simplesmente muito tangíveis para ser uma invenção de sua mente inconsciente. Além disso, os sonhos tinham enfoques estreitos; não chegavam completos com guardas na periferia e serventes empreendendo deveres que nunca tivesse imaginado, além das janelas.

Estava no castelo do Maggie MacKeltar... mas não completamente esse castelo. Havia adições perdidas, uma asa inteira ainda sem construir. Mobiliário que não tinha estado ali no dia anterior, mais o mobiliário que faltava esse dia, por não dizer nada de todas essas pessoas novas! Para todas as aparências —impossível de compreender— era o castelo do Maggie fazia quase cinco séculos.

—Não vais apresentar me?— disse enquanto deslizava a taça grande de retorno ao Dageus e percorria curiosamente com o olhar à mulher maior, de uns quarenta anos. Não poderia ser sua mãe, meditou, a menos que o tivesse tido incrivelmente jovem, inclusive para os tempos medievais. Vestida com um traje cor lapoláculi parecido ao dela, a preciosa mulher tinha uma beleza delicadamente desvanecida mas eterna. Seu cabelo loiro cinza estava levantado para cima em uma trança intrincada, com mechas desflecados ao redor de sua face, muito parecido a como o usava Gwen, pensou Chloe.

—Este é seu sonho, moça. Lhe ponha nomeie por ti mesma— disse Dageus, observando-a com uma expressão zombadora. Ele sabia que ela sabia. Maldito homem.

—OH, Dageus, o que me fez?— suspirou Chloe, derrubando-se bruscamente em sua cadeira—. Pensava que foi simplesmente um mulherengo rico e excêntrico. Pois bem, também pensava que foi um ladrão durante algum tempo...— murmurou—, e um seqüestrador, mas não pensei que...

—Você gostaria de ver a biblioteca, moça?— ofereceu, seus olhos escuros brilhando intensamente.

Chloe entrecerrou seus olhos.

—Pensa que vai ser tão fácil? Lhe mostre à garota alguns livros impressionantes e ela pensará que está bem que em certa forma a levasse através do tempo?—. Tristemente, pensou, ele poderia estar no correto, porque no mesmo momento em que havia dito “biblioteca”, seu ritmo cardíaco se acelerou. Um montão de perguntas se encarapitavam na ponta de sua língua, mas não podia resignar-se ainda a falar de “realidade” como se fora autêntica.

—Bem, então. Vamos às pedras. Devolverei-te agora mesmo—. Ele se levantou e lhe jogou o primeiro olhar mais abaixo de sua cintura. O cômodo couro negro de seus trews envolvia suas coxas e quadris poderosos. Deus Bendito. A boca ficou seca. Era impossível ignorar a protuberância neles.

—Espera simplesmente um...— começou Silvan, mas se deteve bruscamente ante o olhar admonitório do Dageus.

—Sabe que não está sonhando— disse Dageus rotundamente.

Chloe se forçou a arrancar o olhar da parte inferior de seu corpo e franziu os lábios.

—Então vêm. Devolverei-te— gesticulou Dageus impacientemente.

Chloe ficou sentada. Não ia a nenhuma parte.

—Está dizendo que me poderia retornar quando quiser?

—Sim, moça. Isto é não nada mais que um poquito de física que seu século ainda não tem descoberto—. Seu tom era separado, como se não estivesse discutindo nada mais significativo que um novo adiantamento da tecnologia do século vinte e um—. Entretanto— continuou—, por isso li enquanto estava em seu tempo, apostaria que não demorará muito mais. Chloe, os druidas, por muito tempo, havemos poseído mais conhecimento de arqueoastronomia e matemática sagradas que qualquer outro povo—. Quando ela não respondeu, ele disse—: Verdadeiramente creíste que a tua era a civilização mais adiantada que alguma vez tenha existido? Que nenhuma chegou antes? Considera os romanos e as subseqüentes Idades Escuras. Pensa que Roma devia ser a primeira grande civilização em levantar-se e cair? O conhecimento, repetidamente, foi ganho e perdido, para ser um dia recuperado outra vez. Os druidas simplesmente conseguiram manter sua tradição através das épocas escuras.

Uma plausível, embora entristecedora, possibilidade, concedeu ela silenciosamente. Certamente explicava o propósito de todos esses monumentos misteriosos de pedra que deixavam perplexo ao homem moderno, muitos deles construídos em épocas tão tempranas como o 3500 antes de Cristo. Os historiadores incluso não podiam ficar de acordo sobre como se construíram os monumentos antigos. Era concebível que milhares de anos atrás, uma raça ou tribo tivesse vivido e tivesse obtido uma compreensão adiantada da física, necessária ao mesmo tempo para construir esses “dispositivos” e usá-los?

Sim, reconheceu, impressionada. Era concebível.

Ele havia dito “os druidas” como se ele fora um também. E ela, simplesmente, não o tinha acreditado.

Tinha estudado aos druidas como parte de seu trabalho no programa para obter sua mestria. Tinha examinado cuidadosamente os fatos escassos e as ficções mais estranhas. O que era o que César tinha escrito no primeiro século da era cristã, durante as Guerras Gálicas? Os druidas têm muito conhecimento das estrelas e seu movimento, do tamanho de mundo e da terra, de filosofia natural, e dos poderes e as esferas de ação dos deuses imortais.

César mesmo o havia dito. Quem era ela para discuti-lo?

Plínio, Tácito, Luzam, e muitos outros escritores clássicos também tinham escrito sobre os druidas. Os romanos tinham açoitado aos druidas por séculos (enquanto seus imperadores privadamente se valiam de suas profetisas), obrigando-os a esconder-se. A Cristandade os tinha forçado a adaptar-se ou desaparecer. Tinha sido porque tinham temido o poder que os druidas possuíam? Eram os druidas possivelmente como os templários? Escondidos ao longo dos séculos, protegendo segredos fabulosos?

Começava a sentir-se desequilibrada outra vez, enjoada pela possibilidade de que todos esses mitos e lendas cuidadosamente riscadas na antiga Irlanda milhares de anos atrás fossem verdadeiros. Quando a verdade era tão fantástica, por que incomodar-se em escondê-la? Quem acreditaria nela? Ninguém exceto uma garota que tinha sido profundamente metida nela. Uma garota que se parou em um círculo de pedras antigas e sentido que uma porteira ou um portal ou o que for, abria-se ao redor dela.

—Vêem, moça—. Dageus interrompeu seus pensamentos—. Te retornarei, e pode te esquecer completamente de mim. Pode conservar suas antiguidades. Relevo-te de suas obrigações. Volta para casa, a Nova Iorque. Tenha uma vida bonita— adicionou serenamente.

—OH!— respondeu bruscamente Chloe, levantando-se de um salto—. É tão frio. E certamente conseguiu recolher sua parte de coloquialismos modernos, verdade? “Tenha uma vida bonita”, meu traseiro. Pensa realmente que não estou nisto até as orelhas agora? Pensa realmente que se estiver em Escócia do século dezesseis deixarei que me despache?

O sorriso masculino foi horivelmente depredadora, carnal e possessiva.

—Pensa realmente que te traga até aqui para deixar ir, pequena Chloe?

Chloe teve o desejo repentino de abanar-se. Ele a conhecia, compreendeu. Tinha aprendido um pouco a respeito do que a fazia pulsar. Se, quando tinha baixado a escada fingindo que era um sonho, ele a tivesse mimada, ela poderia ter retornado acima e tinha tratado de convencer-se a si mesmo que se voltava a dormir tudo estaria bem.

Em lugar disso, tinha-a empurrado, ameaçado enviando a de volta, sabendo que ela tinha uma nervura teimosa de uma milha de comprimento, e brigaria para ficar.

—Realmente estou no século dezesseis?

Três pessoas disseram “sim” com segurança serena.

—E não me tornei louca?

Três firmes “nos”.

—E realmente me poderia enviar de volta tão facilmente? Em qualquer momento que eu o deseje?

—Sim, moça. Isso é fácil. Embora poria empenho em te fazer trocar de opinião.

Ela tinha chegado a conhecer um pouco, também, o que o fazia pulsar. E pela mansidão enganosa de sua voz e o olhar de sua face, sabia que a amarraria à cama outra vez se ela tratasse de ir-se, não tentar raciocinar. Olhou-o intensamente. Ele estava quieto. Implacável, com as mãos convertidas em punhos em seus flancos.

Lhe importava. Não tinha idéia de quanto se devia simplesmente a essa atração entristecedora entre eles, mas era um princípio. E ele obviamente tinha um bom conceito dela, se tinha pensado que poderia dirigir essa situação. sentiu-se ruborizar-se de orgulho. Não, ela não iria a nenhum lado.

Entretanto, lhe devia algumas explicações sérias.

OH, pelo bem de céu, pensou com exasperação risível, isto certamente explica o bastante. Não é estranho que não tenha podido tirar as mãos do maldito homem desde dia que o conheci. Ele é uma antigüidade! Uma celta, se formos ao caso!

—Pois bem, essa é uma forma de pensar sobre mim, moça— ronronou Dageus, seus olhos escuros brilhando de satisfação.

—me diga que não disse isso em voz alta!—. Chloe estava horrorizada.

Silvan se esclareceu voz.

—Fez-o. Ele é uma antigüidade.

Chloe gemeu, desejando que a terra se abrisse e a tragasse.

—Sou a esposa do Silvan, Nell, de passagem— disse a mulher quarentã—. A seguinte mãe do Dageus. Você gostaria de alguns arenques e tatties, moça?

Ela decidiu que seguinte mãe devia ser o equivalente medieval de segunda esposa.

—É, né, muito agradável te conhecer. E sim, eu gostaria de— gaguejou Chloe, afundando-se fracamente em sua cadeira.

Só então Dageus voltou a sentar-se. Cravava os olhos nela intensamente, seu olhar cheia de promessas sensuais. A jovem tremeu. Sua expressão não poderia haver dito mais claramente que Chloe Zanders tinha conservado sua virgindade o tempo suficiente.

—Vê-te preciosa este amanhecer, moça— disse ele sedosamente, enquanto lhe acontecia primeiro uma bandeja de batatas e ovos, logo uma de partes grandes e gordas de presunto e arenques—. Imaginava com esse vestido.

Seus olhos adicionaram que sabia que não tinha tido nada para ficar debaixo quando se vestiu, insinuando que ele tinha sido quem tinha escolhido seu vestido e o tinha levado a sua quarto enquanto estava dormida.

Sua consciência erótica do homem —um onze em uma escala de um aos dez— subiu vertiginosamente a vinte. Chloe tomou um fôlego profundo, engenhrou-se para dizer um “obrigado” e voltou sua atenção para algo tangível para atacar: a comida.

A face do Simon Barton-Drew era sombria enquanto voltava a pôr o telefone na forquilha.

Trevor não tinha telefonado em quatorze horas. Simon tinha estado tratando de localizá-lo em sua habitação desde cedo essa manhã, sem êxito.

E isso poderia querer dizer uma única coisa.

Franzindo o cenho, chutou uma cadeira através do quarto. Trevor devia estar morto, refletiu.

Dirigindo-se com passo impetuoso à porta exterior de seu escritório, fechou-a velozmente. antes de fechar as persianas, percorreu com o olhar a rua resbalosa pela chuva. Com exceção de um gato guia de ruas sarmento que ruidosamente lutava no lixo de um Dumpster próximo, a área estava deserta, com o zumbido dos postes de sistema de iluminação elétrico enquanto titilavam. Quanto mais tempo passava no ruinoso Edifício Belthrew, no Morgan Street, em um setor de má fama nos subúrbios de Londres, Simon se sentia mais em casa ali que na elegante mansão de arenito onde sua esposa tinha deixado de esperá-lo para jantar vinte anos atrás.

A terra na qual o Edifício Belthrew se levantava tinha sido poseída pela seita druida dos Draghar por séculos. Construída sobre antigas criptas labirínticas, tinha servido de quartel geral por quase um milênio, em várias personificações. Uma vez uma farmácia, logo uma livraria especializada em livros estranhos, logo um açougue, uma vez inclusive um bordel, agora alojava um pequeno negócio de serigrafia que tirava anúncios pequenos, e não havia rastros que a conectassem à poderosa Corporação Triton.

Seus membros eram da elite, bem posicionados na sociedade, muitos no governo, mais ainda nos degraus superiores de grandes companhias. Eram homens enriquecidos, instruídos e com pedigrees impecáveis.

E estariam furiosos ao saber que ele tinha perdido o contato com o Trevor. Embora Simon era Professor da Ordem, não obstante era o responsável. Altamente responsável, nesse momento crítico. Seus seguidores não tinham vertido por um funil tanto dinheiro e tempo na seita por algo menos que a promessa do poder absoluto. Todos eles possuíam um certo grau de crueldade que sairia a reluzir se pensassem que era incapaz de controlar a seus coroinhas.

Apagando as luzes, moveu-se de cor através de seu escritório obscurecido. Tirou uma pintura que pendurava em um dos muitos painéis de madeira diferidos da parede e introduziu uma seqüência de números. Voltou a pôr a pintura e, à medida que os revestimentos se deslizavam atrás de seu escritório, abriu uma segunda porta e caminhou a grandes passos dentro de um vestibulo estreito.

Vários minutos e várias chaves professoras complicadas adicionais mais tarde, entrou em um corredor que se inclinava agudamente para baixo, onde encontrava um descida abrupto de usados degraus de pedra. Quando alcançou o fundo, trocou de direção e tomou a seguinte saída, logo uma terceira, e se apressou a caminhar através de um labirinto de túneis fracamente iluminados e úmidos.

Tinha que enviar alguém ao Inverness para descobrir se Trevor tinha sido capturado com vida. E se era assim, para pôr as coisas em ordem. Requereria dos homens mais leais e comprometidos que tivesse. Homens que nunca se deixariam capturar vivos. Homens que morreriam por ele sem titubear. Os melhores homens que tinha.

Seus filhos estavam onde quase sempre podiam ser encontrados, no coração eletrônico de sua operação, monitorando as inumeráveis facetas de seu negócio. E estavam, como sempre, ansiosos por emprestar serviço.

Depois do café da manhã, Dageus pediu ao Nell que levasse ao Chloe a procurar uma capa ligeira adequada para montar. Chloe, com seu olhar curioso tratando de abrangê-lo tudo ao mesmo tempo, permitiu que a levassem do grande hall.

depois de que as mulheres se foram, Silvan arqueou uma sobrancelha inquisitiva.

—Não deseja começar com os textos, moço?

Dageus negou com a cabeça.

—Necessito este dia. Preciso lhe mostrar ao Chloe meu mundo, p. Como o que era. Como o que eu fui. Embora seja só por um dia—. Essa não era exatamente a verdade. A verdade era que a noite tinha sido infernal e o amanhecer não o tinha melhorado. Não tinha podido dormir, tenso como a corda de um arco muito tirante. Tinha passado o tempo, até o amanhecer, imaginando ao Chloe e todas as formas em que a seduziria. Logo que tinha podido manter sua tensa fachada de calma no café da manhã. E quando Chloe tinha admitido que duro tinha sido para ela manter as mãos afastadas dele, tinha sido tudo o que podia fazer para não lançá-la sobre seu ombro e arrastá-la a sua cama.

estudou-se em um pequeno esse espelho amanhecer, enquanto se barbeava com uma mão que tremia mais do que era seguro quando um homem tinha uma cuchilla aberta em seu pescoço. Tinha visto em seus olhos uma sombra mais escura de castanho. Tinha estado perto de uma semana sem uma mulher. Muito tempo. Muito tempo.

Quanto tempo, perguntou-se quase ociosamente, passaria até que seus olhos se voltassem completamente negros? Outro dia, possivelmente dois? E o que ocorreria então?, meditou, uma parte de si assustada, outra parte consciente de que não estava tão assustado como deveria.

As vozes do dia anterior, nas pedras, haviam-no feito por surpresa: era a primeira vez que tinha ouvido os seres de seu interior falar, a primeira vez que os tinha percebido como entidades individuais. E embora senti-los tão intensamente o tinha horrorizado, fazendo-o sentir como se houvesse alguma coisa morta engasgada no fundo de sua garganta e que não podia esfregar, também tinha sido intrigante.

Uma parte dele estava curiosa por conhecer seu idioma, por ouvir o que poderiam lhe dizer. Tinha treze seres antigos em seu interior! O que poderiam lhe contar sobre a história antiga? Dos Tuatha do Danaan, e o que o mundo tinha sido quatro mil anos atrás? O que se sentia abraçar tanto poder...

Convidar a um diálogo com eles seria seu primeiro passo de as portas do inferno, vaiou sua honra.

Sim, sabia.

Não pode confiar em nada que possam te dizer!

Mesmo assim...

Não há nenhum “mesmo assim” a respeito disto, uivou sua honra. Não importa a quem jodes hoje, simplesmente faz-o.

Isso o sacudiu um pouco.

Seria Chloe.

Se ele ia a outra mulher —inclusive só por deferência a ela, para lhe economizar sua necessidade brutal— e ela se inteirava, nunca a teria. E as coisas poderiam ficar muito mal, muito rapidamente. Mas também temia que se fosse a ela e ela se negasse, pudesse forçá-la. Não queria fazer isso ao Chloe. Não queria machucar ao Chloe.

A antítese de sua honra se mofou: Que mais dá? Se não gostar que lhe faça algo, usa a Voz de Poder. lhe diga que esqueça o que não gosta. lhe diga que te adora, você concha. Não necessita nada exceto lhe dizer que adora fazê-lo assim. É tão fácil. O mundo pode ser algo que queira...

—Dageus!— gritou Silvan, fechando de um golpe seus punhos sobre a mesa diante dele.

Dageus se sacudiu com força e cravou os olhos em seu pai.

—Onde estava?— exclamou Silvan, parecendo com o mesmo tempo assustado e furioso.

—Aqui mesmo— disse Dageus, negando com a cabeça. Um sussurro suave, um sussurro acalorado dentro dele... As débeis vozes murmuravam.

—Gritei seu nome três vezes, e nem sequer piscou, não moveu uma pestana— respondeu Silvan bruscamente—. O que estava fazendo?

—Eu... simplesmente pensava.

Silvan o contemplou intensamente por um momento tenso.

—Tinha um olhar do mais estranha em sua face, filho— disse finalmente.

Dageus não queria saber que classe de olhar.

—Estou bem, p— disse, levantando-se da mesa—. Não sei quão tarde voltaremos. Não nos espere a comer.

O olhar penetrante do Silvan o seguiu enquanto partia dando meia volta.

Nell colocou duas taças grandes de cacau (uma especialmente suplementado com ervas para um homem distraído que muito freqüentemente se esquecia de comer) em uma bandeja e foi em busca de seu marido.

Seu marido. As palavras nunca deixavam de levar um sorriso a seus lábios. Quando Silvan a tinha encontrado jazendo sobre o caminho quase quinze anos atrás, à beira da morte, tinha-a levado a Castelo Keltar e se sentou a seu lado na cama, lhe exigindo que lutasse por sua vida em um momento nela não tinha querido nada mais que morrer.

Antes de que Silvan a tivesse encontrado, tinha sido amante de um laird casado ao que tinha amado imprudente e profundamente, merecendo a fúria e o ciúmes de sua esposa estéril. Enquanto ele tinha vivido tinha estado ali para protegê-la, mas quando tinha resultado morto em um acidente de caça, sua esposa tinha roubado os bebês do Nell, tinha-a jogado, tinha-a mandado golpear e deixado por morta.

Ao recuperar-se, durante os seguintes doze anos tinha sido o ama de chaves do Silvan, cuidando dele e fazendo de mãe de seus jovens filhos em lugar dos seus. Apesar de sua determinação firme de nunca mais envolver-se com um laird —casado ou não—, apaixonou-se por homem excêntrico, cortês e brilhante. Verdadeiramente, o dia que ela tinha aberto seus olhos endurecidos de barro —e sangue—, para encontrá-lo inclinado sobre ela no caminho, algo inexplicável se iluminou dentro dela. contentou-se amando-o de longe, escondendo-o detrás de uma conduta cáustica e palavras bruscas. Então, três anos e meio atrás, o que tinha acontecido entre o Gwen e Drustan os tinha reunido, avivando uma paixão que tinha estado exaltada por descobrir e que Silvan tinha sabido esconder bem, e a vida tinha sido mais doce do que jamais tinha conhecido. Embora nada poderia substituir aos bebês que tinha perdido fazia muito tempo, o destino a tinha dotado em seus anos amadurecidos com uma segunda oportunidade, e seus gêmeos estavam nesse momento dormindo na creche sob a vigília meticulosa de sua babá, Maeve.

Ela amava ao Silvan mais que a vida mesma, embora raramente lhe deixava sabê-lo. Havia um pouco fincado em seu estômago, uma coisa que nunca a deixava em paz. Silvan não lhe tinha dado a sua primeira esposa os votos druidas obrigatórios de emparelhamento. Isso a tinha animado quando lhe tinha pedido que se casasse com ele, mas, em três anos e meio, não os tinha devotado a ela tampouco. E sempre que essa distância estivesse entre eles, nunca poderia oferecer completamente seu coração. Sempre se perguntaria por que, sempre se perguntaria por que ele não a amava o suficiente. Uma mulher odiava saber que queria mais profundamente a seu homem do que ele a amava a ela.

Silvan estava, como tinha esperado, em sua biblioteca da torre, cento e três degraus por cima do castelo.

Estava também, como tinha esperado, definitivamente pensativo.

—Traga-te seu cacau— anunciou, colocando a bandeja em uma mesa pequena.

Ele olhou para cima e lhe sorriu, embora com um ar completamente distraído. Para variar, não havia um livro em seu regaço. Nem estava sentado em seu escritório, riscando suas letras. Não, estava em uma cadeira perto da janela aberta e tinha estado olhando cegamente fora dela.

—É Dageus, verdade?—. Nell levou uma cadeira perto dele e sorveu seu cacau. Silvan sempre tinha sido afeto à custosa bebida de chocolate, e durante seu embarço, ela tinha desenvolvido um gosto similar—. por que não me conta, Silvan?— animou-o amavelmente. Sabia o que ele pensava, posto que a preocupavam as mesmas coisas. Dageus sempre tinha sido seu favorito dos moços Keltar, com seu coração apaixonado e selvagem e suas dores privados. À medida que o tinha observado crescer, vendo o mundo endurecê-lo, tinha rogado que uma moça especial algum dia pudesse chegar a ele, como Gwen o tinha feito com o Drustan. (Gwen, que tinha obtido os condenados juramentos de atadura de seu marido!).

Os olhos café do Silvan se limpavam e se passou uma mão através de sua juba nevada.

—Och, Nellie, o que devo fazer? O que senti nele faz seis meses, antes de que ele se fora, não é nada comparado com o que agora sinto.

—E não há nada nos tomos que estiveste registrando que diga como reencarcerarlos?

Silvan negou com a cabeça e suspirou de maneira lúgubre.

—Nenhuma condenada costure.

—comprovaste todos os tomos?— pressionou. Desde dia em que Dageus os tinha deixado, Silvan tinha sido um homem completamente obcecado, trabalhando de sol a sol em seus estudos, decidido a encontrar algo que poder passar ao Drustan, o lugar ao que, ambos tinham suspeitado, Dageus tinha ido.

Silvan respondeu que tinha registrado meticulosamente sua biblioteca da torre e o estudo escada abaixo.

—Não comprovou a biblioteca da câmara?— perguntou Nell, franzindo o cenho.

—Disse-te que comprovei o estudo.

—Não falo do estudo. Pinjente a biblioteca da câmara.

—Do que está falando, Nellie?

—A que está sob o estudo.

Silvan ficou muito quieto.

—Qual sob o estudo?

—A que está detrás da chaminé— disse ela com impaciência.

—Qual detrás da chaminé?— rugiu Silvan, levantando-se de um salto.

Os olhos do Nell se voltaram enormes.

—Och, pelo bem de céu, Silvan, não sabe?

Silvan agarrou sua mão, seus olhos café relampejando.

—me mostre.

Capítulo 19

Chloe agarrou firmemente a juba do garanhão enquanto corriam a toda pressa através dos campos talheres de urzes para um bosque exuberante e selvagem.

Desde que Dageus e ela tinham deixado o castelo fazia meia hora, tinha visto mais provas de que estava verdadeiramente no passado. Uma parede de altura imponente que não tinha estado ali no dia anterior, patrulhada por guardas, rodeava o perímetro da propriedade. Vestidos com um traje medieval autêntico e armadura, os guardas levavam consigo armas que fizeram que seus dedos se encrespassem. Apenas se tinha resistido à tentação de arrancar as de suas mãos e as guardar sob chave em algum sitio seguro.

Quando tinham atravessado as porteiras, tinha cuidadoso com curiosidade no vale, sem esperar realmente ver a cidade do Alborath. Mesmo assim, ver o vale vasto, que vinte e quatro horas antes tinha estado cheio com milhares de casas e lojas, e nesse momento estava ocupado por ovelhas alegremente gordas, tinha-a deixado sentindo-se completamente desequilibrada.

Confronta-o, Zanders, de qualquer forma que o fez —física, druidismo, arqueoastronomia— ele te levou a passado.

O que queria dizer que o homem atrás dela no cavalo, que não tinha pronunciado uma palavra desde que tinham montado, guiando-os a uma velocidade vertiginosa através de campos totalmente abertos, era um homem que possuía o conhecimento para dominar o tempo mesmo.

Wow. Não era exatamente o que tinha esperado o dia que tinha entrado em seu penthouse imaginando que classe de homem seria Dageus MacKeltar. Nop, nem sequer uma vez tinha pensado “um druida viajando no tempo”. A fazia reavaliar seu conceito inteiro de quão pouco sabiam os historiadores realmente da história! sentia-se como se tivesse sido arrastada em um dos guias do Joss Whedon, em um mundo onde nada era o que parecia. Onde as garotas descobriam que eram jaquetas de vampiros e se apaixonavam por homens que não tinham almas. Viciada no Buffy até os ossos, perguntou-se a quem se parecia mais Dageus: Spike ou Angel?

A resposta chegou com certeza veloz: havia algo a respeito dele que era mais do Spike que do Angel, uma dualidade torturada, uma escuridão controlador, subjacente.

O braço masculino rodeava sua cintura quase dolorosamente, seu corpo rígido atrás do dele. O puro tamanho dele era lhe atemorize, sendo sujeita com força entre suas coxas poderosas, sustentada apertadamente contra seu assumo largo, o que a fazia sentir-se delicada e afligida. Ele parecia diferente em seu próprio século, e ela se perguntou como se feito acontecer alguma vez por um homem do século vinte e um. Era, todo ele, um guerreiro imperioso e comandante. Era sangue celta régio, quente e apaixonada. Era o suficientemente homem para balançar os claymors maciços que decoravam as paredes de Los Claustros. O suficientemente homem para sobreviver, inclusive prosperar em uma terra tão acidentada e indômita.

Logo que tinha advertido seu silêncio quando tinham montado a cavalo e se partiram, muito fascinada pela paisagem, mas nesse momento o sentia como um vento frio atrás dela fazendo estremecer sua pele.

—por que nos detemos aqui?— perguntou nervosamente quando ele foi refreando ao cavalo a um trote apazível perto de um bosquecillo de árvores de serbal.

Sua resposta foi uma risada suave e mordaz enquanto trocava de posição na cadeira de montar para que sua dura grossura roçasse brevemente seu traseiro. Apesar de quão nervosa a punha, a luxúria a encheu a um grau vertiginoso. Havia perguntas, montões de perguntas que deveria lhe fazer, e repentinamente não podia recordar uma sozinha. Sua mente se ficou em branco alarmanamente quando ele se roçou contra ela.

Ele freou ao garanhão, deixou-se cair ao chão, e arrastou à moça de seu lombo. Fora de balanço, ela caiu em seus braços e ele esmagou sua boca com um beijo quente e selvagem.

Logo a separou de um empurrão, deixando-a ofegando em busca de fôlego e tragando ar. Ela permaneceu de pé, olhando com olhos enormes enquanto ele agarrava um plaid dobrado desde atrás da cadeira de montar. Sem dizer uma palavra, deixou-o cair ao chão, estendendo-o com a ponta de sua bota. Aplaudiu ao garanhão ligeiramente na garupa, afugentando-o.

—Acreditei que disse ao Silvan que me levaria a ver um povo medieval. O que está fazendo, Dageus?— conseguiu dizer ela. Sabia o que estava fazendo. Virtualmente podia cheirar nele o sexo e a luxúria e a determinação cruel.

Sem importar que estivesse lista para ele, Chloe retrocedeu uns poucos passos. Não podia evitá-lo. E depois alguns mais. Os ofegos diminutos se estrelaram uns contra outros, atropelando-se em sua garganta. Esse perigo que tinha sentido nele tantas vezes antes, incrementou-se até um tom extremo.

Seu olhar era zombador. Um brilho estranho de gênio e impaciência batia através de seus olhos.

—Envolveu sua mão ao redor de meu verga ontem à noite, Chloe, e quer saber o que estou fazendo? O que pensa que estou fazendo?— ronronou com uma exibição de dentes que só um parvo chamaria sorriso.

As janelas de seu nariz se dilataram, e ele se dirigiu a ela, caminhando com passos largos e lentos em um círculo lento a seu redor. Despojando-se da correia que sujeitava seu cabelo, passou suas mãos através da trança, soltando-a, deixando-a cair em ondas de meia-noite ao redor de seu corpo. A besta está solta, pensou Chloe com uma quebra de onda de excitação que a estremeceu até os ossos. Girou lentamente ao mesmo tempo que ele. Estava muito nervosa para permitir-se lhe dar as costas.

Ele tomou em um punho sua camisa do pescoço, devorou-a bruscamente sobre sua cabeça e a jogou no chão.

O ar deixou os pulmões do Chloe em um grande whoosh sem fôlego. Vestido só com seus trews de couro negro, o cabelo caindo ao redor de sua face selvagem, era excessivamente formoso. Quando se inclinou e se tirou as botas, os músculos de suas costas potente e seus ombros largos se ondularam, lhe recordando que ele era duas vezes seu tamanho, que seus braços eram bandas de aço e seu corpo uma máquina meticulosamente afiada.

Algo nele é diferente.

Tomou uns poucos momentos entender o que era. Pela primeira vez, ela o via sem sua reserva eterna e seu controle gelado. Seus gestos já não eram brandamente executados. De pé ali, com pernas estendidas, ele era pura agressão masculina, insolente e desencadeada.

sentiu-se alarmada ao precaver-se que ofegava brandamente. O homem tão grande, muito duro e agressivo que se estava despidendo ia fazer o amor com ela.

Ele fez dois círculos silenciosos mais ao redor dela... OH, sim, havia um temerário reboado masculino nele enquanto caminhava, encerrando-a, sua mão trabalhando nos cordões de seus trews. Ele a contemplava com diversão zombadora e possessiva, como se sentisse que ela estava a ponto de escapar, soubesse que poderia avantajá-la, e entretanto esperasse que ela fizesse o intento.

À medida que sua mão grande destejia os cordões, o olhar feminino foi atraída para ali, desde seu musculoso estômago até a protuberância em suas calças que era... muito grande. E que logo ia estar dentro dela.

—T-talvez devêssemos fazer isto realmente devagar— gaguejou a moça—. Dageus, eu acredito...

—Silêncio— respondeu ele bruscamente, enquanto se liberava de seus trews.

Chloe fechou a boca, ficando com o olhar fixo. A visão dele com calças de couro médio desabotoadas, as pernas estendidas, o corpo duro refulgindo como ouro à luz do sol, com sua ereção grossa empurrando avidamente para cima, estaria gravada em sua memória pelos séculos dos séculos. Não podia respirar, inclusive não podia tragar. Mas sem dúvida alguma não ia piscar e perder-se nem um minuto disso. Quase seis pés e meio de cru, lhe pulsem homem estava de pé ali, seu olhar quente varrendo-a, como se meditasse qual sua parte saborear primeiro. E ela simplesmente ficou com o olhar fixo, seu coração martelando.

—Sabe que não sou um bom homem— disse ele, sua voz enganosamente tenra desmentindo o aço subjacente—. Não te dei desculpas. Não te dei mentiras bonitas. E veio comigo de todos os modos. Não finja que não sabe o que quero e não me pense negar isso. Duas vezes até agora trataste que voltar atrás. Não há volta atrás comigo, pequena Chloe—. Ele vaiou a última palavra, seus lábios apartando-se apenas de seus dentes—. Sabe o que quero e que você o quer também. Quê-lo justamente da forma que lhe vou dar isso

Os joelhos do Chloe quase paralisaram. A antecipação tremeu através dela. Ele estava no correto. Em tudo.

Ele se aproximou.

—Duro, rápido, profundo. E quando o fizer, saberá que é minha. E nunca pensará em me negar isso outra vez.

Outro passo agressivo para ela.

Ela inclusive não pensou em fazê-lo, simplesmente cedeu ao instinto: seus pés a fizeram girar, e se pôs-se a correr. Como se pudesse correr mais que ele. Como se pudesse escapar do que tinha estado tratando de evitar desde que tinha reconhecido a

intensidade temerária e aterradora de seu desejo por ele. Como se inclusive o quisesse. Desejava-o mais de que era inteligente fazê-lo, mais do que era racional, mais do que era controlável.

Apesar disso, correu, uma resistência simbólica final, e sua parte soube que corria porque queria que ele a apanhasse. Emocionada com o conhecimento de que Dageus MacKeltar corria atrás dela e que quando a apanhasse ia ensinar lhe todas essas coisas que seus olhos tinham estado prometendo. Todas essas coisas que ela queria tão desesperadamente aprender. Correu através da erva alta e grossa, e ele realmente a deixou correr por um tempo, como se também gozasse da perseguição. Logo se lançou sobre ela, derrubando-a ao chão, sobre seu estômago, baixo ele. Renda-se enquanto a fazia cair.

Sua risada se converteu em um grunhido rude enquanto estendia seu corpo duro e grande em sua longitude completa sobre ela, sua ereção como uma barra de ferro aguilhoando-a através do tecido de seu vestido. Ela se retorceu, aterrorizada pela apreciação de quão grande era ele, mas o homem não cedeu, envolvendo seus braços apertadamente ao redor dela, imobilizando os dela a seus lados. esfregou-se a si mesmo de atrás para adiante na fenda de seu traseiro, grunhindo em uma linguagem que ela não podia entender.

Apanhando os braços femininos com um dos seus, ele deslizou uma mão entre seu corpo e a terra e cavou a V entre suas coxas. Ela gritou pelo contato impactantemente íntimo. Cada nervo de seu corpo despertou brutalmente a uma tolice aguda e faminta. Os músculos de seu interior brocaram gritando seu vazio, doloridos por ser cheios e apaziguados. O estranho humor do Dageus, seu aspereza, alimentava cada um dos desejos femininos, desejos que nem sequer ela tinha sabido que tinha, de ser tomada e consumida por esse homem. Duro e rápido e sem palavras. Com cada pulsado animal, como tinha sabido que seria desde dia que o tinha conhecido.

Gostava do perigo nele, compreendeu então. Avivava uma parte imprudente que por muito tempo tinha negado, um pouco assustada dela. Uma parte dela que algumas vezes sonhava que estava em Los Claustros na noite e os sistemas de alarme falhavam, deixando todos esses artefatos gloriosos desprotegido.

Seu corpo era tão pesado em cima dela que logo que podia respirar. Quando os lábios do Dageus raspavam o dorso de seu pescoço, ela choramingou. Quando seus dentes se fecharam nele, em uma dentada pequena de amor, virtualmente gritou. Estava vertiginosamente excitada, ardente, dolorida e necessitada. Então sua mão grande chegou a sua face, um dedo escorregando-se entre seus lábios, e ela o sugou, disposta a tomar e saborear qualquer parte dele que pudesse alcançar. Com sua outra mão, ele separou de um empurrão as saias de seu vestido para cima, seus dedos cruelmente indagando suas dobras suaves e expostas, estendendo a umidade, deslizando-se e escorregando. Enquanto a masculinidade dura dele aguilhoava seu traseiro, introduziu um dedo dentro dela e empurrou profundamente.

Chloe gritou e empurrou para trás contra sua mão. Sim, OH, sim, isso era o que necessitava! Pequenos sons quebrados escaparam de seus lábios enquanto ele habilmente deslizava um segundo dedo até que alcançou a barreira de sua virgindade. Com gentileza, mas implacavelmente, ele a atravessou, cobrindo seu pescoço nu e seus ombros com beijos abrasadores, com a boca aberta, intercalados com dentadas diminutas. A dor foi fugaz, um pequeno rasgo velozmente ultrapassado pelo prazer de seus dedos movendo-se dentro dela, sua boca quente em sua pele, seu corpo poderoso balançando-se contra o dela. Ele era sua fantasia mais privada feita realidade. Ela tinha sonhado com isso, com ele tomando-a como se não houvesse força na terra que pudesse impedi-lo.

Nada poderia, pensou fracamente. Do momento em que o tinha visto, tinha sabido que isso chegaria. Nunca tinha sido questão de “se”, a não ser de onde” e “quando”.

Logo ele se aproximou, grosso e duro como o aço, contra essas dobras suaves e delicados e ela fez um som indefeso e pequeno de desassossego. Ela o tinha visto. Sabia o que vinha, e não acreditava que pudesse tomá-lo.

—Shh— ele cantou docemente contra seu ouvido, empurrando para frente.

—Eu... não posso— medeio soluçou ela, enquanto ele começava a empurrar em seu interior. A pressão dele tratando de entrar era muito intensa.

—Sim, pode.

—Não!

—te acalme moça— ronronou ele. Retrocedeu a polegada pequena que tinha ganho, envolvendo uma mão ao redor de seu membro e provado outra vez, lentamente. Embora ela queria desesperadamente o ter dentro de si, seu corpo resistiu à intrusão. Ele era muito grande e ela era simplesmente muito pequena. Com um juramento logo que sufocado, ele se deteve outra vez, logo grosseiramente amassou as dobras grossas de seu vestido em um montão sob sua pélvis, elevando seu traseiro mais alto para ele, no ângulo adequado.

Então seu peso completo se esmagou contra ela novamente. Dageus enrolou um braço potente ao redor dos ombros do Chloe, o outros ao redor de seus quadris.

esfregou-se a si mesmo entre suas pernas até que ela empurrou grosseiramente para trás contra ele. Nesse ângulo novo, ela se sentia exposta e vulnerável, mas sabia que facilitaria sua entrada. Quando a moça gritava incoherentemente, ele empurrou para dentro lentamente, movendo-se com cuidado, seu fôlego vaiando entre seus dentes. Ela ofegou, lutando por acomodar a grossura que a enchia. Os minutos passaram lentamente à medida que ele empurrava mais profundo, tomando cada bocado diminuto que seu corpo cedia. E quando ela estava segura de que ele tinha entrado por completo, que ela o tinha tudo, ele empurrou uma vez final com um som rude, mais profundo ainda, e ela fez ruídos indefesos, como um miado.

—Estou em ti, moça— sua voz foi uma furadeira profunda contra seu ouvido—. Sou parte de ti agora.

Deus santo, ele tinha sido parte dela do momento em que o tinha visto. Como um ladrão, ele a tinha apanhado e tinha entrado nela, reclamando residência sob sua pele. Como tinha vivido sem isto?, perguntou-se. Sem essa intimidade aguda, selvagem, sem esse homem intenso e grande dentro dela?

—vou amar te agora, devagar e doce, mas quando chegar, vou a follarte da forma que necessito. Da forma que sonhei do momento em que te vi.

Ela choramingou em resposta, ardendo interiormente, desesperada-se por que ele se movesse, que fizesse o que tinha prometido. Queria-o tudo ao mesmo tempo: a ternura e a ferocidade, o homem e o animal.

—Quando te inclinou dentro do carro de seu amigo esse dia, Chloe, quis estar detrás de ti, igual a agora. Quis deslizar sua saia para cima e te encher. Quis subir a meu penthouse e te manter em minha cama e nunca deixar ir—. Ele gemeu, um som suave e rude, de ronrono—. E, och, quando vi suas pernas se sobressaindo de debaixo de minha cama...— ele calou súbitamente, trocando de repente a uma linguagem que ela não podia entender, mas o dialeto exótico em sua voz rouca tramou um feitiço erótico ao redor dela.

Ele se retirou lentamente, encheu-a de novo, metendo-se em golpes largos e lentos, tocando-a profundamente. A magnitude de seu membro avivou terminais nervosos em lugares que ela não tinha sabido que existiam. Podia sentir seu clímax construindo-se com cada empurre seguro, mas no momento em que ia alcançar o, ele se retirava, deixando-a dolorida e quase soluçando de frustração.

Ele a encheu quase perezosamente, ronronando nessa linguagem estranha. retirou-se, poquito a pouco, com lentidão muito penoso, até que ela agarrava a erva em punhados grossos e a arrancava da terra. Até que com cada ela empurre lutava, arqueando-se contra ele e tomando mais, mantendo-o dentro dela para poder ganhar sua liberação. Durante uns instantes pensou que devia ser sua culpa que ele continuasse evitando-a, ou possivelmente ele fora simplesmente muito grande, mas logo se precaveu de que ele deliberadamente a refreava. Com suas mãos grandes em seus quadris, ele a pressionava para baixo quando ela tratava de arquear-se para cima, lhe impedindo de controlar o ritmo ou tomar o que ela necessitava.

—Dageus... por favor!

—Por favor o que?— ronronou ele contra seu ouvido.

—me deixe chegar— gemeu a jovem.

Ele riu com voz rouca, sua mão deslizando-se entre sua pélvis e o tecido agrupado baixo ela, apartando suas dobras e expondo seu nó tenso. Deu um golpecito com um dedo sobre ele e ela quase gritou. Um batimento do coração passou, logo dois. Ele deu um ligeiro golpecito outra vez.

—É isto o que quer?— disse ele sedosamente. Seu toque era perito, tentador, atormentador, não o suficiente, medido com a habilidade segura de um homem que conhecia o corpo de uma mulher tão bem como ela mesma.

—Sim— ofegou ela.

—Necessita-me, Chloe?—. Outro passo ligeiro de seu dedo.

—Sim!

—Logo— ronronou—, vou saborear te aqui—. Ele roçou a gema de seu polegar sobre o nó duro.

Chloe golpeou a terra com sua Palmas e fechou seus olhos. Essas simples palavras a haviam quase —mas não completamente, maldito fora!— empurrado sobre o doce bordo do abismo.

Ele pressionou seus lábios contra seu ouvido e murmurou com uma voz sensual e erótica:

—Sente-se como se não pudesse respirar sem mim dentro de ti?

—Sim— soluçou ela, fracamente consciente de que havia uma espécie de deixa vu em suas palavras.

—Ah, moça, isso é o que precisava ouvir. Isto é teu, então, o que quer de mim—. Cavando a face da jovem em sua palma grande, ele volteou sua cabeça a um lado e inclinou sua boca sobre a dela no mesmo momento que empurrava profundo e se detinha, movendo seus quadris em círculos contra seu traseiro, bombeando nela. Enquanto a moça se arqueava para trás contra ele, Dageus apertou seu braço ao redor de sua cintura e fez mais fundo o beijo, sua língua afundando-se ao mesmo tempo que a parte inferior de seu corpo, balançando-se. A tensão esticou o corpo feminino, e repentinamente estalou, alagando-a com a sensação mais deliciosa que jamais havia sentido. Era diferente ao que tinha acontecido no avião; esse era um tremor mais profundo, em seu mesmo coração, imensamente mais intenso, e ela gritou seu nome enquanto chegava.

Ele continuou empurrando firmemente até que ela ficou frouxa baixo ele, logo atirou dos quadris da moça para cima e para trás, levantando-a sobre seus joelhos, e a penetrou, o peso pesado de seu testículo golpeando contra sua pele ardente e dolorida. Com cada ela empurre choramingava, incapaz de impedir os sons quebrados que se derramavam de seus lábios.

—Och, Cristo, moça— vaiou ele. Rodando-a com ele sobre um flanco, envolveu seus braços ao redor dela tão apertadamente que a jovem logo que podia respirar, e empurrou. E empurrou mais, seus quadris movendo-se poderosamente detrás dela.

Ele ofegou seu nome quando chegou, e a nota quebrada de sua voz, acoplada com sua mão movendo-se tão intimamente entre suas pernas, levou-a a outro clímax veloz. Quando Chloe alcançou a cúspide outra vez, foi tão intenso que os borde da escuridão a envolveram amavelmente com suas dobras.

Quando ela despertou de sua modorra, ele estava ainda dentro dela. E seguia duro.

Levou-a a povo do Balanoch muito mais tarde, a qual era de fato uma pequena e animada cidade. Comeram na praça central, longe das lojas do perímetro exterior, que alojava os comércios mais fedorentos e mais ruidosos como as curtumes, as ferrarias e os açougues. Chloe estava esfomeada e comeu com entusiasmo vermelhas tiras de carne salgada e pão recém assado, queijo, algum tipo de bolo de frutas e vinho condimentado, que foi diretamente à cabeça, pondo-a o suficientemente achispada como para não poder manter suas mãos se separadas dele.

Viu coisas no ativo povo que selaram além de uma sombra de dúvida —que realmente já não tinha—, que estava no

passado. As casas estavam ripadas com cânhamo e barro, com pátios diminutos nos quais jogavam meninos descalços. As lojas estavam construídas em pedra, com tetos de palha, suas frentes largas luzindo portinhas que se abriam horizontalmente, o mais baixo exibindo as mercadorias. Ao lado das tinas do curtidor, ela tinha contemplado aos moços jovens barbeando peles com facas de curtidor. Na forja do ferreiro, ficou-se com o olhar fixo de fascinação em um ferreiro estranhamente cativante enquanto golpeava um pedaço comprido de aço ao vermelho vivo, fazendo voar faíscas.

Tinha cuidadoso com atenção a única janela da morada do ourives, e tinha vislumbrado livros ali dentro, no momento em que Dageus tinha ameaçado lançando-a sobre seu ombro se demorava muito tempo. Quando ela tinha posto-se a andar para as escadas, ele a tinha esmagado contra a porta e a tinha beijado até que a jovem tinha perdido não só o fôlego, mas também toda memória de onde tinha estado tentando ir.

Havia cereros, tecedores, oleiros, inclusive um armeiro e várias Iglesias.

Não tinha podido evitá-lo, e se tinha ficado com a boca aberta, e uma dúzia de vezes ou mais Dageus amavelmente a tinha fechado com um dedo debaixo seu queixo. Tinha perdido a conta de quantas vezes tinha resmungado algo absurdo como OH-meu Deus, estou realmente aqui!

Não permaneceram no Balanoch muito tempo, entretanto, em modo algum o suficiente para que Chloe fizesse um reconhecimento a fundo; mas, francamente, ela estava mais obcecada fazendo um reconhecimento do homem formoso e grande que lhe tinha feito costure que a tinham feito sentir-se transformada.

Detiveram-se vários “estádios”, como ele os chamava, do povo, perto de um bosquecillo de carvalhos, junto a uma corrente que caía em um lago trêmulo.

Quando ele a deslizou do garanhão essa vez, seu olhar era tenro, e cada um de seus contatos uma carícia lânguida, como desculpando-se silenciosamente por seu anterior aspereza (a qual não lhe tinha importado muito!). E quando tomou outra vez no lago esquentado pelo sol, depois de que ele tivesse lavado com gentileza essas partes de seu corpo que tinha machucado, fez-o lentamente, lhe dando dúzias de beijos quentes, úmidos, preguiçosos, entregando-se ao prazer de seu seios com diminutas dentadas e carícias. Pondo-a de costas ao bordo da piscina, deslizando-se entre suas pernas e enganchando as pantorrilhas femininas sobre seus ombros, pôde saboreá-la como lhe havia dito mais cedo que o faria, primeiro lambendo-a docemente até que ela se moveu grosseiramente para ele, logo arrastando a de volta ao lago e levantando-a escarranchado sobre seus quadris. Ela se enredou nele, com o olhar fixo em seus olhos enquanto Dageus a enchia e se convertia em parte sua de novo.

E pouco antes de que ela ficasse dormida em seus braços, além da saciedade, exausta e sensível em lugares que nunca tinham estado sensíveis antes, ela soube que tinha feito o que tinha decidido não fazer: apaixonou-se até os ossos do estranho e obscuro Highlander.

A lua chapeava os urzes quando Dageus finalmente se moveu de sua letargia. Estava convexo no plaid com o Chloe em seus braços, as curvas exuberantes de seu traseiro gordinho pressionado sua parte dianteira, suas pernas enredadas. Se fosse um homem dado às lágrimas, poderia ter chorado então de puro prazer.

Ela o tinha aceito como era. Todo ele. Mostrou-se selvagem pela escuridão que o incitava, além da bondade, sua humanidade quase desvanecendo-se, e ela o tinha levado de volta. Tinha tratado de ressarcir-la amando-a com ternura, mais lento e mais brandamente do que jamais havia feito a uma mulher.

E de qualquer forma que ele a havia poseído, ela tinha ido a seu encontro e lhe tinha correspondido. Tinha estado no correto, Chloe era lasciva, tinha sua própria ferocidade. Tinha estado lista para perder sua inocência, ansiosa de ser incitada, ensinada, e ele tinha saboreado cada momento, sabendo que era seu primeiro amante. E o último também, pensou posesivamente. Era uma muchachita atrevida, que amava cada parte do sexo como ele tinha sabido que o faria.

Depois de ter acudido ao Balanoch (a qual logo que tinha visto, muito consumido pela mulher entre suas coxas sobre o cavalo), perezosamente haviam feito o sol nus junto ao arroio que alimentava o lago. Tinham dirigido suas mãos sobre o corpo do outro, aprendendo cada plano e cada curva, saboreando todos os ocos e fendas. Tinham compartilhado mais vinho condimentado e tinham falado.

Tinham falado.

Lhe tinha contado sobre sua infância, como tinha sido crescer sem pais. Tinha-o feito rir com as histórias de seu avô acompanhando-a na compra de seu primeiro sustento, (fazendo-o imaginar-se ao Silvan tratando de escolher roupas interiores femininas...och, que visão seria!) e tendo A Conversação com ela a respeito do que ela chamava “as aves e as abelhas”. Por muito que o tentou, Dageus não podia captar esse coloquialismo. O que tinham que ver as aves e as abelhas fazendo o amor, estava além de sua compreensão. Se fossem cavalos, ele poderia entendê-lo. Mas abelhas? Indecifrável.

Lhe tinha falado um pouco a respeito de sua infância, as melhores parte, crescendo com o Drustan, antes de que tivesse sido o suficientemente major para saber que os Keltars eram temidos, durante esses anos que ainda tinha albergado os sonhos e as fantasias de um moço jovem. Tinha-lhe cantado as obscenas e escandalosas cancionetas escocesas enquanto o sol atravessava o céu, e ela se riu até as lágrimas. Estava maravilhado por cada uma de suas expressões, tão abertas e indefesas. Maravilhado por sua elasticidade. Maravilhado pelas emoções que ela acendia nele, sentimentos que durante muito tempo tinha esquecido.

Lhe tinha feito pergunta sobre o druidismo e lhe tinha contado dos deveres inumeráveis dos Keltar: realizar os rituais sazonais no Yule, Beltane, Samhain e Lughnassadh, cuidar a terra e as criaturas pequenas, preservar e guardar a tradição sagrada, usar as pedras em certas ocasiões necessárias. Também tinha explicado, como melhor podia, como funcionavam as pedras. A física disso a tinha desconcertado, e quando seus olhos tinham começado a ficar frágeis, lhe tinha economizado

mais detalhes. Havia-lhe dito o que pouco que sabiam dos Tuatha do Danaan, e como tinham formado com os Keltar uma aliança muitos milhares de anos atrás, embora ele sabiamente evitou o tema dos juramentos.

—Assim é que os Tuatha do Danaan realmente existiram?— tinha exclamado ela—. Uma raça real de pessoas tecnologicamente adiantadas? De onde vieram? Sabe?

—Não, moça, não sabemos. É muito pouco o que sabemos deles com segurança.

Ele tinha sabido o momento preciso em que ela verdadeiramente o tinha aceito; seus olhos tinham cintilado, suas bochechas se ruborizaram, e ele havia medeio temido que ela ia voltar diretamente em uma carreira para as pedras para as examinar mais atentamente. Por isso ele, velozmente, tinha-lhe dado outra coisa para examinar.

Och, sim, sua companheira era lasciva.

Estranhamente, ela não tinha mencionado o “malefício”, nem o tinha pressionado para saber o que procurava, por isso estava imensamente agradecido. Não tinha dúvidas de que era só um alívio temporário, e que ela o martelaria com perguntas antes de que passasse muito tempo, mas tomaria o que pudesse obter. Tinha a suspeita de que ela tinha estado tão decidida como ele a roubar um dia sem preocupar-se com o amanhã. Esse era um presente que nunca tinha esperado que lhe desse, um presente que o humilhava. Se não tivesse jamais alguma outra coisa, teria tido esse dia.

Ela sabia que ele era um Druida, sabia que tão antiga e estranha era sua ascendência, e não lhe tinha temido. Desvergonzadamente lhe tinha contado tudo o que importava, e se tinha deleitado em sua aceitação.

Nesse momento, enquanto ela dormitava em seus braços, moveu-a um pouco para que a palma de sua mão direita se deslizasse entre seu seios, detendo-se finalmente por cima de seu coração. Trocou de posição também para que a palma de sua mão esquerda descansasse sobre o seu.

Havia palavras que tinha esperado a vida inteira para dizer, e não as negaria a si mesmo. Silvan sempre o tinha acusado de amar com excesso. Se o fazia, não podia evitá-lo. Uma vez que seu coração tomava a decisão, não havia caso em discutir com ele. Ela era sua companheira e, não importava quanto tempo os deuses lhe concedessem, ele pertenceria a sua mulher completamente.

Beijou-a até ela se moveu adormecidamente e murmurou seu nome. Não estava bem dizer os votos enquanto ela dormia; sua companheira realmente devia ouvir as palavras. Logo começou a falar respeitosamente, atando-se a ela para sempre, embora a união não cobraria sua vigência completa a menos que ela um dia devolvesse as palavras.

—Se algo deve perder-se, que seja minha honra pelo teu. Se um deve ser abandonado, que seja minha alma para a tua. Se a morte chegar logo, então seja minha vida pela tua.

Apertou seu braço ao redor dela e tomou um fôlego profundo, sabendo que o que estava a ponto de completar era irrevogável. Não lhe havia dito nenhuma palavra de amor (embora o tinha usado em uma frase uma vez no Balanoch —havia dito que amava a forma em que o fazia o amor— e quase tinha causado que seu coração deixasse de palpitar), e completar o voto o condenaria a amá-la por toda a eternidade, e se tinha vistas além da presente, deveria amá-la nessas também, em um tortura eterno, ansiando-a interminavelmente se ela nunca o amava a sua vez.

—Sou dado— murmurou, sujeitando-a perto. No momento que pronunciou as palavras finais do juramento, uma quebra de onda de emoção intensa colidiu sobre ele. Não podia sequer imaginar o que poderia sentir se ela alguma vez correspondesse o juramento. A consumação, suspeitou. Dois corações convertidos em um.

No profundo de seu interior, os Antigos vaiaram furiosamente e saltaram para trás. Não lhes tinha gostado de todo isso, refletiu sombriamente. Bem.

—Isso foi formoso— murmurou Chloe—. Do que se tratava?— levantou sua cabeça e o olhou com atenção sobre seu ombro. À luz da lua perlina, sua pele brilhava tenuemente translúcida, e seus olhos de cor verde mar, sonolentos e sexys, cintilavam. Seus lábios estavam ainda inchados de seus beijos, dolorosamente exuberantes. Seus cachos despenteados caíam ao redor de sua face e ele podia sentir-se renascendo duramente, mas sabia que teria que esperar até a manhã ao menos para poder possuí-la outra vez. Se fosse um homem paciente, deveria lhe dar uma semana para recuperar-se, mas teria sorte se agüentava umas quantas horas mais. Agora que a tinha saboreado, que tinha aprendido quão doce era fazer o amor com a mulher que se amava, estava esfomeado por mais.

—Och, moça, é tão preciosa. Com justiça me tira o fôlego—. Palavras debulhadas, burlou-se de si mesmo; umas palavras tão fracos para descrever o que sentia.

Ela se ruborizou de prazer.

—Foi alguma classe de poema o que recitou?

—Sim, um pouco parecido— ronronou ele, rodando-a em seus braços para estar cara a cara.

—Eu gostei. Soou... romântico—. Ela o olhou com curiosidade, mordendo o lábio inferior—. Me diz isso de novo?

Quando ele não o repetiu, ela pensou um momento, e então disse:

—OH! Acredito que o tenho! Disse: “se algo deve perder-se...”

—Não, moça— gritou ele, esticando-se. Och, Cristo, o que tinha feito? Não se atrevia a deixá-la corresponder o juramento. Se algo lhe ocorresse, ela estaria unida a ele por sempre. E se algo terrível ocorria, se, Deus não o quisesse, realmente se voltasse escuro, ela estaria unida a ele, uma besta do inferno? Poderia estar atada por toda a eternidade à cólera e a fúria que eram os Draghar! Não. Nunca.

Chloe piscou, mostrando-se ferida.

—Simplesmente queria repeti-lo para poder recordá-lo—. O pequeno poema a tinha feito sentir-se engraçada, e estranhamente a tinha compelido a repeti-lo por alguma razão. Eram as palavras mais doces que lhe havia dito nunca, embora só fora o fragmento de um poema, e lhe tivesse gostado com toda segurança incrustá-lo em sua memória. Ele não era um

homem que dissesse palavras à ligeira. Tinha querido dizer algo com elas. Assim era como falava Dageus MacKeltar de seus sentimentos? Recitando umas poucas linhas de um poema?

Embora tinha estado adormecida quando ele tinha falado, estava bastante segura de que havia dito algo como “minha vida pela tua”. Se só pudesse amá-la assim! Já não queria simplesmente ser a mulher que penetrasse no Dageus MacKeltar, queria ser a que ficasse dentro dele, para sempre. A última mulher com quem ele fizesse o amor o resto de sua vida. Amava-o tão ferozmente que o simples desejo era alguma classe de dor.

E Por Deus, queria ouvir essas palavras outra vez.

Abriu sua boca para pressioná-lo, mas no momento que o fez, ele inclinou sua boca dura sobre seus lábios separados e — condenado homem por poder beijar a uma mulher em meio de um enxame de hormônios zumbindo ao redor como pequenas abelhas bêbadas! — em poucos momentos, a única coisa que ela pensava era a forma em que ele a tocava.

Silvan não era um homem dado a espiar. Bom, não o tinha sido até que seus filhos se foram e haviam feito companheiras, e então pareceu que tinha começado a fazer todo tipo de coisas que não tinha feito antes. Como escutar às escondidas uma vergonhosamente pessoal e ardente conversação entre o Drustan e Gwen, que tinha acabado com o Silvan arrastando ao Nellie à cama. E casando-se com ela pouco tempo mais tarde.

Sorriu abertamente. Uma malditamente boa mulher que era também. Sabia mais a respeito dos Keltar que os Keltar mesmos. Em seus doze anos como ama de chaves, ela tinha aprendido quase cada segredo de seu castelo, incluindo um nem sequer ele tinha sabido: um lugar secreto que tinha passado ao esquecimento por quase oito séculos, segundo a última entrada que tinha lido no jornal que tinha encontrado ali dentro.

Lhe tinha contado que tinha descoberto a câmara subterrânea durante um ataque de limpeza geral uns dez anos atrás. Não o tinha mencionado porque pensava que ele já sabia, e além disso, tinha agregado mordazmente, isso foi quando não me falava. Silvan bufou brandamente. Que parvo tinha sido, negando seu desejo por ela. Tantos anos desperdiçados...

Está desperdiçando ainda mais tempo, ancião?, inquiriu uma cáustica voz interior. Não há ainda coisas que lhe rehúsa a dizer?

Ele separou de um empurrão esse pensamento. Esse não era o momento de pensar em si mesmo. Era o momento de enfocar a atenção em encontrar a maneira de salvar a seu filho.

O conteúdo da câmara era a razão pela que esperava nas sombras do grande hall aguardando a volta do Dageus. Havia textos e antiguidades, relíquias que Dageus precisava ver. O volume total do material da câmara subterrânea era lhe esmague. Poderia-lhes tomar semanas simplesmente catalogá-lo tudo.

Silvan sentiu a seu filho antes de que ele entrasse em grande hall, e começou a levantar-se, mas no último instante, antes de que a porta se abrisse, ouviu uma rajada suave de rouca risada feminina. Logo um silêncio que só podia ser cheio de beijos. E depois mais risada.

Suave, débil, mas a risada do Dageus.

Ele ficou imóvel médio inclinado sobre sua cadeira. Quanto tempo tinha passado desde que tinha ouvido esse som?

Och, a escuridão estava ainda ali, sob a risada, mas tudo o que tinha acontecido esse dia lhe tinha concedido ao Dageus um compassivo alívio temporário. Não precisava ver seu filho para saber que seus olhos não seriam dourados ainda, mas ao menos sim mais claros.

Quando seu filho começou a abrir a porta, Silvan voltou sigilosamente para a cadeira, congregando as sombras ao redor dele com umas quantas palavras suaves.

Sua notícias podiam esperar até o amanhecer.

Capítulo 20

—Há algo que não te hei dito, pequena Chloe— disse Dageus, saindo do escuro círculo de pedras. Seus olhos disseram que precisava dizer-lhe E que temia fazê-lo. O que poderia temer um homem semelhante? Que ele temesse a assustava também, e diminuiu grandemente sua necessidade de saber. Para variar, sua curiosidade se enrolou como um puercoespín e fingiu estar morta.

—Não tem que me dizer isso se não quiser— murmurou ela, desejando que o mágico prazer de sua intimidade recém descoberta permanecesse sem danificar-se por verdades difíceis. A julgar pelo olhar em sua face, “difícil” era uma palavra suave para descrever o que for que ele guardava.

Os fortes tendões em seu pescoço se moveram e ele abriu e fechou a boca várias vezes. Aspirou profundamente.

—Possivelmente deveria saber...

Um tamborilar repentino na porta sacudiu ao Chloe, despertando-a instantaneamente. Seu sonho se despedaçou em partículas diminutas como o pó do Sandman.

Quando se estremeceu, os braços do Dageus se esticaram ao redor dela.

—Estão acordados ali dentro?— gritou Nell através da porta—. Silvan está perto, desfazendo-se de impaciência. Pede que baixem.

—Estamos acordados, Nell— respondeu Dageus—. Te importaria enviar uma banheira?

—Dageus, sua p está que salta. esteve esperando para te mostrar o que encontrou desde tempranas horas ontem pela manhã, e sabe que ele nunca foi o homem mais paciente do mundo.

Dageus suspirou ruidosamente.

—Um quarto de hora, Nell— disse, soando resignado—, logo estaremos abaixo.

—Não os tivesse perturbado, se fosse por mim—. Uma risada suave, e o ruído de seus passos se desvaneceram pelo corredor.

Dageus girou ao Chloe sobre seu flanco para confrontá-la, capturando uma de suas pernas entre as suas, cavando seu seios cheios posesivamente.

—bom dia— disse ela adormecidamente, ruborizando-se pela lembrança do que lhe tinha feito ao longo da noite. O que lhe tinha animado, inclusive rogado, que fizesse. Sorriu. Estava dolorida e sensível e se sentia delicioso. Tinha passado a noite inteira em seus braços. Que gracioso, meditou, que de todas as coisas tão difíceis de acreditar que lhe tinham ocorrido, passada-las vinte e quatro horas com ele pareciam ser o mais assombroso. Desde que se tinha entregue a ele, Dageus tinha sido um homem completamente diferente. Ardente, sexy, brincalhão. OH, apesar disso seguia sendo, cada polegada, um homem autoritário, vilmente sexual, mas imensamente mais acessível. Quando antes tinha parecido que estava ali mas não completamente ali —uma parte dele em alguma outra parte—, na cama estava cem por cento ali. Cem por cento enfocado e envolto.

Era devastador ser o foco de um erotismo tão cru e implacável. Ele era tudo o que ela tinha imaginado.

Dageus MacKeltar podia estar completamente na cama e mais. Selvagem e exigente, destroçando maliciosamente todas suas inibições.

Enquanto ela pensava que agradável era vê-lo descansar, seu corpo tão depravado como um leão expondo-se perezosamente ao sol, ele sorriu a sua vez, mas não alcançou seus olhos.

—Oooh! Deixa de fazer isso. Quando me sorri o quero tudo.

—O que?—. Ele parecia desconcertado.

Chloe deslizou suas mãos até suas costelas, perguntando-se se um homem tão forte e disciplinado poderia ser susceptível. Era-o, e a deleitou descobrir que de alguma pequena forma ele era tão indefeso e tão humano como o resto do mundo. Fez-lhe cócegas sem piedade até que, renda-se, ele capturou suas mãos nas dele.

—Castigo às garotas que me fazem cócegas— ronronou ele, estirando os braços femininos por cima de sua cabeça.

—Como?— perguntou ela sem fôlego.

Ele mergulhou sua cabeça escura e apanhou um mamilo em sua boca, sugando delicadamente antes de soltá-lo e arrastar sua língua sobre seu seios para capturar o outro.

—Tem uns seios perfeitos, moça— grunhiu com voz rouca—. No que se refere ao castigo, precisarei refletir sobre isso— ronronou contra sua pele—. Ninguém jamais me tem feito cócegas antes.

—Córcholis, pergunto-me por que— se engenhou ela para dizer. Quando ele rodeou um mamilo ereto com sua língua, suas costas se arqueou e suspirou afiadamente. Seu seios se sentiam inchados, irritados pela sombra de sua barba, e exquisitamente sensitivos—. Poderia ser porque é sempre tão sério e controlado? Deviam estar assustadas— disse, sem fôlego.

Ele soltou seu mamilo e a contemplou, alarmado.

—Mas você não, verdade, Chloe?

—Sorri— ofegou ela, sem querer responder. Sem querer admitir que sua parte sentia medo do homem intimidador que dançava entre os séculos. Não exatamente dele, mas sim do poder que tinha sobre ela, porque tinha uns sentimentos tão intensos por ele. Apesar de todas as coisas abrasadoras e incrivelmente íntimas que lhe tinha feito, ele não havia dito nenhuma dessas palavras que os amantes estavam acostumados a dizer, palavras que sugerissem um futuro juntos. Como lhe havia dito no dia anterior, ele não dava desculpas nem oferecia mentiras bonitas. Nem promessas tampouco.

Mas não lhe importaria escutar uma ou dois. Ou dez.

Seguindo seu exemplo, ela tinha mantido seus sentimentos em silencioso, decidida a ser paciente; esperar e observar, tentar apanhar alguns desses pequenos signos sutis que era todo o Dageus revelava.

Ele arqueou uma sobrancelha e sorriu como lhe tinha pedido.

—OH, isso está muito melhor— disse, sorrindo a sua vez. Era impossível não sorrir em resposta quando ele sorria de verdade. Quando Dageus deslizou suas mãos pelos braços do Chloe, sobre seu seios, logo seus quadris, ela negou com a cabeça cautelosamente.

—OH-OH. Não posso. Não agora—. O tentou deliberadamente—. Poderia passar uma semana antes de que possa outra vez— e o corou com um modesto bato as asas de pestanas.

Grunhindo, ele inclinou a cabeça, sua juba negra derramando-se como seda escura sobre a pele feminina.

—Och, não, moça, acredito que não. Um banho acelerará sua recuperação— e empurrou contra sua coxa, duro e preparado. O homem alguma vez se cansava?, perguntou-se gozosamente.

Apesar de sua dor, o desejo ardeu, quente e ávido, avivando tudo seus extenuadas terminais nervosos e as ressuscitando. A fazia sentir-se insaciável. Ter sexo com ele fazia que uma mulher sentisse que estava fazendo um pouco proibido em certa forma, e ela poderia obcecar-se absolutamente com isso. Embora se sentia sensível e tenra, se tivessem tempo estaria estendida sobre ele, ou melhor dizendo, ele estaria estendido sobre ela, pois certamente gostava de tomar a posição dominante.

—Já ouviu o Nell. Não teremos um banho. Silvan nos necessita—. Chloe sentiu um rubor repentino de vergonha. deitou-se com o filho do Silvan no castelo do Silvan. Embora não se havia sentido envergonhada com o Nell na porta, por alguma razão se sentia turvada quando pensava no Silvan, possivelmente porque ele era da idade de seu avô.

—Não se preocupe, moça— a reconfortou ele, adivinhando seus pensamentos ao ver sua expressão—. Silvan nos viu chegar ontem à noite. Ele não pensará menos de ti. Em realidade estará encantado. Nunca trouxe para uma moça a minha câmara antes.

—Seriamente?— perguntou ela sem fôlego. Quando ele assentiu com a cabeça, Chloe sorriu radiantemente: ao menos ali em seu dormitório, ela era a única. Embora não era o que lhe tivesse gostado de ouvir (como uma declaração de amor imperecível ou uma petição de ter seus bebês), era algo. Então seus olhos se estreitaram. O sol se deslizava através da janela detrás dela e os olhos do Dageus eram dourados, salpicados com faíscas mais escuras. Fumegantes e sensuais, bordeados por escuras e grosas pestanas, mas dourados.

—O que ocorre com seus olhos?— exclamou ela—. É parte de ser um Druida?

—De que cor são?— perguntou ele com cautela.

—Dourados.

Lhe deu de presente outro sorriso indefeso. Era como deleitar-se no sol, pensou a moça, riscando seus dedos sobre sua mandíbula obscurecida de barba, sorrindo impotentemente em resposta.

Ele se moveu contra sua coxa outra vez.

—É boa para mim, moça. Agora deixa de incomodar, mulher, não seja que comece algo que lhe rehúsa a me deixar terminar—. Ele se incorporou, levando-a com ele, beijando-a, mordendo seu lábio inferior. O beijo se voltou quente e feroz enquanto ele tratava de levantar-se, e caíram da cama, assim que ela aterrissou no piso em cima dele. Ele rapidamente começou a rodá-la baixo ele e a beijou até que ela começou a ofegar.

Dageus lhe dirigiu um sorriso arrogante alguns momentos mais tarde, enquanto a ajudava a levantar-se.

—Arrumado que não estará sensível muito tempo mais— ronronou.

Definitivamente não, pensou ela, condenado homem, brincalhão e atormentador! Os músculos da parte interior de suas coxas, que ela não tinha sabido que tinha, protestaram quando tratou de caminhar. E apesar de tudo, queria mais.

Só muito mais tarde se deu conta de que ele não tinha respondido a sua pergunta.

—Já era tempo— se queixou Silvan quando entraram em grande hall.

—P, onde está o quinto Livro do Manannan?— perguntou Dageus sem preâmbulos.

—Não há quinto Livro do Manannan— disse Chloe com certeza—. Há somente três. Isso sabe todo mundo.

Dageus lhe dirigiu um sorriso afetado.

—Ah, o demoníaco “todo mundo”. Sempre perguntei aos quais compreende esse grupo.

Silvan parecia divertido, ergueu sua cabeça e percorreu interrogativamente com o olhar ao Dageus.

—Pensa que ela necessita uma distração? Acreditei que já a tinha estado distraindo muito a fundo.

Chloe se ruborizou.

—Está na biblioteca da torre— adicionou Silvan—. Mas volta rapidamente, temos muito do que falar e Nellie me mostrou a coisa mais assombrosa.

Enquanto Dageus saía rapidamente do grande hall, Silvan aplaudiu o assento a seu lado.

—Vêem, minha querida— disse com um sorriso acolhedor—. Sente-se um pouco comigo e me conte de ti. Como conheceu meu filho?

Como poderia ocorrer-se me uma resposta adequada para isso?, perguntou-se Chloe ironicamente. Apartou a vista do olhar penetrante do ancião, ruborizando-se um pouco.

—A verdade, minha querida— disse Silvan brandamente.

Chloe o olhou, sobressaltada.

—Sou tão transparente?

Ele sorriu reconfortantemente.

—Conhecendo meu filho como o faço, não acredito que tenha sido uma reunião ordinária.

—Não— esteve de acordo ela com um pequeno suspiro—. Exatamente não nos conhecemos. Nós... né, mas bem colidimos...

Sua história o fez rir em voz alta, e Silvan não podia esperar para repetir-lhe ao Nellie, quem saborearia cada palavra da escandalosa narração. A moça era uma boa narradora de contos, o suficientemente melodramática para manter o interesse e tirar proveito das partes que valiam a pena. Graciosa, também, com um senso de humor modesto que era mais atrativo. A moça não tinha idéia de quão linda e incomum era. Ela se considerava “um poquito nerd”. depois de que ela tivesse definido a palavra, Silvan decidiu que ser “nerd” era algo bom. (Que ele mesmo caísse nessa categoria —”sisudo” não soava particularmente gracioso, e sim um tanto subdesenvolvido—, talvez influenciasse sua opinião um poquito). Sim, o relato era um bocado precioso de um bicho-tesoura de palavras, e o conto mesmo cheirava à reunião predestinada de um Keltar e sua companheira.

Enquanto ela falava, ele escutou profundamente. Detectou um coração puro, um coração como o do Dageus, mais sensível que a maioria, grosseiramente emocional, e portanto cuidadosamente precavido. Ouviu seu amor por seu filho no timbre ligeiramente rouco de sua voz, um amor tão forte que a inquietava um pouco, e ela não estava ainda em condições de falar disso.

Que estivesse ali era suficiente para o Silvan. Seu filho certamente tinha encontrado a sua companheira. Considerou cuidadosamente a ironia da oportunidade do momento, ao mesmo tempo que a benzeu.

Uma coisa o fez refletir, entretanto: ela ainda não sabia o que estava mal com o Dageus, e tinha florescido uma gota de

medo em seu coração.

Ele o entendia bem. Quando um coração compreendia que amava era também, paradoxalmente, quando um coração aprendia a ter medo mais profundamente. Ela queria saber o que estava mal com o Dageus, mas não queria ouvir algo que pudesse estragar sua alegria, e Silvan suspeitava que teria uma pequena batalha consigo mesma antes de que finalmente estivesse disposta a perguntar.

Quando Dageus deu ao Chloe o quinto Livro do Manannan, o major dos MacKeltar decidiu que seu filho estava atordoado com ela. Ela manobrou o tomo com reverência absoluta, sem quase tocá-lo, exceto nas pontas mais alhadas dos borde das páginas grossas, com o olhar fixo e seus olhos enormes de admiração.

E balbuciando.

—P-p-mas isto nem s-sequer se s-supõe que exista e... OH, Meu deus, está escrito usando um alfabeto anterior ao L-latim! Crie que poderia intercambiar uma de minhas relíquias por isso?— suspirou, dirigindo um olhar ao Dageus que Silvan mesmo teria encontrado difícil de negar.

Och, sim, a moça felizmente poderia passar horas como ele mesmo estava acostumado a fazer, maravilhando-se dos textos antigos, deleitando-se com as histórias que continham. Nerd, certamente. E Dageus... pois bem, Dageus parecia congelado ante o prospecto de lhe negar algo. Resgatou a seu filho velozmente.

—Temo que tem que ficar aqui, minha querida. Há razões pelas que certos tomos nunca podem ser disponíveis para o mundo.

—OH, mas ao menos deve me deixar lê-lo!— exclamou a moça.

Silvan o assegurou, logo pôde enfocar sua atenção no Dageus. O descobrimento da biblioteca da câmara o tinha revigorado, tinha-o feito sentir vinte anos mais jovem e lhe tinha dado um sentido inteiramente novo do que significava ser um Keltar. E nessa câmara certamente estavam as respostas a seus problemas. Logo que podia esperar para mostrar-lhe a seu filho. Desfrutando do momento, disse com indiferença estudada:

—Assumo que não sou o único que não sabia da biblioteca da câmara sob o estudo?

Dageus fez um ruído engasgado e seu olhar alarmado voou ao Silvan.

—Sob o estudo?

—Sim.

Dageus agarrou a mão do Chloe, devorou-a da cadeira, liberou uma pequena batalha com ela enquanto ela tratava de retornar ao texto, que extraiu à força de suas mãos e depositou firmemente sobre a mesa, logo a levou a rastros enquanto caminhavam detrás o Silvan.

Quando Silvan pressionou o tirante esquerdo sob o suporte da chaminé, um lado inteiro se balançou para fora, revelando um corredor detrás. Ele explicou como um dia Nellie, em um drástico ataque de limpeza, tinha tropeçado com isso enquanto varria telarañas do suporte e esfregava a fuligem negra da face de pedra da chaminé. Ela tinha captado o tirante ao esfregar e a seguinte coisa que tinha sabido era que se movia, com ela pega à chaminé.

—E por que não nos disse nada?— disse Dageus, incrédulo.

Silvan bufou.

—Ela pensou que sabíamos e acreditávamos que ela “se supunha” que sabia também.

Dageus negou com a cabeça.

—E essa outra biblioteca?

—Och, filho, parece ser nossa história inteira, sem ter sido tocada por séculos.

Atordoada, e ela suspeitou que um pouco esquecida pelos homens Keltar nesse momento, Chloe seguiu ao Dageus e Silvan dentro do vazio escuro, para os degraus pronunciados de pedra que descendiam a uma câmara cavernosa que tinha apenas quinze pés de lado a lado e o dobro de larga. A câmara estava iluminada por dúzias da Candelas em candelabros pendurados da parede. Estava forrada do piso ao teto com prateleiras, mesas, cadeiras e baús.

A cabeça do Chloe girou de esquerda a direita, daqui para lá, a uma velocidade vertiginosa.

Enfoca, Zanders. vais pôr te adoecer de excitação.

Nenhum arqueólogo entrando em uma tumba até então selada e esquecida poderia haver-se sentido mais emocionado. Seu coração corria a toda velocidade, sua Palmas estavam suarentas, e não podia respirar muito bem. Caminhou a grandes passos para frente, empurrando aos dois homens, decidida a ver tudo o que pudesse antes de que a recordassem e possivelmente pensassem duas vezes a respeito de deixá-la vê-lo tudo. Estava para dentro de uma câmara subterrânea antiga, rodeada por suas coisas favoritas: relíquias poeirentas de idades antigas. Relíquias que provocariam aos estudiosos de seu século paroxismos de alegria, lhes dando temas para roer e discutir a satisfação quase pelo resto de suas vidas.

Havia tabuletas de pedra cinzeladas com inscrições irlandesas de ogham. Mais pedras com o que se parecia com as letras pictas de ogham, escritura que os estudiosos modernos nunca tinham tido êxito em traduzir, enquanto que pictos tinham adotado o ogham irlandês mas não tinham sido capazes de adaptá-lo a sua própria linguagem já que o picto e o gaélico eram foneticamente incompatíveis. Talvez poderiam lhe ensinar como lê-lo!, pensou ela, aturdida pela possibilidade.

Havia volúmenes unidos com tecido, assegurados e atados em panos descoloridos, volúmenes empastelados em couro e cilindros de papel, pratos esmaltados, códices costurados à mão, peças de armaduras e armamentos, e Céus!, inclusive esse jarro esquecido muito tempo atrás era uma relíquia!

depois de alguns momentos de exame sem fôlego, ela olhou por cima de seu ombro ao Dageus e Silvan que se detiveram simplesmente à entrada da câmara, suas cabeças dirigidas para uma curta coluna de pedra na qual jazia uma lâmina de ouro.

—P, é isto o que acredito que é?—. A voz do Dageus soou estrangulada.

—Sim, este é O Pacto, como diz a lenda, gravado em uma lâmina de ouro puro.

—Isso não é muito sensato— apontou Chloe fracamente—. É muito maleável. O ouro puro é muito suave, com muita facilidade pode danificar-se. Por isso é que tantos guerreiros antigos tinham corações de ferro sob o ouro. Bem, por isso e para ajudar a dobrar uma espada potencial. Que “Pacto”, de todos os modos?

—Precisamente seu propósito— murmurou Silvan, riscando com ligeireza o bordo da lâmina de ouro—. Se diz que fizeram isto para simbolizar quão frágil era O Pacto. Para sublinhar que devia ser tratado com delicadeza.

—Que Pacto?— perguntou Chloe outra vez, dando um passo cautelosamente entre uma pilha de tomos empastelados em couro e um escudo quebrado e oxidado em forma de coração, olhando com atenção as esquinas escuras da câmara. perguntou-se se a deixariam viver ali abaixo por algum tempo. Outro olhar ao Dageus a fez retratar-se desse pensamento. A menos que ele vivesse ali com ela.

—O Pacto entre os Tuatha do Danaan e o homem.

Chloe se sentou pesadamente sobre seu traseiro.

—Não nos tomos!— ofegou Silvan.

Chloe, alarmada, caiu de flanco e se derrubou desgarbadamente no piso poeirento de pedra, consternada por ter apoiado o traseiro em uma pilha de textos invaluables.

—Sinto-o— resmungou—. Estou simplesmente um pouco superexcitada. Quão antigo se supõe que é? Que linguagem usa? Pode-o traduzir? O que diz?

Silvan se ocupou em procurar desordenadamente em uma urna de pergaminhos.

Dageus se encolheu de ombros.

—Nem idéia de que linguagem usa.

—Não pode lê-lo?

—Não— resmungou Dageus.

Silvan tossiu.

Os olhos do Chloe se estreitaram, mas decidiu deixá-lo em paz no momento. Sentia a cabeça ligeira outra vez e não queria pressioná-lo. Precisava absorver lentamente sua nova perspectiva da história, uma que incluía o mesmo tempo a druidas com o poder de manipular o tempo mesmo, e a existência de uma civilização antiga que havia poseído o conhecimento e uma tecnologia avançada, muito além de algo que o homem alguma vez tivesse obtido.

O avô tinha estado acertado ao pensar que os Tuatha do Danaan uma vez tinham existido, e não só no mito!

Descansa, Zanders, disse-se a si mesmo, deixando cair de joelhos no piso e alcançando o tomo mais próximo.

Muitas horas mais tarde, Chloe descansava sua cabeça outra vez contra a parede fresca de pedra e fechava seus olhos, escutando falar com o Silvan e Dageus. Idiomas que ela não podia traduzir, riscados em alfabetos sem usar por séculos, dançavam no interior de suas pálpebras.

Havia pó em seu cabelo, sua face e seu nariz, e tinha posto um vestido medieval talher de pó em um castelo que não tinha ducha nem cobertura de chumbo, e não poderia ter sido mais feliz. Pois bem, a menos que ela tivesse sido enviada ao tempo em que existia a Biblioteca da Alejandria, imediatamente depois de que Antonio lhe tivesse doado a Cleopatra a Biblioteca do Pêrgamo, chegando a um total estimado de quase um milhão de volúmenes, se podia confiar-se em algo que os historiadores afirmavam.

—Então, segundo o jornal que encontrou, nossos antepassados raramente usaram esta câmara, passando o conhecimento do lugar só do laird ao filho maior?— dizia Dageus. Seu acento profundo enviou pequenos calafrios de consciência sexual através dela.

—Sim— respondeu Silvan—. Passei um pouco de tempo revisando-o ontem. A última entrada foi feita no ano oitocentos e setenta e dois. Suponho que o laird morreu inesperadamente e, ao melhor, bastante jovem, e a câmara passou ao esquecimento.

—Toda esta história— disse Dageus, negando com a cabeça—. Toda esta tradição, e nunca sequer o suspeitamos.

— Sim. Se o tivéssemos sabido, as coisas poderiam ter sido muito diferentes. Possivelmente alguns de nós teríamos feito eleições diferentes.

Chloe abriu seus olhos uma fatia. Tinha havido uma nota estranha e afiada na voz do Silvan quando tinha feito o último comentário. Estudou o perfil cinzelado do Dageus, bronzeado pela luz da vela oscilante, perguntando-se o que era o que não lhe tinha contado. Não tinha esquecido o malefício ou sua busca incessante dos tomos antigos. Embora tinha tido muitas oportunidades para perguntar-lhe no dia anterior, não tinha querido que nada danificasse a maravilha de seu dia juntos.

A verdade era que não queria que nada danificasse a maravilha desse mesmo dia tampouco. Protegeria-o fervorosamente do indício mais mínimo de tristeza. Nunca se havia sentido tão borbulhante, tão exaltada, e não queria que acabasse.

Ela, quem nunca tomava um “não sei” por resposta, quem sempre empurrava inquisitivamente, de repente não tinha nenhum desejo de fazer sequer uma mínima pergunta.

Amanhã, prometeu-se a si mesmo. Perguntarei-lhe amanhã.

por agora, entre encontrar-se repentinamente no passado, experimentar a paixão com um homem tão intenso, e descobrir tantos tesouros, tinha suficiente para confrontar. Resultava-lhe difícil simplesmente levar o passo. Só assimilar o fato de que estava no século dezesseis era o suficientemente entristecedor.

Como se a sentisse contemplá-lo, Dageus girou sua cabeça repentinamente e a olhou diretamente aos olhos.

As janelas de nariz se dilataram e seus olhos se estreitaram, seu olhar quente e possessivo.

—P, Chloe necessita um banho— disse, sem tirar seu olhar da dela. Apanhou seu lábio inferior com seus dentes e todos os músculos da parte inferior do corpo feminino se esticaram—. Agora.

—Estou um pouco poeirento eu mesmo— acordou Silvan depois de uma pausa breve e embaraçosa—. Suspeito que todos poderíamos fazer um pequeno descanso e comer algo.

Dageus se levantou, parecendo maior do usual nos limites da câmara de teto baixo. Tendeu sua mão.

—Vêem, moça.

E Chloe foi.

—Devemos encadear o dessa maneira?— perguntou Gwen, franzindo o cenho.

—Sim, amor— respondeu Drustan—. Ele se suicidaria antes de falar, se for o suficientemente parvo de lhe dar a oportunidade.

Deram um passo atrás, com o olhar fixo através dos barrotes da masmorra, onde um homem magro, com cabelo castanho talhado ao ras, estava encadeado à parede, seus braços e pernas estendidos. Ele lhes grunhiu através dos barrotes, mas o som foi amortecido por sua mordança.

—E tem que amordaçá-lo?

—Resmungava algo que soou sospechosamente como um cântico antes de que o fizesse. A menos que o interrogue, ficará amordaçado. Não te aventure aqui embaixo sem mim, moça.

—É que simplesmente parece tão... barbárico, Drustan. O que ocorre se ele não está sequer envolto nisto?

Drustan reuniu o sortido de bens pessoais que tinha tirado dos bolsos do homem antes de prendê-lo. Tinha encontrado duas adagas letalmente afiadas, um telefone celular, um comprido cordão, uma grande quantidade de dinheiro em efetivo, e uns poucos pedaços de caramelo duro. O homem não levava carteira, nenhuma identificação nem documentos de qualquer tipo. Colocou o telefone, o cordão e o caramelo em seu bolso, tomou em uma mão as cuchillas e envolveu um braço ao redor dos ombros do Gwen, guiando-a fora da cela para as escadas.

—Está-o. Apanhei-o espreitando fora das portas do estudo. Quando ele me viu, pareceu me reconhecer. Depois se viu desconcertado e finalmente horrorizado. Estou seguro de que pensou que eu era Dageus e não sabia que Dageus tinha um gêmeo. Mais ainda, Dageus me disse que Chloe lhe tinha contado que seu assaltante tinha uma tatuagem no pescoço. Embora Dageus não tinha idéia de que classe de tatuagem era, é muita coincidência que o intruso também tenha uma tatuagem em seu pescoço. Sim, ele está envolto. E embora não está falando agora, fará-o— jurou com sombria determinação.

—Nada disto tem algum sentido para mim. por que quereria alguém machucar ao Dageus ou ao Chloe? O que poderiam querer?

—Não sei— grunhiu Drustan—. Mas pode estar segura de que nos inteiraremos.

Capítulo 21

Estava mal ventilado na biblioteca da câmara e Dageus trocou de posição desasossegadamente em sua cadeira, logo se deixou cair ao piso e recostou suas costas contra a fresca parede de pedra. Percorreu com o olhar ao Chloe e sorriu sardonicamente. Seu simples presença fazia extremamente difícil para ele concentrar-se no trabalho entre mãos.

Ela estava sentada com as pernas cruzadas sobre uma pilha de almofadas em uma esquina da câmara subterrânea, estudando minuciosamente, como o tinha estado desde fazia algum tempo, o quarto Livro do Manannan. uns quantos dias atrás, ele o tinha intercambiado pelo quinto volume, assim poderia registrar esse tomo por si mesmo, já que ela era mais lenta traduzindo que ele. Para sua consternação extrema e freqüentemente expressa em voz alta, ela era incapaz de ler a maior parte da tradição Keltar contida na câmara. Riscados em dialetos esquecidos, usando alfabetos arcaicos combinados com uma ortografia grosseiramente inconsistente, a maioria deles era impossíveis de decifrar para ela.

Seu olhar quente a percorreu de pés a cabeça e se tragou um pequeno grunhido de desejo, sempre presente. Com um vestido lilás leve e ajustado —um de vários que Nell tinha modificado para ela, e suspeitava que Nellie deliberadamente os escolhia para distrai-lo—, com um decote profundo e um sutiã cômodo, ela era toda uma visão. Seus cachos desgrehados se derramavam ao redor sua face e se mordida seu delicioso lábio inferior, profundamente afundada em seus pensamentos. concentrava-se tanto como sua p o fazia nas velhas histórias, abstraindo-se ao extremo da surdez.

Quando ela trocou de posição, acomodando-se de lado sobre as almofadas suaves, seu seios se apertaram e empurraram por cima do decote do vestido e a luxúria se precipitou dentro dele. Embora lhe tinha feito o amor ao despertar, como fazia cada amanhecer, novamente ardeu por enterrar a face nesse vale exuberante, beijá-lo, lambê-lo e mordê-lo até que ela estivesse ofegando e soluçando seu nome.

Os últimos dez dias tinham acontecido velozmente, muito velozmente para seu gosto. Queria deter o tempo, prolongar cada dia, estendê-lo à longitude de um ano, para viver toda uma vida no agora, beber da alegria agridoce de ser parte de um casal.

Doce porque tinha a sua mulher. Amargo porque tinha que refrear sua língua, e não fazer promessas que ardia em desejos de expressar. Promessas que não eram suas para dar, porque seu futuro era incerto. Para sua imensa frustração, não podia sequer oferecer as pequenas verdades que possuía, porque Chloe ainda não lhe tinha perguntado sobre o “malefício”.

Ele queria dizer-lhe Precisava dizer-lhe Precisava saber que ela sabia o que ele era e pudesse aceitá-lo. Em três ocasiões tinha provado as águas, uma vez em seu sonho, uma vez mais tarde, enquanto passeavam pelos jardins sob uma chapeada lua

enche. Em seu sonho, ela se tinha sobressaltado e se evadiu. Em sua vigília, fazia o mesmo.

A terceira vez que ele tinha começado a falar disso, Chloe tinha miserável sua cabeça para baixo e usado uma das táticas do mesmo Dageus: tinha-o silenciado com um beijo e lhe tinha feito esquecer não só o que estava a ponto de dizer, mas também em que século estava.

Não era próprio dele não poder enfrentar uma situação difícil, mas a contra gosto tinha cedido ante sua resistência e a tinha deixado evadi-lo no momento.

Não tinha dúvidas de que, eventualmente, ela perguntaria. Se algo caracterizava ao Chloe, era sua tenaz curiosidade. Dageus sabia que a tinha arrasado com uma grande quantidade de novidades em muito pouco tempo: a viagem pelo tempo, os druidas, as raças legendárias, as relíquias novas, as demandas de seus insaciáveis e luxuriosos apetites. E ela tinha resultado ser notavelmente elástica. Se necessitava um poquinho de tempo para começar a fazer perguntas outra vez, ele certamente não podia lhe negar essa pausa.

Assim, pelos passados dez dias, em lugar de preocupar-se, tinha enfocado a atenção na metade doce de agridoce, ajudado pelo otimismo risonho e o entusiasmo interminável de sua mulher. Com cada dia que passava, sentia-se ainda mais fascinado por ela. Já sabia que era inteligente, forte e que tinha um coração genuíno, mas eram as pequenas coisas a respeito dela as que verdadeiramente ele adorava. A maneira em que seus olhos se dilatavam e se enchiam de excitação cada vez que Silvan lia uma parte seleta de um dos textos; a forma em que tinha agüentado examinar O Pacto por meia hora, com as mãos encrespando-se de antecipação, mas recusando-se a tocá-lo porque não queria arriscar-se a arruinar o ouro suave com algo blasfemo como uma impressão digital. A forma em que ela perseguia a seus pequenos medeio-hermanos ao redor do grande hall nas tardes depois do jantar, fingindo que era uma “pequena bestezuela feroz”, até que eles gritavam de excitação e medo fingido. A forma em que o fazia brincadeiras a sua irascível p, paquerando com ele em uma forma atrativa, até que conseguia levar um rubor a suas bochechas enrugadas e um sorriso a seus lábios, desvanecendo uma parte da preocupação de seus sombrios olhos café.

orgulhava-se da mulher que era, e se sentia grosseiramente possessivo. alegrava-se ferozmente de ter sido quem despertasse à intimidade, que fora o único a quem ela tinha crédulo uma pequena parte de seu coração.

Sim, sabia que havia meio doido seu coração. Ela não era uma moça que pudesse esconder seus sentimentos, porque simplesmente não possuía essas defesas. Embora não havia dito as palavras, ele o podia ver em seus olhos, e senti-lo em suas carícias. Nenhuma mulher jamais o havia meio doido realmente na forma que ela o tocava. Às vezes, parecia que o tocava com algo próximo à reverência, como se estivesse tão impressionada como ele de engrenar-se tão perfeitamente, como dois pedaços entrelaçados de madeira e esculpidos da mesma árvore.

Ela não tinha idéia do que provocava nele vê-la vestida com as cores de seu clã, passeando-se através da casa de sua infância. O fazia sentir ao mesmo tempo um guerreiro completamente elementar e um amante, um homem de necessidades agudas e leis primitivas. Quão único poderia fazê-lo mais doce seria que ele, também, pudesse vestir as cores Keltar outra vez.

Mas essa era uma perda passível. Quando ele tinha esperado pouco de vida, lhe tinha dado tudo, incluindo um novo despertar à admiração e a esperança que tinha perdido tanto tempo atrás. Os campos cheios de urzes pareciam outra vez férteis e florescendo de vida. Em todos os lugares que olhava, via um pouco de beleza: em uma Marta averiguando a brisa, em uma águia real remontando-se no alto, com sua coroa leonada e majestosa, ou possivelmente simplesmente em um carvalho imponente junto ao que tinha passado cem vezes mas sem vê-lo verdadeiramente. O céu noturno flamejando de estrelas parecia outra vez cheio de segredos e milagres.

Chloe era uma espada feita de luz de sol que tinha irrompido através dos nubarrões nos que ele tinha vivido portanto tempo, iluminando seu mundo.

Ela se tinha precipitado totalmente e sem reservas à intimidade. Gostava de tocar, certamente, e parecia desejá-lo com ardor. Constantemente deslizava sua pequena mão na dele, ou as enterrando em seu cabelo, acariciando seu couro cabeludo com as unhas. Como um gato selvagem que tinha tido liberdade absoluta, mas sem saber de nenhum lugar ao que chamar casa, ele saboreava a perseverança gentil do contato familiar de suas mãos carinhosas.

Tinha tido a razão ao pensar que com ela o fazer o amor com ela tendria um resultado inesperado, algo que nunca havia experimentado antes. O sexo sempre o tinha acalmado e apaziguado, afrouxando seus músculos, relaxando sua tensão mental, mas agora, quando caía satisfeito, sustentando ao Chloe perto, seu coração estava também satisfeito.

Mas se seu presente era um céu vasto, ensolarado e azul, seu futuro estava cheio do balanço detestável de trovões que retumbavam.

E não se atrevia a esquecê-lo.

Arrancou seu olhar do Chloe e respirou fundo, desviando seus pensamentos a assuntos menos felizes.

Nos passados dez dias, embora Silvan e ele tinha descoberto uma riqueza de informação, esquecida por muito tempo, a respeito de seu clã na biblioteca da câmara, e tinha aprendido mais a respeito de seu propósito como druidas do que jamais tinham sabido, ainda não tinham encontrado uma menção dos Treze e só uma informação mas bem escassa quanto a seus benfeitores. Silvan esperava que pudessem encontrar nos antigos registros alguma forma de contatar aos Tuatha do Danaan, mas Dageus não compartilhava o otimismo de sua p quanto a isso. Não estava convencido de que a antiquíssima raça estivesse ainda ao redor. E se o estivessem, por que se incomodariam em aparecer-se ante um Keltar que tinha cansado em desonra quando não se incomodaram em aparecer-se ante qualquer outro Keltar? Não lhe surpreenderia saber que tivessem plantado suas armadilhas na ponte e se foram milhares de anos atrás, para nunca mais retornar.

A busca tomava muito tempo. No século vinte e um tinha havido escassez de informação, agora, no dezesesseis, havia um excesso, e repassá-la rapidamente era uma empresa titânica.

Isso não lhe teria vexado, mas recentemente tinha notado algo que o tinha feito precaver-se de que o tempo estava crítico: seus olhos foram já não alcançavam sua cor dourada, nem mesmo com seu constante fazer o amor. Não, seus olhos eram agora de cobre brunido, e escurecendo-se mais cada dia.

Embora não usava magia, embora tinha sexo incesantemente, embora os Antigos não lhe tivessem falado outra vez, a escuridão dentro dele o fazia trocar de todos os modos, da mesma maneira que o vinho indevidamente encharcava e permeava o barril que o continha.

Podia sentir aos Treze robustecendo-se, e ele mesmo familiarizando-se com eles. Tinham sido uma parte dele portanto tempo que começavam a sentir-se como outro apêndice, e por que não usaria uma mão adicional? Agora, em lugar de encontrar-se só umas poucas vezes ao dia a ponto de usar magia para um pouco tão simples como encher a banheira, apanhava-se a si mesmo em uma dúzia de ocasiões ou mais.

Ao menos ainda se refreava. Sabia que logo não o faria. E em um pouco mais de tempo, nem sequer lhe importaria. Essa magra linha se fazia progressivamente mais difícil de distinguir.

Esfregando-a mandíbula sem barbear, perguntou-se se podia conseguir cunhar algum tipo de trato com os Treze.

Fazer um trato com o diabo?, vaiou sua honra. Como qual? Poder usar seu corpo parte do tempo? O diabo faz armadilhas, idiota!

Sim, existia esse detalhe. Os seres que o habitavam não eram honoráveis, não podiam ser de confiança. O solo feito de que considerasse tratar de fazer um trato com eles provava quão crítico se tornou o tempo.

E provava quão desesperadamente devia encontrar a maneira de assegurar-se algum tipo de futuro com o Chloe.

Suspirando, voltou sua atenção ao texto. Agora mais que nunca, era imperativo que exercitasse uma disciplina extrema. Embora tivesse preferido mil vezes arrastar ao Chloe em seus braços, afastar a da biblioteca da câmara e lhe mostrar mais de seu mundo, viver só o momento, sabia que tinha que voltar para horário que tinha mantido em Manhattan: trabalhar de sol a sol, amar ao Chloe só de noite, e logo trabalhar outra vez enquanto ela dormia.

Procurava muito mais que umas poucas luas com sua companheira: estava resolvido a ter uma vida completa junto a ela.

Quando ela se levantou e silenciosamente saiu da câmara, manteve seu olhar imperturbavelmente fixa no tomo em seu regaço.

Chloe se passeou plácida através dos jardins, maravilhando-se de que uma semana e meia tivesse passado a toda velocidade. Tinham sido os dias mais maravilhosos de sua vida.

Seu tempo tinha estado dividido primordialmente entre fazer um reconhecimento dos conteúdos da biblioteca da câmara e explorar o prazer recém encontrado da paixão. O explosivo calor entre ela e Dageus era, evidentemente, o suficientemente evidente para que em várias ocasiões Silvan lhes tivesse ordenado deixar a biblioteca da câmara, lhes dizendo secamente “por que não vão caminhar um pouco ou... a fazer alguma outra atividade. O dois são como um par de caldeirões de chá, empanando meus tomos”.

A primeira vez que ele havia dito tal coisa, Chloe se tinha ruborizado furiosamente, mas então Dageus lhe tinha dirigido o que ela tinha começado a denominar como O Olhar, e velozmente tinha esquecido sua vergonha. Ele tinha uma forma de colocar em ângulo sua cabeça e contemplá-la, seu olhar escuro quente e intenso, que nunca falhava em debilitar seus joelhos de desejo, fazendo-a pensar em todas as coisas que ia fazer lhe.

Ao ser incapaz de ler um montão das coisas na câmara e ser insaciavelmente curiosa com respeito ao século dezesseis, enquanto os homens trabalhavam, ela se tinha partido freqüentemente. Tinha explorado o castelo por completo, sem deixar nenhuma parte sem explorar: a leiteria, as despensas, as cozinhas, a capela, a armeria, os garderobes (embora cuidadosamente asseados diariamente, poderia ter prescindido disso), inclusive a biblioteca da torre do Silvan, onde tinha estado agradecida de descobrir que podia traduzir uma certa quantidade dos trabalhos mais recentes. O homem maior tinha cópias de cada tratado filosófico, ético, matemático e cosmológico de significado histórico em suas prateleiras meticulosamente organizadas.

Também durante essas horas longe do Dageus, tinha chegado a conhecer o Nell e tinha encontrado a seus pequenos medeio-hermanos, Ian e Robert, uns preciosos gêmeos de cabelo escuro de dois anos e meio, como uns meninos de alegre caráter. Logo que podia olhá-los sem pensar nos belos bebês que Dageus faria.

E quanto gostaria de ser a mulher com quem ele os fizesse.

Um pequeno e delicioso tremor percorreu sua pele ao pensar em fazer uma família com ele, construir um futuro.

Durante os passados dez dias, tinha-o observado cuidadosamente e tinha concluído que definitivamente lhe importava. Ele a tratava na mesma forma que Drustan tinha tratado ao Gwen esse dia no castelo do Maggie, antecipando seus desejos: escapando da biblioteca da câmara para ir trazer lhe uma taça de chá ou um sanduíche; ou um tecido úmido para limpar o pó de suas bochechas; desaparecendo nos jardins e retornando com uma braçada de flores frescas, levando a à cama e cobrindo seu corpo nu com elas; banhando-a preguiçosa e meigamente nas tardes ante um fogo de turfa, ajudando-a a trançar o cabelo como Nell. Ela se sentia apreciada, mimada e, embora ele não o dissesse, amada.

precaveu-se, ao observá-lo e refletir em tudo o que sabia dele, que Dageus MacKeltar provavelmente nunca falaria de amor, a menos que alguém o fizesse em primeiro lugar. Gwen, essencialmente, o havia dito assim essa tarde nas pedras: Dageus não procura o amor de uma mulher porque nunca recebeu nenhuma razão para fazê-lo.

Bem, Chloe Zanders ia lhe dar uma razão. Essa mesma noite. depois de um jantar romântico em seu dormitório, para a qual já tinha cheio um montão de urnas com urzes recém cortados e dúzias de globos de azeite que tinha furtado de outros quartos no castelo.

Tinha arrumado a cena, embelezando-a com toques românticos, Nell tinha arrumado o menu, e tudo o que ela tinha que fazer era falar com seu coração.

E se ele não o diz a sua vez?, uma pequena e molesta dúvida fez o intento de emergir.

Ela a rechaçou firmemente. Não albergaria dúvidas nem medos. uns quantos dias atrás, acompanhadas com grandes taças de cacau nas cozinhas, Nell e ela tinham tido uma larga conversação na qual Nell abertamente tinha compartilhado sua experiência com o Silvan, e lhe tinha contado a respeito dos doze anos que tinham desperdiçado. Chloe não podia imaginar amar em silêncio portanto tempo.

Doze anos! Jesus, não ia ser capaz de esperar doze horas mais.

Quando Chloe tinha sido adolescente, sem saber nada sobre beijos, tinha praticado com um travesseiro, sentindo-se desproporcionalmente tola, mas, do que outra forma uma garota supostamente podia aprender? Tinha lido livros, e avidamente tinha observado filmes para ver como se encontravam os lábios e onde se localizavam os narizes, mas não era tão mesmo realmente fazer um intento de pressionar seus lábios contra algo. (Pessoalmente, albergava a firme convicção de que não existia uma pessoa viva em qualquer parte do mundo que não tivesse praticado a ação de beijar contra algo, um espelho, um travesseiro, o dorso de sua mão).

Dado que seu primeiro beijo tinha sido razoavelmente bem-sucedido, tinha decidido que praticar dizer “te amo” não era uma idéia completamente idiota.

Como não havia exatamente uma abundância de espelhos no castelo, quando deixou os jardins, passeou pelo grande hall e divisou um brilhante escudo pendurando na parede perto da chaminé, deixou-se vencer pelo impulso, arrastou uma cadeira para ele e saltou em cima, olhando fixamente seu reflexo.

Queria que o momento, essa noite, fora perfeito. Não queria gaguejar ou balbuciar.

—Amo-te— disse ao escudo brandamente.

Não tinha saído bem. Era algo bom que tivesse decidido praticar.

molhou-se os lábios e o tentou de novo.

—Amo-te— disse meigamente.

—Amo-te— disse firmemente.

—Amo-te— tentou com uma voz sexy. Refletindo um momento, decidiu que provavelmente fora melhor que simplesmente falasse com normalidade. Não soava bem falando roncamente.

Dizê-lo-se sentia bem, pensou, cravando os olhos em seu reflexo. Tinha estado mantendo essas palavras tão hermeticamente sujeitas em seu interior que tinha começado a sentir-se como uma panela de pressão a ponto de expulsar sua tampa. Nunca tinha podido reprimir seus sentimentos. Não era parte de sua personalidade, mais do que o sexo casual o era.

Sorriu radiantemente no escudo, fingindo que era Dageus. As três singelas palavras singelas simplesmente não pareciam expressá-lo-o suficientemente bem. O amor era maior que as palavras.

—Amo-te, amo-te, amo-te. Quero-te mais que ao chocolate. Quero-te mais do que o mundo inteiro é grande—. Fez uma pausa, pensando, procurando uma forma de explicar o que sentia—. Te quero mais que às antiguidades. Amo-te tanto que faz que os dedos de meus pés se encrespem simplesmente de pensá-lo.

Apartando o cabelo da face, assumiu sua expressão mais sincera.

—Amo-te.

—Pode ter o maldito escudo se o amar tanto, moça— disse Dageus, soando completamente desconcertado. Chloe sentiu que tudo o sangue abandonava sua face.

Tragou saliva. Várias vezes. OH, Meu deus, pensou de maneira lúgubre, era humanamente possível sentir-se mais estúpida?

Ela trocou de posição torpemente na cadeira, limpou sua garganta e ficou com o olhar fixo no piso, pensando freneticamente, tratando de pensar em alguma desculpa para o que tinha estado fazendo. Lhe dando rigidamente as costas, começou a balbuciar.

—Não era... né... ao escudo, sabe? Realmente não lhe falava com escudo, simplesmente não podia encontrar um espelho e isto é só um pequeno exercício de reforço positivo que faço algumas vezes. Li em um livro, em alguma parte, que fomentava a confiança em si mesmo e... né, engendrava um sentido geral de bem-estar, e isso realmente sorte feito, deveria prová-lo em alguma ocasião— disse com ligeireza.

precaveu-se de que falava com as mãos, fazendo gestos um pouco grosseiramente, assim que as agarrou firmemente detrás das costas.

Ele guardou silêncio atrás dela, enfatizando-o mais, e ela começou a balbuciar outra vez.

—O que quero dizer é que realmente não quero o escudo. Digo, acredito que me deste mais que suficientes antiguidades já, e não poderia pedir nada mais, assim se simplesmente te parte agora, reatarei meus exercícios. É importante que alguém os faça sozinho.

Mais silêncio.

Que demônios estava pensando ele? ia estalar de risada? Estava sorrindo? Ela olhou com atenção o escudo, mas desde seu ângulo sobre a cadeira, ele estava vários pés mais abaixo e não podia vê-lo.

—Dageus?— disse com precaução, recusando-se a dar a volta. Se o olhava, poderia ficar a chorar. Tinha querido tanto que o momento essa noite fora tenro e romântico, e condenado fora tudo, agora se o dizia a ele essa noite, saberia que tinha estado praticando e pensaria que era uma absoluta idiota!

—Sim, moça?— disse ele finalmente, com lentidão.

—por que não vai?— perguntou Chloe tensamente.

Uma pausa larga, logo um cuidadoso:

—Com perdão, moça, eu gostaria de observar.

Ela fechou os olhos. Estava burlando-se dela?

—Absolutamente não.

—Com todas as coisas que temos feito juntos, há algo que não me deixaria observar? Parece-me que é um pouco tarde para sentir-se coibida ante mim— disse ele. A moça não podia decidir se percebia um indício de diversão preguiçosa em sua voz.

—Már-cha-te— vaiou Chloe.

Ele não o fez. Podia sentir o de pé ali, seu olhar como uma pressão intensa no dorso de seu crânio.

—Pequena Chloe— disse ele então brandamente. Meigamente—. te Volte, doçura.

Ele sabia, pensou a jovem, absolutamente mortificada. Ninguém se deixaria convencer por essa desculpa patética que tinha inventado.

Mas esse não era o momento que tinha escolhido. Tinha tido tudo completamente planejado e ele o tinha arruinado!

—Chloe— ele repetiu brandamente.

—OH!— Algo nela repentinamente estalou, e girou para confrontá-lo. Deixando cair pesadamente seus punhos em sua cintura, gritou-lhe—: Te amo! De acordo? Mas não quis dizer o desse modo, queria dizê-lo bem e você o arruinou.

Olhando com o cenho franzido, saltou da cadeira e saiu correndo do grande hall.

Capítulo 22

Dageus ficou imóvel no grande hall.

Esse tinha sido, singularmente, o momento mais inesquecível de sua vida.

Quando fosse da idade de sua p —em caso de que tivesse o luxo de viver tanto como ele—, não tinha dúvida de que ainda evocaria a visão do Chloe encarapitada nessa cadeira ante o escudo, praticando como lhe dizer que o amava, perfeitamente.

Ao princípio, quando tinha ido escada acima para procurar Candelas novas para levar a biblioteca da câmara, e tinha entrado no grande hall, o que ela tinha estado fazendo não tinha tido sentido. Genuinamente tinha pensado que a jovem lhe tinha estado falando com a antigüidade.

Tinha tentado brincar um pouco, e só então tinha percebido a tensão e o sofrimento que emanavam dela. Chloe tinha começado a balbuciar, o qual era sempre um sintoma delator de que estava alterada. Quando lhe tinha dado sua arenga absurda sobre o reforço positivo ou algo igual de ilógico, deu-se conta do que realmente tinha estado fazendo.

Praticando como lhe dizer que o amava.

Que completamente adorável era.

Ela o amava. Havia-o dito. É obvio que o havia dito gritando, mas um homem podia confrontar isso quando uma mulher o queria mais do que o mundo inteiro era grande.

Riu gozosamente, deu meia volta sobre seus talões, e se foi depressa para apanhá-la. E lhe contar que, já que ele era maior, estava honestamente seguro de que ele a amava mais.

Mas não resultou sair desse modo, pois não a apanhou até que ela esteve quase dentro do dormitório.

E quando a apanhou, agarrando a saia ondulante de seu vestido, atirou mais duro do que tinha tido a intenção de fazê-lo e o magro e sedoso tecido se rasgou, abrindo-se da parte alta das costas. E ela não tinha posto nada baixo ele, só essas deliciosas pernas bem torneadas e as curvas redondas de seu formoso traseiro. O tecido se rasgou limpamente da nuca da moça e seus pensamentos se voltaram instantaneamente primitivos e selvagens.

Ela o olhou por cima do ombro, consternada, e embora ele suspeitava que deveria lhe assegurar que não tinha tido a intenção de fazer isso, parecia não poder pronunciar uma só palavra. A declaração de amor do Chloe, unida a toda essa pele rosada nua havia o tornado estúpido.

Grunhindo do fundo de sua garganta, ele a levantou em seus braços e plantou sua boca firmemente sobre a dela.

Ela permaneceu tensa ao princípio, mas em uns poucos momentos estava beijando-o também apaixonadamente.

—Não tinha que rasgar meu vestido— disse ela lastimeramente quando a deixou respirar—. Eu gostava de muito. Nellie trabalhou nele durante dias.

—Sinto muito, pequena— disse ele sombriamente—. Foi um acidente. Algumas vezes esquecimento minha própria força. Tinha a intenção de ser cortês, mas não saiu desse modo. Perdoa-me?

Ela suspirou, mas assentiu com a cabeça e o beijou outra vez, fechando seus braços detrás de seu pescoço enquanto ele a levava para a porta de seu dormitório.

—Tem, sem dúvida, Chloe, o mais precioso traseiro que vi em minha vida— ronronou ele, trocando a de posição em seus braços para estender sua palma grande sobre suas curvas as gema.

—OH!—. Ela se retorceu em seus braços—. Te digo que te amo e isso é o que me diz você?

Ele a silenciou com outro beijo, e abriu de uma patada a porta do dormitório.

—E te amaria embora não o tivesse— disse brandamente.

Ela se derreteu em seus braços.

—E acredito que ninguém jamais foi informado que era amado em um estilo tão memorável, e sempre entesourarei a

lembrança.

Ela sorriu beatificamente.

—Seriamente? Não pensa que sou a pessoa mais ridícula do mundo?

Ele a lançou sobre a cama e deslizou um dirk de sua bota.

—Acredito— disse sedosamente, enquanto agarrava o sutiã do vestido arruinado com uma mão e o cortava do decote, convertendo o traje em duas pulcras metades—, que é perfeita tal como é e que não trocaria nada de ti.

Lançou o vestido quebrado fora da cama e se devorou a camisa sobre a cabeça.

Ela o observou com olhos enormes, logo riu.

—Nell vai perguntar se o que realmente aconteceu a meu vestido.

—Estou seguro de que Nellie nunca o perguntará— disse ele com voz rouca, enquanto estirava seu corpo em cima do dela—. Vi um traje ou dois seus convertidos em um montão de farrapos.

—De verdade?—. Chloe piscou, considerando cuidadosamente ao Silvan em uma luz nova. Era um homem de aparência agradável, e de seus gens tinham provindo Dageus e Drustan. detrás de sua face estudiosa, precaveu-se repentinamente, Silvan MacKeltar provavelmente encobria um montão de coisas.

—Sim. Realmente.

—Leva posta muita roupa— se queixou Chloe jadeantemente uns poucos momentos mais tarde.

Lhe ofereceu sua adaga para as cortar, mas ela dirigiu um olhar ao cômodo couro de seus trews e decidiu não havia maneira em que pusesse uma cuchilla afiada perto do que sabia que estava dentro deles.

Assim tomou emprestado outro dos deliciosos métodos do Dageus e o despiu principalmente com a boca.

Chloe estava delirantemente contente. Acurrucando seu traseiro contra a parte dianteira do Dageus, com seus braços firmes envoltos ao redor dela, estava felizmente saciada.

Ele a amava. Não só o havia dito, mas também o tinha demonstrado com seu corpo. Estava ali, na maneira em que acariciava sua bochecha ou lhe apartava os cachos dos olhos, em seus beijos largos e lentos, no modo em que a sujeitava depois.

Com isso resolvido, estava impaciente por jogar ao esquecimento todas suas preocupações. Com um amor semelhante entre eles, sabia que poderiam confrontar algo juntos.

retorceu-se em seu abraço para encará-lo. Lhe sorriu, um desses sorrisos preguiçosos e candentes que lhe obsequiava tão raramente, e a beijou.

Suspirando de prazer, e antes de que ele pudesse distrai-la outra vez, Chloe atirou de sua cabeça para trás, rompendo o beijo.

—Dageus, estou lista para saber do malefício agora. me diga o que é, e me diga o que está procurando.

Ele a beijou outra vez perezosamente, sugando seu lábio inferior.

—Por favor— persistiu a moça—. Preciso saber.

Ele sorriu fracamente, logo suspirou.

—Sabia. Lhe quis dizer isso antes, mas parecia que necessitava um pouco mais de tempo.

—E era verdade. Ocorreram tantas coisas tão rapidamente, que sentia como se precisasse retomar meu fôlego ou algo pelo estilo. Mas estou lista agora— lhe assegurou.

Ele cravou os olhos nela um comprido instante, e seus olhos se estreitaram.

—Pequena— disse brandamente—, se tratasse de me deixar, temo que não lhe permitiria isso. Temo que faria o que for que tivesse que fazer, não importa quão cruel, para te conservar.

—Considero-me advertida— disse ela insolentemente—. Confia em mim, não vou a nenhum lado. Agora me diga isso

Ele sustentou seu olhar um pouco mais, avaliando-a silenciosamente. Logo, capturando suas mãos nas suas, entrelaçou seus dedos e começou.

—Então me deixe expressá-lo claramente— disse uma Chloe de olhos muito abertos um tempo depois—: usou as pedras para voltar para trás no tempo e OH! Isso é o que essa cita no Midhe Codex queria dizer ao referir-se ao homem que utiliza a ponte que burla morte! A ponte é o Ban Drochaid, “a ponte branca”, porque pode retornar no tempo e desfazer a morte de uma pessoa. Essa entrevista se tratava de ti.

—Sim, pequena.

—Assim salvou a vida do Drustan, mas porque violou um voto sagrado que tinha jurado aos Tuatha do Danaan, terminou liberando um mal antigo?

Ele assentiu com a cabeça cautelosamente.

—Pois bem, onde está esse mal antigo?— perguntou ela, desconcertada—. Está perseguindo-o através dos séculos ou algo pelo estilo?

Ele fez um som de diversão seca e escura.

—Um pouco parecido— resmungou.

—Bem?— aguilhoou-o a jovem.

—Mas bem, isto me persegue—disse Dageus quase inaudivelmente.

—Não entendo— pressionou Chloe, piscando.

—por que não o deixa por agora, Chloe? Sabe o suficiente para nos ajudar a procurar. Se, ao ler encontra algo a respeito

dos Tuatha do Danaan ou os Draghar, diz-me isso ou ao Silvan.

—Onde está esse mal antigo, Dageus?— repetiu ela uniformemente.

Quando ele tratou de volvear a face, ela a cavou entre suas mãos e se recusou a deixá-lo apartar o olhar.

—diga-me isso Prometeu dizê-lo tudo. Agora, pode me dizer onde está a maldita coisa e o que é mais importante, como a destruimos?

O olhar escuro perfurou a dela. Ele se molhou os lábios e disse brandamente:

—Está dentro de mim.

Capítulo 23

Chloe voltou delicadamente uma página grossa de vitela do tomo que repousava em seu regaço, embora realmente não a lia, muito ensimismada.

Está dentro de mim, havia dito ele, e tantas coisas finalmente começaram a ter sentido para ela. Peças e fragmentos se deslizaram pulcramente em seu lugar, lhe dando sua primeiro visão real do homem completo.

Ele o tinha contado toda aquela noite, vários dias atrás, enquanto jaziam na cama, cara a cara, os dedos entrelaçados: a respeito do Drustan e Gwen (não era estranho que Gwen tivesse estado tratando de lhe dar confiança!), e como tinha sido encantado Drustan e posto na torre. Havia-lhe dito como se inundou a si mesmo em trabalhar na futura casa do Drustan (e agora compreendia por que ele tinha divulgado tão orgulhoso do castelo), e sobre o fogo no qual Drustan tinha morrido. Disse-lhe das noites que tinha guerreado consigo mesmo, e logo atravessado as pedras e quebrado seu juramento. Contou-lhe que verdadeiramente não tinha acreditado nas antigas lendas até que o antigo mal tinha descendido sobre ele entre dimensões, e tinha sido muito tarde.

Contou-lhe o que o uso de magia o fazia, e como fazer o amor o ajudava. Como tinha passado através das pedras para o futuro, para assegurar-se de que Drustan certamente se reuniu com o Gwen, precisando saber que seu sacrifício não tinha sido em vão. E como se ficou ali, incapaz de confrontar a seu clã sendo escuro, esperando ao mesmo tempo encontrar, por seus próprios meios, a maneira de salvar-se.

Disse-lhe que não tinha vestido o plaid dos Keltar após, mas não tinha mencionado o retalho que ela tinha encontrado sob seu travesseiro, assim Chloe tampouco havia o trazido para colação. Sabia o que ele queria dizer. Podia imaginá-lo jazendo sozinho em sua cama, no museu que era seu penthouse, em um mundo que devia lhe parecer tão estranho, cravando os olhos nessa parte de plaid. Esse pedaço gasto de tecido tinha simbolizado todas suas esperanças.

E ela tinha pensado que era um mulherengo ocioso quando o tinha conhecido, a esse homem que era tão mais que isso!

Agora entendia a sensação que tinha tido em várias ocasiões, a de uma presença antiga, maligna: sempre tinha sido quando Dageus acabava de usar magia. Entendia como tinha transgredido os impenetráveis sistemas de segurança: com um poquinho de ajuda sobrenatural. Entendia a natureza quixotesca de seus olhos: obscureciam-se à medida que ele mesmo se fazia mais escuro, e sentiu uma avaliação inteiramente nova por sua disciplina e autocontrol. Suspeitava que só tinha vislumbrado a ponta do iceberg, e não poderia começar sequer a compreender a batalha que ele empreendia cada momento de vigília.

Embora o homem se condenava a si mesmo por levar um mal semelhante dentro de si, por havê-lo liberado para começar, Chloe realmente não podia ver o desse modo.

Dageus fazia o que tinha feito por amor a seu irmão. Poderia burlar ele à morte por isso? Pode que não. Isso parecia transgredir a ordem natural das coisas; mas, ainda assim, se o poder de fazê-lo existisse, bem... não era então isso parte da ordem natural das coisas? Era um assunto eticamente explosivo, não pelo ato mesmo mas sim pelo potencial de que um homem pudesse abusar de tal poder, para fazer armadilhas a cada passo.

Apesar de tudo, Dageus não tinha feito armadilha outra vez. Desde que tinha quebrado seu juramento, converteu-se no depositário do poder absoluto, e nem sequer uma vez tinha abusado disso. Em seu lugar, tinha dedicado cada momento de sua existência a tratar de encontrar uma forma de desfazer-se desse poder.

Qual tinha sido seu trasgresión real? Amar tanto que o tinha arriscado tudo. E o Céu a ajudasse, ela o amava ainda mais por isso.

Certamente sua intenção teria justificado sua ação até certo ponto, verdade? Inclusive nas cortes de justiça dos mortais, o castigo a um delito tinha graus que dependiam das intenções.

—Não é como se tivesse pedido esse poder— disse irritada.

Silvan e Dageus levantaram o olhar de seus textos. Desde que Dageus o tinha confessado tudo fazia duas noites, tinham passado quase cada minuto de vigília na câmara poeirenta, decididos a encontrar respostas.

—Bom, não o fez— persistiu a moça, enfurecida. Tinha jogado raios em silencio durante dias, e como qualquer outra emoção que sentia, só podia calá-la por um tempo.

—Verdadeiramente, minha querida, não acredito que nenhum homem deva possuir o poder das pedras— disse Silvan brandamente—. Não posso te dizer quantas vezes quis as tombar, destruir as tabuletas e as fórmulas.

—Faz-o— disse Dageus intensamente—. depois de que nos tenhamos ido outra vez, faz-o, p.

—Seria um ato de desafio para eles, sabe— apontou Silvan—. E o que aconteceria se o mundo...

—O mundo deveria ter o direito de prosperar ou destruir-se por si mesmo— disse Dageus quedamente.

—Estou de acordo com o Dageus— disse Chloe, alcançando sua taça de chá—. Não acredito que o homem devesse ter um poder que não seja capaz de entender e descobrir por si mesmo. Não posso evitar pensar que quando formos o

suficientemente desenvolvidos para compreender como manipular o tempo, seremos também o suficientemente sábios como para não fazê-lo. Além disso, quem pode dizer que qualquer das vezes que as pedras foram usadas, o resultado foi melhor?

Dageus lhe tinha explicado as singulares condições nas quais era permitido usar as pedras: se estivesse sua linhagem em perigo de extinção, ou o mundo estivesse em grande perigo. Tinha-lhe relatado as poucas ocasiões em que tinham aberto uma ponte através do tempo: uma vez para proteger sagrados e poderosos objetos pertencentes aos Templários, para arrebatá-los rapidamente do rei faminto de poder que tinha destruído sua Ordem. Apesar de tudo, quem poderia dizer que, deixando aos homens liberados a seus próprios meios, não teriam encontrado outra forma que tivesse servido igualmente?

Dageus encontrou seus olhos e compartilharam um olhar profundamente íntimo. Havia tanto calor em seus olhos que ela o sentiu como uma carícia sensual contra sua pele. Não imagino como pode acabar isto, Chloe, havia-lhe dito essa noite.

Quando acabar, ela tinha respondido firmemente, acabará comigo a seu lado e nós lhe teremos liberado.

Amo-te, pronunciou ele sem palavras através da câmara.

Chloe sorriu radiantemente. Ela sabia. Sabia mais completamente do que em toda a vida tivesse pensado que uma mulher poderia sabê-lo. Desde que tinha descoberto o que seu “malefício” era realmente, não tinha vacilado em seus sentimentos para ele, nem sequer por um momento. O que estava dentro dele não era ele, e se recusava a acreditar que alguma vez o seria. Um homem que podia resistir algo assim portanto tempo era um homem que bom até o mais profundo de seu coração. Amo-te também, vocalizou ela silenciosamente.

Depois permaneceram silenciosos outra vez, retornando a seu trabalho com calada urgência. Embora Dageus não tinha admitido que sua condição piorava, Silvan e ela tinham notado que seus olhos já não retornavam a sua cor natural. Tinham-no discutido mais cedo, quando Dageus tinha saído silenciosamente para levar ao Chloe um pouco de chá, e sabia o que queria dizer.

Tomaram um breve recesso quando Nell lhes levou o almoço à câmara. Pouco depois de que Nell tivesse tirado os pratos, Dageus se endireitou abruptamente em sua cadeira.

—Och, isto esteve aqui todo o condenado tempo!

O coração do Chloe começou a golpear.

—O que? O que encontrou?

—Sim, fala, moço, o que é?— pressionou Silvan.

Dageus esquadrinhou a página por um momento, traduzindo silenciosamente.

—trata-se dos Tuatha do Danaan. Diz o que aconteceu quando os Treze foram... — calou completamente, lendo para si mesmo.

—Lê em voz alta— grunhiu Silvan.

Dageus levantou seu olhar do quinto Livro do Manannan.

—Sim, mas me dê um momento.

Chloe e Silvan esperaram contendo o fôlego.

Dageus examinou a página e voltou a seguinte.

—Bem— disse finalmente—. O escriba relata que nos inícios dos dias da Irlanda, os Tuatha do Danaan vieram à ilha “descendendo em uma névoa tão espessa que obscureceu o amanhecer de três sóis”. Estavam poseídos de muitos e grandes poderes. Não eram uma tribo de homens, embora tinham uma forma similar. Altos, magro, fascinantes ao contemplá-los —o escriba os descreve como “luminosos com um brilho celestial”—, eram graciosos e belos, e afirmavam procurar só um lugar onde viver em paz. O gênero humano os proclamou deuses e tratou de adorá-los como tais, mas os governantes dos Tuatha do Danaan proibiram tal prática. estabeleceram-se entre os homens, compartilhando seu conhecimento e sua arte, e então surgiu uma idade dourada diferente de qualquer acontecida antes. O saber obteve novas alturas, a linguagem se converteu em algo capitalista e belo, a canção e a poesia desenvolveram o poder para sanar.

—É similar a muitos mitos— comentou Chloe quando ele fez uma pausa.

—Sim—. Dageus esteve de acordo—. Como ambas as raças pareciam prosperar com a união, com o tempo, os Tuatha do Danaan selecionaram e treinaram aos mortais como Druidas: como legisladores, guardiães da tradição, bardos, videntes e conselheiros dos reis mortais. Dotaram a esses druidas com conhecimento das estrelas e do universo, das leis e matemática sagradas que governavam a natureza, e inclusive iniciando-os em certos mistérios do tempo mesmo. Mas à medida que o tempo passava, e os Druidas observavam a seus companheiros de outro mundo que nunca adoeciam ou envelheciam, a inveja jogou raízes dentro de seus corações mortais. infectou-se e cresceu, até que um dia Treze dos Druidas mais capitalistas apresentaram uma lista de demandas aos Tuatha do Danaan, incluindo entre elas o segredo de sua longevidade. Foram informados que o homem não estava ainda em condições de possuir algo assim.

Esfregando-a mandíbula, Dageus caiu em um novo silêncio, traduzindo para si mesmo. Quando Chloe se sentiu a ponto de gritar, ele começou de novo.

—Os Tuatha do Danaan decidiram que não podiam permanecer muito mais tempo entre o gênero humano. Essa mesma noite, desapareceram. Aqui se conta que por três dias, depois de que emigrassem, o sol foi eclipsado por nuvens escuras, os oceanos ficaram imóveis nas costas, e todas as frutas na Terra se murcharam em seus ramos. Em sua fúria, os Treze druidas recorreram aos ensinamentos de um deus antigo e proibido, “um cujo nome é melhor esquecer, e portanto que não se nomeará aqui”. O deus a quem os druidas suplicaram era um deus primitivo, engendrado nas mais primitivas névoas da Gaea. Auxiliados por esses poderes escuros, armados com o conhecimento que os Tuatha do Danaan lhes tinham dado, os druidas tentaram seguir aos imortais, capturar sua tradição e monopolizar o segredo da vida eterna.

—Assim realmente foram... né, são, imortais?— sussurrou Chloe.

—Segundo isto pareceria que sim, moça— disse Dageus. Examinou rapidamente o texto outra vez—. me Dê um momento, não há palavras para traduzir uma certa quantidade destes vocábulos—. Outra pausa larga—. Acredito que esta é a essência: o que os Treze não sabiam é que os reino —não posso pensar em uma melhor palavra— dentro dos reino, são impenetráveis pela força. Uma viagem para ali é um processo delicado de... né, peneirar ou crivar o tempo e o lugar. Em seu intento de forçar ou violentar um caminho entre os reino, os Treze druidas quase os destruíram todos. Os Tuatha do Danaan, sentindo o desassossego no... “tecido” do mundo, retornaram para evitar a catástrofe. A fúria dos Tuatha do Danaan foi imensa. Dispersaram a seus uma vez amigos e agora amargos inimigos, aos limites mais longínquos da Terra. Castigaram aos malignos, os druidas que tinham escolhido a avareza sobre a honra, que tinha amado o poder mais do que tinham apreciado a integridade da vida, mas não matando-os, a não ser encerrando-os em um lugar entre reino, lhes dando a imortalidade que tinham desejado. Uma eternidade em um nada, sem forma, sem pausa.

—Pelo Amergin, não seria isso o inferno?— ofegou Silvan.

Chloe assentiu com olhos enormes.

Dageus fez um ruído sufocado.

—Och, então isso são os Draghar!

—O que?— disseram ao uníssono Chloe e Silvan.

Ele franziu o cenho.

—O escriba narra que inclusive antes do desacordo com os Tuatha do Danaan, os Treze druidas tinham forjado uma seita separada e secreta dentro dos números maiores de seus irmãos, com seu próprio talismã e nome. Seu símbolo era uma serpente alada, e se chamavam a si mesmos os Draghar.

Foi Chloe então quem emitiu um som estrangulado.

—Uma serpente da-alada?

Dageus a olhou.

—Sim. Isso significa algo para ti, moça?— perguntou velozmente.

—Dageus, esse o homem que me atacou em seu penthouse, não viu sua tatuagem?

Ele negou com a cabeça.

—Vi-o, mas não pude fazê-lo bem. Nem sequer soube o que era.

—Era uma serpente alada! Vi-a de perto quando ele estava sobre mim na cozinha.

—Condenados infernos— explorou Dageus—. Começa a ter sentido— se levantou tão abruptamente que o Livro do Manannan caiu ao piso—. Mas...— se deteve completamente—. Como pode ser?— resmungou, parecendo desconcertado.

Chloe estava a ponto perguntar que coisa tinha sentido e como podia ser que coisa, quando Silvan se levantou e recuperou o tomo cansado. Enquanto Dageus caminhava com passos largos e lentos, resmungando em voz baixa, Silvan continuou lendo onde Dageus tinha deixado de fazê-lo.

—Aqui diz que algum tempo depois de que os druidas fossem pulverizados, e os Treze encerrados em sua prisão, uma pequena comunidade daqueles que tinham sobrevivido se reagruparam em um esforço para resgatar sua tradição perdida. Och, ouçam isto: uma Ordem surgiu, fundada na predição de um vidente que afirmou que os Draghar um dia, no futuro, liberariam-se e obteriam os poderes que os Tuatha do Danaan tinham retido deles. Aparentemente este vaticinador escreveu uma profecia detalhada, descrevendo as condições sob as quais os Antigos retornariam, e se formou a seita druida dos Draghar, para velar e aguardar tais acontecimentos, que significariam a fructificação da profecia— ele deixou de falar abruptamente, leu alguns momentos em silêncio, e logo voltou a página. Então examinou os poucos feixes restantes—. Isso é tudo. É que tudo o que foi escrito a respeito disso— amaldiçoou, examinando e reconsiderando rapidamente as subseqüentes páginas. Logo fechou de repente o tomo e o colocou a um lado.

A mente do Chloe girava rapidamente enquanto observava passear ao Dageus. Silvan e ela intercambiaram olhadas inquietas.

Finalmente Dageus deixou de caminhar e olhou a seu pai.

—Pois bem, isso o conclui. Chloe e eu devemos retornar a seu século.

—Não te apresse, moço— protestou Silvan—. Precisamos refletir sobre isto...

—Não, p— disse ele, seus rasgos tensos, seu olhar escuro—. Isto faz evidente que o homem que atacou ao Chloe formava parte desta seita Draghar. Sua profecia deveu havê-lo guiado até mim. Por isso acabamos de ler, é óbvio que não têm o poder das pedras, assim não podem atravessar o tempo para me buscar. Não sei como encontrar a seita neste século, mas no dela, sabem onde estou eu.

—Quer que eles lhe encontrem?— exclamou Silvan—. por que?

—Quem mais poderia possuir informação mais detalhada sobre estes seres que me habitam, que a Ordem druida que conservou sua Profecia todos estes milênios?—. Dageus dirigiu um olhar intenso no conteúdo da câmara—. Poderíamos desperdiçar muitas luas procurando aqui em vão, e eu... bem, digamos simplesmente que tenho o pressentimento de que meu tempo se esgota rapidamente.

Chloe tomou um fôlego profundo e fortalecedor.

—Acredito que ele está no correto, Silvan— disse—. Os Keltar têm toda esta tradição sobre os Keltar, assim é lógico assumir que os Draghar tem uma coleção igualmente grande de trabalhos a respeito dos Draghar. Além disso, você pode continuar procurando aqui, e pode acontecê-lo ao futuro, se encontrar algo. Se entender este assunto de viajar pelo tempo corretamente, algo que nos encontre estaria esperando quando retornarmos.

—Eu não gosto disto— disse Silvan rigidamente.

—P, até se não tivéssemos descoberto esta informação hoje, não teria podido ficar muito mais tempo e você sabe. Em caso de que não o tenha advertido, meus olhos...

—Advertimo-lo— disseram Chloe e Silvan ao mesmo tempo.

—Então— disse Dageus firmemente—, sabe que estou no correto. De todas maneiras, devo retornar ao Chloe a seu tempo antes de que seja muito arriscado para mim usar a magia para reabrir a ponte branca. Devemos retornar, e melhor o fazemos sem demora.

Passaram sua última noite no século dezesseis em um jantar pausado no grande hall, logo passaram o resto do crepúsculo na terraço. Chloe estava sentada sobre as pedras pavimentadas com o Silvan e Nell e observava ao Dageus jogando com seus pequenos medeio-hermanos, perseguindo-os ao redor da grama sob o avermelhado pôr-do-sol.

Era difícil acreditar que foram retornar outra vez, pensou Chloe, saboreando o suave ulular dos mochos e o zumbido dos grilos. Tinha sentido saudades esses sons tranquilos desde que tinha deixado Kansas, e tinha desfrutado profundamente ficar dormida cada noite com essa doce música nos braços fortes de seu Highlander. Lhe ocorreu que embora tinha estado em durante passado semanas, logo que tinha podido ver muito dele, além do castelo e uma câmara poeirenta. Tinha desejado muito retornar ao povo do Balanoch e explorá-lo mais, e se tivesse tido tempo de sobra, teria implorado ir ao Edimburgo para realmente obter um bom olhar da vida medieval. Especialmente lamentava ter que deixar ao Silvan e Nell, sabendo que nunca os veria outra vez, exceto nos retratos das paredes do castelo do Maggie.

Mas ela entendia a insistência do Dageus de voltar imediatamente, e sabia que, inclusive se ele estivesse disposto a ficar, ela não teria podido desfrutá-lo. Até que não encontrassem o que necessitavam para salvá-lo, duvidava que pudesse desfrutar de algo.

—Cuidará dele, verdade?— disse Nell brandamente.

Chloe apartou o olhar para encontrar que Silvan e ela a observavam fixamente.

Ela sorriu.

—Amo-o. Estarei a seu lado a cada passado do caminho— jurou firmemente—. Não tem que preocupar-se de nada, Silvan— disse incluindo um deixo azulado, esperando aliviar sua expressão sombria—. Cuidarei de seu filho. Prometo—. Seu olhar foi retorno ao Dageus. Ele carregava ao Robert e perseguia o Ian, e ambos gritavam agudamente em meio de risadas felizes. Seu cabelo escuro estava solto, e sua formosa face cinzelada resplandecia de amor.

—me criem— adicionou ela fervientemente—, se tiver algo que dizer a respeito, estarei pondo a meus próprios bebês nos braços desse homem.

Nell riu com grande deleite.

—É uma fina e boa moça— assentiu com aprovação. Silvan concordou de todo coração.

Capítulo 24

Dageus terminou de gravar desde a segunda até a última das fórmulas necessárias para abrir a ponte branca. Embora tinham acontecido semanas no século dezesseis, retornariam no século vinte e um uns meros três dias depois de que se foram. Gravaria a complicada série final de símbolos quando estivessem preparados para partir.

Fora do círculo de megalitos de altura imponente, sua p e Nell estavam parados com seus hermanitos nos braços. Ele já havia dito seus adioses. Agora Chloe os estava abraçando e beijando, e seus olhos e os do Nell estavam sospechosamente brilhantes. Que facilmente, maravilhou-se, as mulheres enfrentavam esses canhões de pena que os homens acostumavam tratar de ignorar com a esperança de evadi-los. perguntou-se se as mulheres eram, de alguma forma intangível, mais fortes que eles.

Enquanto Silvan e Nell davam ao Chloe mensagens para o Drustan e Gwen, Dageus considerou cuidadosamente o que tinha descoberto a última noite, depois de que Chloe se ficou dormida. Nas horas prévias ao amanhecer, deslizou-se de retorno à biblioteca da câmara. Não era tolo; sabia que seu sagaz pai tinha deixado de falar muito abruptamente ao ler a passagem final do quinto Livro do Manannan.

E certamente, ali tinha estado. Um fragmento crucial de informação que Silvan tinha optado manter para si mesmo. Dageus não precisava lhe perguntar para entender por que tinha omitido as contundentes palavras. Silvan sustentava a opinião de que uma profecia não era mais que a predição de um futuro “possível”. Entretanto, Dageus sabia (e a experiência do Drustan com a vidente Besseta não o tinha provado?), que o futuro predito era o futuro mais provável, o que significava que ia ser extremamente difícil de evitar.

Inscrito no quinto Livro do Manannan, em uma letra enviesada com maiúsculas iluminadas, tinha estado seu futuro mais provável:

Os Treze se farão um, e o mundo descenderá na época de escuridão mais brutal que o gênero humano jamais conheceu. Inexprimíveis atrocidades serão cometidas em nome dos Draghar. A civilização cairá e os males antigos se elevarão, enquanto os Draghar se dedicam a sua busca incessante de vingança.

Ele nunca permitiria que um futuro assim se fizesse realidade. O amor do Chloe o tinha fortalecido e a esperança ardia como um farol em seu coração. Embora a escuridão seguia crescendo nele, sua decisão e determinação nunca tinham sido mais fortes.

Ele a percorreu com o olhar, bebendo sua imagem. Com motivo de sua volta, tinham vestido as roupas que tinham levado postas no século vinte e um, e ela luzia seus magros trews azuis e suéter cremoso, os cachos desgrehados caindo sobre suas costas. O desejo se precipitou em suas veias. Logo estaria amando-a, e cada minuto em meio dessas vezes era um minuto

muito comprido.

Lhe tinha advertido como o afetava abrir a ponte.

—Não serei realmente eu mesmo, Chloe. Recorda como estava quando o atravessamos a primeira vez?

—Sei— havia dito ela firmemente—. Sei o que necessitará.

Ele tinha apertado seus dentes.

—Posso ser... rude, amor.

—Sou mais forte do que pensa—. Uma pausa, logo essas palavras que ele nunca se cansaria de ouvir—: Te amo, Dageus.

Nada trocará isso.

Ela era tão pequenita, e apesar de tudo tão forte e decidida. Era, simplesmente, tudo o que ele tinha querido na vida.

—Filho— a voz do Silvan despedaçou seus pensamentos—, queria falar quatro palavras contigo antes de que vá.

Dageus assentiu com a cabeça e caminhou para o Silvan, que o conduziu para o castelo. Já havia dito seus adioses a sua p, ao Nell e seus irmãos, e estava impaciente por ir-se, antes de que alguém chorasse outra vez e lhe rompesse o coração.

—Quando retornar, filho, deve lhe contar ao Drustan sobre a biblioteca da câmara.

Dageus piscou, perplexo.

—Mas ele já saberá. Nós a reabrimos, e você passará o conhecimento ao Ian e...

—Não farei nada disso— disse Silvan serenamente.

—Mas por que?

—Passei algum tempo a última noite considerando cuidadosamente as possibilidades. Se a biblioteca da câmara fora conhecida pelos Keltar, pode afetar muitas coisas nos próximos séculos. Deve passar ao esquecimento. É muito arriscado que nós restituamos tal riqueza de conhecimento às gerações futuras pensando que nada possa alterar-se. Tenho a intenção de selá-lo esta mesma noite e não entrar nela outra vez.

Dageus assentiu, compreendendo instantaneamente a sabedoria dessa decisão.

—Sempre é preparado, verdade, p? Não tinha pensado nisso, mas está no correto. Certamente poderia causar mudanças inestimáveis—. Era boa, precaveu-se então, que Chloe e ele não ficassem mais tempo no passado. Podia confiar em seu pai para pôr em ordem qualquer cabo solto, se encontrasse algum.

Incapaz de resistir uma despedida prolongada, ele se voltou para o Chloe e as pedras.

—Filho— disse Silvan, sua voz baixa e urgente.

Dageus manteve suas costas a ele.

—Sim?— disse apertadamente.

Houve uma pausa larga.

—Se pudesse estar ali contigo, faria-o. Um pai deveria estar com seu filho em ocasiões como esta—. Tragou audivelmente—. Moço— disse brandamente—, lhes dê meu amor ao Drustan e Gwen, mas tem que saber que você te leva a maioria contigo—. Outra pausa—. Sei que um p não deveria ter favoritos, mas och, Dageus, filho, você foi sempre o meu.

Quando, uns poucos momentos mais tarde, Dageus retornou à laje central e começou a gravar os símbolos finais, notou que Chloe o olhava estranhamente. Os olhos femininos ficaram brumosos outra vez e seu lábio inferior se estremeceu um pouco.

Ele não o entendeu até que ela inclinou sua cabeça até a dele e beijou a lágrima de sua bochecha.

Logo, enquanto a ponte branca se abria, ela se precipitou em seus braços, aferrou suas mãos detrás de seu pescoço e o beijou apaixonadamente. Ele devorou suas pernas ao redor de sua cintura e a abraçou com força. converteu-se então em uma batalha de vontades para ele: era ele contra a tormenta devastadora, cambiante, dimensional. Sentiu que, se só pudesse atravessar o caos da ponte branca sem perdê-la, poderia enfrentar algo.

Ele se agarrou a ela como se fora seu maior tesouro.

—Oomph!

Chloe ficou sem fôlego enquanto golpeavam a terra geada, ainda um nos braços do outro. Um pequeno e agudo sorriso curvou seus lábios: tinham-no atravessado sem soltar-se! Não sabia por que lhe parecia tão importante, mas assim era, como se em certa forma provasse que nada jamais poderia separá-los.

Um grunhido baixo, um rude trovão mais animal que humano, foi o único som que Dageus fez enquanto a rodava baixo ele e inclinava sua boca dura sobre a dela. Seu corpo estava muito duro contra a brandura do dele, seus quadris movendo-se no berço de suas coxas, e em um batimento do coração de coração, ela estava ofegante de luxúria. O homem só tinha que olhá-la para fazê-la sentir-se fraco de desejo, mas quando a dureza quente e grossa dele montou entre suas pernas, voltou-se incoerente de necessidade. Como cada vez única, a boca lhe secou e se sentiu tremente de pés a cabeça, antecipando todas essas coisas deliciosas que lhe faria, todas essas formas de tocar e saborear, todas essas demandas tão específicas que o fazia e que ela adorava obedecer.

Ela se rendeu, tomando codiciosamente todo dele, fechando seus braços ao redor de seu pescoço firme, enterrando seus dedos em seu cabelo molhado. Rodaram através da terra coberta de granizo enquanto a chuva caía muito e o vento gritava ensordecidamente, insensibilizados para tudo ao redor deles exceto a intensidade abrasadora de sua paixão.

A boca do Dageus selou hermeticamente a dela, e seu beijo dominante foi entretanto completamente sedutor, exigente mas generoso. Quando ele deslizou suas mãos sob seu suéter molhado, fazendo estalar o broche de seu sustento e cavando seu seios, ela ofegou contra seus lábios. Ali, ela pensou fracamente, OH, sim. Ele jogou com seus mamilos, rodando-os entre seus dedos, atirando ligeiramente, e ela podia sentir seu seios inchando-se sob suas mãos, ficando agudíssimamente sensitivos.

Quando ele se apartou abruptamente, ela gritou, tratando de alcançá-lo, tratando de devorar o de retorno sobre ela, mas ele se afastou de suas mãos, apoiando-se sobre seus talões. As costas feminina se arqueou enquanto o olhava fixamente, os olhos dele dois poços negros à luz da lua trêmula.

—Por favor— ofegou Chloe.

Lhe dirigiu um sorriso feroz.

—Por favor, o que?

Ela o disse. Com grande detalhe.

Os olhos negros brilharam intensamente, e ele riu enquanto ela enumerava suas muitas e variadas demandas, e a jovem compreendeu que seu atrevimento o excitava ainda mais. Um mês atrás, Chloe nunca teria podido dizer coisas assim, mas ao demônio contudo, pensou, ele a tinha feito assim.

Sua risada foi curta. Enquanto escutava, o desejo estreitou seus olhos e a luxúria marcou seus tensos rasgos cinzelados. Arrancou-lhe as calças jeans e o suéter, e lhe tirou as calcinhas e o sustento, descobrindo-a a seu olhar faminto. Logo ele a recolheu e a lançou nua sobre seu ombro, sua palma grande posesivamente vagando sobre seu traseiro nu. Atravessou o círculo de pedras, caminhando com ela através da noite, internando-se nos jardins. deteve-se frente a um banco de pedra onde a depositou sobre seus pés, abriu de um puxão a braguilha de suas calças jeans e se despojou deles. Em questão de segundos estava gloriosamente nu.

Então, o Highlander grande e feroz de selvagens olhos negros que claramente fervia de impaciência por estar dentro dela, assombrou-a deixando cair de joelhos ante ela. Plantou beijos preguiçosos, com a boca aberta, na pele magra e sensível de seus quadris e através de suas coxas. Agarrando seu traseiro com ambas as mãos, devorou seus quadris para frente, e sua língua aveludada se deslizou profundamente, sobre seu broto tenso e mais à frente ainda.

Suas pernas paralisaram e ela gritou seu nome. Ele não cedeu seu impulso, mas apanhou seu peso, e a obrigou a ficar de pé, sua cabeça escura entre suas coxas, seu cabelo comprido como seda contra sua pele. Lentamente, ele a fez dar volta entre seus braços, pulverizando beijos abrasadores sobre cada polegada de seu traseiro, lambendo e tentando, seus dedos deslizando-se na umidade entre suas coxas. Desesperada-se pelo ter dentro de si, no instante em que seu agarre afrouxou um pouco, ela caiu para frente no chão sobre suas mãos e joelhos, e o olhou tentadoramente por cima do ombro, molhando-os lábios.

Ele fez um som estrangulado, seu fôlego assobiando entre seus dentes.

—Och, moça— a arreganhou—, tratava de ser gentil.

E em um instante ele esteve em seu interior, cobrindo-a com seu corpo grande e duro, e empurrando incansavelmente.

—Gentil mais tarde— ofegou a jovem—. Duro e rápido agora.

E como sempre, seu sexy Highlander só queria agradá-la.

Muito depois, com as cabeças muito juntas e as mãos entrelaçadas, pediram emprestado o Jipe do Maggie, e retornaram ao castelo do Drustan e Gwen. Ali avançaram lentamente pela entrada traseira, calados como ratos para não despertar a ninguém, onde caíram na cama e começaram a amar-se outra vez.

Era quase meio-dia quando Dageus e Chloe se aventuraram escada abaixo, e para irritação do Drustan, foram diretamente às cozinhas, evidentemente famintos. Ele podia ouvir um grupo grande do McFarleys reunindo-se ruidosamente ali, estralando para fazer um café da manhã tardio.

Drustan negou com a cabeça e reatou seu caminhar na biblioteca, apenas capaz de conter sua impaciência. O velho mordomo McFarley apareceu de repente, tratando de encontrar algo com o que poder distrair a “Sua Senhoria”, mas o único que Sua Senhoria queria era a atenção de seu maldito irmão.

Tinha estado levantado do amanhecer, e em uma dúzia de ocasiões tinha avançado para as escadas, mas em cada oportunidade Gwen o tinha encontrado e firmemente o havia devolvido à biblioteca.

Ele os tinha ouvido entrar silenciosamente a noite anterior (como se pudesse ficar dormido a noite que Dageus devia retornar!), e tinha começado a levantar-se da cama para ir junto a eles então, mas Gwen tinha colocado uma mão sobre seu braço.

—Deixa-os ter esta noite, amor—, havia-lhe dito. E ele tinha cedido, frustrado e ansioso por compartilhar sua notícias e revelar o que tinham descoberto eles, mas então sua esposa tinha começado a beijá-lo e sua mente tinha vacilado da forma em que sempre o fazia quando ela usava essa deliciosa boca em qualquer parte de seu corpo. Och, e as partes nas que ela a tinha usado essa noite!

Ela a percorreu com o olhar. Ela estava acurrucada no assento junto à janela, baixo um dos clarabóias da biblioteca. A chuva tamborilava ligeiramente contra o vidro. Gwen tinha estado lendo durante a hora passada, mas agora estava com o olhar fixo, sonhadora, fora da janela. Sua pele tinha o brilho translúcido único de uma mulher grávida, seu seios estavam cheios e tensos, sua barriga pesadamente arredondada com os filhos do Drustan —bom, os filhos dos dois—. Um agudo júbilo e sentido de amparo o alagaram, acompanhado por essa necessidade interminável de abraçá-la e tocá-la. Como sentindo seu olhar sobre ela, sua esposa se separou da janela e lhe sorriu. Ele se deixou cair em uma poltrona perto da chaminé e aplaudiu sua coxa.

—Traz seu lindo corpo aqui, inglesita.

Ela sorriu profundamente e seus olhos cintilaram. Enquanto se levantava do assento junto à janela, lhe advertiu:

—Poderia te esmagar.

Ele bufou.

—Não acredito que haja nenhum perigo de que isso aconteça, moça—. Com apenas umas poucas polegadas por cima dos cinco pés, inclusive pesadamente grávida, sua esposa nunca seria outra coisa que uma moça pequena em sua mente. Ele a devorou em cima de seu regaço e agarrou suas mãos ao redor dela, sujeitando-a contra seu assumo.

O dia era frio nublado, chuvoso e perfeito para um fogo acolhedor de turfa, e em uns instantes, acalmado pela combinação da mulher em seus braços e as comodidades da casa, ele se relaxou. Quase dormitava quando Dageus e Chloe finalmente terminaram de comer e se uniram a eles.

Gwen se levantou de seu regaço e as saudações e abraços foram intercambiados.

—Silvan e Nell lhes enviam seu amor— disse Chloe.

Drustan sorriu abertamente, notando que o cabelo do Chloe estava ainda ligeiramente úmido pela ducha. Igual ao de seu irmão. Não era estranho que não tivessem baixado antes. Os homens Keltar tinham uma decidida inclinação para fazer o amor na ducha ou a banheira. A cobertura de chumbo interior era um dos muitos luxos do século vinte e um sem o qual não sabia como tinha vivido antes. Uma ducha? Deliciosa. Sexo na ducha? Och, vida não podia ser melhor.

Gwen resplandeceu.

—Não adorou ao Silvan e Nell? Senti-me tão invejosa de não poder segui-los e vê-los outra vez.

—Nell me deu uma carta para ti, Gwen— disse Chloe—. Está acima. Quer que a traga agora?

Gwen negou com a cabeça.

—Drustan poderia morrer de impaciência se te deixei sair do quarto. Temos notícias.

—Mas primeiro— disse Drustan firmemente—, nos deixem ouvir as suas.

Estudou ao Dageus cuidadosamente. Embora seus olhos eram da cor do cobre profundamente brunido, os bordos exteriores de sua íris bordeados de negro, havia uma sensação de paz ao redor dele que não tinha estado ali antes. Och, sim, pensou Drustan, o amor certamente podia exercer um efeito maravilhoso. Não tinha idéia de quanto tempo tinham passado no passado, mas tinha sido o suficiente para que eles se apaixonassem profundamente. O suficiente para estar unidos como um contra o futuro incerto.

Enquanto Dageus os punha a par do que tinham descoberto, ele escutou pacientemente. Quando Dageus lhe deu conta da biblioteca da câmara sob o estudo no castelo do Maggie e Christopher, teve que agarrar os braços de sua cadeira para impedir de-se saltar e sair correndo para vê-lo com seus próprios olhos, tocar e ler o Pacto legendário, e descobrir de novo sua história perdida.

Finalmente, foi seu turno dar suas próprias notícias.

—Estes membros da seita druida dos Draghar da que falou— começou Drustan.

—Sim?— animou Dageus quando ele fez uma pausa.

—Temos a um deles em nossa masmorra.

Dageus se levantou de um salto.

—Como aconteceu? Interrogaste-o? O que te disse?— demandou.

—te acalme, irmão. Ele me disse tudo. A base de operações de sua Ordem está em Londres, em um lugar chamado Edifício Belthrew, na parte baixa do West Sede. Foram ele e seu companheiro quem perseguia o Chloe em Maniatam, e foi seu companheiro quem saltou desde seu terraço. Ele te seguiu até aqui, esperando obter outra oportunidade com o Chloe. Tratavam de te provocar para usar magia e forçar a transformação.

—Matarei ao filho de puta!— grunhiu Dageus e começou a mover-se para a porta da biblioteca.

—Sente-se— disse Chloe, seguindo-o e atirando de sua manga—. Ouçamos o resto. Pode matá-lo mais tarde.

Irritado pela fúria desenfreada, Dageus se recusou a mover-se por um momento, mas logo bufou e a seguiu de retorno ao sofá. Pode matá-lo mais tarde, havia dito ela quase distraidamente. Quando ele se afundou no sofá a seu lado, ela se aconchegou em seus braços e o acariciou como ao apaziguar a um lobo raivoso. Ele negou com a cabeça, desconcertado. Algumas vezes, refletiu, poderia ser bonito se ela se sentisse um poquito intimidada por ele.

Mas não sua companheira: ela não temia a nada.

—Ele o admitiu— disse Drustan sorrindo com satisfação sombria— sob um poquito de coação.

—Bem— vaiou Dageus—. Espero que tenha sido com tortura.

—O edifício está construído em cima de um labirinto de catacumbas, e nessas criptas é onde conservam todos seus registros. Até onde ele sabe, o edifício está usualmente ocupado por não mais de três ou quatro homens, e na noite, freqüentemente somente dois, ocultos nas profundidades. O edifício tem um sistema de segurança, mas acredito que isso não apresenta um desafio para alguém com suas singulares habilidades, irmão— adicionou Drustan secamente—. Há chaves professoras muito complicadas, e muito para sua súbita desilusão, ele me descreveu com precisão o que devemos fazer para as passar. Na medida de seu conhecimento, ainda acreditam que não tem idéia de que existem, e que não conhece da Profecia.

—Perfeito. Deveria ser um assunto simples irromper a altas horas da noite e investigar seus registros e anais. Perguntou-lhe se ele conhecia alguma forma de livrar-se dos Treze?

Drustan franziu o cenho.

—Sim. É obvio que o fiz; essa foi uma das primeiras coisas que perguntei. Ele indicou que havia uma forma, mas não sabia qual era. Ouviu sem intenção ao Professor de sua Ordem, um homem chamado Simon Barton-Drew, expressar sua preocupação de que você pudesse descobri-la. Asseguro-lhe isso, interroguei-o a fundo, mas o homem não tem idéia de que método é.

—Então precisamos encontrar a este Simon Barton-Drew, e me importa um nada que dano devemos lhe fazer para

descobrir o que sabe.

Chloe e Gwen assentiram seu acordo.

—Então, quando saímos?— perguntou Gwen virtualmente.

Dageus e Drustan, ao mesmo tempo, trespassaram-na com um olhar furioso.

—Nós não— disse Dageus firmemente.

—OH, sim, nós—afastou Chloe imediatamente.

Dageus a olhou carrancudo.

—Não há forma de que as levemos ali dentro...

—Então simplesmente nos levem a Londres com vocês— disse Gwen, conseguindo soar ao mesmo tempo tranqüilizadora mas obstinada—. Permaneceremos em um hotel perto, mas não ficaremos aqui enquanto vocês dois se enfrentam ao perigo. Isto não é negociável.

Drustan negou com a cabeça.

—Gwen, não te permitirei tomar riscos nem contigo nem nossos meninos, garota— disse, seu acento rouco pela tensão.

—E você deveria confiar em que eu não o faria tampouco— disse Gwen com tranqüilidade—. Não vou deixar que nada ocorra a nossos bebês. Chloe e eu permaneceremos no hotel, Drustan. Não somos estúpidas. Sei que não há maneira de que uma mulher tão grávida como eu entrasse solapadamente e ficasse a procurar. Mas você não nos pode deixar aqui. Se o tentar, seguiremo-lhe. nos leve contigo, nos instale com toda segurança em um hotel. Não nos pode deixar fora. Somos parte disso também. Voltaríamos-lhe aqui sentadas e esperando.

O debate não terminou a não ser até meia hora depois. Mas ao fim, as mulheres prevaleceram e os homens a contra gosto consentiram nas levar a Londres ao dia seguinte.

—Ele retornou, pai, assim como também a mulher— informou Hugh Barton-Drew ao Simon, enquanto falava em seu telefone celular—. Os vimos retornar tarde ontem à noite.

—Qualquer idéia de aonde foram?— perguntou Simon.

—Nenhuma.

—E apesar de tudo não viu ao Trevor?

—Não. Mas não podemos entrar no castelo. Embora não está protegido, não estou seguro de que fora eficaz fazer um intento— disse quedamente. O tom baixo era desnecessário, tão longe do castelo como ele e seu irmão estavam, vigiando através de seus binoculares, mas Dageus MacKeltar o intranqüilizava. Esse castelo Keltar, a diferencia do outro em cima da montanha, estava em um vale vasto, e as colinas cobertas pelo bosque ao redor os proviam de um esconderijo excelente. Mesmo assim, sentia-se exposto. Seu irmão se queixou da mesma sensação.

—te reporte ante mim cada duas horas. Quero que me mantenha informado de cada movimento que façam— disse Simon.

Capítulo 25

Era tarde na noite, bastante depois de que todo mundo estivesse dormido, que Dageus escapou solapadamente do castelo.

O dia tinha parecido arrastar-se interminavelmente, enquanto tinha lutado por esconder daqueles aos que amava o que planejava fazer. Conservar seu olhar suave e sua impaciência a raia o tinha cansado, comportando-se como se estivesse de acordo, sem trair nenhum signo revelador, nem sequer por um minuto, ante o irmão que o conhecia muito bem, que não tinha a intenção de atenerse ao plano que tinham acontecido essa tarde chuvosa formulando meticulosamente.

O plano no qual todos iriam a Londres e todos estariam em perigo.

Durante a última parte da tarde, enquanto Chloe e Gwen fazia a bagagem para sua viagem a Londres —a viagem que não ia ocorrer nunca — ele tinha passado pela masmorra e tinha interrogado em pessoa ao homem da seita dos Draghar. Tinha usado magia para devastar cruelmente a informação de sua mente, mas como Drustan lhe tinha assegurado, embora o homem sabia que havia alguma forma para reincarcerar aos Treze e impedir a transformação, não conhecia coisas mais específicas sobre isso.

Que definitivamente houvesse uma maneira era suficiente para encher ao Dageus de uma exultação lhe intoxiquem, e uma impaciência hirviente fazê-lo agora.

Os quatro se reuniram para o jantar no grande hall, e pouco tempo depois, tinha miserável ao Chloe de volta à cama, onde lhe fez o amor até que ela se derrubou, saciada, em seus braços.

Ele a tinha sujeito então, saboreando seu contato em seus braços por quase outra hora antes de que finalmente deixasse sua cama.

E nesse momento, enquanto saía de noite, estava preparado. Era hora de confrontar ao inimigo e terminar as coisas de uma vez e para sempre.

Sozinho.

Nunca permitiria que nenhuma das pessoas que amava corresse esse risco com ele. Ele era o único que tinha criado esse problema e seria quem o arrumasse. Estava melhor sozinho, sem travas, o Fantasma Gaulish outra vez, uma aparição Lisa e escura, apenas visível para o olho humano e sem nenhuma necessidade de observar sobre seu ombro para proteger a alguém mais.

Não tinha salvado ao Drustan para o Gwen, somente para perder a um ou ambos agora. E nunca perderia ao Chloe.

Sabia que estariam furiosos, mas com sorte, teria terminado antes de que inclusive despertassem, ou no pior dos casos, pouco tempo depois. Precisava fazer o dessa maneira, precisava saber que estavam seguros no castelo, assim poderia manter sua mente concentrada em sua meta sem distrações.

Penetraria no quartel geral da seita Draghar, exploraria seus registros, localizaria a direção do Simon Barton-Drew, capturaria-o, e devastaria de sua mente a informação que necessitava. O pensamento que poder encontrar-se, breve, livre da batalha extenuante que tinha estado mantendo portanto tempo era quase impossível de conceber. A idéia de que, pela manhã, poderia retornar ao Chloe sendo nada mais que um druida e um homem, parecia um sonho muito bom para ser verdade.

Mas não o era. Segundo Trevor —e uma mente tão cruelmente invadida era incapaz de mentir—, Simon Barton-Drew sabia como devolver aos Antigos a essa prisão da qual tinham saído.

O vôo a Londres foi curto, embora tomou várias horas frustrantes localizar o Edifício Belthew. Não tinha estado em Londres antes, com exceção do aeroporto, e era confuso para ele. Permaneceu de pé fora do edifício às escuras durante algum tempo, estudando-o desde todos os ângulos. Era um armazém grande construído de pedra e aço, com quatro pisos, mas pelo que Trevor tinha confessado, o que ele procurava estaria nos porões.

Aspirou lentos e casais baforadas do ar frio e nebuloso da noite. Movendo-se enérgica e silenciosamente, aproximou-se do edifício e trabalhou no ferrolho com uma frase delicadamente murmurada. Tinha usado magia duas vezes esse dia, e só se atreveria a usá-la com moderação a partir de então.

Inclusive nesse momento os seres dentro dele se avivavam. Podia senti-los estender as mãos, como tratando de sondar o que os rodeava.

Abriu a porta e se introduziu no interior, pulsando o código no pequeno teclado. Estava preparado; tinha obtido todo o conhecimento que necessitava da mente do Trevor e a tinha aprendido de cor. Sabia cada sequência de números, como evadir cada alarme, cada chave professora.

Ao cruzar a soleira, sentiu uma dor repentina estalar em seu assumo, na plenitude de seus músculos. Ele encolheu seu ombro, tratando de aliviar o puxão, mas não se desvaneceu e, aturdido, olhou para baixo.

Por um momento a vista do dardo de prata tremendo em seu assumo simplesmente o desconcertou. Então sua visão se rabiscou alarmantemente e se estreitou até converter-se em um túnel escuro. Piscando, ficou com o olhar fixo no quarto escuro.

—Um tranqüilizador— lhe informou atentamente uma voz cortês.

Uns poucos momentos mais tarde, amaldiçoando cruelmente, Dageus chocou contra o piso.

Despertou —não tinha idéia quanto tempo mais tarde— com a sensação da pedra fria contra suas costas. À medida que seu estupor, induzido pelas drogas, amainava lentamente, fez-se consciente de que estava firmemente maço.

sentia-se estranho, mas era incapaz de precisar exatamente por que. Algo em seu interior era diferente. Possivelmente eram os efeitos persistentes do tranqüilizador, decidiu.

Sem abrir os olhos, moveu-se minuciosamente, provando suas ataduras. Estava pacote com cadeias a uma coluna de pedra de vários pés de diâmetro. As cadeias, de grossos elos, sustentavam seus braços detrás dele, rodeando a circunferência da coluna. Seus tornozelos estavam atados com cadeias também, atados a sua vez à base da coluna. Sem ir à magia, não podia mover nada exceto a cabeça.

Mantendo os olhos fechados, escutou com atenção, registrando as vozes diferentes que falaram os seguintes poucos minutos, levando a conta do número de seu inimigo. Meia dúzia, não mais. Se não o tivessem drogado, nunca o teriam capturado, e se pudesse liberar-se, não teria problemas para escapar. Estendeu a mão com seus sentidos druidas, provando a força das cadeias.

Condenados infernos, pensou sombriamente. Havia um feitiço obrigatório neles. Escavou no feitiço ligeiramente, provando sua força com a magia, sem desejar usar mais da que fora necessária. Mas em lugar de uma auscultación sutil e controlada, uma rajada repentina de poder se rasgou através dele, muito mais do que tinha tido a intenção de usar, mais do que jamais tinha usado antes de uma só vez. Sentiu a resposta foto instantânea dos Treze; começaram a murmurar em sua linguagem incompreensível, suas vozes zumbindo como insetos dentro de seu crânio. Foi bombardeado com sensações... uma escuridão geada... intermináveis períodos de discutir entre eles mesmos... o sentimento de um grupo eternamente forçado a permanecer juntos sem escape... períodos de lucidez, períodos mais compridos de loucura, até que finalmente não havia nada exceto a fúria e o ódio e uma sede absorvente pela vingança.

Seu corpo inteiro se estremeceu. Era a sensação mais forte deles que tinha obtido até então e eram tão asquerosos que, se tivesse as mãos livres, suspeitava que teria dado zarpazos a sua cabeça em um esforço fútil para arrancar os de seu crânio.

deu-se conta de duas coisas então: que a seita dos Draghar era mais adiantada no Druidismo do que ele tinha pensado, tramando um feitiço tão capitalista no ferro frio das cadeias, e que lhe tinham dado algo além de um mero tranqüilizador. Tinham-lhe administrado algum tipo de droga que deteriorava sua habilidade para controlar o poder dentro de si. Era como um homem que tinha consumido muito uísque, que pretendendo fazer uma carícia suave, estalasse em um golpe aniquilador e descuidado.

E não tinha dúvida de que esse golpe o voltaria completamente escuro.

Respirou levemente, forçando seus sentidos a afastar do zumbido caótico de sua mente. Saboreou o ar, tratando de visualizar a forma do quarto a partir do eco das conversações. Parecia ser uma larga habitação de teto baixo, e havia um aroma débil de musgo nas pedras. Não tinha idéia de quanto tempo tinha estado inconsciente. Estava concienzudamente seguro de que estava nas catacumbas debaixo do edifício.

Que parvo tinha sido, irrompendo dessa maneira, menosprezando a seu inimigo! Tinha obrado com precipitação, conduzido pela impaciência e uma necessidade se desesperada para proteger a aqueles que amava. Nem sequer uma vez lhe tinha ocorrido que a seita dos Draghar pudesse ter pessoas observando-o, reportando cada um de seus movimentos. Aparentemente assim tinha sido, pois certamente tinham estado esperando-o. Qual era seu plano? Usar essa droga mortífera para forçar sua transformação?

—Volta em si— disse alguém.

Teria preferido que continuassem pensando que estava inconsciente, comprando tempo precioso para que os efeitos da droga diminuíssem, mas evidentemente, embora tinha permanecido imóvel, delatou-se em certa forma. Possivelmente seu assumo estava levantando-se e caindo mais profundamente. Abriu seus olhos.

—Ah, ali está— disse um homem alto e magro com cabelo avermelhado, movendo-se para o estrado ante ele. O homem o olhou por um comprido momento—. Sou Simon Barton-Drew, professor da seita. Realmente não era assim como tinha esperado te conhecer. Minhas desculpas pelas cadeias, mas, por agora, são necessárias. Assumo que Trevor está morto?— inquiriu cortesmente.

—Trevor vive— disse Dageus, modulando sua voz cuidadosamente. Não trairia nem um signo de seu conflito interior ante esse homem—. A diferença de sua Ordem, os Keltar não tomam nenhuma vida sem razão— por mais que lhe teria gostado.

Simon rodeou a coluna de pedra.

—Nem o fazemos nós. Tudo o que temos feito foi restaurar nossos poderes legítimos. Para cumprir a cabalidad nosso destino.

—Não foram nunca seus poderes legítimos. Foram jogo de dados pelos Tuatha do Danaan e foram os Tuatha do Danaan quem os reclamou quando ficou de manifesto que o homem abusaria deles.

Simon deu um latido curto que pareceu uma risada.

—Assim fala o homem que rompeu seus próprios juramentos. Pode vê-lo como você gosta. Não importa, você nos dirigirá.

—Nunca cumprirei com a Profecia.

—Ah, então sabe disso. Perguntava-me se o fazia. Quando a encontrou? Trevor lhe disse isso? Não o culpo, pois eu sei do que é capaz. Está tudo aqui—. Ele levantou um braço assinalando detrás de si, para as pilhas de escritos e textos empilhados cuidadosamente em dúzias de prateleiras—. Tudo o que os Draghar podem fazer. Tudo o que nos ensinarão. O poder de mover-se através do espaço e o tempo, o poder para abrir a porta entre os reinos.

—Os Draghar que você adora quase destruíram o mundo uma vez, tratando de abrir a porta dos reinos. O que te faz pensar que uma vez que sejam livres, não o farão outra vez?

—por que destruir o mundo quando podem dominá-lo?— rebateu Simon—. Acredito que podemos determinar o que saiu mal a última vez que trataram de ir depois dos Tuatha do Danaan. Nosso mundo é muito mais adiantado agora do que era então. E há muitos seguidores fiéis esperando para lhes dar a bem-vinda.

—O que te faz pensar que têm qualquer intenção de converter-se em parte de sua pequena Ordem? por que ficariam contigo?— aguilhoou Dageus.

—O que quer dizer?—. Uma breve piscada de ansiedade brilhou intermitentemente na face parca do homem.

—Se podem viajar pelo tempo, o que pode impedir de retornar a seu próprio século? O que pensa que querem mais que algo?

—Resgatar seu poder. Uma oportunidade de viver outra vez, de reger outra vez. Tomar seu legítimo lugar no mundo.

Dageus sorriu burlonamente. Embora não podia entender a linguagem dos Antigos e conhecer as intenções dos Draghar, Simon não sabia. Semear dúvidas poderia ser uma arma útil. Se pudesse continuar falando o tempo suficiente, possivelmente bastaria para que os efeitos da droga passassem antes de poder arriscar-se a indagar a mente do Simon.

—Querem corpos, Simon, e terão o poder de retornar aos seus próprios. Uma vez que os libere, como os deterá de retornar ao passado? Não poderá controlá-los. Podem destruir sua Ordem no momento em que me transforme. Que uso têm eles para ti? Retornarão a seu século, continuarão a guerra, e rescribirán completamente os passados quatro mil anos de história—. Dageus riu—. Ao melhor, nenhum de nós jamais inclusive nascerá quando as mudanças sejam feitas.

Och, sim, o homem no quarto se via decididamente inquieto. Inquieto era bom. Violentamente em desacordo seria inclusive melhor.

—Liberará um poder que possivelmente nem sequer pode entender e não tem esperança de dominar— disse Dageus com um sorriso glacial.

depois de um silêncio tenso, Simon ondeou uma mão desdenhosa.

—É suficiente. Não vou cair em sua mutreta. Os Draghar não tratariam de retornar porque correriam o risco de ser aprisionados outra vez. Nunca se arriscarão a isso.

—Isso é o que diz, quando na verdade, não sabe nada deles. Eu o faço.

A mandíbula do Simon se endureceu e fez sinais a dois dos homens que estavam de pé perto dele.

—Não serei desviado do curso da Profecia. É meu dever jurado cumpri-lo a cabalidad. E posso não saber tanto a respeito dos Draghar como eu gostaria, mas sei muito a respeito de ti—. O percorreu com o olhar—. Traz-a— ordenou.

Os homens se apressaram a sair da câmara.

Dageus se esticou. "Traz-a"? A quem? Quase rugiu. Não havia maneira, disse-se. Chloe estava segura e dormida dentro das paredes protegidas do castelo.

Estava tão, mas tão equivocado.

Quando os homens retornaram alguns momentos mais tarde, suas vísceras se esticaram.

—Não— murmurou, com os lábios logo que movendo-se—. Och, não, moça.

—Och, sim, Keltar— se burlou Simon—. Uma mulher preciosa, não é verdade? Tratamos de nos aproximar dela em Manhattan. Mas não tema, pode ter tudo o que dela queira uma vez que te tenha resignado ao inevitável. Suspeito que os Draghar estarão desejosos de uma mulher depois de quatro mil anos.

Os homens, grosseiramente, médio arrastaram, médio adiantaram ao Chloe. As mãos e os pés da moça estavam atados, e sua face cinzenta, veteada de lágrimas.

—Sinto-o tanto, Dageus— soluçou ela—. Despertei quando ouvi a portada do carro e corri fora, tratando de te alcançar...

Um dos homens a esbofeteou para que calasse, e cada músculo do corpo do Dageus gritou. Fechou seus olhos, opondo-se à tormenta escura que se levantava nele. Sou um homem e um Keltar. Não repartirei golpes cegamente, disse-se uma e outra vez. Passaram vários instantes antes de que conseguisse abri-los, e quando o fez, seus olhares se entrelaçaram.

Amo-te, pronunciou ela. Sinto-o tanto!

Ele negou com a cabeça, rechaçando sua desculpa, esperando que ela compreendesse que nenhuma desculpa era necessária. Era sua culpa, não a dela. Amo-te também, moça, moldou as palavras silenciosamente.

—Que comovedor— disse Simon secamente. Indicou ao homem que sujeitava ao Chloe que a fizesse avançar, detendo-a a meia dúzia de passos da coluna na qual Dageus estava pacote—. Ter um avião privado tem suas vantagens— disse, sorrindo—. Ela estava aqui antes de que você inclusive tivesse aterrissado em Londres. E agora meus homens a matarão a menos que te incomode em impedi-lo. Estar pacote não deveria representar um obstáculo para um homem com seu poder.

—Filho de puta— gritou Dageus lutando violentamente contra as cadeias, em vão. Sem magia, não podia fazer nada.

A fúria o consumiu, acompanhada pela tentação aguda de usar o poder mais horrífico para eliminá-lo. Podia saborear a potência dos Antigos, acumulando-se dentro de sua garganta, implorando ser liberado. As palavras que provocavam a morte se enrolaram na ponta de sua língua. Ele queria sangue, e os seres de seu interior sentiam desejos de derramá-la.

Simon tinha planejado bem sua estratégia. Tinha drogado ao Dageus para que ele não pudesse controlar a quantidade de magia que usava, feito cativa à mulher que Dageus amava mais que a vida mesma, e ia matar a menos que Dageus usasse magia para impedi-lo.

E se usava magia para salvá-la, transformaria-se.

Era inevitável, precaveu-se com um desapego peculiar. Isto era tudo. Estava encurralado em uma esquina, sem escapatória. Não havia forma em que ele permitisse que machucassem ao Chloe. Jamais. Ela era sua companheira, a guardiana de seu Selvar. A vida dele era seu escudo.

Em um abrir e fechar de olhos, em um instante curiosamente suspenso no tempo, foi como se estivesse ali nas catacumbas, mas não realmente ali. Sua mente se deslocou a um lugar tranquilo onde as lembranças brilhavam intermitentemente em uma conjunção veloz.

Via o Chloe pela primeira vez, parada sob a garoa que empanava uma rua buliçosa de Manhattan. Descobria-a sob sua cama. Sentia o viço de seus lábios quando lhe tinha roubado esse primeiro beijo.

Alimentava-a com bocados de salmão. Escutava-a tagarelar incesantemente sobre algum tomo escuro, com seus olhos cintilantes. Via-a aspirar a fumaça de um puro.

Via seus olhos sexys e sonolentos quando a tinha feito alcançar seu primeiro clímax no avião. Fazia o amor com ela em um remanso brilhante sob um céu azul interminável em suas amadas Highlands. derramava-se dentro dela, convertendo-se em parte dela. Observava-a, enquanto ela estava encarapitada sobre uma cadeira e praticava lhe dizer que o amava lhe falando com um escudo, logo começando a lhe gritar. Dizendo-o outra vez, depois de que lhe houvesse dito seu segredo mais escuro. Ficando com determinação a seu lado.

E nesse momento acalmado e estranho, precaveu-se de que se não tivesse quebrado seu juramento, se não tivesse atravessado as pedras para salvar ao Drustan, nunca teria conhecido ao Chloe. Irônico, meditou, que seu destino se valeu de sua própria queda para dirigi-lo à mulher que tinha sido sua salvação em tantas formas. Se lhe tivessem dado a escolher, a entrar de novo tempo e escolher não violar seu juramento mas nunca conhecer o Chloe Zanders, resolutamente teria entrado nas pedras e o teria feito uma vez mais, com a consciência completa de todo o levaria a esse momento, simplesmente para ter a alegria de amar ao Chloe pelo tempo que tinha tido.

Desde esse lugar tranquilo, sua mente se deslizou velozmente a outro: até a noite de frio penetrante em que ele tinha dançado na parede coberta de gelo da terraço. Tinha-o feito porque sempre tinha sabido que poderia acabar contudo morrendo. Uma solução simples, realmente. Nenhum corpo, nenhuma ressurreição. Dar cheque mate, fim do jogo, e ganhar a partida.

Uma parte dele tinha estado tão cansada de brigar.

Mas ele havia resolvido essa noite continuar lutando, e relegou os pensamentos de suicídio ao último recurso de seu arsenal, odiando até sua noção.

Logo tinha conhecido ao Chloe, que lhe tinha dado mil razões para viver.

Sorriu cruelmente. Não poderia produzir como resposta a magia necessária para liberá-la e vê-la segura sem também liberar os Draghar, o que o punha em uma posição impossível.

Nunca permitiria que acontecesse a época de escuridão mais brutal que o gênero humano jamais conheceu, como tinha anunciado a Profecia. Seriam incontáveis os milhões que poderiam morrer. O que ocorreria se essas palavras com as que tinha tentado ao Simon verdadeiramente fossem o que os Treze planejavam fazer? O que ocorreria se eles tivessem a intenção de retornar de novo no tempo, possivelmente liberar a guerra uma vez mais... e talvez ganhar esta vez?

Trocariam completamente quatro mil anos da história do gênero humano. O homem incluso poderia já não existir na época moderna quando tudo trocasse.

Não. Suas eleições, suas oportunidades, todas tinham sido esgotadas.

Och, amor, lamentou-se, supunha-se que não acabaria assim.

Quando abriu seus olhos, descobriu que tinham amordaçado a boca do Chloe. Seus olhos de cor verde mar cintilavam de lágrimas.

—Fere-a— disse Simon brandamente—. Lhe Mostre seu sangue.

Dageus se mordeu a língua, enchendo sua boca de um sabor metálico e amargo. Sabia que devia cronometrá-lo à perfeição. Tinha que assegurar-se de infligir-se a si mesmo uma ferida mortal para morrer antes de que a transformação fora completa, mas não antes de que os membros da seita estivessem mortos e Chloe fora livre. voltou-se insensível, para atuar com resolução perfeita. Um só momento de vacilação poderia jogá-lo a perder. Tinha que estar cem por cento comprometido a morrer.

E era algo condenadamente duro fazê-lo enquanto olhava ao Chloe.

Um dos homens passou uma cuchilla sobre a pele de seu pescoço, e umas gotitas avermelhadas fluíram. Chloe se contorsionou em seus braços, corcoveando e lutando.

Agora, disse-se a si mesmo, ao mesmo tempo que murmurava um suave “adeus” a sua companheira. A pena o alagou tão agudamente, tão intensamente, que jogou para trás a cabeça e uivou das mesmas profundidades de sua alma.

Então, pela primeira vez da noite que tinham afirmado sua posse, baixou o guarda e deixou de resistir aos Treze.

Abriu por si mesmo seu coração a eles. Convidou-os. Abraçou-os.

A resposta foi foto instantânea. O poder, a astúcia e a loucura o alagaram. Foi repentinamente bombardeado com peças e pedaços de treze vistas, cheio com a força fenomenal de doze homens e uma mulher cuja luxúria pela vida tinha sido tão intensa que tinham querido viver para sempre. Mas ultrapassando qualquer sensação deles como indivíduos, estavam seu ódio e sua fúria unida contra seus carcereiros, uma determinação incessante de ver os Tuatha do Danaan destruídos, embora tivessem que destruir todos os reino durante o processo.

Enquanto saíam em enxame dele, Dageus rasgou a mente do Simon, explorando brutalmente. Embora a resposta não lhe servia agora, ainda queria saber. Queria saber como poderiam ter feito as coisas de maneira diferente, o que poderiam ter tido se ele houvesse agido menos impulsivamente, se tivesse sido mais sábio.

A resposta que encontrou o fez rir. A ironia era enriquecedora: tinha ido essa noite com tanta esperança, mas agora sabia que, inclusive se não tivessem capturado ao Chloe, essa sempre teria sido sua única alternativa.

Simon certamente sabia como reencarcerar aos Treze.

Dageus tinha que morrer.

Chloe lutou nos braços de seus assaltantes, piscando para conter as lágrimas. Tinha sido tão idiota, saindo do castelo, amaldiçoando-o por tratar de fazê-lo sozinho! Como poderia ter sabido que esses homens saltariam sobre ela no momento que tinha saído? Nem sequer tinha tido a oportunidade de gritar e advertir ao Drustan e Gwen que a estavam seqüestrando.

Mordiscou desesperadamente sua mordação, mas foi inútil, já que não podia emitir nem sequer um gemido. OH, Dageus, pensou impotentemente, observando-o. Ele a olhava e seus lábios se moveram, mas ela não podia distinguir o que havia dito.

Então repentinamente ele fez um som de agonia crua, e sua cabeça escura golpeou ruidosamente para trás a coluna de pedra, com tal força que Chloe quase deixou de respirar, gritando silenciosamente em seu interior. O pescoço do homem se arqueou, e seu corpo se esticou como se estivesse sendo devorado em um adral.

O homem chamado Simon gritou e se derrubou sobre o piso, agarrando-se firmemente a cabeça.

Dageus riu, e esse som esfriou o sangue do Chloe. Dageus nunca, nunca teria produzido um som tão escuro e malévolo. Estremecendo-se violentamente, observou como sua cabeça se inclinava lentamente para baixo. Quando viu seus olhos, engasgou-se com a mordação.

Estavam completamente negros.

Uma lasca diminuta de branco os rodeava, apenas visível. Ela deixou de lutar, congelada pelo horror.

Um vendaval gelado entrou precipitadamente na câmara, pulverizando livros das prateleiras, tombando mesas e cadeiras, batendo folhas de papel e pergaminhos através do ar.

Repentinamente os dois homens que estavam sustentando-a-se desvaneceram. A faca em seu pescoço saiu disparado através do ar, e ela o perdeu de vista em meio dos escombros voadores. As cordas de suas bonecas e tornozelos se romperam, e a mordação abruptamente caiu rota de sua boca.

Como de uma distância longínqua, ouviu a voz do Dageus, mas não completamente sua voz —pareciam mais como uma dúzias de vozes estratificadas uma sobre outra—, lhe dizendo que fechasse seus olhos, lhe dizendo que não visse nem ouvisse nada até que ele ordenasse o contrário. E ela soube que lhe tinha feito algo, que tinha usado algum tipo de magia, porque repentinamente foi cega e surda. aterrorizou-se pela perda de seus sentidos, caiu no piso e se manteve muito quieta.

Esse tempo de silêncio cego pareceu durar uma eternidade. A única sensação que permaneceu era a carícia glacial desse vento amargo e escuro.

Ela se acuclilló no piso, recusando-se a contemplar o que pudesse passar. Recusando-se a acreditar o que acreditava ter visto antes de que todo o inferno se desatasse. Conhecia o Dageus; nunca faria algo assim, nem sequer por ela. Era muito honorável. Nunca escolhia a vida dela por sobre o destino do mundo.

Então por que lhe tinha parecido que ele estava convertendo-se nos Draghar?

Capítulo 26

O silêncio foi tudo o que Chloe ouviu quando pôde ouvir outra vez, embora não era exatamente silêncio, pois, em contraste com o vazio absoluto da surdez, o silêncio era uma confusão de ruído branco: o zumbido débil das luzes fluorescentes, o empurrão suave do ar dos deshumedecedores instalados para proteger os textos antigos. Nunca tinha sido tão agradecida por uns sons tão simples e reconfortantes em sua vida. Tinha sido aterrador estar despojado da habilidade, ao mesmo tempo, de ver e ouvir.

Mas ainda não podia ver, e sofreu outro momento de pânico absoluto antes de dar-se conta de que seus olhos estavam fechados. Abrindo-os, empurrou-se temblorosamente levantando do piso até sentar-se. Seu olhar voou para a coluna de pedra, mas Dageus já não estava encadeado a ela. Freneticamente, examinou o quarto.

Uma vez, dois, três vezes olhou através das ruínas.

E sacudiu com força sua cabeça com uma negativa atemorizada.

Havia sangue em todas partes. Atoleiros dela. Ainda mais vaporizada através das mesas e as cadeiras, e no caos de livros e papéis no piso.

E inclusive mais sangue na coluna de pedra.

E não havia nenhuma outra pessoa —inclusive um corpo— no quarto com ela.

O tempo é um companheiro que vai conosco
em uma viagem. Recorda-nos apreciar muito cada momento
porque nunca voltará.

O que deixamos atrás não é tão importante como
a maneira em que o vivemos.

— Jean LUC PICARD, capitão do Enterprise

Capítulo 27

—Não quero que vá— disse Gwen em que Chloe estava segura devia ser a centésima vez—. Por favor, fica conosco, Chloe.

Chloe negou com a cabeça com cansaço. Nas passadas duas semanas, Gwen e ela se aproximaram muito, o qual ao mesmo tempo a aliviava e irritava, pois a fazia pensar a respeito de quão incrível poderia ter sido sua vida se as coisas tivessem resultado de maneira diferente. Não tinha dúvida de que Dageus e ela se teriam casado, teriam ficado em Escócia e teriam comprado uma casa perto do Gwen e Drustan. Gwen e ela eram parecidas em muitas formas, e com o tempo Gwen se teria convertido na irmã que nunca tinha tido.

Que sonho tão perfeito, tão bem-aventurado teria sido! Viver nas Highlands, rodeados pela família, casada com o homem que amava.

Mas tudo tinha saído condenadamente mau e essas coisas já nunca passariam, e seu afeto crescente pela brilhante e maternal mulher que se ficou incansavelmente a seu lado desde essa noite terrível, tinha começado a machucá-la mais que ajudá-la.

—Fiquei-me tudo o que pude, Gwen— disse Chloe, seguindo severamente sua marcha decidida para a porteira de segurança. Estavam no aeroporto, e estava se desesperada por estar no ar, por escapar de tantas lembranças dolorosas. Se não saía dali logo, temia começar a gritar e simplesmente não deter-se nunca. Não podia olhar ao Drustan uma vez mais. Não podia suportar estar no castelo que Dageus tinha construído.

Não poderia suportar estar em Escócia sem ele nem sequer um segundo mais.

Tinham passado duas semanas da noite horrível em que tinha sido despertada pelo som da porta do carro fechando-se de um golpe. Duas semanas desde que tinha saído deslocado em detrás dele, só para ser tomada como refém pelos membros da seita que tinham estado esperando simplesmente uma oportunidade semelhante.

Duas semanas desde que ela tinha escapado, soluçando, do coração das catacumbas, e saído a tropeções do Edifício Belthew para chamar o Gwen e Drustan de um telefone público.

Duas semanas desde se uniram a ela em Londres e tinham investigado cada polegada do maldito edifício.

Ao princípio, quando Gwen e Drustan a tinham levado de retorno ao Castelo Keltar, ela tinha estado em shock, incapaz de falar. havia-se acurrucado em um dormitório escurecido, fracamente consciente que revoavam ao redor. Eventualmente, tinha conseguido lhes dizer o que tinha ocorrido —a parte que tinha visto—, e logo tinha fundo na cama, voltando-o repassar uma e outra vez em sua mente, tratando de compreender realmente o que tinha acontecido.

E compreender que nunca saberia com segurança.

Tudo o que sabia com certeza era que Dageus se foi.

Por duas semanas, Chloe viveu em uma espécie de suspensão dolorosa, cheia de tensão, pena... e esperança traidora. Realmente não tinha visto seu cadáver. Então, possivelmente...

Então, nada.

Duas semanas de esperar, rezando, esperando contra toda esperança.

E cada dia, observar ao Gwen e Drustan juntos tinha sido uma refinação tipo de inferno. Drustan tocava ao Gwen com as mãos do Dageus. Baixava a face do Dageus para beijá-la. Falava com a voz profunda e sexy do Dageus.

Mas não era Dageus. Ele não era seu para abraçá-lo, embora fora tão parecido. Ele era do Gwen, e Gwen estava grávida, e Chloe não. Sabia, porque Gwen a tinha persuadido uns quantos dias atrás de utilizar uma prova de embarço, sustentando que se provava ser positivo, daria-lhe algo a que aferrar-se. Infelizmente, não tinha obtido as boas notícias que Gwen tinha recebido sete meses atrás.

O resultado de sua prova tinha sido negativo.

Como sua vida. Uma grande, gorda e enorme negativa.

—Não acredito que deva estar sozinha— protestou Gwen.

Ela tratou de sorrir reconfortantemente, mas a julgar pelo olhar na face do Gwen, suspeitava que as tinha engehado para fazer só uma espantosa exibição de dentes.

—Estarei bem, Gwen. Não posso ficar mais aqui. Não posso suportar ver...— calou de repente, sem desejar ferir os sentimentos do Gwen.

—Entendo— disse Gwen, e fez uma careta de dor. Tinha sentido o mesmo quando tinha pensado que tinha perdido para sempre ao Drustan, e tinha conhecido a seus descendentes. Só podia imaginar o que devia sentir Chloe que cada vez que olhava ao gêmeo do Dageus. E Chloe não tinha a promessa de seus bebês a quem aferrar-se como ela a tinha tido.

O pior de tudo era não ter respostas. Dageus simplesmente tinha desaparecido. Gwen se tinha pego à esperança também, nesses primeiros dias, até que Drustan lhe tinha crédulo que, da noite em que seu irmão tinha desaparecido, não tinha podido sentir o singular laço que Dageus e ele sempre tinha compartilhado sendo gêmeos.

Tinham optado por não dizer-lhe ao Chloe ainda. Gwen ainda não estava segura de que tivessem feito a decisão correta. Sabia que uma parte do Chloe ainda esperava.

—Iremos a Manhattan em umas poucas semanas, Chloe— lhe disse Gwen, abraçando-a apertadamente. aferraram-se a uma à outra por um tempo, logo Chloe se voltou e virtualmente foi correndo à grade de segurança, como se não pudesse parti-lo suficientemente rápido.

Gwen chorou por ela enquanto a observava ir.

O Jogo do Possivelmente, compreendeu rapidamente Chloe, era o jogo mais duro de todos, muito pior que o Jogo do Poderia Ter Sido.

O Jogo do Talvez eram uns pais que se partiram para jantar fora e ver um filme e nunca voltavam para casa outra vez. O Jogo do Talvez era um enterro com ataúdes fechados e a imaginação de uma menina de quatro anos enfrentando-se com as caixas lisas e lustrosas e os rituais desconcertantes da morte.

O Jogo do Talvez era uma enloquecedora habitação cheia de sangue e nenhuma resposta.

Talvez Dageus tinha usado o poder dos Draghar para liberá-la, matar aos membros da seita, e magicamente transportar seus corpos a outro sitio para não confrontá-la com o horror, onde se havia suicidado para assegurar que a Profecia nunca se cumprisse.

Isso era o que Drustan acreditava. E no mais profundo de seu coração, isso era o que Chloe acreditava também. Em seu coração, sabia que Dageus nunca se arriscaria a liberar o mal antigo para desatar-se sobre a terra outra vez, nem sequer por ela. Não tinha nada que ver com o amor, a não ser com o destino e futuro do mundo inteiro.

Havia tornado a repassar interminavelmente em sua mente o momento em que a faca tinha sido arrancado de seu pescoço e arrojado através do ar.

Tinha ido em direção ao Dageus.

Mas talvez, continuou insistindo outra pequena voz insidiosa, ele e a seita dos Draghar se feito desaparecer mutuamente... né, irreflexivamente, e todos retornariam, com o tempo. Coisas mais estranhas poderiam ocorrer. As coisas mais estranhas ocorriam ao Buffy todo o tempo. Talvez estavam encerrados em algum sítio combatendo até a morte ou algo pelo estilo.

Talvez, sua mente a torturava, ele está ainda vivo em alguma parte, em certa forma. Essa era a maior e mais dolorosa incerteza de todas.

Quantos anos tinha acreditado que seus pais um dia atravessariam a porta principal outra vez? Quando o avô tinha ido levar a Kansas, tinha estado aterrorizada de ir. Ainda recordava lhe gritar que ela não podia partir porque “Quando mamãe e papai voltem para casa não saberão onde me encontrar!”

Durante anos se obstinado a essa esperança atormentadora, até que finalmente tinha sido o suficientemente major para entender o que era a morte.

—OH, Zanders— murmurou—. Não pode jogar jogo do Talvez. Sabe o que te faz.

Não teve idéia de quantos dias permaneceu acurrucada em seu apartamento diminuto, completamente separada do mundo. Não respondeu o telefone, não revisou seu e-mail ou o correio; raramente, inclusive, moveu-se da cama. Passou seu tempo voltando a viver mentalmente cada momento precioso que Dageus e ela tinham acontecido juntos.

Tinha vivido o mês mais incrível de sua vida, tinha encontrado ao homem de seus sonhos e se apaixonou completamente. Tinha tido a promessa de um futuro ditoso. Tinha acreditado ter tudo o que tinha querido nas Palmas de suas mãos, e agora não tinha nada.

Como se supunha que devia seguir? Como se supunha que devia enfrentar o mundo? Vestir-se, talvez escovar o cabelo,

caminhar pela calçada e ver os amantes falando e rendo-se entre si?

Impossível.

E assim se arrastaram os dias, em uma névoa desolada, até que uma manhã despertou obcecada querendo ter em seu apartamento as antiguidades lhe tinha dado, precisando abraçar o skean dhu, envolver seus dedos ao redor dele nos mesmos lugares onde uma vez os dedos do Dageus tinham descansado.

O qual significava deixar seu apartamento. Tratou de pensar em alguma outra maneira de obtê-los, mas não havia nenhuma. Só ela poderia acessar à caixa de segurança.

Entumecidamente, arrastou-se à ducha, conseguiu molhar-se, depois secar-se, e tropeçou com a mala que ainda não tinha desempacotado. Tirou algumas roupas enrugadas que possivelmente faziam jogo —francamente, não lhe importava—, mas ao menos não estaria nua e não a prenderiam, o qual a teria forçado a falar com alguém, algo que tinha poucas vontades de fazer, e tomou um táxi para o banco.

Em poucos instantes a fizeram passar a um quarto privado com sua caixa de segurança. Permaneceu olhando-a por muito tempo, simplesmente de pé e com o olhar fixo, tratando de convocar a energia necessária para procurar em sua bolsa a carteira. De algum jeito, procurou desordenadamente a chave e a fez girar na fechadura da larga caixa de metal.

Abriu-a e se congelou, com o olhar perdido. Em cima de sua pequena espada, o skean dhu, o broche dos Keltar e uma arma do primeiro século gravada intrincadamente, havia um sobre com seu nome escrito nele.

Com a letra do Dageus.

Ela fechou os olhos, apartando freneticamente isso de sua vista. Não se tinha preparado para isso! Simplesmente ver sua caligrafia o fazia sentir o coração como se estivesse a ponto de romper-se uma vez mais.

Aspirou vários fôlegos lentos e profundos, tratando de acalmar-se.

Abrindo os olhos, alcançou o sobre com mãos trementes. Que demônios poderia lhe haver escrito ele tantas semanas atrás? Só se tinham conhecido cinco dias antes de que se partiram juntos a Escócia!

Ela desfez a dobra da lingüeta e retirou uma única folha de papel.

Pequena Chloe:

Se não estar aqui contigo agora, estou além desta vida, porque essa é a única forma em que alguma vez te deixarei ir.

Ela se sobressaltou, seu corpo inteiro tremendo com força. Passaram vários minutos antes de que conseguisse obrigá-la a continuar lendo.

Espero te haver amado bem, doçura, pois sei inclusive agora que você é minha estrela luminosa mais brilhante. Soube do momento em que te vi.

Ah, moça, adora tanto suas antiguidades.

Mas este ladrão cobiça somente um tesouro sem preço: você.

Dageus.

Ela manteve os olhos fechados enquanto uma nova dor a atravessava. O nó em sua garganta se inchou, o ardor no fundo de seus olhos aumentou atormentando-a mais ainda, mas apesar de tudo, negou-se a chorar. Havia uma razão perfeitamente boa pela que não tinha chorado da noite em que ele tinha desaparecido. Sabia que se chorasse, queria dizer que ele realmente se foi.

O que também parecia insinuar, possivelmente de uma forma menos lógica, que enquanto não chorasse, havia esperança.

OH, Deus, podia imaginá-lo! Podia-os ver ambos no banco esse dia. Ele era alto, escuro e muito esplêndido para descrevê-lo com palavras. Ela estava tão excitada, tão emocionada e nervosa. Tão fascinada com ele.

Tão desconfiada, também, do impossivelmente sexy Fantasma Gaulish. Tinha cuidadoso cada movimento que ele tinha feito, para estar segura de que ele realmente pusesse suas preciosas antiguidades na caixa antes de fechá-la e lhe dar a chave.

Apesar de tudo, tinha conseguido escorregar a carta no último instante sem que ela o visse.

Inclusive então. Ele a tinha querido inclusive então. Havia dito, inclusive então, que nunca a deixaria ir.

—Senhora?— interrompeu uma voz enérgica—. Minhas desculpas por incomodá-la, mas acabam de me informar que você chegou. Está o senhor MacKeltar com você?

Chloe abriu seus olhos lentamente. O gerente do banco estava de pé na soleira. Não estava lista para falar com alguém ainda, assim negou com a cabeça.

—Pois bem, então, ele me pediu que lhe desse isto, se você devia recolher o conteúdo da caixa sem ele—. Lhe deu um conjunto de chaves—. Disse que queria que você as tivesse— se encolheu de ombros, observando-a com curiosidade manifesta—, assim como também o que estas chaves abrem. Disse que estava pago, e se você não desejava reter a propriedade, que poderia vendê-la. Expressou sua convicção que a manteria muito comodamente o resto de sua vida—. Ele a esquadrinhou intensamente—. O senhor MacKeltar tem contas consideráveis em nosso banco. Posso inquirir quais são suas intenções a respeito dessas contas?

Chloe tomou as chaves com uma mão tremente. Eram as chaves de seu penthouse. encolheu-se de ombros para assinalar que não tinha idéia.

—Está você bem, senhora? vê-se pálida. Está enjoada? Posso lhe trazer um copo de água ou um refresco ou algo pelo estilo?

Chloe negou com a cabeça outra vez. Colocou a carta em seu bolso e deslizou o skean dhu cuidadosamente envolto em sua bolsa. O resto das antiguidades ficariam no banco até que encontrasse um lugar seguro onde as conservar.

Nunca seriam vendidas. Não se separaria delas dessa maneira, ao igual a de nenhuma preciosa lembrança.

Olhou as chaves, sentindo-se estranhamente intumescida. Quão cuidadosamente o tinha planejado ele, até onde o tinha planejado, inclusive então. Tinha-lhe deixado seu penthouse, como se ela alguma vez pudesse suportar viver ali. Ou vendê-lo. Ou inclusive pensar nele.

—Senhora, notei que não temos um parente mais próximo cotado nos arquivos do senhor MacKeltar...

—OH, cale-se, simplesmente cale-se, pode?— conseguiu dizer Chloe finalmente, apartando-o para partir. estava morrendo por dentro, e tudo pelo que ele se preocupava era se seu banco pudesse perder o dinheiro do Dageus. Era mais do que podia suportar. Deixou a caixa e ao gerente do banco sem um olhar atrás.

Vagou pela cidade por um tempo, abrindo-se passo cegamente entre a massa de pessoas, sem noção de onde caminhava. A cabeça para baixo, caminhou enquanto o sol passava a hora do meio-dia, descendia detrás dos arranha-céu, e se deslizava pelo horizonte.

Caminhou até que esteve muito exausta para dar outro passo, logo se deixou cair em um banco. Não podia suportar o pensamento de retornar a seu apartamento, não podia suportar a idéia de ir ao penthouse do Dageus. Não podia suportar o pensamento de estar em nenhum lugar, ou inclusive existir sequer.

Mas... pensou, possivelmente a ajudaria. Possivelmente só estar rodeada de suas coisas, cheirando-o em seus travesseiros outra vez, tocando suas roupas...

Agonizaria.

Para sua própria surpresa, levantou-se e começou a caminhar sem rumo fixo outra vez.

A noite tinha cansado e uma lua enche agradava o céu quando Chloe se encontrou entrando no elegante vestíbulo do edifício do Dageus. Não havia feito exatamente a decisão de ir ali, simplesmente tinha caminhado até onde seus pés a tinham dirigido.

Então, pensou de maneira lúgubre, me haja aqui. Lista ou não. Caminhou com passos pesados mais à frente do escritório de segurança, ondeando as chaves para eles para mostrar-lhe. Os homens se encolheram de ombros —realmente deveriam ser despedidos, pensou— enquanto ela ativava o elevador até o piso quarenta e três.

Quando entrou na sala de espera, suas pernas estavam trementes e, em sua mente, voltava-o a viver uma vez mais. O primeiro dia que tinha permanecido em sua porta, agarrando firmemente o terceiro Livro do Manannan, chamando o homem ao que devia entregar-lhe com cada insulto que podia pensar, preocupada porque alguma garota bonita e tola pudesse arruinar o tomo, burlando-se das dobradiças de ouro, entrando em sua casa e vendo o claymore pendurando por cima da chaminé, a antigüidade que a tinha tentado para seu destino.

Sendo apanhada debaixo de sua cama. Fingindo ser a criada francesa.

Sendo beijada por ele essa primeira vez.

OH, o que não daria para poder voltar o tempo atrás e viver isso uma vez mais! Jogaria raízes em qualquer desses dias. E se tivesse a oportunidade de vivê-lo uma vez mais, nunca resistiria a sua sedução. Beberia codiciosamente cada momento.

Mas esse desejo era inútil. Nem ela nem ninguém, jamais, poderiam voltar para passado outra vez.

Drustan lhe tinha contado que a noite em que Dageus tinha desaparecido, havia sentido a ponte no círculo de pedras apagar-se. Havia dito que era como se uma energia que havia sentido toda sua vida simplesmente se foi. Ao dia seguinte, Christopher e ele tinham descoberto que as tabuletas que continham as fórmulas sagradas se desvaneceram também, assim como também suas lembranças delas, que tinham aprendido de cor como parte de seu treinamento como druidas Keltar.

O que for que Dageus fazia essa noite, tinha obtido algo que tinha desejado muito. Os Keltar já não tinham o dever de guardar o segredo da viagem pelo tempo. Eram finalmente livres da responsabilidade imensa e da tentação. Capazes, a fim de contas, de viver vistas mais simples.

Como teria adorado isso Dageus, pensou com um sorriso triste. Tinha querido mais que nada no mundo ser um homem simples, vestir as cores de seu clã outra vez. E embora nunca o havia dito, ela sabia que tinha querido meninos. Tinha querido ter sua própria família tanto como ela.

Como pôde a vida burlar-se de mim desta maneira?, quis gritar.

Fortalecendo-se para enfrentar-se a mais lembranças dolorosas, girou a chave na fechadura (maravilha de maravilhas, ele realmente o tinha fechado quando se partiram), e abriu a porta. Foi diretamente à chaminé e deslizou seus dedos sobre o metal frio do claymore.

Não teve idéia de quanto tempo permaneceu parada ali, às escuras, banhada só pela luz trêmula da lua enche derramando-se através da parede de janelas, mas eventualmente, atirou sua bolsa ao piso, e se deixou cair no sofá.

Mais tarde, enfrentaria-se ao resto de seu penthouse. Mais tarde, subiria arrastando-se a sua esplêndida cama e ficaria dormida, envolta no aroma dele.

Pequena Chloe: Se não estar aqui contigo agora, estou além desta vida, porque essa é a única forma em que alguma vez te deixarei ir.

E ali estava. Ele o havia dito na carta que lhe tinha deixado.

Chloe fez um som pequeno, indefeso e afogado.

E finalmente as lágrimas chegaram em um ataque quente. Ele estava morto. Ele realmente, de verdade, foi-se.

Ela se aconchegou em um nó apertado no sofá e chorou.

Capítulo 28

Chloe despertou algum tempo depois ao escutar um ruído pouco familiar e persistente. Tomou vários momentos precisar a fonte e compreender que o som provinha da porta do penthouse.

Esfregando-os olhos, sentou-se no sofá. Tinha chorado até ficar dormida e seus olhos estavam inchados, sua face suja de lágrimas. Olhou com atenção na escuridão para a porta e escutou intensamente.

OH, Deus!, pensou, horrorizada; Soava como alguém tratasse de entrar pela força!

Escutou uns poucos momentos mais. Sim, era isso. Podia ouvir o chiar metálico, como se alguém tratasse de forçar com gazuas o ferrolho. Contou suas bênçãos, pois embora tinha sumida na pena, tinha tido suficiente sentido para correr o ferrolho interior quando tinha entrado.

OH, pelo bem de céu, pensou, repentinamente exasperada, o que é isto? Meu ano de infortúnio? É que cada coisa má que possivelmente possa me ocorrer, acontecerá?

Não ia ser uma vítima de novo. E ponto. Chloe Zanders estava completamente farta. Havia um limite para o que uma garota podia tolerar. Estava repentina e perigosamente furiosa com quem fora que estivesse ao outro lado dessa porta, que se atrevia a desordenar ainda mais sua vida.

Como se atreveria qualquer a lhe provocar mais sofrimento?

Fracamente consciente de que não poderia estar atuando muito racionalmente, mas além de lhe importar, deslizou-se do sofá, arrancou o claymore dos ganchos por cima da chaminé e avançou lentamente para a porta.

Contemplou brevemente dar uns golpes com ela na porta com a esperança de afugentar ao intruso, mas rapidamente decidiu que tão isolado como estava o penthouse, o intruso poderia entrar pela força de qualquer maneira e ela teria sacrificado a vantagem da surpresa.

Assim que se permaneceu de pé detrás da porta e esperou. Não passou muito antes de que ela ouvisse uns estalos enquanto as dobradiças se deslizavam e o trinco girava. Aspirando uma ligeira baforada de ar, ela se balançou sobre seus talões, encurvando-se para adquirir uma sólida postura, e levantou a pesada espada com ambas as mãos.

A porta se abriu lentamente e uma forma escura se deslizou dentro.

Velozmente, e possivelmente com mais força do que tinha pretendido, Chloe fustigou a folha da espada para a garganta do intruso. Ouviu uma aspiração veloz, e suspeitou que, ao ser uma folha tão afiada, tinha-o ferido.

Bem, pensou.

—Och, pequena Chloe, por favor ponha no chão a espada— disse Dageus brandamente.

Chloe gritou.

As companheiras dos Keltar nunca chegam facilmente a seus homens. Algumas viajam através de distâncias muito vastas e estranhas para as compreender, outras o fazem através de um atalho pequeno, mas entretanto de uma distância longínqua em seus corações. A maioria resiste a cada passado do caminho, mas para cada Keltar, uma mulher fará essa viagem. Depende do Keltar reclamá-la.

Silvan depositou o tomo diminuto que tinha encontrado na biblioteca da câmara sobre seu regaço. Era o único tomo que se arriscou a tirar da câmara antes de selá-la. Agora, a salvo no que uma vez tinha sido seu dormitório e seu santuário privado, a biblioteca da torre, cento e três degraus por cima do castelo, tinha terminado de lê-lo. O livro não nomeava a seu escriba, como o fazia a maioria, mas benzia a quem tinha esboçado as palavras ali dentro, e que compreendiam só umas poucas dúzias de folhas de pergaminho. Inclusive essas poucas folhas, um compêndio sobre o emparelhamento dos varões Keltar, tinham sido fascinantes.

E por que não reclamaste você a sua companheira, ancião?

A resposta para isso era complicada, refletiu, percorrendo com o olhar a câmara da torre.

As abundantes colunas das Candelas pulverizadas por todos lados, sobre várias mesas pequenas, ardiam brilhantemente, titilando pela brisa quente da noite, e ele sorriu, olhando seu refúgio tranqüilo. Quando tinha sido um moço, deleitou-se com tudo o que continha a torre, as escadas que subiam vertiginosamente, as paredes de pedra com suas fendas e gretas inumeráveis cobertas com tapeçarias grossas, a beleza impressionante da vista da janela alta no espaçoso quarto circular. Já sendo ancião, não o encontrava menos encantador.

sentou-se nesta mesma contemplação profunda em sua cadeira olhando a noite como um homem durante uma vintena de anos, logo dois, e agora três e alguns mais. Conhecia cada ondulação e cada costa da terra além de sua janela. Tanto como a amava, entretanto, a solidão que tinha procurado como sua salvação, com o tempo se converteu em sua prisão, e tinha estado mais que preparado para abandoná-la uns quantos anos atrás, quando se tinha casado com o Nell e se mudou ao castelo.

Apesar de tudo, havia tardes, como essa, quando desejava ardentemente as alturas elevadas e um lugar tranqüilo para pensar. Dageus e Chloe se partiram quase uma lua antes, e se perguntou quanto tempo teria que acontecer que finalmente aceitasse que nunca saberia o que teria sido de seu filho. Embora acreditava que Dageus não faria nada que pudesse evitar, não saber o resultado final o incomodaria sem cessar até o fim de seus dias.

E ao Nellie também. A atmosfera do castelo tinha sido sombria certamente desde que eles se foram.

Nellie. Como tinha bento sua vida. Sem ela, ele teria perdido a seus dois filhos e vivido sozinho, a grande altura, em cima da montanha Keltar.

Em um momento, ele apagaria de um sopro as Candelas e baixaria as escadas sinuosas. Iria primeiro à creche onde seus

filhos já estariam dormidos. sentaria-se junto a eles como o fazia cada noite, e maravilhando-se deles. Maravilhando-se sobre a segunda oportunidade na vida que lhe tinham outorgado quando menos o tinha esperado.

Voltou a abrir o tomo na página que marcava seu dedo.

O intercâmbio dos votos vinculantes unirá seus corações para toda a eternidade, e uma vez que se apareem, nunca poderão amar a outro.

E esse era o ponto crucial de seu problema. Não tinha reclamado completamente a sua companheira pela diferença de idade entre eles. Ele sabia que morreria antes que ela. Possivelmente muito antes que ela.

E então o que? Ela não se voltaria a casar porque ele se partiu? Passaria os seguintes vinte ou trinta anos sozinha? O pensamento dela jazendo com outro homem quase o enlouquecia, mas também o fazia o pensamento dela dormindo sozinha em sua cama durante tantos anos. Nellie deveria ser amada, valorada, mimada e acariciada. Ela deveria ser saboreada e... e... och! Era uma adivinhação impossível!

Deveria ser sua própria eleição, aguilhoou-o sua consciência.

—Refletirei sobre isso— murmurou.

E se morre antes de que termine de refletir?

Franzindo o cenho, ele deslizou o tomo em uma das ardilosas cartuchearas que Nellie tinha costurado para ele nas roupas azuis que ele preferia usar, e estava a ponto de levantar-se quando caiu na conta de que havia uma presença no quarto, parada detrás de seu ombro.

Ele ficou imóvel, estendendo a mão com seus sentidos druidas para identificar ao intruso, mas o que estava a suas costas desafiava sua compreensão.

—Sente-se, Keltar— disse uma voz chapeada e cadenciosa.

Ele se sentou. Não estava seguro de se ele decidido acessar, ou se essa voz o tinha privado de sua vontade.

Enquanto se sentava, esperando tensamente, uma mulher emergiu das sombras detrás dele. Não, um... och, um ser. Inseguramente, ele ergueu sua cabeça, fixando o olhar nela. A criatura era tão brilhante, tão preciosa, que logo que podia olhá-la. Tinha olhos de matizes iridescentes, com cores impossíveis de nomear. Seu cabelo caía em uma cascata de prata, rodeando uma face delicada, travessa e cruelmente bela. Repentinamente, Silvan se perguntou se tinha comido um pouco de carne má no jantar e sofria alguma instabilidade mental induzida pelo envenenamento. Logo um medo ainda pior o atendeu, um que o fez sentir a cabeça alarmantemente ligeiro e seu sangue golpear muito rápido dentro de seu assumo: possivelmente esse fora seu momento, e essa fora a Morte, pois ela era certamente o suficientemente bela para atrair a qualquer homem a essa grande incógnita do mais à frente. Podia ouvir seu próprio fôlego muito rápido e rude, podia sentir suas mãos voltando-se curiosamente hormigueantes, como se estivessem a ponto de intumescer-se. Um suor frio se desatou em sua pele.

Não posso morrer agora, pensou fracamente. Não reclamei ao Nellie. Não poderia suportá-lo, pensou, piscando com umas pálpebras enormemente pesadas. Nunca poderiam encontrar-se outra vez. Poderia ver-se forçado a sofrer cem vistas sem ela. Seria o mais puro inferno!

—Aoibheal, reina dos Tuatha do Danaan, saúda-te, Keltar.

A visão do Silvan se empanou alarmantemente, e seu último pensamento antes de né... antes de que a tensão nervosa do momento temporalmente o privasse de sua presença de ânimo, foi de alívio porque não estivesse a ponto de morrer, e de fúria contra si mesmo por perder inclusive um segundo do que certamente era o acontecimento mais emocionante de sua vida inteira.

Os legendários Tuatha do Danaan tinham vindo! E que fazia o ilustre laird Keltar?

deprimia-se como uma estúpida pava real.

Uns poucos minutos mais tarde, Chloe estava sentada no sofá com sua cabeça entre seus joelhos, tratando desesperadamente de respirar.

Dageus estava a seus pés, suas mãos envoltas ao redor de suas pantorrilhas.

—Moça, me deixe alcançar uma bolsa de papel, está hiperventilando.

—Não te atreva— Bufo. Bufo. Bufo. Bufo — a me deixar!— ela se aferrou a seus ombros.

—Não tenho a intenção de te deixar outra vez, amor— disse ele apaciguadoramente, acariciando seu cabelo—. Vou somente à cozinha por uma bolsa. Faz um intento de te relaxar, doçura.

Chloe quase gritou de novo de pura frustração. Relaxar-se. Como se pudesse! Precisava abraçá-lo, beijá-lo, demandar que lhe dissesse que demônios tinha acontecido, mas não podia respirar o suficientemente profundo para fazer nenhuma dessas coisas.

De pé junto à porta, quando tinha ouvido sua voz ressonando através da escuridão, quase se tinha desacordado. A espada tinha estralado de suas mãos repentinamente sem vida, seus joelhos se tornaram de manteiga, e seus pulmões simplesmente tinham deixado de funcionar bem. Tinha pensado que os soluços eram fatais, mas os escolheria qualquer dia antes que hiperventilar.

E o tinha ferido! Havia uma linha magra de sangue em seu pescoço. Ela tratou de tocá-lo brandamente, mas ele apanhou suas duas mãos em uma das suas, depositou-as amavelmente em seu regaço, e logo começou a mover-se para a cozinha. Chloe estirou o pescoço e o observou ir. Como podia ser possível? Como podia estar vivo? OH, Deus, ele estava vivo!

Não podia apartar a vista dele, e girou quase uma volta completa, seguindo seus movimentos, mas não podia deixá-lo sair de sua vista nem por um minuto. Ele estava ali. Estava realmente ali. Era real. Havia-o meio doido.

Ela sabia, ao ver a face masculina tão pálida, que sua incapacidade de respirar profundamente o assustava. Assustava-a a

ela também, assim que se forçou a concentrar-se a desatar seu nó interior.

Quando ele retornou com a bolsa de papel, embora ela ainda tremia visivelmente, podia respirar com mais normalidade. A jovem ficou com o olhar fixo nele, com lágrimas de alegria derramando-se por suas bochechas.

—Como? Como é possível?— soluçou, precipitando-se em seus braços.

—Och, moça— ronronou ele, apanhando-a em seu abraço. Inclinou sua cabeça e acariciou com seus lábios os dela. Uma vez, duas vezes, uma dúzia de vezes—. Pensei que te tinha perdido para sempre, Chloe— gemeu.

—Você? Eu também!

Beijos mais frenéticos, profundos e famintos. Ela entrelaçou suas mãos atrás do pescoço forte, saboreando sua solidez, a urgência quente de seu corpo contra o dela, algo que tinha acreditado que nunca poderia sentir outra vez.

Finalmente, Dageus murmurou contra seus lábios:

—Como chegou, moça? Como retornou de Escócia tão rapidamente?

—Rapidamente?— Chloe se tornou para trás e o olhou boquiaberta—. Dageus, passaram três semanas e meia desde que desapareceu—. Simplesmente pensar nessas semanas horríveis a fez começar a chorar outra vez.

Ele a contemplou surpreso.

—Três sema... ah! Então isso é o que a rainha quis dizer— exclamou.

—Rainha-a? O que rainha? O que aconteceu? Onde estiveste? E por que estava forçando o ferrolho? por que simplesmente não...? OH!— a jovem calou súbitamente e contemplou profundamente seus olhos exóticos, sensuais e dourados.

Dourados.

—OH, Dageus— murmurou—. Se foram? Não está simplesmente vivo mas sim é livre?

Lhe dirigiu um sorriso deslumbrante e riu gozosamente.

—Sim, moça. foram-se. para sempre. E no que diz respeito a forçar o ferrolho, desde que se foram, já não conheço seus feitiços. Temo que meus dias de ladrão terminaram, pequena. Ainda assim me aceitará? Sem ser nada mais que um homem? Um simples druida Keltar, nada mais?

—OH, aceitarei-te, Dageus MacKeltar— disse Chloe fervientemente—. Te aceitarei de qualquer forma que posso te obter.

Levou várias dúzias de beijos antes de que ela estivesse finalmente o suficientemente acalmada e o suficiente convencida de que ele era real antes de lhe permitir sentá-la em seu regaço sobre o sofá e lhe contar o que tinha acontecido.

Quando Silvan recuperou consciência e se moveu em sua cadeira, rainha-a estava sentada frente a ele, observando-o fixamente.

—É real— conseguiu dizer ele.

Ela se via brandamente divertida.

—Foi recentemente exposto a minha atenção que possivelmente não deveríamos havê-los deixado tão completamente sem guia. Que possivelmente tinham começado a pensar que não fomos reais. Não estava muito convencida. Estou-o agora.

—O que é, precisamente?— perguntou Silvan, abjectamente fascinado.

—É difícil de explicar em sua linguagem. Lhe poderia mostrar isso mas não viajaria bem com essa forma corporal, assim acredito que não o farei.

Silvan cravou os olhos nela, tratando de memorizar cada detalhe.

—Seu filho é livre, Keltar.

O coração do Silvan saltou.

—Dageus triunfou sobre os Draghar? Teve êxito em reencarcerá-los?

—Por assim dizê-lo. É suficiente te dizer que ele se provou a si mesmo.

—E vive?— pressionou Silvan—. Ele está com o Chloe?

—Devolvi-o à mulher que o escolheu como seu consorte. Ele nunca poderá retornar a este século. Já o tempo foi alterado mais do que é prudente.

A boca do Silvan se abriu e fechou várias vezes enquanto tratava de decidir o que dizer. Nada remotamente inteligente lhe ocorreu, assim finalmente se decidiu por um simples:

—Obrigado por vir a me contar tudo isto—. Estava completamente desconcertado de que a rainha da raça legendaria se incomodou em ir dizer se o

—Não vim a te dizer isto. Mostrou-te fraco ao despertar. Me ocorreu aumentar sua força com boas notícias. Temos trabalho que fazer.

—Temos?— seus olhos se dilataram.

—Está o assunto sem importância de um Pacto quebrado. Quebrado neste século do lado Keltar. Deve ser cunhado de novo, aqui e agora.

—Ah— disse ele.

—Assim que você tirou a faca de meu pescoço— disse Chloe, sorvendo-a nariz e enxugando-as lágrimas com um lenço de papel. Ele o tinha contado tudo: como o tinha drogado a seita dos Draghar com uma poção que lhe tinha impossibilitado controlar o uso da magia, como se tinha precavido quando a tinham levado a ela à habitação que só tinha uma eleição.

Como Drustan e ela tinham suspeitado, Dageus tinha sido honorável até o momento final, e tinha tratado de matar-se.

—foste morrer e me deixar— vaiou ela, esmurrando-o no assumo com seus punhos—. Quase poderia te odiar por isso—. Ela suspirou profundamente, sabendo que o amava por isso também. Sua honra era uma parte integral dele, e ela não o

quereria de outra maneira.

—me acredite, moça, essa foi a coisa mais difícil que jamais me forcei a fazer. me despedir de ti quase me rasgou o coração em pedaços. Mas a alternativa era desatar algo que finalmente não só poderia destruir o mundo mas também a ti. Pensa que não sofri mil mortes temendo o que os Draghar poderiam te fazer se falhava em morrer antes de que tomassem completamente? Juro-te que nunca quero sentir esse medo outra vez—. Ele passou suas mãos por seus braços, afundou-as em seu cabelo e a beijou dura e exigentemente, sua língua deslizando-se profundo.

Quando ambos estavam ofegantes, ela disse:

—Então, o que ocorreu depois?—. Chloe riscou com seus dedos os rasgos da face masculina, saboreando a percepção de sua mandíbula áspera, sem barbear, a brandura de seus lábios pecadoramente sensuais. E OH... a vista desses olhos claros e dourados como os de um tigre, sem sombras!

Lhe disse que tinha usado magia para privar a da vista e o ouvido para que não se visse forçada a observá-lo transformar-se e morrer. Um momento escasso depois de que conduzisse a faca através de seu coração, uma espécie de homem e uma mulher tinham aparecido. Os Tuatha do Danaan em pessoa.

—Apareceram os Tuatha do Danaan? Realmente os viu?— quase gritou Chloe.

—Sim—. Dageus sorriu ante a expressão de curiosidade insaciável em sua face. Suspeitou que se veria forçado a repetir essa parte de sua história dúzias de vezes nas seguintes duas semanas, assim ela poderia estar segura de não ter perdido um só detalhe—. Fizeram algo com os membros cansados da seita, e os fizeram desaparecer. Não tenho idéia de onde foram. Minhas cadeias se desprenderam e a seguinte coisa que soube, era que me tinham levado a alguma parte... ou algo assim. Fui fracamente consciente de que jazia sobre uma praia perto de um oceano, em um lugar que era diferente de qualquer outro lugar no que tenha estado jamais. As cores ao redor de mim eram tão brilhantes...

—O que há a respeito deles?— Chloe exclamou impacientemente—. Que aparência têm os Tuatha do Danaan?

—Não são humano, com toda segurança. Suspeito que verdadeiramente não se parecem conosco de tudo, embora prefiram aparecer com uma aparência similar. São como as lendas os descrevem: altos, esbeltos, hipnóticos para contemplar. Verdadeiramente, é difícil olhá-los diretamente. Se não tivesse estado me sangrando e tão débil, ao melhor, sua aparência me teria intrigado muito mais do que o fez. Eram imensamente poderosos. Podia senti-lo no ar ao redor deles. Tinha pensado que os druidas antigos possuíam de grande poder, mas eram meras bolinhas de pó comparados com os Tuatha do Danaan.

—E? O que aconteceu?

—Sanaram-me—. Dageus logo explicou o que tinham feito e por que.

A mulher se identificou a si mesmo como a rainha dos Tuatha do Danaan. Ela havia dito que, embora ele tinha quebrado seu juramento e tinha usado as pedras por motivos pessoais, tinha-se absolvido a si mesmo ao estar disposto a arrebatá-la vida para impedir que a Profecia se cumprisse. Lhe havia dito que por suas ações, provou-se digno do nome Keltar, e portanto lhe seria dada uma segunda oportunidade.

Dageus sorriu torcidamente.

—Deveria me haver visto, pequena Chloe, fazendo ali, acreditando que estava morrendo e nunca poderia verte outra vez, e logo compreendendo não só que ela ia liberar me, mas também tinha a intenção de me sanar e me retornar a ti—. Ele fez uma pausa, considerando cuidadosamente o que tinha acontecido, mas não podia pensar em uma forma para explicar-lhe porque não tinha tido sentido para ele.

Suspeitava que nunca o teria. Tinha havido uma evidente tensão entre a rainha e o outro Tuatha do Danaan, a quem ela tinha chamado Adam. Enquanto ele tinha jazido ali, reina-a lhe tinha dado instruções ao Adam para saná-lo, mas Adam tinha protestado que Dageus estava muito próximo à morte. Adam havia sustentado a opinião de que lhe custaria em excesso salvar a vida do mortal.

Reina-a respondeu que esse era o preço que merecia pela súplica formal que Adam tinha apresentado, significasse aquilo o que significasse.

O Tuatha do Danaan masculino não tinha parecido feliz. Verdadeiramente, para um ser tão desapegado do mundo, tinha parecido mortalmente horrorizado por seu decreto.

—O que? Que não me está dizendo?— disse Chloe impacientemente, cavando sua face com suas mãos.

—Och, não é nada, moça. Simplesmente pensava que havia correntes submarinas entre esses dois Tuatha do Danaan que não compreendi. De todos os modos, Adam me curou e a rainha levantou as almas dos Draghar de meu corpo e as destruiu.

Chloe suspirou com felicidade.

—Foi então quando ela fechou as pedras?

—Sim. Disse que o tinha reconsiderado e tinha decidido que o poder de transladar-se através do tempo não era algo que o homem devesse possuir ainda.

—Então por que tomou tanto tempo retornar aqui?

—Chloe, amor, para mim passaram umas poucas horas desde esse momento nas catacumbas. Só quando me disse que tinha passado perto de um mês, entendi o que a rainha quis dizer quando mencionou que o tempo não passava na mesma forma em nossos reino.

—Então essa parte da lenda é certa também!— exclamou Chloe—. Os contos antigos afirmam que um ano no reino dos Tuatha do Danaan é um século no mundo mortal.

—Sim. a deles é uma dimensão diferente—. Ele fez uma pausa, com o olhar fixo nela, causar pena. Observou seus olhos inchados, seu nariz avermelhado—. Och, moça, estiveste sofrendo por mim muito tempo— disse com tristeza—. Não teria querido que isso ocorresse. O que fez?

—Esperei com o Gwen e Drustan e...! Temos que chamá-los!—. Ela tratou de retorcer-se de seu regaço para o telefone, mas ele apertou seus braços ao redor dela, recusando-se a deixá-la ir.

—dentro de pouco, amor. Sinto tanto que tenha sofrido. Se o tivesse sabido...

—Se o tivesse sabido, então o que? Se isto for o que teve que ocorrer para que pudesse retornar, não tenho um só arrependimento. Está bem. Está aqui agora, e nada mais tem importância. Não poderia pedir nada mais.

—Eu poderia— disse Dageus quedamente.

Chloe piscou, parecendo confusa e um pouco ferida.

Dageus a beijou meigamente.

—estive querendo te pedir isto portanto tempo, mas temia não ter um futuro que te prometer. Tenho-o agora. Casará-te comigo, pequena Chloe? Aqui, neste momento, na forma druida?

E então começou uma das horas mais emocionantes de vida do Silvan MacKeltar. sentou-se frente à reina dos Tuatha do Danaan e renegociou as condições. Era fascinante; lhe frustram porque ela não contava nada sobre si mesmo; e era irrisório. Ela era lista e imensamente poderosa, dez vezes mais do que tinha sentido nos Draghar.

Não houve necessidade de pedir que o poder das pedras fora derogado de seus deveres, pois ele as havia sentido fechar-se pouco depois de que Dageus se partiu. O antigo círculo de pedras se havia sentido abruptamente morto. Vazio de energia, só emergiam como uma simples presença que os fazia parecer ligeiramente mais ali que a paisagem circundante. Quando ele perguntou por isso, ela simplesmente tinha respondido que tinha reconsiderado os deveres dos Keltar.

Discutiram um pouco —ele havia renhido com a rainha!— sobre alguns pontos menores, em sua maior parte porque era mas bem como um jogo de xadrez, e a vantagem da diplomacia era tanto uma parte da natureza da rainha como da dele.

Foi requerido ouro, uma quantidade pouco importante, havia dito a reina, simplesmente como um sinal, para ser derretido e acrescentado ao Pacto original. Como não tinha nada à mão, ele empenhou o anel que Nellie lhe tinha dado em seu dia de bodas.

Embora a reina se recusou com denodo a responder qualquer de suas perguntas a respeito de sua raça, assegurou-lhe que a partir de então, pessoalmente assistiria a um Keltar em cada geração, assim nunca perderiam de vista seus deveres outra vez.

E assim O Pacto foi comprometido novamente e a responsabilidade das pedras foi agradecidamente despedida, para ser padecida outra vez só o dia —e Silvan esperava que não acontecesse por um tempo muito, muito comprido— em que o homem descobrisse seus perigosos segretos por si mesmo.

Quando tudo tinha sido completo e a reina tinha desaparecido, Silvan foi em busca do Nellie.

Tinha tanto que lhe contar, mas apesar de tudo, primeiro havia um assunto inteiramente diferente pesando molestamente em sua mente. No momento em que tinha pensado que estava morrendo, deu-se conta de quão parvo tinha sido. Tinha que fazer um intento. Ao menos teria que propô-lo, e deixar que Nellie escolhesse se o queria para sempre ou não.

Encontrou-a no dormitório de ambos, amaciando os travesseiros, preparando-se para deitar-se. A seus olhos, não existia uma mulher mais bela. Em seu coração, não havia nenhuma mais perfeita.

—Nellie— disse brandamente.

Ela olhou para cima e sorriu. Era um sorriso que lhe dizia que o amava, um sorriso que o tentava a unir-se a ela em sua cama.

Indo rapidamente a seu lado, ele arrancou o travesseiro de suas mãos e a jogou em um lado. Queria sua completa atenção.

E agora que a tinha, encontrou-se inexplicavelmente nervoso. esclareceu-se voz. preparou-se, tinha praticado uma dúzia de vezes o que ia dizer, mas agora que o momento tinha chegado, agora que olhava fixamente seus olhos preciosos, tudo parecia ter fugido de sua mente. E terminou começando mas bem mau.

—vou morrer antes que você— disse rotundamente.

Nell deu um pequeno bufido de risada e o aplaudiu reconfortantemente.

—Och, Silvan, olhe com que coisas sai...

—Silêncio—. Ele colocou um dedo suave contra seus lábios e o manteve ali. Os olhos de sua esposa se alargaram e ela o contemplou interrogativamente.

—As probabilidades de que mora antes que você, Nellie, são significativas. Não queria que sofresse por isso. Nunca propus a minha primeira esposa os votos vinculantes porque ela não era minha companheira, e sabia. Nunca lhe ofereci isso porque você é minha companheira, e sabia—. Ele fez uma pausa, procurando a palavra justa. Os olhos do Nell eram enormes e redondos e se ficou muito quieta.

—Isso é sem dúvida a coisa mais malditamente pouco lógica que há dito nunca, Silvan— finalmente murmurou ela contra seu dedo.

—Não podia suportar a idéia de te deixar sozinha, atada a mim.

Ela tirou seu dedo de seus lábios e escorregou sua mão na dele.

—Poderia suportar qualquer número de anos, Silvan, se soubesse que nos reencontraremos.

—Quer dizer que...? Verdadeiramente?

—Como pode duvidá-lo? Não te demonstrei meu amor?

Och, em tantas formas, ele pensou, emocionado. E se aproximava o momento em que ele o demonstrasse também. Com gentileza, Silvan colocou sua mão entre seu seios, por cima de seu coração, e descansou a outra em cima do dele.

—Coloca suas mãos em cima das minhas.

Ela olhou para baixo, em suas mãos e seus olhos se estreitaram.

—O que aconteceu com seu anel?

—Não é uma simples banda de metal a que nos mantém unidos, Nellie. Há algo muito maior que isso. No que se refere ao que aconteceu a meu anel, o dava à rainha dos Tuatha do Danaan quando veio e me disse que Dageus estava vivo e bem, e livre por fim.

—O que?—. Nellie ficou sem fôlego.

—Direi-lhe isso tudo dentro de pouco— disse Silvan impacientemente. Agora que havia feito a decisão de pronunciar os votos vinculantes, estava desesperado por sua resposta. Não queria desperdiçar outro momento mais; estava frenético por reclamá-la, antes de que algo horrível, como que seu coração cedesse antes de que pudesse completar os votos, acontecesse.

—Dirá as palavras depois de mim, moça?

—Och, a vida contigo alguma vez é simples?— exclamou ela. Logo sorriu radiantemente—. Sim, Silvan. Direi as palavras.

A voz do Silvan foi firme e profunda.

—Se algo deve perder-se...

—Então, como se casa uma com um druida?— perguntou Chloe ofegante. Não podia deixar de tocá-lo, não podia acreditar que estivesse vivo, que o tinha recuperado e tudo tinha resultado bem.

Com um dedo sob seu queixo, ele acariciou ligeiramente sua boca para um beijo suave.

—É medianamente simples, realmente. Você quase o fez uma vez— disse, lhe dirigindo um sorriso. Um sorriso que alcançou completamente seus olhos dourados, para encher os de calor. Um sorriso que prometia lhe fazer o amor apaixonadamente no momento que completassem seus ritos druidas. E ela necessitava definitivamente fazer o amor apaixonadamente. sentia-se como se pudesse explorar de felicidade.

Suas palavras penetraram um pouco tardiamente. Ela franziu o cenho, perplexa.

—Fiz-o?

—Sim—. Ele colocou uma mão em cima de seu coração, a outra sobre o seu próprio—. Coloca suas mãos em cima das minhas, moça.

Quando ela acessou, ele a beijou outra vez, esta vez lenta e docemente, abraçando como refém seu lábio inferior por um momento comprido e delicioso. Logo disse:

—Repete depois de mim, meu amor.

Ela assentiu, seus olhos cintilando.

—Se algo deve perder-se, que seja minha honra pelo teu...

—Sou dada— disse Nellie, piscando para conter as lágrimas. A emoção se inflamou dentro de seu corpo, derrubando-se sobre ela como uma onda do oceano, e poderia ter cansado de seus joelhos se Silvan não a tivesse apanhado em seus braços.

—Sim, moça, agora é verdadeiramente minha— disse ele ferozmente—. para sempre.

—Casou-te comigo esse dia nos urzes?— gritou Chloe—. E não me disse isso? OH! vamos ter que manter uma conversa seria sobre como nos comunicar!—. Ela o olhou com o cenho franzido—. E enquanto estamos nesse tema, ainda não discutimos a respeito de partir essa noite sem me dizer nada!

—depois de nos amar, moça— ronronou Dageus, baixando sua cabeça escura para a dela—. Haverá muito tempo para falar dessas coisas logo.

E amar-se, jurou ele, enquanto deslizava o suéter de sua esposa sobre sua cabeça, lhes ia tomar um tempo muito, muito comprido.

Ele já não era escuro; o tempo já não era seu inimigo. Tinha reclamado a sua companheira, e o futuro surgia frente a eles, resplandecente de promessas.

FIM